UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MUDANÇAS E CONQUISTAS: HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE MULHERES
MIGRANTES EM LUCAS DO RIO VERDE-MT 1980 – 2006

Carlos Eduardo Souza de Carvalho

Versão Revisada

São Paulo, 2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS.
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIASOCIAL

MUDANÇAS E CONQUISTAS: HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE MULHERES
MIGRANTES EM LUCAS DO RIO VERDE-MT 1980 – 2006

Carlos Eduardo Souza de Carvalho

Tese apresentada ao Programa de Pós - Graduação em História Social, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de doutor em História Social.

Orientadora: Prof.^aDr.^a LaimaMesgravis

São Paulo, 2011

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

C331m Carvalho, Carlos Eduardo Souza de.

Mudanças e conquistas : história oral de vida de mulheres migrantes em Lucas do Rio Verde-MT 1980 - 2006 / Carlos Eduardo Souza de Carvalho. -- 2010.

229 f. ;30 cm.

Orientadora: Laima Mesgravis.

Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, São Paulo, 2011.

Inclui bibliografia.

1. Mulheres – História de vida. 2. Mulheres migrantes – Lucas do Rio Verde, MT. 3. Mulheres migrantes – História oral. I. Título.

CDU 94:314.72-055.2(817.2)

Ficha Catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Jordan Antonio de Souza - CRB1/2099

Permitida a reprodução parcial ou total desde que citada a fonte

A minha mãe e ao meu pai
Que não puderam ver o final
desta tese

AGRADECIMENTOS

Quero deixar registrado aqui o meu agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para que eu conseguisse chegar ao final dessa caminhada.

A minha esposa e companheira de todos os momentos Eloísa Helena, ao meu filho João Eduardo, sempre dispostos a ajudar.

As entrevistadas que permitiram que eu invadissem suas vidas.

Aos professores, colegas, amigos: Flávio, Vitale, Barroso, Regina, Leny, Pio, Candido. Aos colegas do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso.

A CAPES pelos dezoito meses de bolsa.

A FAPEMAT pelo apoio com uma bolsa de vinte e um meses.

Professora Sara Albieri pela atenção e carinho. A Priscila, sempre educada e pronta a atender as minhas solicitações junto a USP.

Ao amigo João Bosco Cajueiro e a todos da UFMT que de alguma forma me ajudaram,

Aos amigos Luis Valdir Mota e Marli Mota pelo apoio incondicional. Ao Valmir Zeferino da Silva pela amizade sincera.

Ao meu sogro João Flávio (in memoriam) pela ajuda e a minha sogra D. Edméia.

Agradeço a família da minha esposa pelo carinho com o qual sempre fui tratado.

A minha orientadora Professora Laima Mesgravis, sempre atenciosa e amável.

Sumário

PARTE I.....	10
HISTÓRIA DO PROJETO	11
1. Os caminhos da pesquisa	11
2. História oral como possibilidade.....	14
3. A Cidade de Lucas do Rio Verde e as Histórias Orais de Vida	20
4. Histórias Orais de Vida.....	37
PARTE II	41
NARRATIVAS	41
1. Eliana.....	43
2. Nívia.....	58
3. Manuela	69
4. Anita	81
5. Tereza.....	95
6. Consuelo.....	102
7. Joana	124
8. Giovana.....	131
9. Rosa.....	142
10. Mariana.....	154
PARTE III.....	164
DITO POR ELAS	164
1. Motivos para migrar: rumo a Lucas do Rio Verde.....	165
2. Tempos de chegada: primeiras impressões, a luta para sobrevivência e o trabalho.....	170
3. As dificuldades: do sonho a realidade	177
4. O trabalho: mudanças e conquistas.....	188
Conclusão:.....	201
BIBLIOGRAFIA	203
ANEXOS.....	206

RESUMO

Este trabalho buscou estudar, através da história oral a trajetória de vida de mulheres migrantes em Lucas do Rio Verde – Mato Grosso e ao mesmo tempo mostra como elas transformaram suas dificuldades em oportunidades.

Este texto é composto de uma descrição da História do Projeto e discussões teóricas sobre história oral, história oral de vida, conceitos ligados ao processo de ocupação das áreas de fronteira agrícola e a história de Lucas do Rio Verde.

Em uma segunda parte apresenta dez entrevistas completas de mulheres migrantes. A terceira parte é formada de temas selecionados a partir das próprias entrevistas e que retratam momentos das vidas dessas mulheres e os desafios por elas enfrentados por elas na busca de uma melhor qualidade de vida.

Palavras-chaves: História oral, história de mulheres e trajetória de vida.

ABSTRACT

This work aimed to study, through oral history; the life trajectories of women migrants in Lucas do Rio Verde-MatoGrosso, while showing how they transformed their difficulties into opportunities.

This text consists of a description of the project history. And theoretical discussions about oral history, oral history of life, concepts related to the process of occupation of the agricultural frontier and the story of Lucas do Rio Verde.

In a second part presents ten complete interviews of women migrants. The third part is composed of selected topics by the same interviews and moments that portray the lives of these women and the challenges they faced in seeking a better quality of life.

Keywords: Oral history, history of women and life trajectories

APRESENTAÇÃO

“Mudanças e conquistas: história oral de vida de mulheres migrantes em Lucas do Rio Verde – MT 1980-2006” é o título da minha tese e esta apresentação inicia por ele. Mudanças e conquistas são palavras que estiveram presentes implícita ou explicitamente à todo momento nas entrevistas das colaboradoras. O sentido, para mim, da palavra mudança neste trabalho tem um duplo significado. O primeiro é no sentido de deslocamento, de migração, mudança de um lugar para o outro. O segundo sentido é a mudança, a transformação na vida das mulheres que foram entrevistadas, mudança essa que, segundo suas narrativas, foi para melhor.

A palavra conquista utilizada aqui tem o sentido de atingir objetivos, ultrapassar dificuldades, o oposto de fracasso, o que espelha um pouco a situação delas na data das entrevistas. A história oral foi o caminho possível para superar o silenciamento das fontes e dos relatos e ao mesmo tempo procedimento metodológico onde as são o “ponto fundamental, privilegiado, básico...História oral como metodologia, implica formular as entrevistas com epicentro de pesquisa”(Meihy, 2007, p.72). A escolha da história de mulheres advém de uma lacuna na produção historiográfica relativa a história da colonização mais recente no estado de Mato Grosso. Mulheres são todas as entrevistadas, que se deslocaram sul ou sudeste para Lucas do Rio Verde. Optar por Lucas do Rio Verde está diretamente ligado a posição alcançado pelo município em relação a produção de grãos, a qualidade de vida e a possibilidade de contato com as entrevistadas, a partir do conhecimento que eu tinha com ex-alunos que residiam nessa cidade. O espaço temporal corresponde em termos relativos ao período da chegada das primeiras famílias dos agricultores sem terra que foram assentados com consequência do projeto oficial de colonização denominado Projeto de Assentamento Conjunto – “PAC – Lucas do Rio Verde”, executado pelo INCRA a partir de 1981. Com o objetivo de não só, assentar os sem terra do Rio Grande do Sul, mas, também “desmobilizar um movimento que é marco histórico da Reforma Agrária no Brasil: o acampamento da Encruzilhada Natalino, em Ronda Alta”. (Castro, 2002, p. 87).

O ano de 2006 corresponde a data em que as entrevistas foram realizadas.

Este trabalho está dividido em três partes. A primeira denominada “A História do Projeto” onde descrevo os passos do projeto, os caminhos escolhidos, as reflexões sobre a história oral. Uma pequena discussão sobre a colonização em Mato Grosso e alguns conceitos importantes como: fronteiras, frente pioneira, frente de expansão, colonização e migração. Uma síntese da história de Lucas do Rio Verde até os dias atuais ocupa também espaço nessa primeira parte. Faço ainda algumas colocações sobre a história oral de vida, encerrando este capítulo.

Na segunda parte exponho as narrativas, as entrevistas de cada uma das colaboradoras, por ordem cronológica de chegada a Lucas do Rio Verde. São as suas histórias de vida. A terceira parte esta dividida em temas, os quais foram retirados das próprias das mulheres migrantes e a escolha destes temas são discutidos no início desta última parte. Faço uma conclusão demonstrando o que tentei fazer nas partes anteriores, as justificativas dos caminhos que tomei e tentando mostrar que apesar de todos os obstáculos essas dez mulheres migrantes mudaram as suas próprias trajetórias.

Uma observação é necessária ser feita. Optei por substituir os nomes das colaboradoras por pseudônimos, pois foi uma forma de garantir as entrevistadas um pouco de anonimato e ao mesmo tempo preservar em partes suas identidades sem contudo perder a importância de suas narrativas.

PARTE I

HISTÓRIA DO PROJETO

HISTÓRIA DO PROJETO

1. Os caminhos da pesquisa

O interesse pelo tema desta pesquisa surge quando a instituição na qual trabalho, Universidade Federal de Mato Grosso, começou uma política de interiorização, ou seja, entendeu que havia uma necessidade de levar até as cidades do interior de Mato Grosso cursos de graduação modulares. Nesse período a UFMT possuía campi em três cidades do interior, Rondonópolis, Barra do Garça e Sinop. Entretanto a administração superior da UFMT vinha recebendo constantemente solicitações de prefeitos de diversos municípios do estado propondo convênios com a UFMT com o objetivo de levar ao interior, cursos que possibilitassem qualificar os professores da rede pública e ao mesmo tempo atender a demanda da população.

O Departamento de História, ao qual sou professor, foi então convidado pela Pró - Reitoria de Ensino de Graduação a estudar a viabilidade de ministrar cursos de graduação em História em alguns municípios. Entre as cidade as quais coube ao Departamento de História ministrar um curso estava a cidade de Nova Mutum a 250 km de Cuiabá pela BR – 163 (Cuiabá- Santarém).

Realizado o vestibular, o curso teve início em 2001, sendo que os alunos aprovados residiam em diversas cidades vizinhas à Nova Mutum, como Lucas do Rio Verde, Tapurah, Alta Floresta, Juára, Sinop, Santa Rita do Trivelato entre outras.

Ministrei nesse curso modular quatro disciplinas e convivendo com os alunos alguns fatos chamaram a atenção. A maioria dos discentes era do sexo feminino e do total de trinta e cinco que começaram o curso apenas seis eram do sexo masculino. Do total que concluíram o curso apenas um era homem, as demais, mulheres de idades variadas.

Essa região em que localizam as cidades acima elencadas é denominada de médio norte mato-grossense e começou a ser ocupado efetivamente nas décadas de 70 e 80 do século passado (Moreno, 2005). Sendo áreas de colonização recente me veio à memória uma imagem que caracterizava uma

sociedade construída por homens – ‘pioneiros’- a aventura, a coragem, o espírito bandeirante, identificados aos gestos audaciosos de compras de terras, derrubada de florestas, de plantar extensas lavouras. (CASTRO, 1997, p.129).

Essa foi a imagem que eu tinha dessa região, mas faltava o que eu vi e percebi, ou seja, a presença feminina.

No entanto ao ministrar as disciplinas nesse curso de graduação, presenciei a participação efetiva de mulheres que também foram pioneiras, que chegaram a essas áreas de colonização junto com seus maridos ou acompanhando seus pais. Percebi então que essas mulheres tinham também suas histórias, não documentadas e sim silenciadas por uma memória masculina. Foi exatamente esse fato que me chamou a atenção.

Questionamentos sobre a ausência das mulheres nos livros de história sobre a colonização recente de Mato Grosso logo surgiram. Serão elas essas tênues sobra, lembrando a frase de Michelle Perrot: Terão elas mesmas uma história?

Outra questão se colocou. Como e onde buscar informações sobre essas mulheres que vieram para Mato Grosso? Como chegaram? Como viveram e vivem até hoje? Como foi chegar a Mato Grosso? O que existia? Como foram atraídas essas famílias de migrantes? A busca nos arquivos públicos quase nada diz sobre o assunto, quase nada sobre a presença delas. Nos jornais da época muito pouco. Aparecem por vezes em dados estatísticos como mais um migrante. Como pergunta Georges Duby: Mas o que sabemos sobre elas?

Não houve espaço para documentar a presença das mulheres ou não se permitiu que as mulheres falassem das suas experiências, de suas angústias, de seus desejos, da sua vida e de seus sonhos. As fontes oficiais são por demais escassas para relatar a vida dessas mulheres, o seu cotidiano, suas experiências.

Em seu artigo denominado “Uma história das mulheres e sua visibilidade em Londrina (1930 - 1950)”, Rosimeire Angelin Castro afirma: “Sua presença nos documentos é pontual, fragmentada e dispersa”, como no caso de Mato Grosso. A documentação não alcançou as mulheres. Como abrir caminho para conhecer e compreender a vida cotidiana e a história das mulheres nessas áreas de colonização recente em Mato Grosso?

Afirma Michelle Perrot que “da história, muitas vezes a mulher é excluída. É – o primeiramente ao nível de relato” e também ao nível das fontes. (PERROT, 1988, p.185) Percebe-se então uma dupla exclusão, tanto ao nível das narrativas como ao nível da documentação.

Como superar essa escassez de informação sobre as mulheres e suas histórias? A resposta foi obtida nas obras de Michelle Perrot. Na introdução do livro “As mulheres ou os silêncios da história”, a historiadora francesa indaga primeiramente se uma história das mulheres seria possível (Perrot, 2005.) e prossegue dizendo “o que implica em outro uso das

fontes que se deve buscar, ler diferentemente, suscitar até mesmo para períodos recentes como a história chamada de ‘oral’ tentou fazer” (PERROT, 2005, p.33)

Na mesma obra a autora afirma que “é por isso que os desenvolvimentos recentes da história chamada de ‘oral’ são de certa maneira uma revanche das mulheres.” (PERROT, 2005, p.40). Em outra obra intitulada “Minha história das mulheres”, a mesma autora escreve que “a essas fontes clássicas convém acrescentar aquelas produzidas pela história dita ‘oral’ autobiografia daqueles que não escreveram gravadas em fita.” (PERROT, 2007, p. 35).

Ainda na busca de entender a utilização da História Oral como caminho para superar o silêncio das narrativas e das fontes buscamos na produção historiográfica brasileira legitimidade, ou melhor, uma certeza de que estávamos trilhando uma possibilidade de respostas às nossas inquietações sobre o tema História Oral de Mulheres.

Assim recorremos a princípio a dois textos contidos em obras coletivas já clássicas da historiografia brasileira. São elas “Domínios da História” organizada pelos historiadores Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas e “Historiografia Brasileira em Perspectiva” organizada por Marcos Cézar de Freitas. Nessas duas obras encontramos escritos por duas historiadoras capítulos sobre a História das Mulheres. Na primeira obra existe um capítulo de autoria de Raquel Soihet intitulado História das Mulheres, e na segunda obra um capítulo escrito por Mary Del Priore chamado “História das Mulheres: as vozes do silêncio”. Nas duas obras encontramos referências sobre a utilização da História Oral como uma possibilidade para superação quanto ao problema da documentação e do entendimento da História das Mulheres.

No capítulo escrito por Raquel Soihet ela afirma. “Ressalta-se, também, a história oral, instrumento dos mais adequados para registrar a memória feminina.” (SOIEHET, 1997, p. 296).

Da mesma forma encontramos na segunda obra, no capítulo de autoria de Mary Del Priore a afirmação

[...] outra abordagem utilizada com êxito para ouvir a história vinda de baixo baseou-se na história oral e na recuperação da memória feminina. Tornava-se, então, indispensável reabilitar a subjetividade e introduzi-la na interpretação das fontes, ao nível do observador, mas também do observado. A história oral insiste sobre este aspecto que, aliás, desabrocha nas entrevistas. (DEL PRIORE, 1998 p.229).

Na mesma página pouco mais adiante a historiadora escreve:

Evocando a subjetividade do privado, a história oral ajudou a restituir-lhe a dimensão política, dando significação política aos discursos pessoais das mulheres. A oralidade permitiu, assim, resgatar a identidade e a vida daquelas que viviam no anonimato: donas de casa, solteironas, empregadas, trabalhadoras ou miseráveis. Quanto maior a sua opressão, tanto mais importante dar-lhes voz, pois contar a sua

história significa a possibilidade de reconstituição de suas identidades femininas. Os historiadores brasileiros têm dado extrema atenção ao fato de que tais lembranças e memórias apoiam-se em convenções e noções culturais capazes ou não de dar credibilidade aos relatos de mulheres. Há todo um contexto cultural e histórico que os embasa que irriga as vozes do silêncio. Mas diante do preconceito contra a história oral é importante, contudo, não esquecer que a oralidade é subjacente a tudo que se escreve em História e que grande parte dos documentos antigos sobre os quais trabalha o historiador foram produzidos pela tradição oral.(DEL PRIORE, 1998, p. 229/130).

Em 2009 a professora Raquel Soihet apresenta ao CNPq um projeto de pesquisa com o título de “A condição feminina no Brasil nos anos 1980”, no qual afirma: “E a história oral é considerada como instrumento dos mais adequados para registro da memória feminina, na medida em que sua invisibilidade na história foi uma característica marcante ao longo do tempo” (SOIHET, 2009).

Essas leituras me deram certeza de que a história oral era uma possibilidade para buscar o entendimento da história dessas mulheres que viveram e viviam nas cidades que surgiram na onda da colonização no final do século vinte em Mato Grosso. Para superar a falta da documentação para essa história de mulheres nessa região de Mato Grosso tivemos a certeza, a partir dessas leituras, que a história oral era o caminho mais viável.

Passei então a fazer parte de um grupo de pesquisa que estudava o processo de colonização recente em Mato Grosso e trabalhava também com história oral. Meu primeiro contato com a história oral foi através de textos produzidos por professores do Departamento de História e do Departamento de Sociologia as UFMT. Aprofundi as leituras sobre história oral optando por certa linha ou corrente que tem na figura do professor José Carlos Sebe Bom Meihy seu principal teórico.

2. História oral como possibilidade

Tendo como modelo o Manual de História Oral (Meihy, 2005) cheguei a elaboração de um projeto de pesquisa sobre a História Oral da Mulheres em duas cidades da Amazônia mato-grossense entre os anos de 1980 a 2006. O objetivo mais geral desse projeto era estudar e entender como viviam as mulheres desde que chegaram nas cidades que surgiram junto a BR 163 (Cuiabá – Santarém). A princípio foram escolhidas duas cidades, Nova Mutum e Lucas do Rio Verde. Entretanto com o aprofundamento das leituras e com a opção de trabalhar com a História Oral reelaborei o projeto escolhi a cidade de Lucas do Rio Verde como lugar para o desenvolvimento do projeto.

A escolha da cidade de Lucas do Rio Verde se justifica em primeiro lugar por ser um projeto de colonização oficial, executado pelo Incra no qual foram assentados agricultores sem terra oriundos da Encruzilhada Natalino, (primeiro movimento de agricultores sem terra do Brasil) e chegaram a Gleba Rio Verde com suas mulheres e filhos para se estabelecerem definitivamente. Em segundo lugar, por ser Lucas do Rio Verde um município ainda novo com apenas vinte e três anos de emancipação política (04 de julho de 1988), e que se destaca pela sua grande produção de grãos como soja e milho. Produz ainda grandes quantidades de algodão, possuindo também um complexo agroindustrial envolvendo aves e suínos. O município possui ainda um IDH elevado sendo um dos cinco maiores do estado de Mato Grosso, 0,904.

Por outro lado, eu fazia parte de um grupo de pesquisa que trabalhava com o tema da migração e colonização na região norte do estado de Mato Grosso em período recente, o que me incentivou a optar pelo estudo da região da GlebaRioVerde. Houve também a possibilidade de estabelecer contatos com ex-alunos ou ex-alunas que moravam em Lucas do Rio Verde, o que poderia ajudar na busca das possíveis entrevistadas.

A poção por trabalhar com “História de Mulheres” adveio de uma lacuna na historiografia regional sobre a presença de feminina nessas regiões de colonização recente em Mato Grosso. A princípio meu objetivo era pesquisar o trabalho das mulheres no campo, seu cotidiano, sua contribuição no trabalho da lavoura, o deslocamento para a região, a visão das mulheres sobre o processo de colonização, suas dificuldades de conjugar o trabalho doméstico com o trabalho na roça, uma investigação mais voltada para a mulher que vivia no campo, sejam nas grandes fazendas ou nas pequenas propriedades.

Entretanto as primeiras leituras sobre a colonização em Mato Grosso me mostraram outro caminho. Foi inspirador a leitura do livro da professora Regina Beatriz Guimarães Nato, colega no departamento de história da UFMT. “Intitula, “A lenda do ouro verde: política de colonização no Brasil contemporâneo”, no segundo capítulo da sua obra, ela começa com “ A história da Dona Rose”, mostrando que em meio ao universo preponderantemente masculino, que é o da colonização, aparece a figura feminina, não envolvida no trabalho da lavoura, ou na lida com os animais mas como uma mulher que trabalho como cozinheira, responsável pela alimentação de mais de oitenta e que se tornará após algum tempo dona de um hotel o qual recebera a visita do então presidente João Figueiredo.

Embora não fosse objetivo do livro da professora Regina o estudo sobre a presença feminina em áreas de colonização, começava a ficar mais claro para mim que essa era uma

possibilidade de pesquisa, mas que era necessário busca-la, procura-la, descobrir vestígios e a história oral foi um caminho.

Após leituras e alguns ajustes cheguei ao tema da pesquisa “Mudanças e conquistas: história oral de vida de mulheres em Lucas do Rio Verde entre os anos de 1980 a 2006”. O objetivo geral do projeto foi investigar, a partir dos relatos orais, tendo como cenário o processo de colonização da região da Gleba Rio Verde, como essas mulheres migrantes vivenciaram mudanças ocorridas em suas vidas cotidianas e de que forma transformaram perdas em conquistas. Demonstrar que essas mulheres entrevistadas são agentes ativas de suas próprias histórias foi também uma preocupação.

Atravessando dificuldades nas mais diversas situações em suas vidas, elas tiveram coragem e força para transformar a perda da terra, no caso de algumas; os problemas conjugais no caso de outras; a separação da família, entre tantas circunstâncias adversas da vida, em oportunidades para recomeçar, para lutar por uma vida melhor para elas próprias e para as suas respectivas famílias.

A cidade de Lucas do Rio Verde está localizada a 365 km de Cuiabá na BR 163, possui uma população de aproximadamente quarenta e cinco mil habitantes, pelo senso do IBGE de 2010, com um crescimento populacional de 10% ao ano nos últimos dez anos. Lucas é responsável pela produção de 1% de toda a soja produzida no Brasil, segundo a revista Exame de 2008. Sua economia é voltada para o agronegócio onde se destacam a produção de milho e algodão além da soja. Ganha também destaque a criação e abate de gado bovino, suíno e de aves.

Para Meihy não existe história oral sem projeto. “Entrevista sem projeto não é história oral” (MEIHY, 2005, p.14) Elaborado o projeto era chegado o momento do procedimento seguinte “o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas.” (MEIHY, 2007 p.20) Era a hora de entrar em contato com as pessoas, planejar as entrevistas.

Foi necessário nesse momento manter o quadro das colaboradoras, estabelecer a “comunidade de destino,” pensar na “colônia” e chegar a “rede”. Conforme Meihy, “Há dois pressupostos que instruem a conceituação de *“comunidade de destino”*. A primeira é de base material e a segunda de fundamento psicológica, de gênero ou orientação (política, cultural ou sexual). No primeiro caso, elementos de efeito físico dizem respeito a situações que vinculam pessoas, clãs e grupos expostos a circunstâncias que dão unidade traumática ao destino das pessoas: calamidades, terremotos, pestes, flagelos, marcam a vivência coletiva de um grupo em um lugar físico e cultural. Outra alternativa, esta de base psicológica, diz respeito às

experiências de cunho moral: pessoas afetadas por dramas subjetivos ou não naturais como violência, abusos, arbitrariedades, discriminação. De uma ou de outra forma, a sustentação que marca a união de pessoas são dramas comuns, coetâneos, vividos com intensidade e consequências relevantes, episódios que alteram no porvir o comportamento pretérito, rotineiro, e que impõem mudanças radicais da vida grupal.”(Meihsy, 2007, p.51).

No mesmo item sobre a “comunidade de destino” diz Meihsy “...a história oral privilegia grupos sociais deslocados – migrantes e imigrantes -, parcelas minoritárias excluídas, marginalizadas, e se vale de suas narrativas para propor uma “outra história”, ou história “vista de baixo”, de ângulo incomum, sobre determinada realidade em contraposição ao silenciamento ou à visão “majoritária” e institucionalizada, assumida como aquela que devemos reconhecer como “versão oficial”.(Meihsy, 2007 p. 52).

Partindo dos pressupostos acima, descritos por Meihsy, e adaptados ao tema da minha pesquisa, articulei estes a ação de migrar, deslocar, mudar de lugar no qual originalmente viviam para deslocar para outra terra, do sul ou sudeste para o centro-oeste, de uma sociedade mais organizada para uma região onde tudo estava por ser feito.

Algumas dessas mulheres que seriam entrevistadas viviam o drama de morar em acampamentos de agricultores sem terra, embaixo de lonas, a beira da estrada na Encruzilhada Natalino. O deslocamento para Mato Grosso para algumas não foi uma ação isolada mas em grupo, principalmente para as famílias dos parceiros. Ao mesmo tempo havia um forte fluxo migratório para a região. Mesmo os que se deslocaram sozinhos, apenas com sua famílias nunca estavam separados de outros migrantes.

A partir dessas colocações defini a “comunidade de destino” como sendo: mulheres migrantes que haviam se deslocado para Mato Grosso no início da década de 1980.

Seguindo ainda Meihsy foi necessário estabelecer a “colônia” que é “definida pelos padrões gerais de sua comunidade de destino”, que é “aquilo que identifica as pessoas, os motivos, as trajetórias que as reúnem em características afins.” (Barbosa, 2006 p.41)

A “colônia” ficou assim estabelecida: mulheres migrantes que se deslocaram para Lucas do Rio Verde no início da década de 1980.

Para finalizar a montagem do quadro de colaboradoras foi essencial determinar a “rede”, entendida como “uma subdivisão da “colônia” e que visa estabelecer parâmetros para decidir sobre quem deve ser entrevistado ou não...”ou seja, define o “colaborador” como uma pessoa que aceitará ser entrevistada e que ocupará papel preponderante na pesquisa, sem os quais a mesma não seria viabilizada” (Barbosa, 2006 p.42).

A “rede” ficou definida da seguinte forma: mulheres migrantes que chegaram a Lucas do Rio Verde com suas famílias no início do processo de colonização e que fixaram sua residência na cidade ou na zona rural do município e que vivem na zona urbana até a data da entrevista (2006).

As entrevistas foram realizadas em Lucas do Rio Verde em duas etapas. Na primeira foram realizadas seis entrevistas e três meses depois retornamos a Lucas onde foram realizadas mais cinco entrevistas. Dessas onze entrevistas descartamos uma, pois a entrevistada residia em Lucas do Rio Verde a menos de três anos, portanto não havia acompanhado o surgimento nem o desenvolvimento da cidade.

Essas entrevistas foram realizadas com mulheres que tinham entre 35 e 50 anos de idade, de profissões e escolaridade diferentes. As colaboradoras em sua grande maioria são nascidas nos estados do sul, sendo apenas uma paulista. Três delas foram ou são casadas com ex-parceiros (os que foram assentados pelo Incra), uma é casado com um fazendeiro que comprou terras de posseiros quando chegou a Lucas antes da instalação do projeto de assentamento do Incra. Uma das colaboradoras é casada com um colono paulista ligado a Cooperlucas. As demais entrevistadas não são ligadas a nenhum dos grupos pioneiros na região da Gleba Rio Verde, embora todas tenham chegado a Lucas logo no início da colonização.

Os procedimentos seguintes da execução do projeto foram sendo desenvolvidos conforme avançava a pesquisa.

Com o objetivo de estudar e analisar a história de vida de mulheres migrantes na cidade de Lucas do Rio Verde, optamos por um procedimento metodológico de certa história oral na qual o ponto central são as narrativas orais constituídas pelas entrevistas em sua íntegra.

Nesta história oral, que optamos por trabalhar, dois conceitos são fundamentais, são eles o de colaboração e o de transcrição. (Meihy, 2007). Segundo Fabiola Holanda,

Meihy [...] redimensiona o papel do entrevistado, colocando-o no centro da pesquisa não mais como simples depoente, mas como colaborador participante imprescindível, sem o qual o trabalho não será possível. (HOLANDA, 2005, p.50).

Para Meihy “deve-se usar deliberadamente a palavra ‘colaborador’ para o narrador, pois afinal o trabalho da entrevista é algo que demanda dois lados pessoais e humanos”. (MEIHY, 2005, p.124). O entrevistado é agora colaborador, é ele que constrói a narrativa, sem o colaborador a História Oral não existe.

Nessa perspectiva muda-se o papel do entrevistado e muda também o significado das entrevistas, pois “recomenda-se que elas [as entrevistas] sejam tratadas na íntegra.” (MEIHY, 2005, p.124). Os textos resultantes das entrevistas não são fragmentados, nem são apenas transcrições com perguntas e respostas. Dessa forma consideramos as narrativas integrais como a parte principal deste trabalho.

Essas narrativas foram construídas em um processo transcriativo. A transcrição é outro conceito muito caro a certa corrente de história oral a qual optamos por trabalhar. Após a realização das entrevistas e levando em consideração que estas são construídas em um processo de colaboração, a etapa seguinte é a transposição da palavra do oral para o escrito. Afirmar Meihy que, “o mais importante na transposição de um discurso para o outro é o sentido.” (MEIHY, 2007, p.139). Incorporar o indizível, as emoções, silêncios, gestos, dar vida ao texto é um processo muito mais importante que a simples transcrição das entrevistas, é preciso transcriá-las.

Para Meihy, a transcrição é a fase final do trabalho dos discursos que passam necessariamente por três etapas. A primeira fase é a transcrição absoluta: “Nessa etapa, foram colocadas as palavras ditas em estado bruto. Perguntas e respostas foram mantidas, bem como repetições, erros e palavras sem peso semântico.” (MEIHY, 2007, p.140). A segunda fase é a textualização.

Nessa fase foram eliminadas as perguntas, tirados os erros gramaticais e reparadas as palavras sem peso semântico. Os sons e ruídos também foram eliminados em favor de um texto mais claro e liso. (MEIHY, 2007, p.142).

Nessa mesma fase é escolhida, retirada da entrevista uma frase denominada “tom vital” que representa uma síntese da entrevista. A terceira fase, a transcrição, é a entrevista já trabalhada, depois que já passou pelas duas fases anteriores, é o texto em sua versão final, com todas as correções e autorizado pelo colaborador.

O processo transcriativo é complexo e lento, demandando, portanto, tempo e atenção. Foram seguidas as fases ou etapas sugeridas por Meihy, tanto em seu “Manual de História Oral” na sua quinta edição de 2005, quanto o que está proposto em seu livro escrito em conjunto com Fabíola Holanda, “História Oral: como fazer, como pensar” de 2007. Começando pela transcrição absoluta, passando pela textualização para chegarmos a um texto final transcrito.

Optamos então por uma história oral onde as entrevistas das colaboradoras são o cerne do nosso trabalho, os documentos centrais. Não utilizamos apenas fragmentos das

entrevistas, mas sim as entrevistas em sua íntegra, onde o entrevistado/colaborador ganha uma dimensão muito maior que um simples depoente.

3. A Cidade de Lucas do Rio Verde e as Histórias Orais de Vida

A colonização de Mato Grosso e alguns conceitos importantes

Nesta parte do trabalho procuro discutir sinteticamente alguns conceitos que julgo importantes e ao mesmo descrever em poucas palavras o contexto histórico da colonização de Mato Grosso a partir da década de 1930 de século XX.

O surgimento das novas cidades da Amazônia como Lucas do Rio Verde foi sem dúvida consequência de políticas públicas dos governos federal e estadual, tiveram objetivos muito claros: Primeiramente, resolver problemas relativos à questão dos movimentos sociais decorrentes dos problemas agrários no sul e nordeste do país. Segundo inserir definitivamente a Amazônia e no campo o sistema capitalista. Terceiro produzir riquezas através da agricultura modernizada, da mineração e da pecuária e da extração vegetal.

Para poder compreender o complexo processo de colonização da região norte e o médio norte mato-grossense, é necessário entender alguns conceitos e dialogar com autores que abordem as questões referentes à fronteira, à frente pioneira, frente de expansão, colonização e finalmente migração, essa discussão é o objetivo desta parte do trabalho.

Este trabalho está dividido em duas partes: a primeira discute conceitos importantes para a compreensão do que foi o processo de colonização da Amazônia Mato-Grossense. A segunda parte descreve as políticas implementadas pelos governos federal e estadual, que possibilitaram a expansão das fronteiras desde a “Marcha para o Oeste” até o “Programa de Integração Nacional”.

Nesta primeira parte deste trabalho apresentaremos uma discussão que alguns autores fazem sobre conceitos fundamentais para o entendimento do que foi um processo de colonização. O senso comum define colonização como um processo de ocupação de terras disponíveis para exploração econômica. Mas colonização não são apenas povoamento e

ocupação de terras. José Vicente Tavares de Souza define colonização como um “processo social e este processo é do tipo complexo e multidimensional, uma vez que envolve grupos e forças sociais em tensão e conflito, com suas representações ideológicas e diferentes práticas sociais, econômicas e políticas”. Para o referido autor a colonização “não é apenas uma estratégia de expansão capitalista em novos territórios” é também, “uma forma de produção social num certo meio natural” (MORENO E RIGA, 2005 p.53)

Para Ariovaldo Umbelino de Oliveira, colonização é “um fenômeno do processo de expansão capitalista, funcionando como um ‘viveiro’ de mão de obra nas regiões de fronteira, pra suprir os projetos agropecuários ali instalados pelos grandes grupos econômicos e, também, para servir de ‘válvula de escape’, aliviando as tensões sociais geradas pela população expulsa das regiões de elevada concentração fundiária. Inerente à lógica capitalista, este processo possibilita o acesso à terra aos pequenos produtores expropriados, ativando a colonização agrícola fundada na produção camponesa ou familiar.” (MORENO E RIGA, 2005 p.53)

Nas duas definições acima se percebe que colonização e migração são indissociáveis. Esses movimentos populacionais internos são o que José de Souza Martins denominou de migração. Segundo este autor “A migração consiste na transmissão do sujeito (sozinho ou em grupo) de uma sociedade a outra, não é a troca de localidade geográfica”: sendo assim o sujeito não é apenas uma unidade física, mas é alguém que se vincula, pelas suas relações com outros, a uma sociedade determinada... participa de uma cultura que fornece como referência e normas de comportamentos apoiadas num sistema de valores. (MARTINS, 1994 p.19)

Para Martins a migração é processada em três fases. A primeira é o que motiva os indivíduo ou grupos a migrar: necessidade e disposição; a segunda é o processo migratório em si: o deslocamento físico de um lugar para outro; a terceira é a assimilação na nova sociedade. Nesse deslocamento o migrante leva consigo os seus sonhos, pensando sempre na ascensão social e em uma vida melhor.

A região norte e médio norte de Mato Grosso devem ser entendidas após da década de 1980, como uma região de fronteira. Sendo assim discutiremos e analisaremos a problemática do termo fronteira.

Para Mendes Motta, fronteira carrega uma gama de significados sendo que a mais comum é utilizada para definir territorialmente os limites de um estado. Pode também estar

ligada “à apropriação territorial ou aparece para definir as terras de um país.” (MOTTA, 1999 p.647)

Para o mesmo autor “pensar a fronteira significa também discutir a dinâmica que explica a produção/reprodução de fronteiras internas, limites entre ocupações diversas, embates entre histórias de ocupações.” (MOTTA, 1999, p.649)

Para José de Souza Martins a fronteira não é apenas geográfica. “Ela é a fronteira de muitas coisas: fronteira de civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteiras de culturas, fronteiras de história e da historicidade do homem. É sobretudo fronteira do humano.” (MARTINS, 1994 p. 47) O conceito de fronteira que, em meu ponto de vista, mais se adequa a região de Mato Grosso foi descrito por Sueli Castro. Para a autora “a fronteira seria um elemento complexo e dinâmico que alimenta o processo de acumulação e que constrói não só ideologicamente e simbolicamente a possibilidade da reprodução da pequena unidade familiar, como permite novos processos de diferenciação social(...) a fronteira representa e materializa um conjunto de fenômenos concretos e diferenciados, onde o Governo Federal se faz presente direta ou indiretamente, em todos os níveis.” (CASTRO, 1994 p. 47) Nesse conceito está exposto também uma característica que, para vários autores, (José Vicente Tavares dos Santos, José de Souza Martins, Pierre Mombeig) a fronteira gera no caso brasileiro a exclusão social de determinados setores da sociedade.

Outro conceito importante é o de frente pioneira, pois, no Brasil a expansão desta marcou a implantação definitiva do sistema capitalista no campo. Após a Primeira Guerra Mundial, os preços dos alimentos elevaram-se, o mercado interno ampliou-se, houve o aumento da população e o crescimento dos centros urbanos no Brasil. Esses fatores impulsionaram o movimento pioneiro, pois foi necessário aumentar a produção dos gêneros de primeira necessidade.

Quando se pensa em frente pioneira, relaciona-se sempre com a primeira propriedade, com a ocupação de matas virgens e com a expansão da produção. A frente pioneira é conceituada por José de Souza Martins como um “empreendimento capitalista como forma de inserção do campo no sistema capitalista, especialmente pela condição de propriedade privada da terra, pelos investimentos, em compra, pela renda que a terra possa dar aos seus proprietários, pela produção voltada pelo mercado, ainda que não se verifique investimentos de capital na produção e que as relações de trabalho se configurem não como tipicamente capitalistas.” (MARTINS, 1975 p. 44)

Na zona pioneira possivelmente existira uma dimensão urbana, um mercado com aspecto constitutivo de uma economia, a implantação de uma mentalidade racional, existindo aí um modo de vida específico.

No que se refere à ocupação pioneira da terra, não estamos nos referindo à primeira ocupação, pois a frente pioneira é portanto a forma empresarial capitalista de ocupação da terra. Para José de Souza Martins, a frente pioneira “exprime um movimento social cujo resultado imediato é a incorporação de novas regiões pela economia de mercado. Ela se apresenta como uma fronteira econômica.” (MARTINS, 1975 p. 75)

Segundo Monbeig, nas zonas pioneiras existem ilimitadas possibilidades econômicas e financeiras por causas de suas vantagens. Nas frentes pioneiras “a colonização era uma questão de segundo plano, vindo antes o desejo de especular.” (MONBEIG, 1984 p.143)

Concluimos então que a frente pioneira é caracterizada pela instalação do empreendimento econômico onde estão empresas imobiliárias, indústrias, comércio, bancos que loteiam terras transportam mercadorias, compram e vendem, financiam a produção e o comércio. Martins, afirma que “o ponto chave da implementação da frente pioneira é a apropriação privada da terra. Na frente pioneira a terra não é ocupada é comprada.” (MARTINS, 1976 p. 44) A terra corresponde assim ao capital, a referência dessa frente é o empresários, o comerciante, o fazendeiro, o pequeno agricultor.

Voltemos agora a nossa atenção para o conceito de frente de expansão, entendida aqui como o primeiro movimento de ocupação, que antecede a frente pioneira. José de Souza Martins afirma “este primeiro movimento de ocupação constitui a frente expansão, onde o posseiro, pressionado pelos grupos capitalistas interessados a avançar, indistintamente, sobre terras indígenas, abre caminho para o segundo movimento de ocupação, constituído pela frente pioneira.” (MARTINS, 1982 p. 74). Para o mesmo autor o que caracteriza a frente de expansão é o “uso privado das terras devolutas, em que estas não assumem a equivalência de mercadorias. Por isso a figura central da frente de expansão é a do ocupante ou posseiro” (MARTINS, 1975 p. 46). Essa frente não se baseia na apropriação capitalista na terra, ela expressa uma concepção de concentração no espaço, onde a referência são as populações indígenas ou caboclas.

Da marcha para o Oeste ao Plano de Integração Nacional

Nesta segunda parte descreveremos as políticas empreendidas pelos governos Federal e Estadual, que possibilitaram a expansão da fronteira, desde a Marcha para o Oeste até o Programa de Integração Nacional.

A Marcha para o Oeste é o primeiro conjunto de medidas do governo federal com o objetivo de favorecer a interiorização e “ocupação dos espaços vazios” na região oeste do Brasil e na Amazônia. Em 1938 o presidente Getúlio Vargas anunciou a Marcha para o Oeste. Sistematizado por Cassiano Ricardo, em sua obra *Marcha para o Oeste* e executado pelo ex-tenente João Alberto, a “Marcha” será o “Verdadeiro sentido da brasilidade” segundo o presidente Vargas.

Ainda em sua obra já referida a cima Cassiano Ricardo, retoma o mito do bandeirante que para Monbeig é “sinônimo de pioneiro, de desbravador, de sertanista, de empreendedor, é o que funda cidades, o que atende a voz do Oeste.” (MONBEIG, 1984 p.105)

Foi então necessário coincidir as fronteiras políticas com as fronteiras econômicas, preencherem os espaços vazios. Ainda, segundo Cassiano Ricardo, citando Filinto Müller, seria necessário o “Descongestionamento, nos centros urbanos da massa de desocupados rumo ao interior, sobre a assistência e localização do estado”.

A marcha para o Oeste tinha como proposta instalar pontos avançados de colonização sob a direção do Estado. Em seu projeto a “Marcha para o Oeste” visava à fixação do trabalhador em pequenas propriedades, para tanto foram criadas as Colônias Agrícolas Nacionais, como por exemplo, a de Dourados. Esses trabalhadores deveriam ser “civilizados” e o tipo ideal era o sulista, pois já possuíam experiência com a lavoura e o desejo de progredir.

Entretanto, a Marcha para o Oeste, não atende somente a questão da ocupação do solo, se insere na política econômica de substituição de importações com o objetivo de atender e suprir o mercado interno. Era necessário então abrir novas frentes para a produção de alimentos e matérias primas dentro de uma lógica capitalista.

Para Monbeig, a Marcha para o Oeste foi um episódio da expansão da civilização capitalista. Sendo então possível afirmar que de fato existia era uma política de controle sobre a terra em benefício das grandes empresas capitalistas.

A Expedição Roncador-Xingu. Criada pelo governo Vargas em 1943, como parte da Marcha para o Oeste, a Expedição objetivava “desencadear um novo movimento colonizador que partindo de São Paulo, adentrasse o território mato-grossense e amazônico” (SIQUEIRA, 2002 p.130), para conhecer e desbravar os espaços em branco nos mapas do Brasil.

A Expedição é comandada pelo coronel Vanique e conta com a presença dos irmãos Villas Boas (Orlando, Cláudio e Leonardo), o objetivo final era atingir o Rio Tapajós.

Ainda no ano de 1943, pelo Decreto 5802 foi criada a Fundação Brasil Central que incorporou a Expedição Roncador-Xingu e teve como objetivo “desbravar e colonizar as áreas do Estado: Araguaia e Xingu, estimulou a colonização do noroeste do estado e facilitou a penetração de contingentes migrantes” (LENHARO, 1983 p.14). Dessa forma o Vale do Araguaia foi integrado à economia do Brasil.

Como resultados da expedição foram implantados mais de quarenta vilas e cidades e centenas de fazendas, os caminhos abertos pela Expedição deram origem a grandes quantidades de estradas, construíram-se pontes, bases militares e campos de pouso para aviões, fundou-se o Parque Nacional do Xingu e diversas nações indígenas foram contatadas.

Coube a Fundação Brasil Central a função de implantar os núcleos populacionais em pontos demarcados pela Expedição e a esta última abrir os caminhos, demarcar os espaços e contatar indígenas. Durante aproximadamente vinte anos essas duas instituições trabalharam nos sertões de Mato Grosso.

Tanto a Fundação Brasil Central, quanto a Expedição Roncador-Xingu dependiam de verbas federais e com o fim do governo Vargas, em 1954, o então presidente Café Filho, desativou as duas instituições. Somente em 1967 é que o patrimônio da Fundação e da Expedição foram integrados a SUDECO (Superintendência do Desenvolvimento do Centro Oeste) órgão que ficou responsável pela política de ocupação e desenvolvimento dessa região.

Desde 1954 poucos foram os incentivos para a ocupação das terras da região centro-oeste, principalmente de Mato Grosso. Até a década de cinquenta do século XX a produção agrícola do Brasil estava centrada principalmente no Sul e Sudeste.

Em 1956 elegeu-se Presidente da República Juscelino Kubitschek, que definiu sua política econômica como um Plano de Metas, “com 31 objetivos distribuídos em seis grandes grupos: energia, transportes, alimentação, indústria de base, educação e a construção de Brasília.” (FAUSTO, 2001 p.425). Construir a capital federal no centro oeste representava a ocupação definitiva dessa região, provocaria um deslocamento populacional significativo e ao mesmo tempo estaria de conformidade com o Plano de Metas no que se refere à construção de estradas, pois para ligar a nova capital aos grandes centros urbanos do país era necessário abrir novas rodovias. Dessa forma algumas outras ações estariam sendo desenvolvidas atendendo ao Plano de Metas, ou seja, ampliação das áreas a serem ocupadas para garantir maior produção de alimentos e ao mesmo tempo o desenvolvimento dos transportes.

A construção da rodovia Belém-Brasília possibilitaria novas condições para a ocupação da Amazônia e ao mesmo tempo abrir caminhos para a penetração de grandes pecuaristas em terras mato-grossenses. A construção da nova capital deu início a uma nova marcha para o Oeste, esta por sua vez absorvendo trabalhadores de todas as partes do Brasil, mas principalmente os ligados a construção civil e a aberturas de estrada.

A partir de então o fluxo de migrantes tornou-se contínuo nessa região que compreendem hoje os estados do centro oeste e do norte do país.

Criado pelo Decreto-Lei 1106 de 1970, o Plano de Integração Nacional PIN teve com objetivo a ocupação efetiva da Amazônia Legal, com migrantes destinados a ocupar as faixas de terra de 10 km que margeavam as grandes rodovias federais, como a Transamazônica e a Cuiabá-Santarém, coordenados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA. A finalidade do PIN é financiar obras de infraestrutura e promover a integração da região Amazônica à economia nacional. A expansão da fronteira agrícola nacional é o discurso oficial do governo militar. Fazia parte do PIN a estratégia governamental de aliviar a pressão que os conflitos fundiários geravam principalmente no sul e no nordeste.

Para que a Amazônia mato-grossense se desenvolvesse foi necessário investimentos em obras de infraestrutura como a construção da BR-163, ligando Cuiabá a Santarém. A construção dessa rodovia permitiu a chegada, nessas regiões aberta por essa estrada, de investidores dispostos a aplicar seu capital na compra de terras contando para isso com os incentivos e créditos subsidiados pelo governo federal.

A construção da rodovia Cuiabá-Santarém incentivou o desenvolvimento econômico e ao mesmo tempo possibilitou o surgimento de núcleos urbanos e empreendimentos agrícolas, atraindo assim quantidades crescentes de migrantes e consequentemente aumentando a produção. A BR-163 por sua vez garantiu o escoamento das safras agrícolas, dos produtos da pecuária e do setor madeireiro.

Ao longo das décadas de 70 e 80, a maior parte dos projetos particulares de colonização estava voltado para Mato Grosso. O governo federal por sua vez investia em infraestrutura e na concessão de incentivos fiscais e financeiros apoiando a implantação de projetos agropecuários através da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia, a SUDAM. Dessa forma os governos federal e estadual apoiavam os grandes empreendimentos agrícolas e ao mesmo tempo minimizava a possibilidade de acesso à terra dos trabalhadores rurais sem terra ou sem qualquer capital, dando assim um caráter comercial e capitalista a colonização.

No processo histórico de ocupação das terras em Mato Grosso podemos pontuar alguns momentos importantes. A Marcha para o Oeste é sem dúvida o primeiro conjunto de medidas do governo federal com o objetivo de ocupar espaços vazios e em seu projeto original visava fixar o trabalhador em pequenas propriedades, o desejo deste trabalhador era ao de ser proprietário e não assalariado. Na década de 40 a migração e ocupação das terras foi realizada no leste de Mato Grosso e nos anos 50 e 60 no Vale do São Lourenço. Já na década de 70, com a modernização da agricultura, com a internacionalização da economia e com a necessidade de produzir grãos para exportação, o governo federal volta os seus interesses para a Amazônia, estimulando através do PIN o processo de ocupação da fronteira mato-grossense.

Assim, “Mato Grosso é considerado a região em que ocorreu uma significativa expansão da fronteira agrícola” (SOUZA, 2004 p.18) e a administração federal deu suporte com obras de infraestrutura, coube ao INCRA, coordenar o processo de colonização e ao Programa de Redistribuição da Terra e Estimulo a Agricultura, o PROTERRA, conceder créditos e financiamentos para a aquisição das áreas.

No início dos anos 70, a região norte e médio norte de Mato Grosso modificaram-se em virtude da implantação de novos projetos de colonização que atraíram migrantes do sul do país e que resultou no surgimento de vários municípios modificando, dessa forma, o quadro político e administrativo do Estado.

Esses projetos de colonização desenvolvidos às margens das rodovias federais em Mato Grosso no final da década de 70 e início da década de 80 foram, em sua maior parte, obra da iniciativa privada apoiados em programas e projetos do Governo Federal como o Programa de Desenvolvimento do Cerrado, POLOCENTRO e do Programa de Pólos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia, o POLOAMAZÔNIA.

É necessário citar ainda que na “vigência do regime militar, o INCRA desenvolveu em Mato Grosso quatro modalidades de projetos de colonização” (MORENO e HIGA, 2008 p.62) oficial em terras que pertenciam ao governo federal, tendo como objetivo diminuir os conflitos de terra em Mato Grosso ou fora do estado. São eles: o Programa Especial de Assentamento, PEA; o Programa de Assentamento Rápido, PAR; o Programa de Ação Conjunta, PAC; e o Programa de Assentamento, PA.

O Programa Especial de Assentamento – PEA - Foi um projeto emergencial com o intuito de “atender as populações removidas compulsoriamente de áreas de conflito por decisão do Governo Federal” (Idem p. 64). Coube ao INCRA, implementar o projeto, fazer o loteamento, dar infra-estrutura e apoio técnico e financeiro.

O Programa de Assentamento Rápido – PAR - Executado em áreas de infraestrutura mínima e com apoio do estado e dos municípios envolvidos, cabendo ao INCRA à legalização de lotes, todos de 50 hectares. Esse projeto objetivava a eliminação de conflitos sociais nas áreas dentro do estado.

O Programa de Ação Conjunto – PAC era uma ação conjunta do INCRA com uma cooperativa. Nesse tipo de projeto ao INCRA competia implantar infraestrutura básica e legalizar as parcelas de terra. A cooperativa cabia à administração do projeto e a assistência técnica e financeira.

O Programa de Assentamento – PA tinha como objetivo a regularização de áreas já ocupadas por posseiros. Ao INCRA ficou a responsabilidade de consolidar essas ocupações em curto prazo, nessas áreas já existia infraestrutura mínima.

A colonização oficial em Mato Grosso assentou entre 1970 e 2005 um total de 77.366 famílias. A colonização oficial ou de iniciativa privada foi responsável por boa parte do processo de desenvolvimento da agricultura no estado de Mato Grosso. Entre os meados da década de 1970 até o final de 1980, empresários do sul e sudeste compraram grandes quantidades de terra públicas ou particulares, desenvolvendo em suas propriedades projetos de colonização, contando para isso com o apoio dos governos Federal e Estadual, através de vantagens financeiras e da infraestrutura. Nesse período, segundo Moreno e Higa (2005 p. 67), consta registrado no INCRA de Mato Grosso 88 projetos de colonização particular de 33 empresas privadas, per fazendo um total de mais de três milhões de hectares, sendo parte dessas áreas ocupadas por mais de 19 mil famílias de migrantes sulistas.

Essas áreas de colonização particular foram loteadas, parcelas de tamanhos variados e vendidas no sul do país a colonos que possuíam certa tradição agrícola e um pequeno capital ou venderam às suas terras para comprar parcelas maiores em Mato Grosso. Isso não quer dizer que todos os projetos de colonização particular tiveram sucesso, pois muitos colonos sofreram e não se adaptaram as dificuldades, as novas condições ambientais e a falta de assistência técnica e financeira. Assim sendo alguns retornaram as suas terras de origem, outros preferiram morar nas cidades próximas.

Muitas cidades surgiram como consequência da colonização particular e ao mesmo tempo a apropriação capitalista se instala definitivamente no campo, os grandes grupos econômicos transformaram a colonização em um grande negócio, extremamente lucrativo, e expropriou o pequeno agricultor da possibilidade de continuar a ser um proprietário rural.

A pretensão deste trabalho é mostrar que as cidades como Lucas do Rio Verde são cidades da fronteira agrícola na Amazônia mato-grossense. Lucas do Rio Verde teve a sua origem em um projeto de colonização oficial, do tipo Projeto Especial de Assentamento criado e executado pelo INCRA.

Assim sendo é importante a discussão desses conceitos debatidos nesta parte do trabalho, ainda que de forma que de forma sintética, pois, o objetivo desta tese é outro. Entretanto essa discussão é relevante para a contextualização da criação do projeto de assentamento na Gleba Rio Verde e para entender como o estado apoia e incentiva do desenvolvimento do capitalismo no campo.

A Cidade de Lucas do Rio Verde

A cidade de Lucas do Rio Verde está localizada na região norte de Mato Grosso, a 350Km de Cuiabá, as margens da BR-163(Cuiabá-Santarém), faz divisa ao norte com o município de Sorriso ao sul com Nova Mutum e ao oeste com o município de Tapurah.

Localização de Lucas do Rio Verde

Surgiu de um projeto de colonização oficial do governo federal executado pelo INCRA para acolher pequenos agricultores que foram expulsos das terras que arrendavam ou

ocupavam dos Caingangues. Esses trabalhadores sem terra estavam acampados embaixo de lonas no município de Ronda Alta no Rio Grande do Sul, na Encruzilhada Natalino.

Mapa da Encruzilhada Natalino

Antes da chegada dos agricultores sem terra de Ronda Alta, em 1981 quando o INCRA foi proceder o levantamento das terras para o projeto de assentamento, foram localizados na Gleba Rio Verde posseiros que já estavam trabalhando a terra desde 1976. Ao mesmo tempo estava em negociação com o INCRA um projeto de colonização para agricultores paulistas. Estes criaram uma cooperativa a ‘Cooperlucas’ (Cooperativa Mista Lucas do Rio Verde) com a finalidade de “agregar os colonos e os antigos posseiros” (ZART, 1998, p.110 a 114) dando-lhes apoio e assistência técnica.

Em setembro de 1981 chegaram à região as primeiras famílias dos agricultores sem terra para ocuparem os lotes do Projeto Lucas do Rio Verde.

Chegada das famílias dos primeiros parceiros

Ficou o INCRA com o encargo da execução do projeto e coube ao 9º Batalhão de Engenharia e Construção (9ºBEC) a abertura de dois hectares para os já assentados para os primeiros plantios e a construção de estradas para acesso aos lotes. Em agosto de 1982, o governo de estado de Mato Grosso e o INCRA criaram um núcleo urbano que recebeu o nome de Lucas do Rio Verde que em 1985 passou a distrito do município de Diamantino e em julho de 1988 foi emancipado. (Zart, 1998).

Não houve por parte do governo federal e do INCRA o apoio prometido, não havia infra-estrutura física nem apoio social previstos no projeto. Os parceiros, como eram denominados os trabalhadores sem terra assentados pelo INCRA, os que saíram da Encruzilhada Natalino, em sua grande maioria não possuíam capital nem conhecimento tecnológico e não conheciam as terras do cerrado. Assim no primeiro ano (1981), como plantio foi feito após o período das chuvas “o resultado da produção foi um fracasso”. (CASTRO, 2002, p.88).

Os parceiros sobreviveram esse ano com a ajuda de alimentos doados pelo INCRA e distribuídos pela Cobal. Por outro lado muitos desses parceiros foram trabalhar como peões para fazendeiros mais ricos da região vizinha ao projeto. Essa situação foi confirmada em vários relatos orais das colaboradoras.

No segundo ano (1982) os parceiros tiveram acesso ao financiamento no Banco do Brasil em Diamantino, município a 230 km de Lucas do Rio Verde. Esse financiamento

possibilitou aos parceiros a abertura de vinte e cinco hectares para produzir arroz, entretanto não possuíam maquinários e estes foram alugados de fazendeiros vizinhos por um valor extremamente alto. O custo da correção do solo também encareceu a produção. (Castro, 2002, p.88).

Fracassada a safra, a grande maioria dos parceiros, não conseguiu saldar os compromissos com o Banco da Brasil, fato também comprovado pelas entrevistas com as colaboradoras. Endividados e sem crédito bancário, não tinham como continuar a produzir, assim muitos assentados pelo INCRA acabaram por vender seus lotes a preços baixíssimos. Alguns voltaram para o Rio Grande do Sul, outros foram tentar a sorte na cidade de Lucas do Rio Verde e outros ainda, tentaram ganhar terra em outros assentamentos.

Os parceiros em sua grande maioria abandonaram suas terras ou foram obrigados a vender seus lotes para poder voltar com a família para seu local de origem. No ano de 1983 das duzentas e três famílias que foram assentadas no projeto original apenas 18 continuavam em seus lotes. (Castro, 2002, p. 88)

Vários fatores lavaram esses parceiros a abandonar as suas terras no assentamento. Desde a falta de apoio do governo federal através do INCRA até a violência e a coação imposta pelo responsável pela execução do projeto. Corrupção, pressão dos próprios funcionários do INCRA sobre os parceiros para que estes vendessem suas terras, pressão de compradores, sejam proprietários rurais próximos ou não, comerciantes da região capitalizados, além das intimidações e ameaças fizeram com que os assentados deixassem suas terras ou as vendessem mesmo sendo a venda ilegal. (Zart, 1998, p. 156). Houve assim um processo de concentração fundiária.

Em 1985 a Cooperlucas “expandiu suas atividades recebendo alto investimento do programa [PRODECERII] possibilitando a construção de um complexo agroindustrial que serviu de apoio ao produtor local.” (ROCHA, 2006, p.51). O PRODECER II foi um convênio assinado entre os governos do Brasil e do Japão com o objetivo de estimular a pesquisa e o cultivo da soja no cerrado. Esse acordo possibilitou investimentos em infra-estrutura da Cooperlucas o que impulsionou também o desenvolvimento do agronegócio em Lucas do Rio Verde.

Esse mesmo programa ajudou a implementar o Projeto Piúva que assentou outros colonos em 1986. Esses últimos assentados chegaram a Lucas do Rio Verde em uma condição totalmente diferente dos parceiros, pois não eram descapitalizados e muitos possuíam experiência na agricultura.

Apostando no desenvolvimento do agronegócio Lucas do Rio Verde passa a produzir soja, milho e algodão. Entretanto a suinocultura e a avicultura também se desenvolveram.

Produção Agrícola-Quantidade Produzida

Ano:	Soja	Milho	Algodão
2004	528.142	332.030	49.722
2005	744.436	529.326	33.760
2006	684.032	59.030	27.186
2007	623.758	709.221	52.372
2008	758.789	691.221	36.938
2009	704.025	804.370	18.378
2010	756.649	794.016	36.216

OBS: Em toneladas

Fonte: IBGE

Pecuária-Aves/Suínos

Ano:	Suínos	Aves	Aves ²
2004	82.050	55.443	39.734
2005	86.362	58.215	20.734
2006	94.990	64.034	22.793
2007	102.008	23.230	182.000
2008	182.599	23.230	1066.131
2009	194.145	367.108	3.000.000
2010	132.801	615.101	2.790.123

OBS: Em cabeças

Fonte: IBGE

Aves¹:Galinhas

Aves²: Galos, Frangos, Frangas, Pintos.

O município investiu, nos primeiros anos do século XXI na superação do problema energético com a construção Usina de Canoa Quebrada. A Pequena Central Hidroelétrica (PCH) Canoa Quebrada foi construída no Rio Verde na divisa dos municípios de Lucas do Rio Verde e Sorriso a 380 km de Cuiabá. Possui uma potência instalada de 28MW, gerando uma média anual de 200.000MW/hora, o que possibilita suprir de energia elétrica uma cidade de cem mil habitantes. A Usina entrou em funcionamento em dezembro de 2006, provendo assim a demanda energética e contribuindo para o desenvolvimento econômico da região, possibilitando a instalação de indústrias no município.

Com a estruturação de um Distrito Industrial criou também a oportunidade para instalação de empresas como a Danica, Termointustrial Centro Oeste, multinacional dinamarquesa que produz sistemas termoisolantes, foi inaugurada em 2007.

Outra empresa a se instalar em Lucas do Rio Verde foi a Fiagril Biodiesel. Produzindo biodiesel com matérias-primas renováveis como soja, algodão, girassol, amendoim, mamona, pinhão-manso, gergelim adquiridos de produtores da região. A Fiagril entrou em operação em janeiro de 2008 e tem a capacidade de produzir aproximadamente 410 mil litros/dia, ou seja 123 milhões de litros/ano.

Em outubro de 2008 a Sadia deu início à operação da Unidade Agroindustrial de Lucas do Rio Verde. Funcionam nessa unidade: granja de suínos, granja de aves, incubadora de pinto de corte, armazenamento de cereais, frigorífico de frangos, fábrica de industrializados e abatedouro de suínos. A previsão é que a Sadia em Lucas do Rio Verde tenha a capacidade de abater 375 mil aves por dia. A unidade de Lucas deverá gerar cinco mil empregos diretos e a empresa construiu cerca de 1500 casas para serem alugadas para seus funcionários.

Ainda em 2008 entrou em funcionamento em Lucas do Rio Verde a fábrica da Amaggi. Com a capacidade de processar 2750 mil litros toneladas por dia. A fábrica produz farelo de soja e óleo degomado. A unidade instalada em Lucas do Rio Verde gera 144 empregos diretos e 40 terceirizados.

A agro-industrialização é o setor que mais emprega hoje em Lucas do Rio Verde, e poderá no futuro gerar milhares de empregos. Para fazer frente à demanda de mão de obra a administração municipal sempre investiu na educação, de acordo com os dados do IBGE (2010) cerca de 93% da população é alfabetizada, demonstrando forte investimento do município na área da educação.

Percebe-se também um forte investimento no setor da habitação com a instalação de bairros para as mais diversas camadas da população. Outro setor que o município investe é na saúde com a construção de postos de saúde e nas constantes ampliações do Hospital São Lucas.

Mas em Lucas do Rio Verde existem graves problemas também, como a violência urbana e um problema bastante grave e atual que é a contaminação do leite materno por agrotóxicos.

Entrei em contato com as mulheres que entrevistei (as colaboradoras) na cidade de Lucas do Rio Verde em março de 2006 quando da minha primeira viagem para aquela cidade. Realizei ao todo onze entrevistas, das quais uma não utilizei. As entrevistas foram realizadas em duas etapas, na primeira entrevistei seis colaboradoras e três meses depois mais cinco, entretanto acabei optando por trabalhar com dez.

Como já foi dito anteriormente, o objetivo da pesquisa foi investigar e entender, a partir de relatos orais e tendo como pano de fundo a colonização da região da Gleba Rio Verde hoje Lucas do Rio Verde, de que forma essas mulheres migrantes, com suas dificuldades e perdas deram um outro significado as suas vidas, transformando suas privações e circunstâncias críticas do seu cotidiano em oportunidades para mudar suas histórias de vida e de que forma elas tornaram-se agentes ativos de suas próprias histórias.

A partir da primeira entrevista foi sendo montada uma rede em que a primeira entrevistada apontou mais duas possíveis colaboradoras e outra apontou mais três e assim sucessivamente. Uma das entrevistadas eu já conhecia, pois, tinha sido minha aluna e assim fechamos onze entrevistas.

Não tinha um perfil pré-definido para as colaboradoras, tinha estabelecido a comunidade de destino, a colônia e estabelecemos junto com elas, as colaboradoras, a rede. Contava também com a boa vontade de quem se dispusesse a narrar sua história e que tivesse chegado a Lucas no início da colonização.

Entretanto as entrevistas espelham um pouco a composição dos grupos que chegaram a Gleba Rio Verde no início do processo de colonização. Entrevistei três mulheres ligadas aos “parceiros” (os que receberam lotes do Incra). Uma entrevistada fez parte do grupo de colonos denominados de “paulistas” que compraram seus lotes junto ao Incra e faziam parte da Cooperativa Agropecuária Mista de Lucas do Rio Verde – Cooperlucas e ligados a projeto Piúva. Outra colaboradora chegou à região que é hoje Lucas em 1980, onde sua família havia adquirido uma pose, sua chegada a esta região antecede a colonização oficial. Três entrevistadas fazem parte de um grupo de pessoas que compraram suas terras no início da colonização, mas não estão ligados a nenhum dos grupos referidos acima. Uma colaboradora e seu marido chegaram a ganhar um lote do Incra, no início da colonização oficial, mas devido a violência e a insegurança preferiram deixar Lucas. Essa colaboradora e seu marido retornam a Lucas do Rio Verde uns dez meses depois, quando a situação havia se modificado. Fixou residência na cidade e mora lá até hoje. Entrevistei também uma colaboradora que chegou a cidade para morar em 1986. Formada em jornalismo foi visitar os pais que haviam adquirido um lote em Lucas, visualizaram oportunidades e receberam propostas de emprego pouco tempo depois já estavam morando em Lucas do Rio Verde, local que vivem até a presente data. Dessa forma fica quase que representa os mais diversos grupos que compuseram a população luverdense.

As entrevistas, em sua maioria, foram realizadas nas respectivas residências das entrevistadas em horário e dia por elas definidos. Das onze entrevistas duas não foram realizadas nas casas onde moravam as colaboradoras. Uma entrevista foi feita no local de trabalho e outra foi feita na casa de uma amiga, pois fui entrevistar uma colaboradora e aproveitei e entrevistei a amiga dela que também chegou a Lucas em 1982, ou seja, no início da colonização.

Foram entrevistadas onze mulheres. Algumas narraram suas histórias com mais espontaneidade, outras foram mais reservadas. Por vezes foi necessário retomar o assunto anterior para depois iniciar outro sobre determinado acontecimento da vida da colaboradora, pois percebia certa dificuldade de algumas entrevistadas em narrar suas histórias de vida para

uma pessoa de outro sexo. É possível em determinados momentos perceber na fala de algumas colaboradoras o silêncio ou o riso meio vergonhoso.

Outra dificuldade encontrada foi trabalhar com o aspecto emocional de algumas mulheres entrevistadas. Emoção estas representadas pelas lágrimas, sorrisos, silêncios, pausas, suspiros, gestos como colocar as mãos nos rostos. Um fato que chamou a atenção é que algumas colaboradoras sentiam que tinham uma história de vida para contar e queriam contar e contaram a seu modo, com algumas dores, com alguma magoa.

Também ficou bem claro nas entrevistas que existiam histórias diferentes a serem contadas. Não procurávamos uma história única e nem consenso nas histórias de vida, mas ficou às vezes exposta, e por vezes mais velada as críticas entre os grupos pioneiros na fundação ou criação do município de Lucas do Rio Verde.

Seguimos nas entrevistas uma trajetória não muito cronológica, por vezes cheia de idas e vindas. Entretanto foram às colaboradoras que acabaram determinando o que elas queriam falar. Não houve em momento nenhum a tentativa de impedir que a narradora deixasse de fazer suas divagações e comentários. A maioria das colaboradoras, logo no começo das entrevistas, identificavam-se dizendo nome, estado civil, onde e quando nasceram e contavam um pouco de suas vidas antes de chegar a Lucas do Rio Verde. Algumas falavam um pouco da infância, da adolescência, mas rapidamente chegavam ao assunto do deslocamento do sul para Mato Grosso e continuavam a narrar suas vidas, seu cotidiano, seu trabalho, as dificuldades enfrentadas e as estratégias para superá-las.

4. Histórias Oraís de Vida

Nesta parte do trabalho pretendemos fazer uma reflexão sobre a relação entre a história oral e a história oral de vida. A história oral a qual optamos trabalhar tem como questão fundamental a elaboração de um projeto que possui um conjunto de procedimentos. Estará constando também no projeto o grupo de pessoas a ser entrevistado, pois, a entrevista deve estar necessariamente fundamentada nesse projeto. No projeto deverá estar estabelecido também o grupo de pessoas que serão entrevistadas, comunidade de destino, colônia a rede. Essas entrevistas são narrativas que nascem na memória. Segundo Meihy “o que se busca nas entrevistas é informação ou impressão das pessoas sobre eventos do passado” (2005 p.54) As entrevistas são diálogos estabelecidos entre duas pessoas, o entrevistador e o entrevistado, neste trabalho chamado de colaborador.

São entrevistas (diálogos gravados) que devidamente trabalhados em um processo transcriativo se transformarão em fontes ou documentos. É bom que fique claro que a história oral não é somente entrevista, voltamos a afirmar que história oral é um conjunto de procedimentos e que o projeto é fundamental. As entrevistas são neste trabalho a base documental, o corpus documental principal.

A história oral a qual optamos por trabalhar tem por princípio que só se entrevista uma pessoa se esta autorizar a gravação. Afirma Suzana Ribeiro “a primeira ponderação a respeito da realização das entrevistas é que todas foram gravadas com a autorização da pessoa que narrou sua história.” (Ribeiro, 2007 p.177)

A entrevista é um diálogo e nesse sentido a relação entre entrevistador e entrevistado é de colaboração, visto que a participação deste último é espontânea.

De acordo com Meihy “colaboração é um processo de interação... ao conjunto de praticas que envolvem os dois lados, desde o começo do trabalho com entrevistas, chamamos colaboração” (MEIHY, 2008 p.120), portanto ao entrevistado devemos chama-lo agora de colaborador, que é aquele que narra sua história e que sem ele a história oral não existe.

A cooperação é outro termo importante a esta historia oral que deve ser entendida como um “operar junto” na produção da entrevista que se transformará do texto/documento.

Este trabalho é um estudo sobre história oral de vida de mulheres que sobreviveram à experiência de um processo de colonização na década de 1980, com todas as suas dificuldades e percalços, na região da Gleba Rio Verde, no médio norte do estado de Mato Grosso, cujo núcleo urbano se transformaria na cidade de Lucas do Rio Verde.

O corpus documental no qual se assenta este trabalho são as entrevistas que fiz com mulheres migrantes, com idade superior a trinta e cinco anos e que chegaram a Lucas do Rio Verde no inicio do processo de colonização da região. São mulheres, são migrantes e são trabalhadoras.

Meu intuito foi registrar a voz, as vivências as experiências, e a vida cotidiana dessas mulheres, silenciadas pelas fontes oficiais.

Para Portelli “as fontes são as pessoas” (1996 p.60) e estas pessoas dependem de suas memórias para narrar suas histórias de vida.

Segundo Andrea Paula dos Santos “a história oral de vida se diferencia por ser a maneira mais pessoal e particular de registro da experiência” (SANTOS, 1996 p.19) Ao refletir sobre as narrativas orais de vida das colaboradoras é preciso ponderar sobre certas dificuldades enfrentadas pelo pesquisador no momento das entrevistas. Como as histórias

orais de vida são narrativas muito pessoais os momentos de emoção foram situações extremamente constrangedoras e por vezes nos deparamos com circunstâncias muito difíceis ao ponto de interromper a gravação, quando Dona Anita diz “... o senhor dá licença um pouquinho só. Como diz o homem da novela manteiga derretida fico chorando...”.

Em outra entrevista a emoção também incomodou outra colaboradora. Rosa se emociona quando fala de seu pai que retornou ao Rio Grande do Sul e teve que recomeçar a vida. Nesse momento a entrevistada fica de olhos marejados, emocionada, mas continua sua narrativa com a voz um pouco embargada.

Houve outros momentos em que a emoção aflorou e algumas entrevistadas conseguiram disfarçar com sorrisos, às vezes com frases de efeito e em outras vezes com entonação de voz mais forte.

Como afirma Suzana Ribeiro “muitas narradoras não se sentem a vontade para acessar suas lembranças e compartilha-las” (RIBEIRO, 2007 p.178). É nesse sentido de não se sentir a vontade para compartilhar suas lembranças que deparei com outra dificuldade, a de entrevistar mulheres.

Em seu Manual de História Oral, no capítulo referente às “Condições das entrevistas” Meihy interroga: “É melhor um homem entrevistar uma mulher ou não?” (MEIHY, 2005 p.111). A resposta a essa pergunta parece ser bastante difícil, mas foi um desafio para o historiador, pois, tem que aguçar sua sensibilidade para poder dar a essa inquietação uma resposta. Só percebi as dificuldades dessa questão ao trabalhar com as entrevistas a mim concedidas pelas colaboradoras.

Apesar de todas serem bastante receptivas, algumas foram mais reticentes como Dona Manuela quando diz “... eu acho que eu não vou falar...” ou outras colaboradoras que usaram a expressão “não me recordo”.

Percebo que havia de alguma forma certa resistência das mulheres entrevistadas, das colaboradoras em narrarem suas histórias de vida, suas experiências mais pessoais. Entretanto essas dificuldades foram sendo superadas a partir do respeito e da seriedade com a qual foram conduzidas as entrevistas. Como bem observa Meihy “respeitar sempre a exposição do outro observando seus valores e sua visão de mundo” é por princípio o que se deve fazer os que trabalham com história oral de vida (MEIHY, 2005 p.149).

Preocupado em aprender o cotidiano dessas mulheres moradoras de Lucas do Rio Verde e ao mesmo tempo perceber suas estratégias para a superação de suas dificuldades no

enfrentamento do dia-a-dia em meio ao processo de colonização da Gleba Rio Verde, decidi trabalhar com fontes orais obtidas através de entrevistas. Dentre os procedimentos importantes na história oral uma delas é relevante, ou seja, a opção entre os tipos ou gêneros mais adequados ao meu trabalho.

A possibilidade de utilização da história oral de vida colocou-se como a mais viável, pois procurava visões e versões de experiências vividas e narradas por mulheres que viveram e testemunharam um processo específico de colonização.

Optei por uma história oral (de vida) onde o entrevistado, colaborador é mais importante “porque o que mais vale em história oral de vida são as versões individuais dos fatos” (MEIHY, 2007 p.34) e seus aspectos cotidianos.

Neste gênero de história oral o colaborador narra suas experiências com mais liberdade, não está limitado a somente responder perguntas a partir de um questionário fechado. A sua narrativa só obedece a uma periodização por ele mesmo estabelecida, a partir dos fatos que o narrador julga importante na sua história de vida.

Para o historiador que opta por trabalhar com a história oral de vida os testemunhos vivos, a entrevista é transformada em documento que possui uma carga de subjetividade.

Outra questão que a história oral de vida levanta é sobre a verdade. Nesse sentido Ecléa Bossi afirma que

a veracidade do narrador não nos preocupa com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas sequencias que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida. (BOSI, 1994 p.37)

Uma reflexão sobre a história oral e história oral de vida não se esgotam nesses assuntos apresentados acima, entretanto nosso objetivo foi fazer algumas reflexões sobre a história de vida de mulheres migrantes.

PARTE II
NARRATIVAS

ELIANA

Natural de Concórdia em Santa Catarina. Casada. Chegou a Mato Grosso em 1980 primeiro em Sorriso e depois em Lucas do Rio Verde. Empresária do ramo imobiliário. Quando chegou a região da Gleba Rio Verde a cidade de Lucas ainda não havia sido criada.

Em sua entrevista Eliana narrou acontecimentos anteriores a surgimento do município de Lucas, falou sobre o seu trabalho junto ao seu marido logo quando chegou à região, quando não existia nada na Gleba Rio Verde. Contou das dificuldades do trabalho na lavoura nos primeiros tempos em Mato Grosso. Falou do desenvolvimento da cidade e como viu o crescimento da cidade. Eliana foi entrevistada no local onde funciona a sua imobiliária.

ELIANA

- Valeu muito a pena porque junto com a cidade cresceu um amor muito grande pelo local porque tudo a gente viu nascendo, eu vi tudo isso nascer, crescer desde o primeiro habitante até agora...

Meu estado civil: casada há 25 anos. Casei em 1980, casei e vim embora para Mato Grosso. Eu sou de uma família de sete irmãos e quatro filhos. O mais velho já formou agora esse ano em administração e comércio exterior. Têm mais dois fazendo faculdade em Cuiabá, a filha faz direito e administração e o menino faz agronomia e a outra está ainda no ensino médio, é isso mais ou menos.

A minha infância na verdade eu vivi assim, cinco anos em Santa Catarina. Então, o que eu me recordo é de um local bem montanhoso, com meus pais sempre trabalhando na agricultura, com muita dificuldade para desenvolver o trabalho, porque lá é muita pedra, era só o trabalho braçal, não tinha como ser mecanizado porque eram pequenas lavouras. Então meus pais sempre foram pequenos agricultores, uma agricultura mais familiar. Desenvolviam todo o trabalho, desde, por exemplo, o açúcar, que era produzido em casa, o café era produzido em casa, o arroz, erva mate, tudo era caseiro, num sistema muito familiar. Aí, em 1967, eles resolveram mudar para o Paraná. Então foi quando a gente mudou para o Paraná, para o município de Paulotina. Assim, naquela esperança de conseguir comprar um terreno maior, de fazer, de produzir melhor, de produzir mais, já que meus pais se preocupavam muito porque eram sete filhos pra criar e eles teriam que plantar uma área maior pra dar sustento para os filhos, para criar a gente. Aí nós fomos para o Paraná com toda a dificuldade do mundo, novamente, porque foi numa época que estava desmatando; até desmatar tudo aquilo, era uma mata muito pesada, era tudo braçal. Então eu me recordo assim da minha parte da infância ter acompanhado meus pais nessa fase de mexer com agricultura. Chegou à idade escolar, meio dia a gente ia para escola, meio dia o pai fazia a gente ir com eles para

lavoura. Então a gente sempre acompanhou plantação de mandioca, de feijão, de arroz. Teve uma época de plantação de hortelã a qual a gente acompanhou também; e assim foi se desenvolvendo. Era tal história, eu ainda venho de uma família de italianos bem teimosos. Minha avó veio da Itália, região da Sicília, até ela faleceu agora, em novembro, com noventa anos de idade.

Então, nessa família de italianos, eu digo, assim, um tanto atrasados, eles dizem que homens poderiam estudar e mulheres não. Porque se mulher estudasse não teria valor nenhum porque iria lavar prato e fazer as coisas para o marido quando casasse. Então fiquei um período sem poder estudar por uma briga com meus pais, meu pai principalmente. Aí depois eu resolvi sair, trabalhar na casa de uma tia para poder voltar a estudar. Aí a gente viveu ali em Paulotina até eu completar 18 anos; aí me casei, me casei muito jovem também.

Com 18 anos de idade eu casei em Paulotina, conheci meu atual esposo, os dois com muitos sonhos na cabeça. Eu na época em que namorava ele eu trabalhava em farmácia, morava em apartamento e fazia o ensino médio. Mas dois malucos de repente se uniram e resolveram vamos embora, vamos embora. A gente ouvia falar muito de Mato Grosso, como que seria Mato Grosso? Mas sem experiência nenhuma, porque sempre a gente acompanhou o serviço dos pais, mas para a gente começar a tocar um negócio nosso era totalmente diferente. Resolvemos vir. Larguei os estudos, larguei a profissão, que eu trabalhava em farmácia, totalmente diferente, e casamos. E viemos embora. Chegamos aqui.

Nós chegamos aqui em Mato Grosso. Nós casamos em 24 de maio de 1980. Casamos no Paraná. Aí a gente saiu de lá, nós chegamos aqui dia 05 de junho de 1980. Então era uma eterna aventura, porque era uma coisa muito louca; parecia que jamais a gente chegaria nesse lugar. Saímos com uma caminhonete Aero Willys antiga, daquelas que não fazia mais que 40 quilômetros por hora, numa distância de quase dois mil quilômetros, e quando chegamos a Cuiabá acabou o asfalto. Nossa! Para onde que nós vamos? Nós vamos seguir mais trezentos e cinquenta quilômetros adiante, meu senhor.

Na verdade a gente saiu para Sorriso. Nós tínhamos comprado uma terra em Sorriso, na região de Caravajós, que é uma região de Sorriso. Então nós iríamos até Sorriso. Aquilo foi uma coisa muito louca, para quem nunca havia saído de casa nem para muito longe nem nada e de repente você pega aquela estradinha de chão que não chega nunca.

Chegamos em Sorriso, e tinha o quê - umas catorze casas no total. Tinha a colonizadora, um postinho de gasolina, uma merceariazinha, e era aquilo que tinha. A gente

se estabeleceu, a princípio, numa olaria que tinha uma fábrica de tijolos. Cederam uma casinha pra gente ficar na beira do Rio Lira. A gente ficou alguns dias instalados.

Aí a gente ficou instalados ali. Lavamos roupas junto com as outras mulheres que moravam ali; até entrei no Rio Lira com uma tábua igual aquelas mulheres do nordeste que fazem aquilo. Não era o que a gente imaginava; mas, tudo bem, vamos lá! É um sonho que temos que conquistar. Foi assim. A terra que a gente tinha adquirido em Caravajos, ela ficava a certa distância de Sorriso. As estradas não davam bom acesso pra gente; e, nesse período, surgiu essa terra aqui em Lucas do Rio Verde que era uma posse de um senhor chamado Robson Duarte, que morava em Sergipe. Compramos dele essa posse. Lucas do Rio Verde não existia. Era assim, uma terra de posses só; onde hoje é a cidade antiga era só uma fazendinha onde tinha algumas cabeças de gado, e tinha o batalhão do 9º BEC na beira do Rio Verde; era só. O contato que a gente tinha era com o pessoal do batalhão do 9º BEC. Comprou essa posse e viemos para cá.

Vendemos essa terra de Caravajos e compramos uma posse aqui. Compramos na época três mil e duzentos hectares de terra. Já fazia um ano e meio que a gente estava aqui, que entrou o Incra com a desapropriação para colocar o pessoal. Os sem-terra que estavam em Nonoai, no Rio Grande do Sul, na Encruzilhada Natalino, e que eles teriam que ser instalados aqui. Nisso nós perdemos bastante com essa desapropriação das terras. Nós perdemos bastante da nossa propriedade. Mas não desanimamos; foi bem difícil no início porque nós não tínhamos onde ficar. Ficamos numa casinha ali que era dos pistoleiros desse tal de Robson, esse posseiro, que havia construído uma casinha de três por cinco de madeira, com chão batido. Então a gente não tinha nem condições de pegar água. Nós encostávamos, no final da tarde, a caminhonete, de ré no Rio Verde e enchia a balde a caixa de água e trazíamos. Fervia a água e colocava naqueles filtros de barro para filtrar para no outro dia poder beber daquela água. Então eu passei mais ou menos uns seis meses assim. Eu lavava roupa ali, porque era meu esposo e um tio dele, tio Fausto, que veio junto com a gente para tratar a terra. Então eles iam trabalhar, mas eu ficava sozinha no meio do cerrado. Ali eu mal ouvia o barulho dos tratores: era a referência que eu tinha que não estava tão distante deles era o barulho dos tratores. Mas como havia muito pistoleiro na época, existia aquela história toda que havia onças e etc. e tal, e eu tinha que lavar roupa, eu tinha que ficar fora do barraco para lavar roupa. Eu lavava roupa normalmente com a espingarda encostada no tanque e o revólver na cinta, digo “bem, de repente eu me sinto protegida fazendo isso, né?”. E foi uma história bem interessante. Na parte da manhã eu fazia isso, arrumava o almoço, fazia as coisas que

tinham que ser feitas, e à tarde eu ia para a lavoura. Então, na época tinha catação de pau, era derrubado o cerrado no correntão, depois ia com trator e sobrava todos aqueles paus pra catar. Então vamos lá catar toco e fazer os montinhos para pôr fogo. Então era uma vida totalmente diferente da vida que eu tinha. Eu que trabalhava em farmácia - era fazer injeção, curativo, essas coisas muito delicadas; e, de repente, me vi no meio de uma lavoura, tendo que cuidar de uma lavoura. Mas era o que a gente havia proposto e foi assim que acompanhei meu esposo desde o início, desde a catação de pau; aí fomos plantar arroz. Os primeiros dois anos foram dois anos bem difíceis para nós, porque não tínhamos experiência nenhuma com a terra de cerrado. Depois que a gente foi ver que a terra de cerrado é totalmente diferente da terra de mate que a gente tinha no Sul. Lá não exigia tanta adubação, a gente até então não sabia da existência desse alumínio no qual a gente teria que rebater ele com o calcário. Depois com o tempo que a gente foi vendo, então tivemos nos dois primeiros anos, dois anos de frustração na safra. Não colhemos nem pra pagar o que a gente devia. Foram dois anos bem difíceis, mas a gente nunca desanimou, “não vamos embora, um dia vai dar certo, um dia vai dar certo!”. E nesse período que teve essa desapropriação, aí veio a polícia federal, veio tudo sabe; porque assim, eles achavam que a gente estava invadindo e nós na inocência, nós havíamos comprado uma posse. Então nós passamos por vários medos e várias coisas.

Aí veio esse pessoal, esses assentados vieram e a gente até prestou serviço para eles com máquinas e tal. Mas como eu ainda sou da opinião de que os sem-terra devia ser feita uma seleção porque nem todos eles querem a terra para trabalhar, eu acho até que o que eu sempre pensei acabou se concretizando. Que dos duzentos e dezoito que vieram, hoje nós temos acho que treze ou catorze só moradores ainda aqui. Todos acabaram vendendo e indo embora. Muita gente fala que o governo dá terra, mas não dá assistência, mas não é bem verdade. Porque na época que eles moraram, a gente acompanhou tudo desde o princípio, então sabe muito bem como que eram tratados, nós como posseiros não tínhamos direito a reclamar nada, nem sequer podíamos abrir a boca para reclamar nada.

A documentação nós não tínhamos. A gente foi tratado como invasor. Então eles tinham apoio de supermercado como a Cobal, que eram aqueles caminhões furgões que vinha, abastecia, trazia toda assistência para eles. Eles tinham auxílio de gás, auxílio de dentista, eles ganharam material para fazer as casas, eles ganhavam adubo, ganhavam sementes, então não é assim que faltava apoio? Eu acho que faltava boa vontade das pessoas. E para mexer com agricultura, com campo, você tem que ter vontade, mesmo que você não conheça você tem que gostar daquilo que você vai fazer. Você tem que confiar que aquilo que você tá fazendo

vai dar certo. Agora se você cruzar o braço e deixar acontecer, não vai dar certo nunca; nunca mesmo!

Na verdade, assim, a imagem que nós, os sulistas pelo menos, sempre tínhamos de Mato Grosso era um local que tinha muita mata, muitos bichos e que a situação era bem complicada. Então eu até me admirei, achei muito legal quando cheguei, que apesar de ser um lugar pequenininho - Sorriso era um lugar pequenininho -, mas era um lugar bacana, as pessoas que já estavam aqui eram pessoas que vieram com vontade de crescer, com vontade de ser alguém. Mas a gente lá sempre imaginou que Mato Grosso seria mato, bicho, onça, essas coisas mais. Não imaginava que fosse realmente assim, então foi bem melhor do que eu imaginava. Mato Grosso foi muito melhor. Apesar das dificuldades que a gente enfrentou, mas a região me surpreendeu, achei, as poucas pessoas que a gente encontrou aqui já eram pessoas que vieram com sonho grande e graças a Deus a maioria delas hoje conseguiu realizar.

Na verdade, na época trabalhava meu marido e um tio dele que Fausto, tio do ex-prefeito daqui também, parente da gente. Então eu fazia o almoço, eles vinham meio-dia, os dois vinham para casa, almoçavam e daí em seguida eu já ia com eles pra lavoura e a gente ficava na lavoura até escurecer. Era assim, tudo era feito com muita precariedade, nós não tínhamos fogão a gás, era fogão a lenha, lenha que eu cortava no machado. E era dessa maneira que a gente sobrevivia aqui. Carne não tinha como, a não ser pesca ou caça, porque açougue só tinha em Sinop, então tinha que aprender a sobreviver com mínima coisa mesmo.

Peixe tinha bastante. Aprendi a esfaquear peixe e mil e uma coisas, fazer filé. A gente ia ao Rio Verde, meia hora de barranco, você já tinha peixe pra comer durante dois três dias. Caça também era fácil, fácil na época que a gente veio pra cá. Então basicamente era assim. Depois esse tio trouxe a família dele. Depois a gente já ficou conhecendo mais algumas famílias próximas aqui dos Genélios, dos Vilaredos que são bem antigos aqui também e foi se formando uma comunidadezinha. O lazer não existia, lazer só o rio, na beira do rio passar umas horas pescando, fazer alguma coisinha assim.

Uma tia que veio com a gente para cá ela era professora lá no Paraná. Ela veio já com três filhos pequenos, então ela alfabetizou eles praticamente em casa. Em 1981, 25 de setembro de 81, nasceu nosso primeiro filho. Eu pensei agora a coisa vai engrossar, porque os anos vão se passando e é preciso que alguma coisa aconteça para que tenha uma escola. Então quando houve aquilo que o Incra veio e desapropriou, a princípio a gente ficou um tanto

revoltado, mas lá no fundo mesmo a gente achou ótimo porque havendo esse assentamento automaticamente viriam escolas.

O estado viria e automaticamente teria que ter escolas, posto de saúde. Porque eu acho que toda a preocupação de um pai e de uma mãe é poder dar estudo para os filhos. Então eu até pensava à noite, deitada; pensava assim “nossa, eu não concluí nem o segundo grau!” Como é que eu vou fazer agora com meus filhos aqui? E é necessário que seja diferente.” Com a vinda desse assentamento veio também as escolas: escola estadual “Dom Bosco”, graças a Deus, a “José de Alencar”, depois e foram surgindo outras escolas e não tivemos problemas, mas era uma grande preocupação nossa. Daí tivemos posto de saúde, daí logo em seguida vieram médicos. Então isso foi interessante também. À vezes é preciso que aconteça alguma coisa - que você perca de um lado mas você vai ganhar do outro.

Onde é a cidade aqui hoje era nossa terra. Daqui até aproximadamente três mil e seiscentos metros para dentro aqui, até onde vai ser instalada a Sadia para cá tudo é nosso. Então hoje aqui esse Loteamento Bandeirante que é nosso também, que a gente parou de plantar soja e partiu para o setor imobiliário. Paramos de plantar em partes aqui porque a gente comprou, adquiriu outras fazendas, então partimos para área imobiliária, mas era tudo em volta aqui da cidade eram terras nossas sim.

Quando começaram a surgir as primeiras casas, os primeiros projetos do que seria uma vilazinha. Nossa! A gente tinha uma expectativa muito grande, porque a gente sempre viveu em cidades estruturadas, com tudo - com cinema, com lanchonetes, com tudo que você tem direito, e de repente você se vê no meio do nada. Então quando o Incra se instalou, já se instalou uma vila que era vila do Incra mesmo, aí já veio telefone, que é o posto telefônico que às vezes você levava doze horas na fila para poder falar com alguém e ainda ficava aquele pessoal na tua cabine: “vamos, vamos, que eu também quero”, porque era muita gente para simplesmente um aparelho de telefone. E às vezes você passa o dia inteiro lá para esperar para falar com tua família e quando chegava sua vez “Pimba!”: não funcionava mais. Então você pensava “Meu Deus!” Quantas vezes eu pensei assim, mas se eu fizesse minha trouxa e fosse embora será que não seria vantagem? Porque eu saí de uma cidade toda estruturada e vim morar num lugar desse. Então tiveram muitos momentos que bateu um desânimo muito grande, aquela vontade de você largar tudo e ir embora, ficar aqui fazendo o que meu Deus do céu? Mas assim, a cada coisinha que ia chegando, era um dentista, era uma farmácia, você crescia junto, aquela expectativa para com o crescimento da cidade, você dizia “nossa já está tomando jeito de vila, tá formando uma vilazinha”. Aí, nossa... quando formou uma vila que

na verdade seria realmente uma vila, a gente já dizia que era uma cidade, que era maravilhoso. Essa era uma das expectativas da gente, porque Cascavel, Toledo, Curitiba, Maringá, Londrina, as cidades que a gente tinha mais contato e de repente você se vê no meio do nada. Aí, a partir do momento que instalaram aquele posto telefônico, para nós foi o céu porque aí deixava-se de ter contato só por carta, indo até Diamantino colocar carta no correio, para poder ir ao Banco do Brasil, que também era em Diamantino só. Nós não tínhamos acesso em outro lugar porque tudo era via Diamantino e era muito complicado porque não tinha ônibus direto daqui a Diamantino. E normalmente aqui não tinha carro, então tinha que pegar ônibus. Daqui ao posto Gil, do posto Gil a Diamantino. Então às vezes para fazer uma transação no banco, alguma coisa assim, você levava dois dias porque tinha que ir daqui ao posto Gil, do posto Gil a Diamantino e daí lá você fazia o que tinha que fazer durante o dia; aí tinha que posar e no outro dia que vinha embora. Então para nós foi maravilhoso que formou a cidade aqui, crescemos junto com ela, vendo cada tijolo ser assentado e vive e mora, né?

A saudade da família era uma coisa complicada por que eu nunca saí de casa para tão longe. Eu saí para estudar, mas eram oito quilômetros da cidadezinha onde meus pais moravam. Aí simplesmente casei e fui embora. Complicado porque às vezes eu mandava uma carta, levava dois meses para vir a resposta, e não tinha outro meio de comunicação a não ser carta ou se alguém que viesse de lá, cruzasse por acaso. E nesse período teve um irmão meu que sofreu acidente, ficou na UTI quinze dias em Cascavel, eu só fiquei sabendo quando já fazia oito dias que ele estava na UTI. Era a situação bem complicada e que eu acho assim tem que ser muito forte pra aguentar esse tipo de coisa. Você tem que ter um objetivo muito grande na vida, para querer vencer para passar por tudo isso porque foram muitas noites mal dormidas e de preocupação com pai, mãe, irmãos que ficaram distantes. Aí depois esse meu irmão que sofreu o acidente, a gente não tinha como se comunicar para saber se estava melhorando ou não, foi uma fase difícil pra gente.

Nós tivemos dois pontos difíceis para nós aqui. A gente chegou dia cinco de junho, e dia seis de agosto meu esposo caiu com malária. Ele pegou numa pescaria que ele havia feito no Rio Teles Pires. Então dia seis de agosto ele começou a ter tremores de frio e febre alta, tremores de frio e febre alta e estava assim..., esse tio só que morava com a gente e mais ninguém, só tinha ali o pessoal do 9º BEC e uma casa em que ficavam os pistoleiros que cuidavam dessa posse que tinha uma senhora e tinha quatro, cinco pistoleiros que haviam matado não sei quantas pessoas na vida deles e que você não tinha contato. De que maneira você ia ter contato mais direto com eles? E ele começou a passar mal e eu entrei em pânico

“vou fazer o que agora aqui?”, uma moça de dezoito anos de idade, no meio do nada, com dinheiro no bolso contado para viver, e ele com febre, febre, febre. Simplesmente acabei fazendo uma trouxinha e indo para a beira da estrada. Vamos para Sinop, lá tinha médico, o Hospital Celeste e tal. Vamos para Sinop! Então vamos! Aí pegamos carona com um caminhoneiro, um boiadeiro; logo próximo a Sorriso o caminhão quebrou. Aí para esperar carona de novo, isso nós saímos daqui sete horas da manhã. Nós chegamos a Sinop nove horas da noite, e o caminhoneiro nos largou na beira da BR, no posto. E eu fui praticamente arrastando o meu esposo até o Hospital Celeste, que dá uma boa distância, acho que dá uns mil e oitocentos metros da BR até o Hospital Celeste. Ele ficou internado sete dias, era malária. A reserva de dinheiro que a gente trouxe foi tudo no médico, não sobrou nada. Aí pegamos carona novamente para voltar. Três meses depois uma aranha me picou à noite, na cama, porque era um barraco de madeira e era aquela que ataca o sistema nervoso. Então foi assim: quatro dias depois foi encaroçando todos os meus músculos. Aí volta para Sinop de novo no médico. Então foi muito complicado, muito, porque onde a gente vivia, no sul, tinha quatro, cinco hospitais, tinham várias farmácias e eu com a experiência que eu tinha de farmácia, fiz ali um *kit* de primeiros socorros tudo, nessa vez que a aranha me ferrou tinha vacina, foi feito na hora ali, falei vamos fazer que vai dar tudo certo, mas tem situações que você não consegue controlar e hospital mesmo a gente só tinha em Sinop. Então assim passamos por dificuldades bem grandes, mas sempre na fé que as coisas iam melhorar.

Só depois que instalou o assentamento do INCRA é que veio o posto de saúde. Em 81, quando meu filho nasceu tinha o hospitalzinho em Sorriso que era do Dr. Carlos Frizan, que hoje ainda é proprietário do Hospital Nossa Senhora de Fátima. Na época era uma casinha de quatro cômodos, de madeira, não tinha nada mais do que isso. Aí a bolsa d'água se rompeu à noite, pelas dez horas da noite. Nós tivemos que chamar um vizinho, outro posseiro, para levar para o hospital. Aí chegamos. Saímos dez e meia da noite daqui e chegamos à uma e quinze em Sorriso, sem mais um pingão de líquido. Era buraco, buraco, buraco, mas chegamos. Lá o Dr. Carlos examinou tudo e falou assim “Olha 90% de possibilidade de parto normal, só que vou falar pra você, se tiver que fazer cesárea, eu não tenho condições, eu só estou com lampião a gás aqui”. Tinha uma enfermeira que era uma irmã, tia dele, irmã de caridade (freira), ele falou “estamos aqui eu e a irmã Jacinta, só nós dois e eu não vou poder fazer nada”. Aí você fica como entre a cruz e a espada, que você vai fazer? Para continuar a viagem nós teríamos mais seis horas de viagem para chegar a Sinop novamente. Então optamos por ficar ali e entregarmos nas mãos de Deus. Graças a Deus deu tudo certo. Quando deu sete e

meia da manhã, nasceu de parto normal, foi tudo bem, mas foi muito complicado, muito complicado.

Nossas terras sempre foram próximas da cidade, era só atravessar a estrada aqui, a BR. Sempre trabalhei em casa. Os dotes de dona de casa a gente aprende, que família italiana você aprende, você tem que dar um jeito. Com seis anos de idade eu já fazia pão de forma, enfornava nos fornos a lenha e a mãe tinha que ir trabalhar e não tinha outro jeito, então isso eu sempre fiz e graças a Deus consegui aprender a fazer pães. Faço até hoje. Faço até hoje com fermento caseiro, fermento de batatinha de litro ainda. Faço bolacha, cuca, o que você imaginar, doces caseiros de todos os tipos, isso eu faço muito bem. Então, continuando, o fato é que, com o tempo que a gente teve aqui... nós tava em 1990. Nós compramos uma loja de eletrodomésticos na cidade, porque era assim: um casal que a gente havia feito amizade com eles - que tinham comprado essa loja aqui, eles eram lá do Paraná -, e eles... a mulher não se adaptou muito ao local, aqui em Lucas do Rio Verde, ela achou assim que a cidade era muito pequenininha, que ia demorar muito para crescer - ofereceram o comércio deles, que era uma loja de eletrodomésticos, móveis e eletrodomésticos. Aí nós acabamos comprando essa loja. Porque como eu trabalhei um tempo em farmácia, dois anos praticamente, eu sentia essa necessidade de ter contato com o público. Os afazeres domésticos só, para mim, eles estavam me limitando muito, eu sentia assim muita solidão porque vai de dia para a lavoura, tinha um filho pequeno e tal, mas não era aquilo só que eu queria, queria outras coisas mais. Acabou que a gente comprou essa loja de móveis. Ficamos um período com ela; depois, pela dificuldade de trazer móveis de fora, - até chegar aqui já vinha com problema e o desconto que o cliente queria já era maior que o lucro que você estava pensando em ter - a gente acabou desistindo da loja de móveis também; e continuamos com a lavoura, mesmo com a desapropriação, mesmo com o que a gente perdeu, continuamos.

Depois disso, eu ainda ajudei um bom período até com trator, ajudando a abastecer plantadeira com adubo. Com o passar do tempo, a cidade começou a desenvolver; aí a gente acabou pegando funcionários pra trabalhar. Aí vieram mais filhos, que vão tomando o tempo, não tem como continuar. Mas era essa lida aí, desde tirar leite, fazer queijo e tudo. Mato Grosso acabou ensinando muita coisa. Em 94 foi que a gente passou a mexer com imobiliária. Aí, em 94, houve assim uma expansão boa da cidade, um crescimento legal, e algumas pessoas vieram e colocaram para nós: “Olha, a lavoura de vocês já está muito em cima da cidade.” Ficava até beirando o asfalto; aí é veneno, uma coisa e outra. “Vocês de repente não achariam interessante fazer um loteamento?” Até foi o antigo prefeito Paulo Nunes que

sugeriu “Por que vocês não fazem um loteamento assim, assim, assim?” E aí veio a idéia de a gente fazer esse loteamento, que a princípio era *Bandeirante*, *Bandeirante I*. Como que nós vamos fazer? Imobiliária de confiança na época? Existiam muito poucas pessoas que trabalhavam nesse setor. Aí meu esposo disse assim “E se agente abrisse uma imobiliária? O loteamento é nosso, se nós abríssemos uma?” Ele falou assim “Eu te auxilio um pouco e você toca essa imobiliária.” Eu falei “Criatura do céu, eu não tenho estudo suficiente pra mexer com uma coisa grande!”.

Nossa lavoura era dentro da cidade, e o *Bandeirante* era assim uma questão de atravessar a BR já estava na cidade. Então, com a possibilidade de a cidade estar crescendo, veio à idéia do antigo prefeito da gente abrir um loteamento novo e que daí deixaria de plantar próximo da cidade, não haveria problema de veneno para as pessoas que moravam ali. Aí surgiu a idéia da imobiliária, aí meu esposo falou “Vamos abrir a imobiliária”. A gente acha alguém que tem Creci para assinar. Vamos abrir a imobiliária, você gerencia e nós vamos tocar essa coisa”. E aí surgiu: abrimos essa imobiliária. É bastante difícil, porque quando você tem estudo você tem uma formação é uma coisa, quando não tem, é diferente.

Foi na raça, levando no peito, vamos embora, vamos levando a coisa e graças a Deus funcionou. Nós conseguimos vender bem os terrenos no início, depois veio aquela crise da agricultura, em 94, que deu um baque que derrubou pra valer. A soja começou a valer menos do que está valendo agora, porque nós infelizmente vivemos num país praticamente todo agrícola, mas não existe uma política para agricultura, é ao deus-dará. A cada ano fico imaginando como que vai ser. O que vai acontecer? Não existe segurança nenhuma para nenhum agricultor brasileiro; quer dizer, eu vou plantar isso eu tenho isso aqui pra pagar e isso vai ser o meu lucro – não! Você está à mercê do câmbio, você fica à mercê do mercado internacional, das catástrofes que vão surgindo, da forma que tão surgindo agora. Então foi uma época bem difícil. Aí, o que nós pensamos? Já eram quatro filhos para criar e para comer; atrás de escola, de uma coisa e de outra; aí a gente ficou com pouco funcionário, não tinha funcionário experiente. Na época optamos por passar a parte do loteamento para outra imobiliária, que daí surgiu, uma imobiliária boa, de confiança. E nós paramos com a nossa durante um período. Mas quem trabalha fora uma vez na vida não consegue ficar em casa. Então agora, no ano passado, início do ano passado, a gente abriu o *Bandeirante II*, reativou a empresa e estamos aí batalhando. Graças a Deus está muito bom, está dando certo e já estamos com outro projeto em andamento. Agora que vamos montar uma construtora, meu filho que se formou agora em administração e comércio exterior, está trabalhando com a gente

também. Vamos montar uma construtora, que, daí, eu mesma terei minha construção junto. Então, eu fugi um pouquinho da agricultura, meu esposo que ficou administrando a agricultura.

Hoje a gente tem uma fazenda. Continuamos na agricultura; plantamos, continuamos plantando. Teve um período que a gente trabalhou com suínos - a primeira granja de suínos do Estado de Mato Grosso, aqui dessa região, foi nossa, nossa e do Otaviano. Começamos juntos; daí trabalhamos um período com suínos também. Ele continua meu esposo, continua na agricultura. Nós plantamos agora em Boa Esperança do Norte, em Sorriso, que é a nossa área maior. Ainda temos aqui uma área, mas uma área pequena, e uma aqui na Orocó. A área maior fica na Boa Esperança, só que eu hoje já estou mais no comércio, não que com isso eu tenha deixado de estar por dentro de tudo que se passa na agricultura, porque tudo passa por aqui pelo escritório. Adubo, semente, tudo passa por aqui.

Então hoje o que a gente vê muito de mulheres de maneira geral, aqui em Lucas tem bastante também, que elas não sabem sequer o que o marido deve. O quanto que ela e o marido devem; porque não é o marido que deve quando é agricultura, eu acho que é a família que deve. Então muitas mulheres não sabem. Hoje, vamos supor, se aconteceu alguma coisa, como o que está acontecendo; acho que, por menos estudo que você tenha, se você quiser, você consegue acompanhar. Então hoje eu sei quanto que é nossa dívida em máquinas, quanto nós temos de custeio para plantio, tudo certinho. Tudo passa por aqui, então eu tenho um contador aqui que faz a parte de contabilidade para mim. Eu vou todo dia, pego o relatório lá e vejo o que está faltando a gente pagar, então eu não deixei de acompanhar a agricultura, mas hoje eu já estou mais no ramo da imobiliária, que é uma das coisas que eu gosto muito e estou agora pretendendo voltar a estudar, quem sabe eu faça uma faculdade agora, quero ver se eu faço.

Naquela época fomos formando laços de amizade. Aí nós fazíamos reuniões, a gente sempre se reunia todos os finais de semana, sábado, domingo. Era uma vez na casa de um, daí nós fazíamos janta, almoço, jogava vôlei, baralho a gente dava um jeito. Aí, começou assim, surgir as pequenas vilas no interior com os assentamentos. Faziam aquelas festas de interior. Nós íamos muito a festas no interior, entendeu? Ai não interessava se tinha carro, acabava pegando toda a vizinhança e carregando junto e passava o dia naquilo. Quando começaram a surgir os primeiros centros de lazer aqui na cidade, que aí começou lanchonete, uma espécie de sala de dança, coisas assim, então foi bacana porque sempre a gente teve envolvido no lazer. Por um bom período a gente teve envolvida também no clube de recreação que tem

aqui, o Clube Siriema. A gente foi da diretoria durante muito tempo. Então era festa de igreja, era baile, era torneio, tudo isso, rodeio; a gente sempre estava envolvido. Tinha sim um lazer, por pouco que fosse - um joguinho de vôlei, tinha um baile, tinha matinê. Hoje já não existe muito disso não, essas festas de igreja já foram terminando.

Algumas vezes a gente fazia até doze, quinze quilômetros de trator, para chegar na tal festa; mas que ia, ia. Chegava lá de cabelo duro, empinado, mas tudo bem: passava uma água no rosto, penteava o cabelo, estava lindo, maravilhoso; vamos festejar, depois vamos embora. Então era realmente assim, havia essas festas de comunidade do interior na qual tinha churrasco, música e jogo de vôlei, jogo de bocha, que eles chamam; que é um jogo diferente, que os italianos usam muito. Como aqui na região tem muitos sulistas, então trouxeram esse lazer pra cá.

A avaliação que eu faço da minha vida aqui em Lucas é bem interessante, eu acho que tudo que a gente passou, todo sofrimento que a gente passou, valeu, valeu muito a pena, porque junto com a cidade cresceu um amor muito grande pelo local, porque tudo a gente viu nascendo. Eu vi tudo isso nascer, crescer, desde o primeiro habitante até agora, é um acompanhamento que a gente faz, e eu não troco nada desse Brasil por Lucas de Rio Verde. Lucas do Rio Verde é tudo pra gente. Então hoje a gente viaja de férias; este ano a gente foi para o nordeste; vai para o sul; a gente cansou de ir. Você vai para tudo que é lado, mas sempre existe aquela vontade de voltar, então existe amor muito grande por uma cidade que você viu nascer. Uma cidade na qual a gente teve época que desanimou, pensou “Meu Deus, isso não vai dar certo!” Todos os assentados começaram a ir embora, esse pessoal a gente imaginou, o Incra veio, desapropriou, fez tudo que fez e agora será que a cidade vai morrer, que não vai dar certo porque essa crise que a gente vive hoje, a gente já viveu várias vezes, crises parecidas. Então teve época aqui você olhava tinha tanta placa de “vende-se” que dava desânimo. A gente achava assim, meu Deus isso aqui vai acabar e não pode ser assim. E de repente você vê a cidade surgir do nada. Então eu acho que valeu muito a pena tudo que a gente passou. Adoro morar aqui, eu tenho minha casa ali no centro. Não quero perder o contato com a agricultura, com o campo porque eu acho que é uma coisa assim muito saudável até para os filhos da gente, tudo agora o nosso próximo projeto é construir uma casa boa na fazenda, nos fins de semana a gente pode passar na fazenda.

Mas a cidade trouxe muita coisa boa. Amo de paixão essa cidade. Eu acho que ela tem muito a oferecer, que tem muito a expandir ainda, que vai crescer muito ainda, se Deus quiser. Mas hoje Lucas tem praticamente tudo que a gente quer; se eu quero ir ao cinema ou ao teatro

eu vou para Cuiabá. Mas do resto nós temos. O estudo daqui é muito bom, meus filhos todos que fizeram desde o maternal e até o segundo grau fizeram aqui daí saíram. O mais velho prestou três vestibulares, passou em todos, a minha filha também prestou cinco vestibulares, passou em todos. O último agora prestou dois, passou também. Então eu acho assim ela oferece pra gente o necessário. Então valeu muito a pena sim; amo de paixão morar aqui em Lucas do Rio Verde na cidade, e adoro o campo também. Mas assim para finais de semana em termos mais de lazer mesmo. A minha atividade profissional eu tenho aqui na cidade.

Bom, hoje o que eu posso dizer para você, hoje eu me sinto uma pessoa realizada, em vários sentidos. Então profissionalmente eu acho que tem muito a crescer, mas estou numa fase muito boa e quero voltar a estudar que é um sonho que ficou estacionado lá atrás. Meus filhos estão se formando, fazendo faculdade e eles cobram um pouco também. Hoje a gente já tem universidade aqui também, tem condições de fazer, então quero voltar a estudar. Faço parte de um grupo político, já estive bem envolvida com política também, já fui candidata a vereadora, já trabalhei muito na política, hoje sou vice-presidente do PFL de Lucas do Rio Verde. Então essa é uma parte da minha vida, do meu cotidiano. Nós temos um grupo de voluntárias. Nós estamos um pouquinho paradas agora, por motivos que a gente não conseguiu espaço. Nós temos um grupo de voluntárias que se chama *Atitude Solidária*; que a gente trabalhou durante um ano servindo sopão. Então é uma das coisas que eu gosto. Estou realizada profissionalmente, com minha família, não está me faltando nada. Alguma coisa eu posso fazer, então vamos fazer. Nós reunimos oito mulheres da sociedade, mulheres de empresários e fizemos um grupo de voluntárias. Então a gente serviu o ano passado, durante o ano, quatrocentas e cinquenta sopas semanais e aí a gente deu uma estacionada porque nós precisamos do local e a prefeitura ainda não arrumou o local determinado. Mas eu vou conseguir se Deus quiser, eu vou comprar. Então eu tenho aquele dia de mãe normal, que leva o filho na escola ainda. O meu marido vem sempre também, tem que estar por dentro disso também.

O que me marcou logo que eu cheguei, foi muito engraçado, até hoje eu ainda não sei exatamente se era onça ou lobo-guará, que tinha um horário do dia dele passar. Ele passava perto do barraco e ele fazia aquele barulho. Normalmente eu tava sozinha e aquilo me chamou muito, muito minha atenção. Ele vinha próximo da BR, eu acho que pelo barulho dos caminhões e ia descendo para o lado das águas e ele realmente fazia um barulho muito grande. Mas pelo que eu acompanhei numa reportagem depois, era lobo-guará que fazia esse barulho. Então me deixou com saudades. Esse marcou muito, identificou muito. Ele uivava,

muito interessante. Então aquilo me marcou sabe, na época que a gente chegou aqui. O barulho do martelo veio bem depois, quase dois anos, quando começaram a construir as casas de madeira doadas pelo Incra.

Outro bichinho que marcou, eu nunca esqueço, eu era hiper-alérgica àquilo; era aquele mosquitinho, pequenininho: o porvinha; que, quando o sol começava a querer baixar, não tinha...olha...e aí não tinha repelente na época, vou passar o que criatura nesse negócio aqui? Passa vinagre, era passa óleo com vinagre. Nossa isso foi trágico. Esse porvinha, vou te contar. Falou Mato Grosso, me lembro muito bem desse bichinho porque esse é danado.

NÍVIA

Dona Nívia nasceu em Sarandi em 1959, no Rio Grande do Sul. De família de pequenos agricultores. Estudou pouca até a quarta série, casou aos 19 anos. Ficou morando no acampamento na Encruzilhada Natalino entre os anos de 1980 e 1981. Chegou à Lucas do Rio Verde em 1981 na primeira turma de assentados do Incra.

Ao narrar sua história conta o seu sofrimento tanto no sul quanto no início de sua vida em Lucas. Falou também do seu cotidiano e das dificuldades do trabalho no campo. Entretanto ela diz que é feliz e que nunca pensou em voltar para o sul. Alegre, risonha e bem falante, D. Nívia foi entrevistada em sua casa.

NÍVIA

- Olha posso dizer hoje, foi bom, mas ainda posso dizer, eu gostaria de voltar pra lá, para minha terra e viver nas minhas terras de lá eu gostaria.

Vim para cá casada. Tinha um filho com três anos – rapaz; hoje vai fazer 28 anos, em novembro. Mora em Cuiabá; se formou em Administração; hoje está trabalhando há quatro anos na Cemat/Rede. Está bem: casou com uma advogada de lá e está morando lá.

Eu nasci em Sarandi. Sou de família de agricultores. Tinha dez irmãos. A gente éramos em dez. Sempre com dificuldade. Imagine dez, dez filhos para criar, minha mãe e meu pai! Não é fácil, é meio difícil. Sempre a gente morou no interior. Estudei até a quarta série. Eles não tinham condições de dar estudo: terceira, quarta série, já caía fora da escola e não estudava mais. Daí, com dezenove anos casei. Aí morei três anos lá com meu sogro. E aí que a gente veio para cá.

Eu trabalhava, a gente trabalhava, em lavoura. Ajudava na lavoura, porque naquela época era carpir, capinar, muito sofrido, nossa! Tinha que plantar o feijão, tudo manual, tudo. Carpir, sabe, em dez, às vezes estávamos em dez na lavoura: irmãos, mais pai e mãe carpindo, carpindo, assim, naquele sol, sempre!

Plantava, naquela época, feijão, arroz, uma fruta, coisas... Depois que começou vir trator, aquelas plantadeiras com trator. Mas isso de espalhar o calcário, em vez de ser como hoje, na máquina, era no balde: botava no balde, era manual, era sofrido.

Casei com dezenove anos e fui morar, com o marido, com o sogro..., sogro e sogra, ali quando casei dia 8 de julho, já perdi a conta. Em novembro, eu tive o filho. Casei grávida, e depois, dia cinco de janeiro minha sogra faleceu. Aí sim, aí que a história complicou, porque fiquei com o sogro, um filho com quarenta e cinco dias, o marido e um cunhado, já pensou? Inexperiente, com medo de gente, não podia nem ver caixão, meu Deus quanto medo, tinha medo de morto. naquela época a minha sogra foi velada na casa do meu sogro. Meu Deus,

mas como sofri! E daí ficávamos lá. E o sogro tinha pouca terra, com outro filho e daí que a gente foi.... Éramos casados lá, um ano e meio e a gente foi se acampar para ver se ganhava a terra lá. Mais de um ano ficamos acampados em 80 e 81. Um ano, eu não ficava muitos dias porque tinha o Éder, meu filho novinho, sem leite. Tinha que ir para casa, trazia leite fervido; durava uns dois ou três dias. Ele ficava lá dentro, no barraco. O meu marido era um dos líderes do acampamento. Nossa, a barra foi feia para nós antes de vir para cá!

Lá no acampamento, tinha o coronel Curió. Esse era feroz, viu! Então, o meu marido era da comissão. Ele ia para Porto Alegre direto. Nós, se quiséssemos vir para cá, nós podíamos hoje estar ricos. Naquela época ter ficado rico, porque o Saul peitava, dava de dedo neles, não tinha medo da polícia. Não tinha medo, meu marido até hoje não tem. Com o Saul hoje ainda se você falar com gente que não nos conhecia, o Saul saiu de lá do acampamento rico e na pressão e é tudo mentira. Eu, pelo menos, o Saul não, nós, a nossa família não. Claro que...que assim a gente se desanimou e disse vamos sumir daqui, vamos para Lucas.

É... teve uma época só que era feia, mas não apavoramos. Se era de olhar sim que ele...ele...ameaçava, ele ameaçava feio porque se nós tivéssemos medo dele como Saul não tinha, o Saul até hoje não tem medo, ele arriscou até a vida, arriscou, arriscou porque ele dizia Saul eu mando te matar, até isso ele falava. O Saul dizia manda, pode mandar. Ele não tinha medo e não tem até hoje, é uma pessoa..., ele, o Curió, veio para parar, acabar com o acampamento. Como deu muita briga, muita coisa, só que quando ele viu que esses líderes eram meio... aí também...É, ele deu o golpe. Não, não, ele tinha medo também e ele viu que tinha gente de pulso firme lá, gente que sabia das leis, gente que tinha muito apoio por trás. Tinha muitas entidades lá, tinha gente de Porto Alegre que saía de lá, não me lembro o nome, me lembrava até esses dias dos caras, muita entidade tinha lá.

No início, assim que chegamos aqui, depois de ter ido para nossa terra, os maridos foram até Sorriso para trabalhar. O meu marido ia em Sorriso trabalhar.

É essa que deu entrevista, a Eliana, que o Saul trabalhou um ano lá para comer. Um ano, e daí o que aconteceu? Trabalhou um ano e daí eles tinham trator, eles fizeram vinte e cinco hectares, eu acho, de lavoura. Nós plantávamos, e ele trabalhava ali; um ano, dois. Daí o que aconteceu para nós naquele ano? O banco não financiou. Aí ele trabalhou um ano e meio pra Eliana. Essa Loireci, que morava ali na baixada - um ano e meio - deu uma vaca de leite, a única vaca de leite deles. Depois deixou virar capoeira nas nossas terras, porque o banco não financiou. Cortou o financiamento, não podia nem ver nós. Nós éramos discriminados aqui em Diamantino. Ver os parceiros era como ver onça. Era melhor ver onça do que aquela

turma de cinco, seis trabalhadores, porque era marginal que veio de lá. Deus me livre. Nós no banco, numa cidade como Diamantino, ver os parceiros, corriam, essa é a gente que não presta; esses aí são os marginais, vadios, que não valem nada. Então o banco não podia nem ver eles lá dentro e aí nós passamos quantos anos sem poder plantar. Comer o quê? Aqui não tinha serviço.

O governa deu comida seis meses, eu acho. Na nossa época deu seis meses só, a Cobal, depois que veio os outros que o Incra deu um ano; mas nós ganhamos só seis meses. Outra que falavam na época, foram os vadios embora, não foram só os vadios, foram os vadios, mas também os trabalhadores. Por quê? Porque ele tinha gente com doze filhos, ele não sabia pegar um trator. Quem ia dar serviço para eles? O meu marido para sobreviver teve que ir para Sorriso na Fazenda do Brandão, que o meu cunhado já morava ali um ano na fazenda. Foi lá como coletor fino apenas dirigindo um tratorzinho, mas lá ele começou a trabalhar, mas foi muito sofrido. Eu ficava. Nós mulheres ficávamos na terra com as crianças. Eu levava uma vaca de leite, quatro, cinco quilômetros para dar água e comida, porque só na beira do rio que tinha pastinho. E eu ia assim só um trilhinho quatro quilômetros e meio, e a vaca ia lá e de noite tinha que pegar a vaca. Quando morreram os porcos, galinha não tinha, e plantava mandioca e não dava por que não tinha dinheiro para por calcário. E aqui se não é a terra preparada não dá, não produz, ali em casa não dava. Então chegamos aqui com meio salário, hoje, seria mais ou menos trezentos e cinquenta reais. Imagine com uma criança e em dois, sobreviver com meio salário. Chegar aqui em Lucas jogado de baixo de um barraco, daí não tinha dinheiro para fazer um poço de dezoito metros. Não tinha dinheiro, eu tinha que sair de lá do meu barraco ir lá no lote de uma cunhada minha, que morava daí uns cinco quilômetros, eu acho, com um balde de cada lado para pegar água para fazer comida e tomar. Aí tinha que fazer outra viagem para a vaquinha de leite tomar água. Nós sofremos.

Eu morava aqui, no Setor Um, Linha Um. Seria assim..., da *Cooperlucas* dá sete quilômetros da nossa fazenda. Hoje onde era nossa terra que a gente vendeu, agora faz quatro anos que vendemos, na nossa terra tem aquele colégio, não sei se você ouviu falar que é..., é assim, é um colégio que agora é..., que era um colégio assim municipal e hoje virou um centro de recuperação de drogados. É lá na nossa terra. Lá, naquela época, nós tínhamos as comunidades e tínhamos os colégios que depois parou, veio tudo para a cidade e ficou tudo abandonado, na nossa terra e na terra que era do gordo Piveta, que era ali do lado. Hoje é um centro de recuperação. Eu seguidamente vou lá, ver a minha casa que está lá. Passa lá e tão eles plantando o capim, tem quatro anos que a gente vendeu, só vendeu porque a gente teve,

senão até hoje nós estávamos com a terra, nós isso aí mínimo se vai contar precisa de três dias só falando.

Não plantávamos. Naquela época, no início, o meu marido foi trabalhar para comer. Nós não tínhamos financiamento. Porque daí plantamos um ano um cantinho e não conseguimos pagar. Aí meu filho, não sei quantos anos sem plantar, mas foi uns quatro sem plantar, aí sim, foi terrível. Nós só não passamos fome porque tínhamos amigos. Nós éramos oito, oito amigos. Um era irmão do meu marido, nós éramos oito companheiros, nós escolhemos oito lotes juntos. Aí o que é que aconteceu? Nós não plantamos e tinha um que, um cara, que veio e que tinha meia colônia lá, o Aquilino Sirtoli. Ele tinha, ele emprestava dinheiro para nós comer, se não fosse ele emprestar dinheiro nós tinha passado fome. Claro que fome não ia passar, mas porque tinha mandioca, batata, frango, sempre tinha horta, horta nós tinha assim de fartura, mas na lavoura foi muitos anos para nós começar a lidar.

E daí tem outro caso. Que poucos entraram nessa, que eu acho que se livraram, não sei. Daí o que o banco fez, vamos largar dinheiro para esse povo, mas não na mão dos agricultores. Olha só a especulação, aí o que aconteceu, nós vamos largar tanto em dinheiro, mas o que que esses cabras safados fizeram. Fomos ao banco, eles largavam o dinheiro direto para o empreiteiro. Então, escuta, daí de nós eles não conseguiam roubar, nós oito não conseguiam roubar da gente, o que eles fizeram? Foram no banco, o Saul meu marido e o cunhado dele, esse povo. Disse: “Não, nós não vamos aceitar, querem dar dinheiro é na nossa mão porque é desse aí que nós vamos comer” e o resto da maioria não sei. Eles chegavam sei lá cobravam cinquenta por hectare eles iam lá ganhavam do banco cinquenta e gasta dez o resto ia para o bolso desses empreiteiros. Nós não entramos nessa. Roubaram o dinheiro, esse povo enriqueceu em cima dos agricultores. Acho que esses empreiteiros nem estão mais por aqui. Estão comendo o pão que o diabo amassou. Teve gente até que tinha mercado aqui, caiu. Nós não. Roubou, isso foi roubado, foi injusto. Eles queriam ver nós longe daqui. Dos nossos oito que vieram, quantos ainda tem? O Heitor, o Aquilino, o Miro, tem três ou quatro que mora, que ainda tem o que ganhou. Estão por aqui, se estiverem, uns vinte, dezesseis dos parceleiros daquela época.

Aqui a mulher tinha que ser fera para agüentar. Eu dirigi trator sem saber, eu não sabia. Meu Deus eu não sabia o que..., que era frear, acelerar. Quando mandava frear eu acelerava. Passava calcário com uma maquininha.

E hoje posso dizer que sou feliz, se a gente for olhar o que passou podia ter perdido filhos, porque não tinha dinheiro, não tinha condição, tinha cobra, tinha doença, tinha tudo para morrer, e graças a Deus nada disso aconteceu.

Saímos do sul e viemos direto de Ronda Alta para cá. E outra, chegar aqui foi pouco. Nós fomos oito, oito pessoas que vieram com a família. Chegamos de manhã, assistimos à missa num sol de rachar, sabe? Doía a cabeça, cansada, mas tinha que assistir à missa porque o padre estava esperando os agricultores. Aquele ônibus, ai meu Deus, caminhão de mudança, a teimosia de no mesmo dia jogar a mochila em cima no caminhão, carregarmos as coisas e irmos para nossa terra, olha a loucura. Isso no mesmo dia da chegada aqui em Lucas.

Cheguei aqui em oitenta e um. Em oitenta e dois veio outra turma. Eu vim na primeira, cheguei, é loucura não? Em cima da terra porque vieram quatro homens antes fazer um barraquinho, o Heitor, Heitor tinha um pouquinho de dinheiro, comprou lá umas tábuas e construiu um barraquinho. Um barraco de madeira, uma casinha, uma casinha e com poço de 18 metros, ele tinha dinheiro, tinha dinheiro para fazer um poço e uma casinha. Ele era empregado quando nós chegamos. Para chegar na nossa terra a dezessete quilômetros da cidade, nós fazíamos cento e cinco quilômetros porque não tinha ponte para passar. Nós íamos para a baiana e lá vão horas de caminhão, em cima uma criançada, oito famílias. Chegamos lá, tinha a casinha, mas a água, a água secou - era novembro; a água em vez de subir, baixou. As crianças chegaram lá, meu filho com três anos e do Miro, que hoje ele é sogro do Jaci Piscini, que a filha veio casar com ele depois que veio aqui, ficou com o Jaci Piscini, não sei se você conhece o Jaci? É um fazendeiro aqui, bom da boca e veio ali e as crianças comeram bolacha e deu sede, e sede e onde nós vamos ajuntar água. A mãe da sogra do Jaci pegou o meu filho, as duas dela, umas seis, sete crianças. Choveu. Pegou um copinho, foi pra beira da estrada, não era asfalto, era estrada de terra e ajuntava água e dava para para as crianças tomar. Botou a água em um balde e levou para nós tomarmos, vai fazer o quê? No outro dia já veio as lonas do Incra, cada um foi para os barracos do Incra, aqueles verdes. E chuva, chuva, chuva, chuva. Minhas coisas, eu me lembro até hoje, sabe aquelas fórmicas azul, aquela pia, a água, a chuva estragou tudo, tudo. No barraco pra ir dormir a água batia debaixo da cama, água quase batia no colchão. Secávamos os pés e deitávamos. Ali começou o sofrimento. Nós,... eu ia lavar roupa ali, andava seis quilômetros, gente do céu!, com balde. Porque chegava lá, lavava, chovia, você ia pra casa com a roupa mais suja e não tinha nada para aparar o balde, não tinha, dois, três baldes que tinha.

Traziam do sul tudo que você pedisse para trazer. Trouxeram um caminhão de cachorro sim, um caminhão de cachorro. Podia pedir para trazer até o capeta do sul que eles traziam. Se você dissesse, eu quero, eles traziam. Quero três caminhões cheios de cachorros, traziam. Meu Deus do céu quanto cachorro, quanta coisa para carregar, porque se dizia “eu quero levar tudo que tenho”, tralha. Se fosse necessário trazia dez caminhões de cachorros que nem... ah não quero deixar meus cachorro lá, traz os cachorros. Aqui tinha onça, tinha cobra, então tinha que ter cachorro.

Quando nós conseguimos comprar um carrinho de mão, foi a salvação, porque daí era longe do nosso rancho antes de chegar à BR. Nós ficávamos na estrada, tínhamos ainda três quilômetros para chegar na nossa casa. Eu com uma criança, com uma mochila, ele com um saco de rancho nas costas. Quando não tinha o carrinho de mão, rolava, rolava três quilômetros rolando bujão de gás. Claro que o bujão não ia reto..., para lá e ele bravo, italiano gosta de estrilar. A gente ri agora, mas na época ele ficava muito zangado. Italiano é bocudo, não aceita mesmo, ele é bocudo e sabe que tinha horas que dava até desânimo, porque olha que foi sofrido, mas foi sofrido, sofrido que Nossa Senhora!

Atendimento de saúde só na sede, aqui na cidade de Lucas do Rio Verde. Nós marcávamos tal dia, passava um carro, pegava um ônibus, então você vinha, se não meu filho. Auxiliava em casa, dava remédio do jeito que podia, porque ir aonde? Quando eu ganhei a minha filha, que hoje está com 22 anos, eles me levaram de jipe para Sorriso. Não tinha asfalto, não tinha nada. Lá fiquei dois dias, ganhei, e eles traziam de volta no jipe deles. Eu, era para ganhar antes de chegar lá, porque era só buraco - de jipe!

Nós tínhamos o executor do projeto, o Ferreira, amigo nosso, muito amigo. Porque ele era amigo; se você era amigo dele, era bom amigo, agora não seja inimigo.

Lá no nosso setor e os vizinhos, lá onde nós tínhamos a fazenda, quando a situação começou a apertar, teve gente daqui que tinha pouco recurso, dinheiro que até a gente que se tivesse fazia, comprava os lotes de terra sim. Eu te dou passagem para dez filhos e o casal e você vai embora e dinheiro para comida para a viagem. Então eles iam embora de volta para o sul, estavam indo embora. Teve gente que comprou cinco, seis, sete, oito lotes aqui desse jeito.

Só que também se a gente tivesse, a gente fazia o mesmo. Olha quem comprou? Olha quem comprou? Quem mandou aqui na cidade por vários anos. Quem comprou? Dois lotes eu comprei lá no Ipiranga. Mas o governo não dá condições. O erro do governo é isso. Vão perder a terra e vai pedir de novo. Só que o bom é dar a terra e dar condições e não dar a terra

e jogar lá. É lógico que você não vai comer capim, né? Nós aqui em Lucas podia estar a maioria, podia estar aqui. O que ficou aqui foi de teimoso, aqueles sabe, aqueles italiano teimoso. As mulheres são mulheres de fibra porque se não, não agüentava. Que pancada foi! Outra, como estava falando, tem gente que falava do povo do Incra que nem falava de nós. Aí tem casos diferentes. Como o executor dizia, ele, só no olhar, via quem era quem. Nós não precisamos dizer nada para ele, vamos ser amigos dele mesmo, ele e a mulher dele, a Jane. Gente, ele disse “ó, vocês, vocês oito, o que vocês precisar da gente...”. Se nós chegássemos de Sorriso às três horas da manhã está aqui o carro. Vamos levar esse povo. Nós, se nós oito falarmos do executor Ferreira é pecado. Só que ele viu que a gente queria trabalhar, tinha vontade só que para muita gente, Deus do céu, dava até dó, ele veio para isso, ele veio, o cabra era ...

Eu tenho hoje mais mágoa desse povo que assim tomou o pão dessas crianças, desse povo que fez aquilo, que pegou dinheiro, esse sim eu disse não quero morrer sem ver eles pagar pois já estão pagando, estão na miséria, porque eles roubaram, eles roubaram mas hoje eles já estão no lugar deles, então, que eles fizeram muita barbaridade com esse povo.

Olha, são seis anos, seis anos que moro aqui na cidade, só. Se não hoje estaria lá. Construímos uma casa, a gente plantava duzentos hectares, desbravou tudo. Foram duzentos, ganhamos duzentos hectares. Lá tem uma casa que você precisa ver. Uma casa, uma mansão, sabe? Construímos lá, vendemos para um companheiro vizinho nosso, esse Aquilino que hoje está superbem. Nossa, comprou nossa terra, acabou de pagar esse ano, agora em fevereiro.

No começo, para começar a cidade, eles ofereceram lotes se nós quiséssemos três lotes, quatro, eles davam, nós não quisemos. Capaz! Vamos querer mato? Nós não pegamos lote aqui na cidade, nós não pegamos nenhum. Nós não ganhamos nenhum lote, nenhum. Nós dizíamos o que vamos querer com mato, mato já tem aqui. Não quisemos. Depois começou, começou e começou que hoje quando a gente comprou aqui tenho essa casa aqui e daí esse lote aí em cima também é meu. Nossa, quando a gente comprou, pagou caro, caríssimo! Aí que a gente foi ver.

Às vezes o Incra tomava das pessoas, da gente não. Tomava das pessoas que nem a gente que não tinha condições. Agora de muita gente não tomava. Ninguém mexia nos lotes, mas como era gente poderosa.

Eu ajudava, eu trabalhei muito na vida, Nossa Senhora! Aí desde que viemos para a cidade. Eu sei que foi duro, eu me lembro um dia que eu desmaiei quando carreguei uma carreta. Tinha aqueles carretos, a gente conseguiu comprar um tratorzinho, carreto daquela

caixa grande, duas caixas, sabe? E o meu marido tinha muito problema de coluna, mas não dava para pagar empregado; eu tinha que ajudar, mas aquele dia eu desmaiei porque carregamos, eu e ele, ele é homem, mas eu tinha que erguer para botar na cabeça, e ele do meu lado que força, saco de adubo de 60kg aquele dia eu desmaiei. Eu nunca vou esquecer daquele carro cheio, mas aquele dia eu desmaiei. Quando eu terminei, sentei, e me deu sabe aquela tristeza, aquela coisa, desânimo. Porque eu pensei gente isso não é serviço de mulher, mas não tínhamos o que fazer, não tinha, não tinha. Se tivesse hoje lá na fazenda, aquela casa que eu tinha, com muita fruta, gente do céu, quando vinha do sul, você é louca tem todo tipo de fruta, sabe? Nós plantávamos muito pé de fruta e você não via uma folha no chão. A Consuelo, eu nunca me esqueço do que ela fala até hoje, se eu falo com ela, ela vem, ela ia lá almoçar, tomar chimarrão, ela chegava lá e dizia, “Níviapára de ajuntar essas folhas, folha não é sujeira”, ela não via uma só folha. Quero dizer uma coisa, era tudo rastelado, era tudo limpo, era tudo feito em casa, era aquele trabalho sabe: lavar, almoço, na lavoura quando eles plantavam. Tudo, tudo, tudo era a gente, tudo era a gente, aquela casa limpa, limpa. Tudo que tu fazia em casa era um sofrimento, aí tinha porco, tinha vaca, tinha pato, tinha casa, comida, os meus filhos. Meu marido sempre diz tinha que ter seis, sete tipo de comida na mesa, dois tipo três de comida não era comida era um exagero. Matava o boi, matava o porco, matava quinze, vinte frangos para botar, quando nós tínhamos luz, botar no *freezer*. Quando vinha da cidade, minhas irmãs da cidade, a Consuelo, elas diziam quando chegavam lá que era o banquete, porque sempre eu tinha almoço, tinha sobremesa, tinha tudo, tudo. Hoje tu entra na padaria e tu compra, naquela época não existia.

Olha posso dizer hoje: foi bom. Mas ainda posso dizer eu gostaria de voltar para lá, para minha terra e viver nas minhas terras lá que eu gostava. Lá que seria o meu canto, porque a cidade hoje está muito difícil, muito difícil, se você fizer alguma coisa meio errada você não sobrevive na cidade, porque é muito custo, muito custo você tem que ter dinheiro.

Nossa hoje aqui na cidade é uma loucura para sobreviver você tem que ganhar muito bem da lavoura e o produto quando não vale nada se você não parar, não fizer conta mês a mês, você aqui não vive. Porque aqui você tem um gasto muito alto porque tudo, energia é caro, a água é cara, o IPTU é muito caro e a gente tem uma lavourinha tem que pagar o contador é muito caro para o pouco que a gente arrenda a terra.

Eu vim em 81, eu nunca senti crise que nem esse ano, que eu tenho tudo. Tenho casa, tenho lote, tenho carro. Ah, se você vai depender só do arrendamento da terra você gasta tudo em um dia. Não sobrevive. Você tem um carro, você tem uma coisa, outra, você tem muito

gasto, hoje é muito gasto. Então, se você bobear, você tem que vender a terra. Tudo muito caro.

Agora em novembro a minha filha começou a construir uma casa aqui atrás; é aí. E daí não terminou. Aí ela tem uma soja e eu apliquei a soja para terminar a casa para ela. Não quer fazer uma faculdade, trabalha aí disse vou aplicar essa soja na casa foi o pior negócio porque vendi a soja barata e apliquei na casa, um mês e meio sem alugar a casa. Agora só consegue alugar porque a Sadia vem. Agora que está bem adiantada a construção.

Fiquei quase dois, três meses sem alugar e agora em dois, três dias se quiser alugar cinco casas aluga as cinco casas, tem que ser casa boa. Na minha ali, gastei cento e dezessete mil reais para fazer uma casa com esse dinheiro, mas eu investi soja ali, só que graças a Deus consegui.

Tenho um patrimônio, mas você tem que pensar muito para fazer as coisas, muito bem. Mas aqui tinha mês, pode dizer que, me roubavam duas vezes por mês. Aqui eu tinha *freezer* cheio de carne e peixe aqui, me roubaram tudo, roubaram aqui dentro de casa, aqui roubaram. Deram uma sossegada a uns sessenta, setenta dias para cá.

Eu tenho uma terra lá no Ipiranga, mas você tem que pôr máquina para tocar. Se você tem lavoura, tem que plantar, e o custo das máquinas hoje, para duzentos hectares, não dá para você ter. Não é pouco duzentos hectares, hoje você não pode bobear, financiar máquina porque você não paga. Hoje, duzentos hectares não é terra para... A soja vendida a catorze reais e cinquenta centavos. Eu vendi esse ano; foi esse preço, você não vive, mas não é preço de soja. Não paga nem a despesa. O gasto na lavoura, só quem planta para saber.

Eu sempre me lembro quando cheguei, que a gente chegou, me marcou muito o cansaço e o calor. Ah, meu Deus! Eu achei que não ia suportar, porque eu sinto muito calor. E nós chegamos, sabe, a missa às dez horas da manhã, onze horas, no relento do sol, com uma criança, sem ter o que beber. Não tinha água nem para tomar porque estava na hora da missa. Chegou o povo, aquilo me marcou tanto que eu achei que não ia agüentar o sol de Mato Grosso, nossa!

Só que em momento nenhum, hoje penso, mas em momento nenhum deu vontade de voltar. Eu só fui voltar para o sul dali a seis, sete anos. É difícil você ficar aqui, meus pais, meus irmãos, eles souberam, tem poucos anos atrás que passamos essas dificuldades. Eles não sonhavam que senão eles podiam ajudar, porque o meu pai era mais ou menos de vida, o que é que custava mandar dinheiro para comer. Ficaram sabendo poucos anos atrás que passamos por essa dificuldade.

Vamos pegar só as partes principais como te disse, vou resumir as coisas principais porque se você for contar detalhes vai longe.

MANUELA

Dona Manuela nasceu em Rondinha no Rio Grande do Sul. Filha de agricultores e junto com o marido ficou acampada na Encruzilhada Natalino em 1981. Chegou a Lucas do Rio Verde em 1982 acompanhando o seu marido que foi um dos parceleiros assentados do Incra.

Bastante alegre D. Manuela, narrou de forma simples e direta a história de sua vida. Falou dos motivos que a trouxeram para Lucas e da sua vida tanto na zona rural quanto na cidade. Relatou as condições difíceis de trabalho nos primeiros tempos em Lucas, contou das dificuldades que enfrentou junto com o marido para fazer a terra produzir e porque precisou mudar para a cidade. A entrevista de D. Manuela foi na casa de sua amiga D. Nívia.

Manuela

- Nossa vida aqui é uma história mesmo

Meu nome é Manuela, moro aqui em Lucas do Rio Verde, na Rua Juruá, 1396, nasci em Rondinha, no Rio Grande do Sul, no dia 07 de maio de 57. Casei e faz vinte e cinco anos que moro aqui em Lucas do Rio Verde, tenho dois filhos, um guri e uma menina.

No ano de 81 ficamos no acampamento na Encruzilhada Natalino. Lembro bem disso porque minha filha nasceu em fevereiro de 81 e quando ela tinha dois meses eu fui para o acampamento e a gente ficou um ano lá, debaixo de lona. Eu nasci em Rondinha, no Rio Grande também.

Sou defamília de agricultores. Meus avós eram fazendeiros e meu pai também; sempre teve terra, a gente morava no interior, era agricultor. Na lavoura a gente plantava milho, feijão, trigo, tudo na enxada. Tenho onze irmãos, meus pais também moram em Lucas do Rio Verde, estão com 73 anos; tenho cinco irmãos aqui e eu vim na frente, eu e dois irmãos meus viemos para cá porque ganhamos a terra na época; até nós viemos, eu vim com dois irmãos meus e três com meu marido, três irmãos meus porque as famílias lá eram muito grandes, aí a gente tinha pouquinho terra lá. Na casa da minha sogra, lá no Sul, a gente já morava em três famílias com crianças pequenas, aí que fomos para a beira da estrada, debaixo de uma lona, lá na Esquina Natalino, Encruzilhada Natalino e ficamos lá um ano, eu fui lá com minha filha com dois meses, ela saiu de lá com um ano e dois meses, ela nasceu em fevereiro.

Casei com agricultor. Quando casei eu tinha dezenove anos. A gente estava em três famílias dentro de uma casa, não tinha mais lugar e começou a vir criança, as famílias cresceram, a gente casou, ia se juntando ali; só que daí começou a aumentar, eu já tinha dois filhos, outro casal já tinha filho, o sogro e a sogra, já tinha os solteiros junto, aí não tinha mais como sobreviver ali, aí que a gente foi para baixo da lona, para a beira da estrada para ganhar a terra, e surgiu essa oportunidade de vir para Lucas do Rio Verde, que o governo fez. Não sei se foram as terras do Figueiredo, e aí a gente veio para cá. Todo mundo assustava a gente dizendo que íamos morrer de malária, morrer de fome. Quando a gente chegou, fomos para

baixo de lona nova, ficamos dois meses em baixo de lona até construir os nossos barracos. Até os meus irmãos vieram sem mulher, agora os meus cunhados já trouxeram as mulheres com crianças, deixou mulher tudo perto, tudo perto embaixo da lona, em cima de nossa terra. Mas teve uma turma que ficou aqui na cidade. Que cidade? Não tinha nada, tinha o batalhão, 9º BEC, aí uns pararam aqui, nós fomos direto para a terra descarregar nossa mudança na beira da sangra, da mina de água já em cima da minha terra, da nossa terra.

Nossa terra era no Setor Três. Nós pedimos para sortear os quatro lotes juntos porque sendo nós quatro ficava tudo pertinho, e daí a gente se ajudou ali, a gente trouxe vaca, porco.

Vieram dois irmãos meus e dois irmãos do meu marido. Viemos em uma turminha meio grande e assim a gente se deu força para agüentar, porque vieram 230 famílias, eu acho, ou foram 216. Sei que dali dois anos, ou três no máximo, sobraram vinte ou vinte e cinco: foi todo mundo embora. Esses que sobraram estão por aí.

Na época, lá no Sul, filho de agricultor não tinha terra para trabalhar. Ali tinha muita política no meio.

Mas só acho que ele, o Curió, estava certo, por querer nos trazer para cá, porque também tinha o padre - o padre Arnildo -, que queria que nós ganhássemos terra em nosso Estado, e esse Curió que queria que nós viéssemos para Mato Grosso. E até surgiu uma divisão daqueles que ficaram lá e aqueles que vieram, virou aquela crítica. No fim, elas ficaram com raiva de nós porque viemos embora.

O que a gente ouve de história é assim: que a princípio o Curió forçou a barra por meio de certa violência. Ele ameaçava demais nós. Ele não fez nada assim fora, fez uma pressãozinha.

Tinha lá deputado, sindicato, eles ajudavam a gente; lá no Estado eles não queriam que a gente viesse embora, porque, na verdade, teve outro projeto em Terra Nova; aqui que o pessoal morreu, morreu bastante. A malária acabou com muita gente - eles falavam. Até tinha uns que eram de Terra Nova e estavam lá no meio de nós. O seu Davi mesmo, aquele bigodudo moreno, era de Terra Nova e perdeu filho, o negócio foi feio, ele voltou embora e diz que nem lenha aqui não queimava no Mato Grosso, que era para nós não vir, aí eles lutaram contra, para nós não vir para cá, mas como nós não tinha saída... Só era inteligente, estudo não tem... Nós não tinha outra saída; uma família de dez, onze irmãos, viver em cinco alqueires de terra, não tem como viver. Então nós pensamos assim “mal por mal vamos arriscar, se nós vencer, venceu, se não vencer, nós voltamos para trás.” Nós demos uma peitada, já tinha um ano que estava embaixo da lona, fazer o quê; lá, chegava o inverno,

morria muita criança. Vizinho do meu barraco, lá, morreu criança, de frio, de noite, embaixo da lona; no inverno, tinha gelo. Você ficava doente, eu com minha menina, que tinha dois anos, minha mãe não deixava não. O dia que eu fui levar minha filhinha de dois meses na casa de minha mãe, que tinha casa de material, eu voltei para casa aquela noite - tinha morrido uma criança vizinha do meu barraco, de frio, urinou, molhou a roupa, pequenininha: congelou e morreu. Aquilo ali era duro ficar ali, viu! Já pensou passar outro inverno aqui? Já era maio. “Vamos fugir daqui, vamos tentar, seja o que Deus quiser.” E a gente veio e deu certo porque nos éramos gente que trabalhava, esforçados. Aqui nós não passamos fome, aqui nós sofremos muito.

Os nossos maridos tinham que trabalhar fora, nós ficamos na terra. Nós mulheres cuidávamos de porco, vaca, galinha e os maridos iam trabalhar de empregado nas fazendas vizinhas. Tinha a fazenda do Menotti, tinha a fazenda do Rosseto, que era vizinha, com mil hectares, em frente das nossas terras. Os caras davam emprego - espalhar calcário, limpar isso e o Saul também trabalhava lá nos Rosseto. Isso que aconteceu com os nossos maridos, eles iam trabalhar com os outros fazendeiros, aí os fazendeiros emprestavam máquina para nós fazer nosso pedacinho, começar, foi assim que nós sobrevivemos.

O primeiro ano o banco financiou, só que ninguém pagou, o único que conseguiu pagar foi o meu irmão que está ali, Victor, o único agricultor que conseguiu pagar. Um conseguiu pagar o banco e no outro ano ele teve financiamento e o resto não teve mais, o banco cortou.

Nós éramos mulheres que lutavam, porque nós viemos de lá com sete, oito galinhas, um porquinho, uma vaca cada um. No começo a vaca criou bem, tinha o leitinho para os que trabalhavam, que saíam para trabalhar fora. Criava animais, começou a criar galinha, porquinho, fazer uma horta, plantar batata, mandioca, tudo para comer; aí nós sobrevivemos, e aqueles que não plantaram sobreviveram porque o governo deu comida um ano para o pessoal. Nós ganhamos um ano de comida, aí o povo deu de comer e festar. Ninguém, a maioria, pensou em plantar, nós dissemos isso vai acabar gente, vamos plantar ao menos para comer, para sobreviver; assim que nós conseguimos. Aquele pessoal não plantou nada, quando acabou a comida do governo, voltaram embora senão morria de fome.

Os nossos maridos sabiam trabalhar com máquina, aí sobreviveram; foi a salvação nossa. Eles foram trabalhar para os posseiros que estavam aqui: o Sr. Rosseto, o Lira.

Nós lá de casa tivemos sorte porque nós fizemos os barracos na beira de uma sangra; fizemos os quatro barracos dos dois cunhados e dos meus dois irmãos, tudo perto. Tínhamos

água à vontade, ainda bem! Os outros vinham lá do fundo buscar água ali, quem que agüenta uma coisa dessas? Nós tivemos muita sorte.

A gente plantou o primeiro ano; como dependia de máquina dos outros, a gente plantou tarde e não colheu bem, não conseguiu pagar o banco: ficou devendo para o banco anos, aí o negócio complicou. Nós começamos devagarzinho de novo, plantando pouquinho com empréstimo de máquinas de vizinho e daí começou a entrar firma aqui; daí as firmas começaram assim: fazia troca de adubo e sementes por grãos. Por exemplo, eles davam adubo e semente e você tinha que dar tantos sacos de soja. Isso aconteceu com nós.

O meu marido entrou nessa do dinheiro ir direto para os donos das máquinas, para o empreiteiro e não para nós. Esse pessoal que ganhou dinheiro com isso está aqui ainda, que eu acho que eu não vou falar o nome deles. Uns estão, eles estão aqui dentro, eles subiram e caíram de novo, hoje tão trabalhando para quem eles roubaram. Nós caímos nessa.

De novo, nós demoramos a pagar o banco. Ficamos devendo, não conseguimos pagar de novo. Chegamos num ponto que nós tivemos que vender o nosso lote de terra. Já estava devendo a metade do lote no Banco do Brasil por causa desses caras, que não deixaram nada para a gente, roubou o dinheiro da gente.

Nós não conseguimos pagar o banco, não teve como, e agora? Fizeram um trabalho mal feito para a gente, aí colheu pouco, aí quem não prestava era a gente e aí chegou num ponto que nós vendemos nosso lote de terra. Na época ganhamos muito bem no nosso lote de terra. Nós tínhamos duzentos hectares ali, vendemos nosso lote pagamos o banco e compramos outra terra sem documentação. Sei que nós vendemos duzentos hectares e compramos novecentos e cinquenta e um hectares; demos um pulo, sabe? A gente até que tinha cabeça. Meu marido falava: “Vamos vender a metade para pagar o banco?”, eu disse não, a gente vende tudo para comprar mais, vamos comprar e a gente conseguiu comprar novecentos e cinquenta e um hectares. A gente entrou lá, abriu, abriu o mesmo que a gente tinha lá. Lá nós tínhamos duzentos hectares e nós tínhamos cem hectares de lavoura, aí a gente, com o dinheiro que sobrou de lá, pagamos os bancos e abriu duzentos hectares na outra lavoura. Hoje eu estou com essa terra ainda, a minha parte. Eu permaneço com minha terra, hoje estou com trezentos hectares que é fruto daquela terra ainda. É a minha renda hoje. Ela está arrendada. É minha, e planta soja nessa terra, é minha sobrevivência hoje, eu estou sobrevivendo dessa terra, desses trezentos hectares. É parte minha da separação. Ele foi embora para o Pará, e está com sete mil hectares cuidando. Ele vendeu a parte dele. Comprou lá em Santarém, é ele e meu filho, estão lá, criando boi em Santarém, no Pará.

Tem muita gente aqui indo para o Pará. Na verdade, a gente está separado, mas eu fiquei com essa terra no meu nome, lá ele está com terra de novo, até agora está sem documento essas terras, ele vai botar terra no meu nome de novo. Nós somos amigos ainda, porque eu estou recebendo até hoje os produtos que ele vendeu da terra dele. Sou eu que estou recebendo, eu vendo para ele aqui. A gente está se ajudando ainda, sabe? A gente está separado. Ele está lá com o nosso filho e eu estou aqui com minha filha, cuidando aqui.

Meu filho tem vinte e nove anos, já é pai. Eu tenho minha filha que mora comigo aqui na cidade. Há oito anos que ela trabalha no Sicred. Está muito bem no banco; esse ano vai se formar em Ciências Contábeis, esta muito bem encaminhada, ela mora comigo, a gente está sobrevivendo. Está bom aqui hoje, estou tranqüila, estou tranqüila, muito tranqüila aqui. Eles estão no Pará trabalhando, trabalhando, criando boi, eu estou bem, mas a gente sofreu muito. A gente deu cada tropeçada que foi como cair e morrer, mas nós tivemos força, sempre tivemos força para nova luta.

Eu até tenho um irmão que é o Auri Ferreira Bueno, que está no lote dele de terra original, que ganhou do INCRA. Só que em cima desse lote ele já comprou seis, sete lá no Ipiranga, está com quase mil hectares trabalhando e um irmão do meu marido também está em cima da mesma terra que também ganhou do INCRA. Está morando ali no Setor Três e comprou terra lá no Ipiranga também, e está cuidando dos dois também, trabalhando até hoje.

Nós, dos quatro do nosso grupo, tem dois que está em cima da terra e dois que não está mais, um acabou vendendo e ficou sem nada, só com duas casas aqui na cidade, ele teve mesmo assim vamos dizer que acho que foi por parte dela, da mulher dele que não agüentou muito.

Porque aqui a mulher tinha que ser fera, tinha que ser peituda que nem nós que chegamos até caçar para comer, sabia? Pegava espingarda e “bem” (barulho do tiro) derrubava no chão para fazer o almoço. A gente ri agora, mas na época tinha que ser fera. Nós somos fera. Nós aprendemos de tudo.

Chegou uma época lá que a gente tinha um trator, tinha ceifa, tinha tudo; aí, a máquina lá não pegava, o marido dizia: “Ó mulher vem aqui puxar, seja motorista, aqui é a embreagem, aqui o acelerador, vamos lá, vamos puxar o trem aí!” Ele subia em cima da máquina porque estava atrás, porque daí essa não tem perigo de bater na da frente, aí se você não tem onde bater. Vai lá, na frente no trator, aí aqui você tira o pé da embreagem e acelera que o bicho vai, aí quando largava aquela embreagem dava golpe, dava aquele soco, aí arrastava a ceifa daí quando pegava ele dizia tira o pé da embreagem, freia. Parava,

desengatava, não tinha bateria, vai lá tocar no arranque que pega aí no tranco. Pegava, então a gente aprendeu um pouco de tudo. Hoje nós somos mecânico, motorista, lavradora, catadora de pau, de tudo, e hoje nós estamos aqui, então nós batalhamos.

Nós também fomos diretamente para a nossa terra. Teve gente que desembarcou aqui em Lucas. Nós viemos em maio de oitenta e dois. Nós éramos lá no Sul assim bastante gente na casa, mas a gente tinha luz, geladeira, tinha todos os confortos. Nossos pais tinham, nós ficamos aqui dois anos sem uma geladeira, sem nada. Se você quisesse comer uma carne, tinha que caçar na hora ou uma vez por semana ia na cidade e comprava carne. Na quinta-feira matava boi. Aí o ônibus passava, juntavam todos e íamos comprar a carne, comprar comida, aí cozinhava toda a carne naquele dia para comer a semana inteira aquela carne cozida porque não tinha geladeira, não tinha nada. Depois de três ou quatro anos que conseguimos comprar uma geladeira a gás, aí nós comprávamos gás em Diamantino, de Kombi. No Sul nós tínhamos uma Kombi velha que ficou lá, não trouxemos na mudança por causa que o INCRA que ia levar o pessoal, trazer um carro não, não podia vir. Depois de dois anos nós voltamos para buscar a Kombi. Os únicos que tinham carro, os primeiros a entrar com carro foi eu e meu marido. Aqui tinha um ônibus que passava pelas linhas pegando as pessoas. Aquela Kombi ajudou muito a gente. Nós pegávamos aquela Kombi, íamos para Diamantino, enchia de bujão de gás. Trazia de lá para todos, sabe? Foi a salvação para um monte de gente, que era o único carro que tinha, era uma Kombi velha que veio rodando do sul até aqui. Eu, o meu marido e minhas duas crianças.

A saúde era assim mais ou menos. Eu tive uma cunhada que, aliás, duas cunhadas, que ganharam duas crianças cada uma, aqui. O nosso recurso era Cuiabá, na época, e nem tinha asfalto.

Aqui tinha tudo, onça, cobra, e tinha que trazer cachorro. Já matamos até cobra sucuri em frente da nossa casa.

Tenho uma filha que vai se formar fim do ano. Foi essa que nasceu no Sul, um pouco antes de vir para cá. Essa moça que estava com seis ou sete meses na época. Tínhamos um trator de esteira que era do meu marido também, que a gente ocupava aqui na fazenda. Meus filhos foram crismados aqui; quando passou a crisma, eles já estavam com 16, 17 anos.

Nossa vida aqui é uma história mesmo.

Teve gente que trocou, dando a passagem para os caras irem embora e ficou com as terras dos parceiros que foram embora, mas também eu não culpo eles, estão ricos, esse pessoal está podre de rico. Nós também poderíamos ter comprado terras, nós tínhamos medo

porque o INCRA falava que não podia vender. Quem comprou está bem. Fizeram muita maldade para esse povo.

Por isso que hoje os meus irmãos, eles compram, eles compram terra no Ipiranga seis, sete lotes de terra que foi a mesma coisa que foi aqui, o pessoal que ganhou a terra lá e não conseguiu sobreviver aí os meus irmãos compraram porque hoje eles estão podendo comprar. Eles trabalharam, lutaram porque sabe que na época não comprou porque falava que o INCRA tomava e até hoje tem essa conversa. E nunca tomou porque lá até hoje esta fazendo isso no Ipiranga; então comprou um lote também lá. Comprou no Ipiranga que era de outros que não conseguia sobreviver, porque o governo dá terra, ajuda um pouquinho depois larga. E aí não conseguem se manter, aí eles vendem, vão embora e fica sem a terra. Vai pedir de novo.

Sei que agora estou vendo que estão dando vinte e cinco hectares para não sei quantas pessoas aqui em Lucas. Não sei onde, aqui perto, deu, essa semana, na televisão: dão um dinheirinho para eles começarem. Eles vão fazer uma casinha ali, vão ficar um ou dois anos, eles vão vir tudo para cá. Depois vão embora porque eles não vão agüentar ficar lá, não sobrevive. Porque com vinte e cinco hectares de terra não dá para comprar uma máquina, não dá para fazer nada. No banco não faz nada com essa terra aí; ou vive lá com galinha, um porquinho, umas frutas, mal e mal dá para comer. Olha lá se for muito guapo, se não, ele não agüenta e volta para a cidade de novo.

Aqui as mulheres têm que ter fibra mesmo.

Nós também fomos bem vistos pelo Ferreira, o executor do projeto do INCRA. Só que a gente não sabe o que falar dessas pessoas porque eu acho que a pessoa tem que ter força de vontade e de se ajudar. Agora aquele pessoa que você tenta ajudar e ela não se ajuda...

Já faz quinze anos que eu moro aqui na cidade. Eu vim antes quando a gente vendeu aquela terra, a primeira, doada pelo INCRA. A gente veio para a cidade porque acabou a escola das crianças lá. Meus filhos precisavam estudar eles já tinham colégio aqui na cidade.

Nosso lote, como era mais para trás, a gente não tinha colégio; acabou a 4ª série, eu vim para a cidade para as crianças estudar, só que a gente continuou na terra. Aí no outro ano a gente vendeu aquela primeira terra que estava cheio de dívida e comprou outra, essa outra terra - a segunda.

Só que aqui na cidade... Já tenho 15 anos que estou morando na cidade e estou vivendo do rendimento dessa terra. Trabalhei aqui na cidade, eu trabalhei oito anos de zeladora no cartório aqui de D. Rosa, oito anos de zeladora, meus filhos também. Tenho até a

prova junto aqui, os dois trabalhavam na prefeitura, minha menina com onze anos ela ajudava a professora a dar aula na escola do município, eu tenho até os recibos do emprego dele, o meu piá trabalhou três anos na prefeitura, ele era *office-boy* e daí ele foi trabalhar no fórum, trabalhou três anos, daí ele saiu e foi embora e a minha filha sempre trabalhou; eu também sempre trabalhei, oito anos de carteira assinada no cartório de D. Rose, que é falecida, foi muitos anos dona do cartório.

Nós pegamos lote na cidade, nós mesmo, meus irmãos, minhas cunhadas pegamos lote na cidade, só que nós não conseguimos construir casa, aí eles tomaram de volta nossos lotes, nós ficamos sem lote. Se não construísse, tomava de volta. Aí nós tivemos que comprar um lote para nós quando viemos para a cidade. Na época eu paguei dois mil sacos de soja na casa que eu moro. Hoje a gente pagou dois mil sacos de soja.

Tem gente que tem esses lotes. Só que paga IPTU e tal, está no nome, tem dinheiro, nós não conseguíamos construir nada.

Porque lá na roça nós não conseguimos mais nenhum giro, já estava devendo metade da terra e as crianças tinham que estudar. Não tinha escola e eu disse, nós arrumamos um jeito diferente. Eu vou trabalhar de empregada, vou; e aí que nós fomos todos trabalhar e o meu marido ficou cuidando das terras e eu fui trabalhar de zeladora e meus filhos foram trabalhar. Minha filha com onze anos começou a trabalhar, trabalhava na prefeitura, ela tinha, tenho até o recibo, se o senhor quiser ver que ela recebia da prefeitura que ela era ajudante de professora. Se o senhor não acredita vou lhe mostrar. Aqui ó, eu tenho guardado, eu guardo tudo olha aí ó. Eu tenho os recibos guardados até hoje de minha filha. Trabalha desde aquele ano, lutadora que nem eu, até hoje eu não estou pagando a faculdade dela, ela que paga, ela trabalha no Sicred e ela que paga, uma lutadora que nem eu. Fico muito emocionada quando falo dela, me dá vontade de chorar. Admiro muito a minha filha, muito guerreira e aqui do meu filho que trabalhou de *office-boy* desde 13 anos na prefeitura. Tenho prova aqui, tenho prova. Desde 1998.

A gente vendeu lá tem quatro anos só, mas a gente veio uns dois anos antes, porque o filho já estudava em Cáceres, no Colégio Agrícola, aquele interno. Ficou lá então, depois ficou só a filha. Meu marido trabalhava na Cooperlucas, depois que quebrou a Cooperlucas, os sócios deviam muito, viemos morar em uma casa da Cooperlucas, pagava aluguel, mas eu fiquei seis anos só. Morávamos lá, tirava leite, quando começou o laticínio aqui. Fiquei seis anos tirando leite lá para sobreviver porque lavoura não é fácil e às vezes tirava trinta e cinco litros de leite. Tínhamos um casal, que trabalhava com a gente, mas eu que ia para a estrebaria

no clarear do dia, era eu que puxava os empregados lá em casa, o casal. Menino lá foi trabalhando, vendia aquele leite, uma mixaria, 50 centavos para poder ir se mantendo, ajudando.

No começo nós não pagávamos empregados; nós tínhamos a terra lá. Eu e meu marido descarregávamos os caminhões de adubo, ele dirigia o trator e eu ajudava a abastecer a plantadeira, carregava saco de 60 kg. Assim, sozinha, abastecia a plantadeira e depois quando a plantadeira estava cheia subia em cima da plantadeira e cuidava para ver se desciam todas as carreirinhas de soja - que nem homem. E eu na época tinha uma pedra no rim de três centímetros, eu quase morri em cima daquelas máquinas. Daí chegou um ponto que eu ia morrer mesmo. Eu vim para o médico e o médico disse você vai para Cuiabá por que senão você vai morrer mesmo.

Não sou aposentada, sou vendedora autônoma, trabalho por conta e mexo com excursões, eu não estou sem trabalhar. Hoje faço excursões a Aparecida. Minha amiga Nívia faz comigo também, eu faço excursões. Eu pego, monto um grupo e loto um ônibus; loto total e pego a minha caravana e vou para Aparecida do Norte; vou para a praia com a turma. Estou fazendo isso hoje, não parei de trabalhar, estou trabalhando. Continuo, e em Maio fui com um ônibus, agora dia 14 de julho outro ônibus, estou indo agora, estão viajando mais pessoas daqui, estou trabalhando, lutando, não parei, vendo perfume, não paro, cuido da minha casa, da minha filha, porque minha filha não tem tempo para nada, ela trabalha no banco, só vem para casa comer. Ela chega em casa tarde, toma banho e vai para a faculdade; vem para casa meia noite; aí eu cuido da minha casa, dela, das coisas dela também e trabalho nisso que te falei; mas, assim, não é aquele trabalho de horas, se posso assim dizer. Eu não tenho horas para cumprir, é conforme o que eu posso na minha possibilidade de tempo, mas estou trabalhando, lutando. A gente está tão acostumada desde nova levantar da cama e trabalhar o dia inteiro, sim. Quando eu vim para a cidade fiquei doente, você acredita? Por isso que eu fui trabalhar. Agora depois de oito anos de zeladora começou dar dor nas costas, aí nasceu a minha neta, tive que dar uma força para meu filho, eu sai do serviço; aí eu comecei a trabalhar assim vendendo conforme o tempo que tenho. Eu saio para vender, vender perfume e mostrar essas viagens de turismo. Estou mexendo com isso, estou trabalhando até hoje.

Está difícil na lavoura e na cidade também. Tudo está difícil hoje, o agricultor está apanhando, está sofrendo para cachorro porque eu vejo meus irmãos que estão trabalhando lá, são pessoas que estavam comprando terras sempre, estavam crescendo; parou, parou. Tiveram

pessoas que venderam máquinas, estão endividados porque não estão conseguindo mais sobreviver, aí você não sabe mais onde é que é bom, não tem mais nada bom.

A gente é muito bem estruturado e todo mundo trabalha, se não você tem que vender o que você tem para sobreviver, a gente é bem estruturado, trabalha muito com a cabeça porque a pessoa que não traz tudo controlado... Aqui nessa cidade de Lucas do Rio Verde a aparência está enganando muito. Porque tem muita gente aqui que está aparecendo que está com tudo, está por cima, mas na realidade não é assim, está afundando, a maioria está afundando, por causa da agricultura que está em crise, muita crise, porque hoje para plantar um saco de soja precisa 30 e poucos sacos por hectare de despesa e tá ganhando 20.

Eu não pago aluguel. Eu, por exemplo, moro com minha filha ganho 1.500 sacos de soja por ano, eu ganho de lucro de minha lavoura ali, mas não vale. Não sobrevive. Aqui é tudo muito caro. A maioria dos agricultores aqui vai ter que entregar máquinas, entregar carro, muita coisa.

Deu uma parada na obra da Sadia.

Não gostei da cidade. Na cidade é bom para trabalhar tem muita coisa boa. Mas sei lá a roça é muito bom, muito tranquilo, tranquilidade. Se eu pudesse estar na roça com minha família! Hoje estou sozinha, como eu vou morar na roça? Se tivesse meu companheiro... Eu vou lá para o Pará onde estão criando boi, adoro fazenda, adoro vaca, aquele ar puro da fazenda, aqui já está ficando ruim, não tem sossego, rouba muito, tá entrando muita gente, não tem aquela tranquilidade da roça. Meu pai e minha mãe moram na fazenda ali a vinte quilômetros fora da cidade, mas tudo é tranquilo, uma paz, lá tem tudo. Eu acho que se tivesse condição de viver na fazenda, é muito bom, tranquilo, aquela coisa pura da roça, tranquilidade, uma paz; não tem que ficar cuidando de ladrão. Apesar de que hoje o ladrão está indo para a fazenda.

Mas eu acho que a gente que criou na lavoura, acho que se a gente tivesse condições tinha que estar na lavoura a vida inteira.

Hoje estou com duzentos hectares. Não dá para financiar uma máquina com duzentos hectares. Tem que juntar em dois ou três para financiar máquina; eu sei por que os meus irmãos que tocam aqueles lotes do Ipiranga não tem documento; aí tem documento as terras daqui, então têm que juntar em dois para conseguir financiar uma máquina. Uma máquina é muito cara, uma máquina custa 500, 600 mil! Você já pensou arrancar isso aí quando mais precisa?

A soja não tem preço, não paga nem a despesa de adubo, da máquina, e tem o serviço e tudo, o veneno...

Bom, eu não esqueço até hoje; é, eu tinha medo. Aqui tinha onça, tinha tudo, cobra e tinha que ter de trazer cachorro. Já matamos até cobra sucuri em frente da nossa casa. Tinha medo de cobra comer meus filhos, da malária que falavam, mas eu não via a tal malária. Tinha medo do poço, tinha medo que meus filhos caíssem dentro do poço; dessas coisas que a gente tinha medo. Só que quando vi as terras, gostei muito, as planícies muito bonitas. Eu disse este lugar é um lugar bom. Tinha aquele ânimo, este é um lugar bonito, mas tinha medo de passar fome. Eu dizia, nós temos quantos aqui, nós não vamos passar fome não, vamos nos virar.

Nós nunca tivemos vontade de voltar. Dali dois anos que nós estávamos aqui, meu pai veio para cá. Meu pai estava com sessenta e poucos anos e disse: “Meus filhos, vocês nunca vendam essas terras, isso aqui é a melhor terra do mundo!”. Ele falou para mim, na minha casa: “Não vende isso aqui por dinheiro nenhum. Fiquem aqui que eu vou morar aqui também”. E foi embora, vendeu a terra dele lá no Sul e hoje tem uma fazenda como eu sonhava. Ele tem lá, está morando na fazenda até hoje, está com 73 anos. Ele deu aquele conselho, daí eu criei coragem, meu pai disse: “Não vende isso aqui por dinheiro nenhum”. Daí eu guardei aquilo na cabeça.

Eu, com dois anos, voltei pro Sul, mas foi só para passear e trazer algumas coisas e não para ficar lá. Mesmo na época não tendo nem telefone para você se comunicar.

ANITA

Nasceu em Ronda Alta, no Rio Grande do Sul em 1955. Chegou em Mato Grosso em 1981 para morar no assentamento Terra Nova, retornou ao sul. Volta a Mato Grosso desta vez para Lucas do Rio Verde. Casada, é professora.

Sua trajetória de vida é cheia de voltas para o sul e retornos a Mato Grosso. Sua narrativa é recheada de emoções e de muita expectativa de uma vida melhor. Anita foi entrevistada em sua residência.

Anita

- *Queria uma vida melhor, mais tranquila, mas apesar disso a gente vive tranquilo, contente, alegre.*

Eu sou de família de agricultores, fui criada pelos meus avôs porque a minha mãe ficou viúva grávida de mim de três meses, e depois quando eu tinha três aninhos a minha mãe casou-se de novo e eu continuei a morar com meus avôs maternos. Eu me criei com eles; eles foram agricultores a vida toda, e a minha infância foi assim tranquila apesar de não ter tido pai, mas meus avôs, o avô e a avó foram pais para mim, inclusive me adotaram, fui registrada como filha deles. Então não sentia falta do pai; pais para mim foram aqueles que me criaram. Eu estudei em escola do interior no Rio Grande do Sul até a quarta, quinta série. Depois eu fui para a cidade. Meus avôs sempre apoiaram, o sonho deles era que eu me tornasse professora. Aí eu fui, estudei, terminei o ensino fundamental na cidade, mas depois veio já a juventude, começou o namoro e tal. Quando encontrei meu marido, me casei, e meus estudos foram interrompidos por um tempo. Quando eu me casei estava com dezoito anos. Eu já tinha parado de estudar um pouco antes; aí eu me casei. Logo veio o primeiro filho: com dezenove anos eu tive meu primeiro filho. Eu me casei exatamente no ano de 74. O casamento oficial foi depois mais tarde, depois que tinha três filhos, mas a gente juntou os amor como diz o outro (risos). Trinta e dois anos vai fazer agora dia três de agosto que a gente está vivendo junto. Foi uma estrada longa, graças a Deus. Esse período que eu me casei eu não trabalhava, eu cuidava da casa e dos filhos.

Eu vim para Mato Grosso em 81. Nós chegamos aqui em novembro de 81, aqui em Mato Grosso. A gente veio já pela segunda vez para cá. No caso a gente já havia vindo antes, e moramos dez meses em Terra Nova do Norte e tivemos que voltar para o Rio Grande do Sul. Aí ficamos mais um ano lá, e em 81 viemos para Lucas do Rio Verde.

A gente já conhecia aqui no caso de passagem. A gente já conhecia aqui quando a gente voltou para o Rio Grande do Sul, para Ronda Alta; que a consequência da vinda para Mato Grosso foi o desejo dos agricultores da reserva indígena. Porque éramos moradores de lá, então essa foi a consequência da vinda para cá. Como a gente não gostou de Terra Nova,

muita malária, e o índice de mortalidade infantil era grande e tínhamos três crianças pequenas, então resolvemos voltar e aí ficamos um ano, como já falei, em Ronda Alta. E o acampamento de lá da Encruzilhada Natalino continuava desde o despejo dos agricultores da reserva. Eu tinha parentes meus que estavam desde o início acampados. Continuavam lá esperando a terra, que não quiseram vir para cá. E onde um tio meu falou para o meu marido vamos lá, vamos acampar e tentar conseguir a terra aqui no Rio Grande do Sul. Aí fomos com a intenção de conseguir lá, aí eu fiquei dois meses acampada, um mês com as crianças. Meu marido trabalhava, não podia ir; então fiquei eu; e de repente o Incra foi lá fazer o cadastramento e eu fiz meu cadastramento. Aí quando ofereceram para vir para cá nós aceitamos. Daí a gente já conhecia um pouco; e a gente pensou Lucas não deve ter malária. Malária é mais lá para o fundo; vamos tentar mais uma vez e foi onde a gente resolveu vir novamente.

No acampamento eu fiquei praticamente dois meses um pouquinho, não chegou três meses. Não teve pressão enquanto eu estava lá não; porque só veio uma comissão lá fazer esse cadastro e foram embora; e daí em seguida eu também voltei para minha casa porque daí uma pessoa da família, meu padrinho, inclusive ele tinha assim digamos experiência nesse assunto, que ele foi também, acho, chefe da Legalidade, outro acampamento de agricultores sem terra, lá que era pertinho da Encruzilhada Natalino - e daí ele falou assim, era frio, era inverno e falou para o meu marido, acho que não precisa mais a Loira ficar lá. Se ela fez o cadastramento ela pode vir para casa que a hora que eles chamarem para algum lugar, seja no Rio Grande do Sul, seja onde for, eles vão chamar. E daí realmente depois foi o pessoal lá que eu fiquei sabendo, mas não cheguei a conversar que foi aquele Coronel Curió. Ele foi para lá, eu ouvi umas falas assim que houve certa pressão para trazer o povo para cá; mas nós, na verdade, a minha família veio de livre e espontânea vontade.

Nós fizemos a inscrição e fizemos assim na retaguarda, aguardando. Daí meu marido estava indo direto lá, tinha meu irmão que veio para cá também; direto indo lá, sabendo das notícias assim como se diz e daí já ficou sabendo que estavam começando a trazer e no dia marcado a gente arrumou as trouxas e veio.

A viagem foi tranquila, eles trouxeram a gente, não me lembro bem se foram três ou quatro viagens que fizeram. Nós viemos na... nós viemos na primeira. Agora não estou bem lembrada, se foi na terceira, mas parece que vieram quatro viagens, cada viagem com três ônibus mais ou menos. Aí quando eles marcaram o dia a gente foi. Veio tranquilo, veio acompanhado enfermeiro junto para o atendimento; no caso, não teve problema nenhum. A

viagem dos três ônibus que nós viemos todo mundo veio. Além de passar mal, assim em relação normal da viagem, veio tranquilo. O ônibus veio direto de lá.

A gente já conhecia Lucas, porque quando a gente veio para Terra Nova a gente passou aqui e viu bem; até assim marcou a cidade de Sorriso, a gente sabia mais ou menos o Rio Verde, a gente sabia mais ou menos, já tinha uma noção de onde era.

A primeira coisa que a gente viu foram as barracas do exército, as barraquinhas verdes. Tudo prontinho, com a numeração para cada um. Tinha o pessoal do Incra, o pessoal do 9º BEC, que eles eram acampados ali. Tinha uns galpões ali para eles, acho que eles já estavam aí muito tempo. Então já indicavam as barracas em que a gente ia se instalar com a família. As barracas de lona verde, ficava o rio do lado de lá, a BR-163 Cuiabá-Santarém que era de chão, no meio e no lado de cá do rio. A gente bebia água do rio, lavava roupa no rio. A gente foi bem recebida aqui. Chegamos ali, todo mundo tranquilo, já tinha uns que estavam aí, que vieram na nossa frente, também já estavam bem, alguns.

A gente se instalou ali, já havia um posto de saúde, já havia um prédio que funcionava a Cobal, em que a gente pegava alimentação. E a gente ficou ali aguardando. Daí os maridos no caso foram já para cima das terras, já tinha madeira lá para iniciar a fazer as casinhas, os barracos lá. E nós, mulheres e crianças, ficávamos ali, não lembro agora quanto tempo a gente ficamos ali, se foram dois ou três meses. A gente ficou um tempo até que eles conseguissem fazer a casinha para a gente. Daí a gente mudou para lá. Foi morar lá no lote. Já tinha, não sei, se ele estivesse aqui ele saberia dizer quantos hectares abertos, assim, já. Já tinha as estradas prontas, outros pedaços arrumando, fazendo.

Pela primeira vez plantamos, com orientação do INCRA. Foi arroz, mas meu marido plantou outras coisas, miudeza, mandioca, assim, foi conseguindo rama, não sei lhe dizer agora onde, mas eu acho que com o pessoal que já morava ali. Porque tinha gente que morava, tinha os posseiros que estavam aqui antes, então ele conseguiu e daí ele começou a plantar miudeza como a gente era acostumado lá no sul; e a primeira plantação mesmo foi o arroz.

Essa primeira plantação não deu muito resultado não, o resultado foi assim meio ruim. A gente começou a criar animais, galinha principalmente, e o arroz era para as galinhas, para tratar as galinhas, no caso. A gente tratava lá no sul as galinhas a milho; e o arroz foi colhido para isso só porque a produção foi pouca no primeiro ano, foram poucos hectares plantados.

Nós chegamos no final de 81 e no ano de 82 a gente passou nessa, plantando isso. O Incra tinha uma assistência financeira não me lembro se era meio salário ou um salário, na época não lembro o quanto que era.

Era uma ajuda que a gente recebia, uma quantia. E fazia o rancho nesse Cobal para se manter. Não lembro o tempo que foi, seis meses, nove meses, um ano, não lembro o tempo que foi. E o meu marido começou também a trabalhar de peão também. Vieram uns agricultores com certo recurso, melhor que a gente, daí eles já pagavam para catar raiz, essas coisas. E ele foi trabalhar assim no primeiro ano, que foi 82.

Já em 83... 82 foi um ano bom, não foi ruim. Deu bem para a gente virar. Em 83 foi melhor, começou, melhorou ainda mais para a gente, para a minha família, começou as aulas e eu tinha criança em idade escolar. Minha filha mais velha em 81 seria o ano de ela iniciar a estudar, e ela ficou sem ir para a escola - estavam em construção as escolas nas fazendas, nos sítios várias escolas, assim, em várias partes.

Eu morava no Setor Cinco. Aí então quando passou a D. Elisabeth, que é uma senhora que foi nossa secretária, e o marido dela, nosso Diretor, a gente tratava, assim, quando passaram de casa em casa fazendo levantamento do número de alunos que tinham. Aí eu já conversei com ela, me dispus a dar aula. Eu só tinha a sétima série na época, mas mesmo assim eu já tinha dado aula também lá na área dos índios, quando eu morava lá; aí eu me dispus a dar aulas. Eu queria dar aula, queria, assim, futuramente, continuar estudando; e foi onde eu consegui. Daí eu comecei a dar aula lá no Setor Cinco. Já em 83 se iniciou as aulas com a criançada lá, e eu comecei a trabalhar.

Os prédios das escolas em si eram grandes, eram de madeira; grande, com 3 salas de aula. Tinha um banheiro, todos com vaso sanitário. O que não tinha era o encanamento. Tinha o poço, mas não tinha o encanamento para funcionar. Então, nós funcionávamos ele a balde. Tirava do poço a água e jogava, fazia a limpeza da escola. Daí, eu, como eu morava um pouco distante da escola e tinha aluno para eu trabalhar de manhã e à tarde, e Tereza autorizou com o pessoal do Incra no caso eu morar em uma sala de aula e na outra dava aula - sobrava uma ainda livre. Aí eu fui merendeira, enfermeira. Era professora, tudo, tudo na escola eu fazia.

Trabalhei 83, até outubro de 84; aí em outubro de 84 não pude mais segurar meu marido, que queria voltar para o sul. Ele se achava impossibilitado de continuar a trabalhar ali. Ele é uma pessoa analfabeta em relação a banco, mexer com banco. Eu era leiga; então a gente tinha muito medo porque no sul nós vimos muitos colonos conhecidos da gente que perderam terras para o banco, essas coisas. Aí meu marido tinha medo de mexer com banco.

“Vamos perder, vamos embora, lá a gente compra um pedacinho de terra porque a gente começa a fazer financiamento e coisa vai se endividando, amanhã ou depois a gente perde a terra.” E me fez a cabeça para a gente voltar; eu não queria, meu irmão também ajudou a segurar durante bastante tempo, mas no final de 84 nós vendemos, começou a aparecer muita gente de grana para comprar e comprar e a gente acabou se envolvendo e vendeu a nossa terra, coisa que depois mais tarde meu marido fala que não se arrependeu, mas eu me arrependi de ter deixado vender.

Apareceram simplesmente os compradores por lá e se acertaram com o meu marido e tal e foram. Uma das coisas que a gente tinha muito medo, porque quando nós viemos para cá, deixamos uma casinha na cidade lá em Ronda Alta, que foi da primeira volta de Terra Nova para o sul, a gente conseguiu comprar uma casinha na cidade. Meu marido começou a trabalhar de empregado, coisa que ele nunca havia feito; sempre foi agricultor, trabalhou um ano, aí quando nós viemos para cá nós deixamos essa casinha na reserva. Lá no sul tínhamos parentes da gente cuidando caso não desse certo, a gente tinha para onde voltar. Sempre convidavam meu marido para comprar lotes, quando via o pessoal querendo vender, e estavam vendendo, indo embora. Aí tinha um vizinho que fazia divisa com a gente e ele dizia, vamos comprar, vamos oferecer nossas casinhas lá no sul. Nossa casa que não era tão ruim, era boazinha. Vamos comprar esse lote daí e o meu marido não quis porque tinha medo de perder, porque o que a gente sabia era que o Incra dizia, não compra porque se comprar perde. Era o que se falava - não compra porque se comprar o Incra vai tomar. Só que não tomaram dos que compraram, não tomaram. Não tomaram, e a gente teve medo e perdeu de ter comprado e de ter ficado com mais terra, quem sabe ter ficado por aqui. Eram aqueles lotes de duzentos hectares.

Acho que pegamos o financiamento só daquele primeiro ano, para aquela quantidade de hectares que eles mesmos abriram para nós. Foi só esse primeiro, porque quando a gente vendeu, a pessoa que comprou assumiu o que tivesse no banco para pagar. Inclusive, a pessoa queria que a gente desse uma procuração para financiar no banco, aí eu não aceitei, disse que não. Imagina, que, apesar de que a terra também ia continuar sendo nossa, em nosso nome, mas vai saber o tamanho da dívida que iam fazer. Não! Estamos vendendo e quisemos a vista. Nada de deixar para trás, para não ter compromisso um com o outro.

Voltamos para o Rio Grande do Sul e ficamos lá um ano e meio. Aí compramos uns alqueires de terra, pouquinho, três alqueires, eu não sei em hectares quanto isso dá. Era bem perto da cidade e voltamos a trabalhar na roça de novo. Quando fazia um ano e meio que nós

estávamos lá, já tínhamos passado um inverno, no segundo inverno que a gente tava passando lá, meu irmão, que tinha ficado aqui, foi para lá passear. E aí ele incentivou a gente a voltar. Nós também já estávamos sentindo o frio, já era diferente. A gente passou aqui aqueles dois anos, não viu inverno, as crianças meio pequenas indo na aula e tal. O meu irmão disse, as crianças nesse frio aqui, vamos voltar para lá, lá está bom, lá melhorou, se vocês vissem como a vila cresceu. Aí a gente falou para ele, a gente não vai conseguir comprar o mesmo pedaço de terra. Aí ele disse, nós compramos menos. Compre um pedaço. Aí meu marido concordou e eu também e acabamos no mesmo dia; ele procurou negócio e arranjou comprador para a terra, vendemos aqui de novo. Isso quando eu fiquei grávida, eu tive um filho em 86, exatamente em 86. Eu vim com esse menino para cá, ele nasceu em fevereiro e em maio nós viemos para cá, 86.

Compramos seis alqueires, do meu irmão mesmo; e ficamos morando junto, perto dele. Compramos dele a terra, e eu tinha três crianças. E quando eu vim a primeira vez aqui para Lucas, eu tinha três filhos, vim gestante, tive uma criança aqui que faleceu com três meses, aqui. Aí voltamos para cá. Lá no sul eu tive esse outro menino, em 86. E quando viemos morar para cá eu já vim gestante do sexto filho, que nasceu aqui. Todo esse tempo eu fiquei sem trabalhar; só meu marido trabalhava, lá. E aqui, porque eu tinha as crianças pequenas, inclusive tive a oportunidade de recomeçar a dar aulas ali no Setor Um. Daí nós fomos morar no Setor Um, mas eu não queria porque tinha todos os meus filhos pequenos. Os três mais velhos já estavam estudando e dois pequenos ainda não, eu tinha que cuidar deles; então não dava para trabalhar.

Eu cuidava da casa, só da casa. Então ele cuidava dos seis alqueires dele, ele trabalhava de peão para os outros, que daí, na época, o pessoal estava um pouco melhor, os que permaneceram, os que ficaram ali, os que chegaram, os que compraram as terras, quase todo mundo já tinha um tratorzinho e tal. Então ele trabalhava de peão para os outros, plantava a terra para ele e inclusive para o meu irmão. Meu irmão já tinha um tratorzinho; aí já comprava a semente junto com a semente dele, o adubo tudo já seguia tudo assim para a gente plantar, mas nada que desse lucro assim para ficar bem; ajudava, mas ele trabalhando sempre de peão, direto.

Eu voltei a trabalhar em 90, no finalzinho de 89, acho que foi novembro. Nós fizemos uma mudança, aí nós vendemos as terras de volta para o meu irmão e fomos para Terra Nova. Em Terra Nova, compramos uma terrinha lá também, de sete alqueires. Construimos casa em cima. Ele começou a plantar novamente, mas daí eu procurei a Secretaria de Educação, daí eu

voltei a dar aula em 90, no ano de 90, lá em Terra Nova, como professora substituta; comecei a dar aula.

Tinha a vila que tinha escola. Tinha uma escolinha bem em frente a minha casa, mas eu comecei a dar aula na vila porque ali já tinha gente; daí estavam precisando na vila, que era uns três quilômetros e meio ou quatro da minha casa. Comecei a dar aula lá e já procurei um jeito de eu voltar a estudar. Foi o meu objetivo de ir para Terra Nova. Foi isso, porque aqui, na época, não tinha estudo para mim, vamos dizer assim, e lá em Terra Nova eu tinha parentes que moravam lá que continuavam morando lá, que sempre moraram lá e a gente, eu ia direto para lá, na minha tia, na casa dos meus parentes, da minha tia. Então eu tinha a informação que lá tinha o LOGUS dois, supletivo. Foi isso o que me incentivou a ir para lá. Vou para lá porque já estou bem defasada com meus estudos, já com meus trinta e poucos anos aí eu fui para lá, comecei a dar aulas e já procurei voltar a estudar.

Como disse, a escola que eu dava aula ficava uns quatro quilômetros da minha casa, mas eu dei aula até mais longe; eu dei aula ali nesse ano que foi em 90 e 92, se não me engano. Eu dava aula em dois lugares ali e dava aula em outra escola a quarenta e cinco quilômetros da minha casa mais ou menos. Saía de Terra Nova, que eu morava, passando indo para Peixoto de Azevedo, eu morava seis quilômetros longe de Terra Nova, uns quatro quilômetros dava essa vila onde eu trabalhava. Aí tinha a sexta agrovila que ficava a mais ou menos quarenta e cinco quilômetros já pertinho de Peixoto. Eu saía às cinco e meia da manhã da minha casa, pegava o ônibus dos verdureiros, ia dar aulas lá, voltava para casa e à tarde ia para a vila. Tinha que me virar porque lá também meu marido trabalhava na roça. Mas também o lucro não era assim para se manter; ainda bem que ele trabalhava bem, sempre foi trabalhador, plantava milho, a gente tinha vaca de leite, plantava mandioca, criava muita galinha. Então o que vinha ali da terra a gente tinha, mas o que vinha do mercado daí era por minha conta. Eu ajudava no sustento da casa, no material das crianças para estudar, no vestuário.

Fiquei em Terra Nova até 93, final de 93 foi que me formei. Não 93, aliás; em 93 já iniciei a trabalhar aqui em Lucas do Rio Verde.

O meu marido veio comigo.

Vendemos lá em Terra Nova e não conseguimos comprar outra terra aqui. Só compramos esta casa. Fico muito triste e emocionada ao mesmo tempo... Aí comecei a dar aula aqui em... Pára um pouquinho. Eu só me emocionei porque... Falar que da terra só sobrou isso daqui, essa casa. Dos duzentos hectares para só um terreno. A minha expectativa é que os

filhos estudem agora. Então a única coisa que a gente vai poder deixar para eles é isso, o estudo.

Tenho outra filha que se forma o ano que vem. Ela estuda aqui, está estudando na *Univerde*. Se forma ano que vem em administração.

Os filhos, às vezes, eles até falaram, “ô mãe...”, não que eles cobraram ou recriminaram a gente pelo que a gente fez, mas eles até cobraram, “é mãe se não tivesse vendido ali a gente podia estar bem!” Podia e não podia, vê meu irmão, que tentou, que ficou e ficou até que deu aqui. Ele inclusive acabou vendendo aqui, hoje ele mora no Itanhangá, tem acho que dois lotes, dois, três, não sei, são só cem hectares e está se virando lá, não conseguiu permanecer. As coisas foram enrolando, acho, um monte de coisa no banco e para cá e para lá, ele acabou tendo que também sair. Aqui realmente ficou quem já veio com capital lá do sul e conseguiu e sei lá ou se era mais esperto para negociar também e conseguiu estão por aí ainda bem de vida.

Nossa, eu com esse punhado de filho, mas eu estou superfeliz, a minha vida é essa criançada aí. Eu, graças a Deus, também consegui estudar, formei em 2004, fiz pedagogia, estou aí para fazer a pós. Ainda estou com cinquenta anos, mas quero ver se faço a pós ainda, me faltam oito ou nove anos para eu me aposentar e se Deus quiser quero fazer a pós.

Não, não, o senhor dá licença um pouquinho só? Como diz o homem da novela - manteiga derretida, fico chorando...

A cidade cresceu de 99 para cá. Faz três anos que eu estou morando aqui uma loucura. Quando nós conseguimos comprar esse terreno aqui, construímos essa casinha aqui, a minha casa era a última aqui da rua. Tinha, ali tinha uns dois barraquinhos, aí já tem a escola, aqui do lado estavam construindo a escola. Até quando nós estávamos construindo aqui que nós ficamos morando de aluguel lá do outro lado até construir a nossa casa. Eu vi aquela construção ali, eu fui ver o que era, curiosa, porque queria dar aula, aí fui perguntar o que é que estão construindo aqui? O que vai ser aqui? Disseram vai ser uma escola; daí começou a construir. Dei o primeiro ano, aula no interior, em 93, foi no interior. Fui à prefeitura, me inscrevi lá e comecei dar aula no interior, não tinha vaga aqui na cidade; aí foi um ano. Era no Setor Um, no mesmo lugar que eu já conhecia, mas deve aí, não sei lhe dizer, quantos quilômetros, deve dar uns vinte, acho, vinte e cinco por aí; daí eu ia de lotação e depois daí já comecei, me mudei aqui, já comecei a dar aula aqui na cidade e aí foi uma luta para se efetivar também, fazer o concurso.

Comecei a dar aulas aqui perto, em 95, era uma escola municipal. Foi assim, eu dei aula em 93 no interior. Em 94 dei aula em uma escola do estado aqui na cidade, daí em 95 iniciei no município novamente e estou até hoje. O nome da escola era Érico Veríssimo.

Foi na escola Olavo Bilac, a primeira que eu dei aula no interior. Ela foi desativada. Agora, faz poucos anos que construíram essa escola grande aí que funciona de 5ª a 8ª séries e aí colocaram o nome de Olavo Bilac.

Fiz o concurso e efetivei com quarenta horas. Na época que eu fiz o concurso, estava uma beleza, tava até mais nova, mais animada, mas agora está puxado; só que foi assim, o concurso tinha para vinte horas, na época, e quarenta horas. Como eu já tinha feito dois concursos anteriores e não tinha conseguido, eu já estava meio desanimada; daí eu pensei bem já que tem para quarenta horas, vou matar dois coelhos com uma cajadada só, aí fiz para quarenta horas. Passei, passei até bem, fiquei em quinto lugar e assumi, só que hoje financeiramente tudo bem, beleza, mas é um trabalho cansativo, e depois eu continuo sendo professora lá na escola, enfermeira, muitas vezes mãe de aluno, sou dona de casa, esposa, mãe, cuido de minha casa.

Quando chegamos pela primeira vez aqui, já tinha um posto de saúde, porque a gente chegou estavam acabando, quando chegamos aqui em 81. Estavam acabando de montar o posto de saúde então a gente tinha um bom atendimento. Atendiam a qualquer hora que a gente chegasse. Inclusive eu, quando nasceu minha filha, tive a menina em Sorriso. Fui para o hospital de Sorriso para ter ela porque aqui não tinha hospital, era só o posto mesmo. Atendia só uma emergência mesmo, e sempre fui bem atendida, inclusive o bebê nasceu com problema de coração e daí eu precisei ir para Cuiabá. Fui lá, tudo, através do Incra. Nesse sentido não posso assim me queixar de nada: sempre fui bem atendida quando eu cheguei e falei que o médico de Sorriso estava pedindo que eu levasse a criança para Cuiabá. Eu preciso ir para Cuiabá e já foi providenciado passagem, tudo, estadia para eu ficar lá por conta do Incra, só que daí na época nós conhecíamos um motorista do Incra, que estava provisório aqui, fazendo transporte nosso da vila para o sítio, essas coisas. A gente conheceu esse motorista. Um cara muito bacana - Seu Paulo -, era motorista do Incra. Aí, o dia que eu precisei ir para Cuiabá, inclusive, eu fui com ele. Daí quando chegamos lá, ele disse você fica na minha casa mesmo, pode ficar na minha casa. Ele tinha família dele que morava lá, era viúvo por sinal, mas ele tinha uma filha, moça já, uns rapazes, eu ficava na casa dele, fiquei as vezes que eu precisei ir para lá. Fiquei hospedada na casa dele. A última vez que eu fui com

ele para lá, que ele, o bebê, estava ruim, e não era batizado ainda. A minha família pediu, meu irmão, meu marido para batizar a criança lá e esse “Seu Paulo” batizou nossa filha lá.

Essa criança faleceu. Até nós batizamos no domingo, eu fiquei lá durante a semana; na sexta-feira eu vim embora, que fui dispensada pelo médico para vir e ela passou mal na viagem e chegando aqui ela veio a falecer aqui em Lucas.

Quando eu voltei aqui pela segunda vez, vi que a cidade estava bem melhor, já tinha mais comércio, que no começo era pouquíssimo. Na verdade tinha um mercadinho, além da Cobal, no caso, e algum, um ou dois, barzinhos. E daí já estava bem melhor, já tinha... me fugiu agora. O que é que tinha de interessante ali a mais, o hospital. Não que fosse um hospital bem equipado, mas já tinha um médico particular que atendia, já podia fazer alguns internamentos. E aí, como eu falei para o senhor, da segunda vez que eu voltei, eu vim com um menino pequeno, que eu ganhei lá no sul e grávida do outro, que nasceu aqui, aí esse outro já nasceu aqui. Continuava o posto de saúde igual onde fazia o pré-natal; tinha outro médico. Como eu pretendia encerrar os filhos, passei a ir ao médico para fazer a famosa laqueadura, já tava bem melhor. Já estava bem melhor, daí já era o segundo mandato de prefeito. O primeiro foi o do senhor Werner Kotrof, o segundo já era esse Paulo Nunes, já ia para cinco anos de emancipação. Então daí, enquanto estava o senhor Werner, ainda o crescimento não foi muito grande, o estouro do crescimento. Daí quando entrou o Paulo, não sei, começou a vir muita gente de fora, e foi então que Lucas cresceu mesmo.

Gostei de vir para a cidade, apesar de a gente ver que aqui o custo de vida é bem alto. Mas gostei sim; gostei. Terminei de criar minha família, a bem dizer; aí estão todos. Vir foi ótimo, daí eu consegui fazer magistério lá em Terra Nova. Vim com esse curso e garanto que se não tivesse conseguido fazer o magistério lá em Terra Nova e ter vindo com o certificado, com meu diploma na mão, não teria chegado aonde cheguei. Porque aqui está expandindo muito e chegando professores formados fora. Na época, tinham poucos com magistério e poucos ainda com faculdade, mas com magistério se eu não tivesse conseguido lá formar em magistério, eu não ia conseguir aqui o emprego.

Afaculdade que eu fiz aqui foi extensão de Sinop, da Universidade do Estado de Mato Grosso. E só consegui fazer porque foi aqui.

Vejo a cidade cada vez melhor, a estrutura dela melhor: aumentando, pessoas chegando para morar aí. Isso é bom para o crescimento da cidade, mas assim na questão de emprego ainda está bastante difícil a questão de a gente ter filhos aqui, para empregar não é

fácil para trabalhar. Quem tem seu empregozinho tem que segurar porque hoje realmente não está fácil e o custo de vida é alto.

Acho assim, que em relação ao que a gente vê, assiste na televisão, a cidade de Lucas é até calma, mas que tem bastante roubo, essas coisas que a gente não era acostumada, mas mesmo assim eu posso garantir que a cidade é bastante calma. Ela é calma. Eu aqui na minha casa mesmo, a fechadura da casa é estragada; só tem uma tramelinha, a porta do fundo fica só encostada. Roubo aqui, para não dizer que não teve, foram roubadas as minhas cadeiras e uma bicicleta velha, até agora, todos esses anos que eu moro aqui. Então dá para falar que é uma cidade calma, pois as portas do fundo da minha casa são assim abertas, daí tem os meninos, os rapazes, que eles saem à noite; então a gente está dormindo, está no bom sono e tem que levantar para abrir a porta; então sempre deixo encostada sempre, depois estragou daí que ficou assim mesmo. Saímos de dia, a gente sai a porta fica encostada fecha aqui o portão de entrada.

Ainda estamos tendo tranquilidade, mas já estamos nos preparando com muro, vamos terminar de fechar os portões, já tem cachorro criando, já estamos preparando, porque a gente sabe que quanto mais a cidade aumenta a violência aumenta junto.

A primeira coisa que me vem quando lembro de Lucas do Rio Verde quando nos chegamos, é descendo do ônibus e vendo aquelas barracas de lona verde nos esperando ali; algumas pessoas que tinham vindo na frente, andando por ali, e o que me vem à cabeça é em relação a barulho, assim, o jipe do Incra por ali circulando.

Eu, nós, eu e o meu marido, já moramos em Terra Nova na beira do mato, aqui em Lucas também na beira do córrego, o nosso barraco era na beira do córrego, eu nunca vi barulho de onça.

Olha os únicos posseiros que nós conhecíamos mais, foram dois, o Lira, que a gente conheceu logo que chegou aqui, e um tal de Luiz, que não tenho o sobrenome, que a gente ficou acampado. Era mais ou menos assim, ficamos acampados aqui e daí tinha a BR, do outro lado da BR já era a terra dele, então morava ali com a família. Não tivemos problema nenhum, inclusive a mulher desse posseiro ela ainda hoje acho que mora aqui, não sei se ela mora ou foi para Cuiabá, não lembro bem, mas até o ano passado, ano retrasado, ela estava por aí. Ela começou a trabalhar no INCRA; então a gente já tinha uma relação, passou a conhecer e a gente ia na terra deles que era pertinho, buscar goiaba, saco de goiaba lá nos pés de goiaba dela para comer, ela dava para a gente. Com essas duas famílias que tivemos aí a relação foi normal.

Havia outros, só que mais distante. Esses dois foram mais aqui. Tinha esses posseiros que moravam mais longe que era Dorival, Betinho, Chico Peixoto, esse povo assim, mas não era assim, o meu marido que tinha mais relação com eles, que relação de trabalho, eles é que eram os empreiteiros da terra.

Chovia muito aqui; chovia, chovia. Mas eu posso dizer que foi uma época que eu acho que era boa, mesmo com todas as dificuldades que a gente tinha de deslocamento para vir para a vila atrás de alimentos e tal. Mas foi assim, a gente vivia, que nem quando converso com minha cunhada; a gente vivia feliz, tudo era alegria, a gente era jovem. Acho que quando a gente é novo, a gente ainda não tem noção das coisas, sei lá das dificuldades. Não pensa no futuro; que nem eu mesmo, eu acho que nem o meu marido não pensava no futuro, de não ter ambição, não tinha ambição de ficar rico. A gente queria viver, mas não tinha aquela ambição de enriquecer. Queria uma vida melhor, mais tranquila. Mas apesar disso, a gente vivia tranqüilo, contente, alegre.

Não passei necessidade; é o que eu falei no início: eu comecei a dar aula logo. Dava aula o dia inteiro; então eu ganhava mais ou menos bem, e mais a assistência que nós tínhamos do Incra, a gente passava tranqüilo. Mas a gente viu famílias, eu, inclusive, quantas vezes vi algumas famílias passarem necessidades.

Eu dava coisas para quem necessitava, porque vinha a merenda escolar e na merenda vinha aquele jabá, vinha arroz, vinha um vitaminado de banana com leite. Então, quantas vezes eu pegava da merenda e dava. Além dos alunos virem para a escola comer, os bem vizinhos, quando eu via que não tinha mesmo, dava para eles alguma coisa assim da merenda e até trigo que aí era do meu, que comprava. Eu dava quando eu via que não tinha mesmo.

O meu irmão, ele morava no Setor Um e eu no Setor Cinco. Ele, mesmo, eu tinha até esquecido disso, não faz muito tempo que nós, conversando com ele, com a minha cunhada, eles falaram assim quantas vezes saímos do Setor Um e fomos lá e lá ficavam a semana inteira comigo porque não tinha o que comer em casa! E quando eles vinham para minha casa, daí eu pegava uma caixa, colocava arroz, colocava feijão, colocava óleo, colocava açúcar, tudo que eu podia. Eu colocava para eles terem por uma semana, quinze dias. Para poder ajudar ele para ele aguentar; graças a Deus!

Mas a gente tinha assistência do Incra, do 9º BEC. Eles estavam sempre com o carro pra lá e pra cá e sempre levava a gente, trazia.

Aqui em casa eu sou a primeira a acordar. É muito difícil aquela vez do marido acordar antes. E quando acorda, ele cutuca para eu levantar e ele fica um pouco na cama. O

meu horário de acordar é cinco e meia. Quinze para as seis, eu levanto, faço o café. Dou uma ajeitada nas coisas para ir para a escola. Sete horas pego minha bizinha, porque em relação à escola, eu dava aula aqui, perto da minha casa, mas a secretária que tem mania de ficar removendo, me removeu lá para longe. Tive que ir lá para longe, tive que fazer um gasto que não estava previsto. Que foi comprar a moto, porque eu pensei quarenta horas, para eu ir lá, voltar para o almoço; vai, volta, nem de bicicleta nem a pé, não vou aguentar, vou passar mais de atestado do que em sala de aula. Já tenho problema na coluna, essas coisas. Acabei fazendo um financiamento e comprando a moto. Então, outra hora eu venho, faço almoço, almoço, às vezes dá tempo de descansar uns quinze minutinhos, tomo um banho, me visto e vou de novo. Às cinco e meia chego em casa. Daí na segunda-feira tem curso à noite, na terça tem curso, na quarta daí é reservado para lavar roupa, na quinta, como hoje estou conversando com o senhor (risos) e assim vai indo. Aí tem uma tia minha meio idosa que mora aí. Liga de repente: “Loira quero ir para tua casa”. Viúva, sozinha, os filhos dela moram em Cuiabá: vou buscar minha tia, trago ela para cá e a rotina é essa, domingo. Daí no sábado é meu dia de faxina, passo o dia limpando a casa, no domingo daí é que folga um pouquinho na parte da tarde. Minha rotina é essa. De vez em quando sobra um tempinho. Aí vou à missa.

Tereza

Nascida no interior de São Paulo na cidade de Tatuí em 1944. Casada, mãe de quatro filhos, chegou à Gleba Rio Verde em 1983. Junto com seu marido é uma das pessoas mais importantes para o setor da educação em Lucas do Rio Verde.

Reserva falou de sua história de trabalho na área da educação. Formada em Letras é professora da rede estadual. Contou um pouco da história da sua eleição como vereadora, a primeira mulher vereadora em Lucas, pelo PDT. Em seu relato fez comentários sobre as festas que havia nas comunidades na região de Lucas do Rio Verde. Dona Elisabeth foi entrevistada em sua residência.

D. TEREZA

- Faria de novo sim, só gostaria de ter vindo mais cedo.

Sou Tereza. Moro na Rua Getúlio Vargas, 230 E. Nasci em Tatuí, em 1944. Sou casada, mãe de quatro filhos. Casei em 69. Sou filha única.

Não sou de família de agricultores. Meu pai era queijeiro; mamãe... trabalhava em casa. Papai era suíço, mamãe filha de português. Minha infância foi de uma garota do interior de São Paulo, cidade do interior de São Paulo. Eu vim para Mato Grosso em oitenta e três, janeiro. Vivi em São Paulo sempre. Cheguei a Mato Grosso depois de casada.

Eu comecei a trabalhar quando fazia o segundo grau. Eu fiz dois segundos graus. Naquela época, clássico, científico... Então, para ajudar em casa - perdi papai muito cedo - eu comecei a trabalhar, com dezoito anos. Dezoito anos, eu trabalhava no banco. Enquanto estudei, trabalhei... Assim que eu pude, já fui lecionar. Depois acrescentei o normal; tinha os três segundos graus, e depois sempre trabalhei com educação. Sou formada em Letras e Literatura.

Vim para cá casada... A gente fazia parte... entrei para uma família grande. E a maioria deles era agricultores. Meu marido não era, mas a família era, e a gente estava... todo mundo estava meio descontente. Naquela fase estavam dando incentivo para vir para cá, e havia um grupo que se dedicou a estudar uma área... inclusive pagamos por isso. Fizemos... foi uma coisa bem regularzinha, fizemos muitas reuniões em casa e em outros lugares também. Era um grupo ligado à Holambra, turma de agricultores. Era de lá e com esse descontentamento a gente veio procurando alguma coisa nova... O nosso caso não era bem esse, porque a gente não estava nessa coisa... Era um pouco aventura, vontade de conhecer coisas novas e ver o que enfrentava. E assim a gente veio junto com eles, com essas famílias. O meu marido esteve aqui em oitenta e dois. Em oitenta e dois ele fez todos os levantamentos de pessoas. Fez um censo assim... a formação de cada um mais ou menos porque aqui a gente vai formar escola e

assim que é que a gente começou. Daí eu vim no comecinho de oitenta e três, janeiro de oitenta e três, mas quando eu vim, ele já tinha feito todo o levantamento.

Vim para cá sem conhecer nada, na maior dor de barriga. É o espírito aventureiro meio doido. Acho que para vir para cá todo mundo tem que ter um pouco de louco também, não é só espírito aventureiro é... Eu acho que é assim, não digo que é choque, mas sem... sem reação, sem... será? Será ? Será que eu vou ficar? Passei a noite... passei a noite com a mudança ainda carregada porque...no dia seguinte não estava querendo descarregar a mudança não (risos); e eram aquelas noites claras, bonitas aqui, agora eu acho bonitas, mas aquela noite lá eu achava tudo fantasmagórico... você enxergava tudo, é límpido, cada arbusto, cada arvorezinha sabe e eu passei a noite sozinha... e daí eu fiquei. Não nos estabelecemos em Lucas, mas em Itambiquara, a trinta e cinco quilômetros daqui.

Nossa atividade principal estava ligada à área de educação, se bem que era mais o meu marido, mas eu como professora naturalmente eu estaria junto. Ele era formado em Pedagogia, Filosofia, Teologia e tem mais um aí que eu não me lembro agora. Ele é muito bem formado e se especializou em psicologia familiar na Suíça.

Como já disse, eu vim para Mato Grosso casada, com quatro filhos. O menor deles com quatro anos. O meu marido já tinha vindo antes, tinha esse censo feito, então os grupos... sabíamos quem tinha mais estudo, quem aceitava dar aulas, isso aí ele já tinha mais ou menos em vista. Então refizemos essas... essas histórias e vimos mais ou menos onde instalar as escolas, porque o Incra já tinha, no começo, cinco escolas distribuídas aqui. Mas eles não pensaram, construíram cinco escolas de madeira, mas entre o serviço de escritório e o campo é outro caso, então não era bem onde estava o ajuntamento de pessoas que eles construíram as escolas. Então a gente pensou fazer onde tinham famílias com crianças e às vezes a gente fez assim chapéu de palha mesmo, mas foi começando, boa vontade de todo mundo, todo mundo aqui tinha vontade de ficar e crescer e então a gente conseguiu. Éramos mais ou menos cem aglutinadores. Eu acho que a gente serviu de ponte, de encontro de tudo isso. Nós tínhamos o apoio de Diamantino, nós pertencíamos a Diamantino. E o prefeito de lá nos apoiou muito no começo. Para ele dava graças a Deus que tinha alguém aqui que cuidava da educação. O secretário de educação ficava feliz conosco então, porque antes era o padre Mateus que passava de vez em quando. Quando ele fazia o batismo do pessoal ele levava... tinha algumas crianças e ele levava o registro das crianças para lá. Tudo nessa base, então era assim... fomos muito bem vindos, não pelo povo, mas pelos digamos assim mais... mais organizados, de cima

de quem do povo porque a gente era sulista... a gente era paulista e a gente queria ou não queria nós tivemos que aprender o linguajar.

O relacionamento entre esses três grupos - posseiros, parceiros e agricultores paulistas era... era, assim, não se falando em questão de terras, o entendimento entre as pessoas era bom... era bom. Eu é que apanhei um pouco para me adaptar então... mas assim, de recepção foi... todo mundo dava graças a Deus a que alguém fazia alguma coisa na área de educação. E como a gente estava formado, já tinha experiência, nós já tínhamos trabalhado lá então... não foi difícil as outras áreas nós tivemos que dançar também.

Lucas do Rio Verde não era município; era ainda apenas projeto. Eu morava a trinta e cinco quilômetros de Lucas, em Itambiquara. Vim para Lucas acho que foi em oitenta e seis. Porque nós tínhamos uma função também, eu era motorista, trazíamos a criançada desde mais para frente, quarenta quilômetros, e trazíamos aqui para estudar à noite quando começou à noite. Porque no primeiro ano nós já tínhamos da quinta série em diante. Foi uma coisa bem a toque de caixa; mas eram viagens constantes a Cuiabá para conseguir, Cuiabá, Diamantino.

O governo justificava sempre que não podia construir as escolas. Precisa que o pessoal morasse lá primeiro, depois a gente abre a escola... então a gente colocava assim: os pais deixam a família lá no sul e vem para cá. Nós estamos ocasionando o quê? Um problema social; e havia o problema da bebida... O pessoal vivia sozinho, abandonado, então essa divisão de família era um problema sério. Então essa era a nossa briga com o governo; mas o Klaus, essa parte o Klaus entrou de peito limpo para conseguir... Então nós tínhamos então isso... então a gente trazia os alunos. Ele vinha de manhã, saía de manhã e eu vinha à noite porque eu não lecionava de primeira a quarta; lecionei de quinta em diante, que era a minha faixa. E era assim, depois das dez e vinte, a gente saía, onze e trinta entregava lá não sei onde e sem conhecer bem a estrada e sem conhecer os lugares, as casas. Chegava em casa meia noite... com quatro crianças, esses foram heróis.

Nessa época, em oitenta e seis, oitenta e oito, Lucas foi elevada a município. E daí houve a primeira eleição. E na primeira eleição entrei como vereadora... Eu tinha trabalho, todo mundo me conhecia. Era uma coisa assim meio que... se bem que foi difícil, viu? Com a turma que estava aqui, para votar em mulher não era brincadeira. Peguei lanterninha, lá atrás, mas entrei, fui eleita pela oposição. Isso que é curioso, havia tudo isso, era conhecida, tinha serviço prestado, mas mesmo assim foi difícil. Ao mesmo tempo veio uma lei que os diretores das escolas estaduais não poderiam ser reeleitos, e a escola Dom Bosco, que era estadual, ia bem que era uma beleza com ele, com o meu marido, com o Klaus. Nós tivemos uma turma

aqui no começo que era assim de dar inveja, de dar dor de cotovelo para Nova Mutum, Sorriso, sabe? E veio um pessoal novo... professores, então deu para fazer um trabalho bom. Os professores saíam assim formadinhos, bem preparados, e daí quando não houve mais reeleição. Aconteceu também um fato que facilitou, houve uma entrada boa de dinheiro, por causa de uma herança e aí nós quisemos que nossos filhos fossem para a Suíça; e aí é que a parte que eu me machuquei bastante. Foram todos para a Suíça, inclusive o marido. Não pergunte se eu faria isso de novo.

Fiquei sozinha aqui em Lucas durante quatro anos, mas eu viajava. No final do ano eu viajava; às vezes até no meio do ano eu dava uma fugida... Então eu fiquei mais dois anos lá e depois eu vim morar para cá, dois anos aqui.

Eu vim definitivamente para Lucas, acho que foi... em oitenta e oito, oitenta e nove; e eles foram para a Suíça em noventa... Acho que foi noventa que eu vim morar para cá... Sabe que eu nunca pensei direito nisso, mas uma hora vou ter que botar no papel também.

Voltando à questão. Fui eleita vereadora, sou PDT. Ter instrução, ser formada, acho que aí já era mais respeitada por isso... Havia respeito por esse conhecimento. Quando apareciam as encrencas maiores e quando o então Presidente da Câmara não sabia como falar com determinada pessoa, ele me botava para fora, não que eu sabia falar e brigar, mas... Com isso a coisa foi indo, eu era um incômodo, sem dúvida que eu era, mas a minha função, já que eu não podia influenciar tanto no executivo a gente mantinha a população informada acho que esse era o meu ponto mais... deixar transparecer. Tinha uma boa, uma boa ligação com o prefeito, chegava lá então, eu... que a gente ouvia de errado a gente chegava e falava... Era oposição direta, mas era uma oposição limpa e era começo, implantação do município. Às vezes não tinha nem um lápis, nenhuma coisa, tudo era assim conseguido com sacrifício. A prefeitura começou sem nada... bom, hoje é uma beleza, viu? Ao pessoal que reclama agora, a gente fala não vai ficar reclamando, vai?...

Quando mudei para Lucas, eu vim sozinha; mas foi uma coisa mais ou menos... tinha uma casa lá e uma casa aqui, não foi uma mudança, foi apenas ficar mais aqui. Final de semana ainda corria lá. Eu vivia nos dois lugares, eu participava da comunidade lá e durante a semana vinha, participava... sim, sim era tudo muito corrido e as distâncias eram enormes então você se propõe a fazer uma coisa, outra, isso leva tempo.

Depois que mudei e fui eleita vereadora, logo no começo passei as minhas aulas para outra professora... eu era concursada e isso que foi bom, eu passei para outra professora porque eu queria ter mais liberdade para viajar.

Havia naquela época festas nas comunidades. As pessoas andavam quilômetros para ir numa festa e todos... uns contribuía com outros, com as comunidades. Isso foi uma parte que a gente fez com a educação. Fortalecer as comunidades; porque nosso interesse era fortalecer para eles não virem para a cidade. Então era outra linha de pensamento que era atual. A gente queria dar o mínimo de conforto para que eles não viessem para cá, para a cidade; ou então porque a gente sabia que isso aqui ia crescer mesmo e se a lavoura vai bem e a família está bem, o comércio também tá bem. Agora nós estamos em outra situação, o pessoal nem mora lá, mora aqui e vai para lá; justamente o que a gente queria evitar, para juntar a família. A nossa função era essa, sempre tentar agregar. Então a gente ia muito às comunidades, participava das missas nas mais diversas comunidades. A gente ia, fazia... a gente começou seguindo o padre, o então padre Lauro Barth. A gente ia junto com ele nas missas que ele tinha, e tinha muito mais contato com as comunidades. Assim, depois da missa a gente participava, e as festas eram ótimas, era a única coisa... daí vinha o vôlei e o rio.

A grande mudança que nós fizemos foi de São Paulo para Mato Grosso, porque de Itambiquara para cá para mim não houve muita diferença; já fazia parte do dia a dia. Olha acho que eu faria de novo, tá certo? Faria de novo sim, só que gostaria de ter vindo mais cedo. Estou sorrindo hoje, mas... Gostaria de ter vindo mais cedo porque daí teria feito mais coisas. Valeu a pena. Valeu a pena; claro que teve as conseqüências, os filhos com a educação não saíram menos não, porque eles chegaram à Suíça foram bem sabe... Saíram com estudo daqui, de escola estadual, né, então eles não tiveram problemas com isso não, a não ser a parte de língua, a parte da história de lá a geografia, mas no restante saíram bem, isso aí para nós foi muito bom.

Eles ficaram lá, alguns ainda estão lá. Digamos assim dois. A minha filha Luciana voltou há cinco anos. Eles ficaram desde oitenta e nove a noventa e sete, foi todo mundo para lá. Em noventa e dois em diante eu fui para lá. Em todo caso, agora eu tenho uma filha em São Paulo. Agora ela voltou. Ela foi a primeira a voltar, mais um ponto para as mulheres porque ela é que teve coragem de enfrentar o Brasil de novo. Eles estavam muito bem lá na Suíça e eles estudaram, se formaram e estavam estabelecidos financeiramente. Você sabe que lá a gente ganha muito bem a verdade é que o nível, o custo de vida é mais alto, mas ela estava estabelecida lá, mas ela teve... por isso eu digo que isso tem um pouco no sangue também.

Tenho ainda dois meninos lá ainda; o outro está aqui comigo faz uns seis meses; voltou de lá. Tem umas economias, diz que vai gastar as economias dele... Essa é a vantagem

da dupla nacionalidade. Mas, tudo tem um preço... tudo tem preço, a mãe fica com o coração aqui a gente reza para dar tudo bem.

Têm duas coisas que me lembro do começo aqui e que me marcaram muito. Uma delas era aquela luzinha do trator trabalhando durante toda a noite; e um outro logo no comecinho também. Quando estava... a gente saía às cinco horas de lá, quase seis horas, em uma das curvas aqui da Linha Um assim tinha três gatinhos deitados – oncinhas – e as crianças queriam descer, gatinhos modo de dizer, elas eram grandinhas mas eram filhotes e as crianças queriam. Eu falei “de jeito nenhum, a mãe deve estar por aí”. Mas era uma tentação, sabe? Assim... passamos, esperaram, nós passamos, eles saíram da estrada e a gente continuou. Isso foi uma coisa bem marcante.

- Agradeço à senhora.

CONSUELO

Nascida em Rondinha no Rio Grande Do Sul. Chegou a Lucas do Rio Verde em 1983. É casada. Formada em Pedagogia, especialista em educação, é professora da rede estadual e municipal. Proprietária de um colégio. Foi vereadora, foi secretária do bem estar de Lucas do Rio Verde.

A entrevista de Consuelo foi alegre, com muitos risos, mas também com seriedade e com certa emoção em determinados momentos. Narrou sua trajetória de vida com facilidade e sabia que tinha uma boa história para contar e queria contar. Consuelo foi entrevistada no colégio que é proprietária.

CONSUELO

- Eu não tenho vontade de voltar, não me adaptaria lá... a gente criou raízes.

Sou Consuelo. Moro na Rua Passo Fundo, 148 E, Bairro Pioneiro, em Lucas do Rio Verde. Sou casada com Paulo Vicente Nunes, desde o ano de 1982. Em minha família nós somos sete irmãos. Nós - eu e o Paulo - temos dois filhos do nosso casamento. Casei no Rio Grande. Sou natural do Rio Grande do Sul, de Rondinha; nasci em Rondinha, morei sempre em Ronda Alta, foi lá que vivi minha infância e adolescência e só saí de lá para estudar em Porto Alegre; para fazer o magistério na época; e de lá que eu vim para Mato Grosso.

Sou de família de Agricultores, sou descendente de italianos. Meus pais eram descendentes de italianos e nós somos uma família essencialmente agrária, assim, toda a vida de meus antepassados até hoje, minha família trabalha toda ligada à agricultura. Eu sou a única pessoa da família que não tem atividade ligada à agricultura. São todos pequenos agricultores lá no Rio Grande e vivem disso.

Ronda Alta que é o berço do movimento sem terra; começa com um movimento que teve sua origem na desapropriação das terras indígenas de Nonoaí, depois foram agregando mais pessoas que desejavam que se fizesse a reforma agrária. Alguns até filhos de pessoas que tinham se assentado no Governo do Brizola, lá no Rio Grande do Sul. Como o meu pai, que foi assentado na época e que tinha assim esse conhecimento de que era possível fazer a reforma agrária em terras improdutivas. Incentivados, então, e organizados por meio de uma ala da Igreja, uma ala de esquerda da Igreja, ligada à Teologia da Libertação, na pessoa especificamente do padre Arnildo Fritzen, eles se organizaram nesse acampamento, que ficou famoso no mundo inteiro, pode-se dizer, que chama Encruzilhada Natalino. Lá tinha uma irmã minha que militava no movimento e que hoje é proprietária dum pedacinho de terra dela: uma pequena propriedade, e que na época estava lá. Nós não estávamos nesse movimento, eu morava em Porto Alegre, era estudante, tinha terminado o magistério. Estava me preparando para o vestibular, e o Paulo estava em Passo Fundo. Ele tinha um amigo chamado Vicente

Bortolussi, que hoje mora em Cuiabá, e que nos incentivou, assim, convidou para vir para cá;que sabia que aqui ainda estava distribuindo lotes de terra, e na verdade os agricultores já tinham vindo para cá, e o Paulo me convidou, me pediu em casamento com o objetivo de vir para Mato Grosso. Num primeiro momento fiquei para pensar porque foi uma decisão muito forte; era bastante jovem, mas minha família incentivou também. Coloquei apenas uma condição - que eu tivesse aqui um emprego, um lugar para trabalhar. Casamos, então, em dezembro de 1982. O Paulo veio e eu ainda fiquei lá, terminando o ano letivo. Eu trabalhava em uma escolinha em Porto Alegre e me organizando e esperando minha resposta se ele ficaria aqui, se ia ter emprego ou não para mim e no final de fevereiro ele mandou uma cartinha por um casal de amigos que ele fez aqui e que eram de lá de Ronda Alta: que eu poderia vir, que tinha escola para eu trabalhar. Então arrumei minhas coisas e vim. Chegando aqui em Lucas, a nossa amiga falou – Chegamos!Era manhã do terceiro dia de viagem, no amanhecer.

Vimosdeônibus, a gente vinha até...Saía de Ronda Alta, vinha até Cascavel, no Paraná, lá a gente trocava de ônibus e vinha até Cuiabá. Em Cuiabá trocava de ônibus e vinha até Lucas do Rio Verde, que esse ônibus ia lá para cima, não sei para onde, Alta Floresta, eu acho. Lembro inclusive que lá em Cuiabá era época de bastante migração, porque eu fui entrevistada na Rodoviária de Cuiabá, porque eu estava vindo: se tinha emprego e tudo. Respondi um questionário na rodoviária, mas, enfim, minha amiga falou assim: -Chegamos! Eu falei: -Chegamos aonde? Procurei a cidade e não vi nada; só vi assim um cerrado todo rebrotado, bastante verde; e assim chegamos aqui; é Lucas do Rio Verde, e ela apontou para baixo, onde vi uns telhadinhos de algumas construções; vinha vindo um caminhão azul, ela disse assim o Paulo vem vindo aí no caminhão para te buscar. Então o Paulo tinha comprado um caminhão, com um dinheirinho que tinha trazido de lá e estava trabalhando com aquele caminhão. Começamos nossa vida assim, nós tínhamos uma casinha de madeira, que ele tinha construído junto com esse nosso amigo...E isso, já era de manhã;ao meio dia, já as crianças bateram na porta de casa, as mãozinhas assim, me lembro como se fosse hoje. Elas foram me buscar para eu dar aula, porque o Paulo já estava segurando essa turma para mim, ele ia todos os dias dar aula para essas crianças, não sei o que ele ensinava, para marcar a presença e mostrava minha foto dizia que ele não era o professor, que a professora seria eu; então eles estavam na maior expectativa até porque eu era bastante jovem, uma cara assim, quase da idade de minhas alunas; que algumas vinham de fazenda, defasadas em idade e série (suspiros). E eles estavam naquela expectativa assim. Foi um encontro muito importante para

mim porque era a minha primeira turma efetiva, porque lá eu trabalhava em uma escolinha de crianças pequenas. Mas a turma, responsabilidade de turma, foi minha primeira turma e recebida com todo carinho pelos pais e pelos alunos também é muito gratificante, estava na fase... , acho que devido à juventude, recém-formada, cheia de idéias, cheia de vontade de realmente ensinar, foi o que me alimentou nessa terra. Acho que foi a minha profissão realmente.

Então vou contar um pouquinho do que eu sei da história de lá. Aconteceu então que havia aquele movimento, aquele acampamento na beira da estrada, porque eles queriam a reforma agrária da Fazenda Anoni. A fazenda Anoni era uma grande propriedade, na maioria improdutiva, e os agricultores sem terra tinham essa vontade; hoje já foi feita a reforma agrária na fazenda, mas naquela época era uma coisa considerada quase impossível. O grupo queria a Fazenda Anoni, queria a reforma agrária ali no Rio Grande do Sul e o governo federal, acho que impossibilitado de dissolver aquele conflito, montou um plano, uma estratégia para desarticular o movimento - identificou e convidou os líderes, primeiramente intimidou, jogou cavalo em cima, jogou bomba de gás lacrimogêneo, bateu nos agricultores. Com certeza eles também enfrentaram a polícia, mas quando eles viram que desse jeito eles não iam conseguir, com violência não iam conseguir, eles usaram a inteligência. Procuraram os líderes do movimento e trouxeram de avião aqui para essa região e mostraram via aérea a região, e eles assumiram um compromisso de chegar lá e reunir duzentas ou trezentas famílias, que se dispusessem a vir para cá. Entre eles estavam alguns compadres meus: Saulo Maltiori, o Nego Albano e outros... Heitor Nicolette, são amigos daquela época. Aldo Nicolette, Aquilino Sirtoli e outros. Aí se organizaram e vieram para cá de ônibus já com as famílias, com as mudanças; e ficaram acampados às margens do Rio Verde, onde montaram o primeiro acampamento até que eles ganhassem os lotes e fossem colocados. Construídas as barraquinhas, fossem colocados em suas terras.

O Curió que liderava essa desmobilização. Era missão dele, acabar com aquele movimento. E foi ele quem organizou essa vinda para cá; ele que, primeiro reprimiu e depois organizou essa vinda para trazer os agricultores para cá. Tinha uma pressão também contrária da Igreja, do padre lá, para que não viesse; mas essa vinda, que eu acho interessante também, essa vinda, essa retirada das lideranças não desmobilizou. Eles permaneceram muito tempo na Encruzilhada Natalina, depois foram para o acampamento de Nova Ronda Alta. Eles, não, assim, por exemplo, acampavam, assentavam cinquenta famílias aqui, assentavam cinquenta lá; iam negociando, essas famílias aceitavam aquela área e foi indo, foi indo bem. Muito

tempo depois que conseguiram desapropriar a Fazenda Anoni, mas assim foi. E esse acampamento, esse movimento, até hoje lá permanece, esse acampamento base é bastante organizado; hoje tem um nível de organização muito grande, mas naquela época, eles, o governo militar não conseguiram o objetivo principal que era acabar com o acampamento.

O Paulo ganhou um lote, mas não logo, de imediato. Não foi assim, chegando aqui, já ganhando um lote. Um ano e pouco depois conseguimos um lote na linha 11 e daí uns dois anos que estávamos aqui, já tínhamos quebrado um pedaço, feito um barraquinho em cima. E a gente foi... Tinha aqui um executor do INCRA, que, assim, exercia muito poder sobre as pessoas: muito centralizador, muito corrupto também; muito violento, e não sei se ele era tão violento quanto a fama dele dizia que ele era. Ele era sempre cercado de pistoleiros e tal. Nós sabíamos dessa fama dele. Como chegamos aqui e fizemos amizades com pessoas mais próximas de nós, que eram pessoal da escola, Klaus e a Beth, a Marlene, que era minha colega, o Evangelista, que era engenheiro do INCRA, ele tinha uma rixa com esse grupo e, por tabela, começou a nos ameaçar. Como éramos muito jovens, sem experiência nenhuma de violência, de nada, nós achamos por bem ir embora. Imediatamente fomos embora. Ficamos fora daqui uns oito ou dez meses. Depois retornamos para Terra Nova; de lá viemos para Lucas de novo. Então, já com a informação que esse homem havia sido banido daqui, e que no lugar dele estava o coronel do exército, que estava organizando, reorganizando a área... O coronel tinha lá seus métodos também, mas não tinha violência. Era um homem aparentemente justo. Ele colocou ordem - entre aspas - no projeto, e apenas como assim no nosso caso, ele se negou a resolver. E ele como falei ontem, disse para o Paulo que, pelo nível de instrução do Paulo - Paulo disse que tinha ensino médio, 2º grau, como na época se falava - era um intelectual, não precisava de terra para trabalhar, que ele fosse ganhar a vida de outro jeito. Ele levou isso a sério e não morremos de fome. Até, hoje, não tem interesse para produzir, para plantar, mas, assim, na época, tínhamos terra sim, e perdemos, simplesmente foi dada para outra pessoa. Nós rimos disso hoje, mas naquele tempo... Daquilo que a gente percebeu na época, do que eu percebi na época, o projeto foi muito bem pensado. O projeto de reforma agrária, ele pensou realmente na permanência do homem no campo, pela sua estrutura fundiária, pela forma de orientação social das comunidades, pela malha viária que foi implantada, e a questão do próprio abastecimento pela Cobal, pelo posto de saúde, que já tinha quando eu cheguei; que era Fundação Nacional de Saúde, que os programas básicos funcionavam muito bem. Prevenção, assim, era bem interessante já, porém, o que INCRA não contava, o que a gente sempre faz de conta que não sabe que vai acontecer, é a corrupção. E

dentro do INCRA existia uma rede de favorecimento e virou uma imobiliária. Então, a pessoa vinha para comprar terra; ela ia no INCRA comprar. E o INCRA que encaminhava isso, pressionava, de certa forma, os agricultores, desencorajava. E alguns, mais fracos, assim, que não é tão ligado à terra, não tinha uma história talvez ligada à terra, acabavam voltando para o Sul, ou por saudade ou por dificuldade; que não era fácil também, porque lá no Sul eles eram muito pobres, mas não eram miseráveis e aqui custou para eles aprenderem a produzir na terra. Então tu plantava cebolinha hoje, amanhã ela sumia. Não deu nada no primeiro ano que eles plantaram. Outra coisa, tinha uma rede de intermediação, tinham aqui posseiros que tinham máquinas que faziam o serviço para os parceiros. E o primeiro ano, o financiamento saiu e tinha a superintendência do Banco do Brasil; os posseiros tinham um acesso muito maior, um conhecimento muito maior que o parceiro que veio para cá. Que o parceiro além de pobre não tinha conhecimento de como lidar com isso, com banco. Hoje em dia qualquer pequeno agricultor sabe, mas na época não era assim; as linhas de crédito, os direitos que tinham. O que acontecia? O financiamento do Banco do Brasil sai direto para o dono das máquinas, o atravessador, e então aquela sobrinha que ele, o parceiro, podia sobreviver daquilo, dar um jeito, aquilo eles não tinha o dinheiro aí eles cobraram o preço do financiamento, ficavam com todo o dinheiro. Então isso atrapalhou também, desanimava as pessoas. Claro que os mais organizados como aqueles da Linha Um, que tinham mais acesso à informação, que eram os líderes que vieram, se saíam melhor nessa negociação, enquanto os pequeninhos ficavam meio à mercê.

Há alguns anos atrás contávamos 14 os que ficaram, mas acho que não tem mais porque alguns foram para Itanhangá, para o Ypiranga, para o Pará, mas de cara foram embora uns 100, eu acho; assim, nos primeiros três ou quatro anos, depois foi aos pouquinhos.

Quando eu cheguei a Lucas foi assim. Acho que... Como vou explicar? O meu momento pessoal falava mais alto. Qual que era meu momento pessoal? Estava recém-casada, reencontrando meu grande amor e aquilo era o mais importante que todo o resto, pela idade, pela juventude, pelo amor que estava vivendo, e isso falou mais alto, esse reencontro. Na verdade, passamos longe três meses um do outro e tal, mas a paisagem chamou muito minha atenção à natureza; aquele cerrado rebrotado, aquelas folhas verdes, aquelas flores roxas que nasciam naquele cerrado preto; que tinha sido queimado. Aquilo chamava muito a minha atenção. Essa reserva aqui, nossa mata, essa era um encantamento inicial. E até hoje sou apaixonada por essa mata, que conseguimos conservar, vinte e quatro anos depois ela está intacta. Foi feito o lago agora, mas tem muita coisa natural. Então, isso me chamou a atenção,

a natureza. E também, assim, em relação às pessoas, a alegria que era quando chegava alguém para morar. Então a gente era muito bem recebida. Todas as pessoas de cara eram muito bem recebidas, porque era mais um que vinha para somar. E a gente, como vinha para trabalhar na escola, foi muito acolhida pelas pessoas que estavam aqui, pelos parceiros. Claro que eram da nossa cidade lá. Não que tivesse um conhecimento pessoal com muita gente, mas como já veio de Ronda Alta é filha de fulano, conheciam meu pai, minha mãe, mas assim como pelas pessoas da comunidade, pelos posseiros, pessoal do Incra acolhia a gente muito bem, porque era mais um que vinha para somar e vinha fixar residência aqui.

Sobre a questão da saúde, nós inicialmente tínhamos um posto de saúde da Fundação Nacional de Saúde. Tinha quando eu cheguei aqui um médico, Dr. Roberto e tinha, quando eu cheguei aqui, já um hospitalzinho de madeira - uma casa, na verdade, que ela ainda existe, essa casa, lá ao lado da rodoviária. Não existe mais, já destruíram; agora, este ano, construíram uma casa bonita lá. Ele foi o primeiro hospital, e o Dr. Henrique que atendia. Eu lembro que logo que cheguei, logo depois que cheguei, a minha amiga Nívia - não sei se você conseguiu entrevistá-la -, a Nívia fez uma cirurgia naquele hospital, e o Dr. Henrique descobriu, na cirurgia, que ela estava grávida. A menina hoje é mãe de nossa aluna aqui do ERA, a Gilmar. Nessa gravidez, sobreviveu realmente; e se faziam verdadeiros milagres perto do que hoje que tem tecnologia. Na época era sem, no escuro e era imaginação mesmo do médico. Mas, enfim, tinha a farmácia do Tião. O Tião foi pioneiro aqui e está de volta a Lucas agora. Saiu por um tempo, está de volta. Foi vereador por vários mandatos. Ele atendia, fazia saúde informal, mas fazia com certeza e é isso que a gente tinha.

Quando a gente chagava aqui, ia ao Incra. O Incra doava lote e dava um prazo para a gente construir; se você não construísse, ele tomava de volta e dava para outro. Então, ninguém pagava inicialmente. Os terrenos eram doados. Eram 20 x 40, padrão. Toda a parte velha e quase toda aparte baixa, a cidade nova, é essa metragem em Lucas 20 x 40 - 800 metros quadrados.

A mudança das pessoas do campo para a cidade é uma questão que me intriga bastante. Inicialmente posso falar assim delas. Elas ficaram no sítio um tempo e depois vieram para a cidade. Para muitas, por questão da escola das crianças; facilita mesmo, se tivesse a escola lá, é de difícil acesso. Outras para incrementar a renda, por querer trabalhar, colocar um pequeno negócio. Uma amiga colocou loja, outra, outra lojinha, só que de outro departamento, e assim vieram para ajudar o marido. Na verdade, porque teve anos difíceis na agricultura, de uns anos para cá. Foi muito bom, agora estamos em crise novamente, mas teve épocas

bastante difíceis. Acho que vinham para isso, para tentar acrescentar, agregar uma renda a mais, acho que é isso. Hoje, vejo assim que as fazendas tem asfalto passando na frente de muitas delas; tem telefone, tem energia, hoje tem um fascínio pela vida urbana, na verdade, que não dá nem para entender muito bem. Esqueceu a origem; deixam um funcionário lá e vem morar aqui na cidade, mas isso eu também não consigo explicar. Eu acredito bastante que está na falta de uma vida comunitária; é forte lá, lá no interior, quer pela centralização das escolas, quer pelo fechamento das escolas; muitas comunidades rurais fecharam, não tem mais vida comunitária lá.

Aconteceu da seguinte forma. Quando o pessoal veio para cá, não tinha recurso nenhum. Então tinha quatro ou cinco alunos, então já se formava uma escola. Nem sempre a professora era habilitada, se colocava em uma situação muito precária e não tinha um acompanhamento, não tinha uma assessoria, não tinha como fazer esse trabalho, muito complicado, muito difícil. Aí, com a emancipação, a primeira Secretaria de Educação e o Sr. Werner, foi promessa de campanha que ele queria construir em cada comunidade uma escolinha onde não tinha. Ele foi o primeiro prefeito e construiu muitas escolinhas com uma salinha de aula, um banheirinho e funcionava assim. Funcionava, tinha aula de primeira a quarta série, só. E tinha a Groslândia, lá já com quinta a oitava, e acho que só tinha lá. Quando Paulo assumiu a prefeitura, segundo mandato. Segundo prefeito do município foi que nós fizemos um estudo, qual que era o anseio das comunidades rurais, o que eles queriam. Eles queriam escolas, na época, o ginásio de quinta a oitava série para as crianças, para que elas não precisassem vir para a cidade, deixar na casa das pessoas, morando tão jovem, tão cedo, com 10, 12 anos, já estava morando fora de casa. Então foi feito um planejamento, organizando as escolas em núcleos, elas foram centralizadas. Nesse primeiro momento, ficou complicado. Ficou escola na Itambiquara. Ainda foi deixada escola de primeira a quarta série, onde não tinha condições, nem tinha número para fazer uma de quinta a oitava; e foi viabilizado o transporte escolar para que todas as crianças viessem para aqueles núcleos que ficou. Então a Groslândia continuou, que é uma vilazinha. Ficou a Euclides da Cunha, que onde é a escola agrícola, depois transformou em escola agrícola nos gringos, onde é a escola Gonçalves Dias, que agora funciona o Portal da Sobriedade, e o Campinho Verde, escola que está funcionando até hoje que é a Bernardo Guimarães, a São Cristovão. São cinco as escolas de quinta a oitava série, núcleo e depois alguns ainda mais distantes ficaram funcionando de primeira a quarta série. Aí, quando Otaviano assumiu [a prefeitura], ele passou a avaliar custos, não custo/benefício, custo só, e concluiu que era muito caro. Então foi

fechando:fechou a escola agrícola, fechou a Gonçalves Dias e agora só ficou a Bernardo Guimarães, que não sei até quando vai permanecer emGroslândia, e a São Cristovão no interior.

Talvez seja um pouco por isso que as pessoas se mudem para a cidade também, priorizar a escola, porque queira ou não, 75km todos os dias, como tem criança que faz, é bastante doloroso.

As estradas não são tão ruins, porque agora tem bastante asfalto no interior e tal, mas sempre é perigoso; corre um risco de estar dentro de um ônibus.Corre sempre um risco, e os pais talvez avaliem esse lado.

Quero falar da minha primeira turma.Eu cheguei, comecei já a trabalhar com uma terceira e quarta séries. Duas séries na mesma sala. Não tinha carteira; eram bancos feitos de madeira em que eles sentavam, e escreviam em outro banco, da mesma altura.Não tinha quadro, é, não tinha. Só tinha as quatro paredes,e as crianças não tinham material, não tinham nada.Então, nesse primeiro momento, foi muito improvisado.Escrivia e preparava as atividades em papel sulfite, em casa, com pincel atômico, e botava na parede.Eles iam copiando e eu ditando, terceira e quarta séries, trabalhavam em grupos e assim fui organizando. Aí tinha um senhor Osvaldo Bach, trabalhava no 9º BEC e morava na beira do Rio Verde, tinha quatro, cinco filhos; quatro deles em idade escolar; dois deles eram meus alunos. Aí ele foi ver como as crianças estavam comigo; tinha certa instrução, interessava pela escola.Eu falei para ele, estão indo bem, são queridos, só que eu não tenho nem quadro para escrever, tem bastante dificuldade para desenvolver o trabalho.Aí ele disse assim, eu tenho uma tábua grande lá em casa e vou pintar de preto; vou trazer para a senhora. E aí trouxe o meu primeiro quadro, pintou de preto e permaneceu na escola um tempão, virou mural depois. Mas esse o quadro que o senhor Osvaldo me forneceu.As outras duas minhas colegas, a Marlene trabalhava com a 2º série, tinha mais alunos, e a 1ª série com a professora Ilone, que também tinha bastante aluno.E os meus, lembro bem que alguns deles vinham lá da Fazenda Progresso.Vinha uma Toyota lotada de criança lá da Fazenda Progresso; que hoje foi vendida, mas na época do Senhor MunifumeMatsubara, era uma fazenda muito forte e eles davam apoio à escola. Tinham muito interesse que a escola funcionasse bem, e eram crianças, assim, maioria mato-grossenses mesmo.Então, esse primeiro contato com o povo mato-grossense foi muito gostoso: ver outra cultura, outro jeito de falar, outro jeito de comer. Eles me traziam bolo de arroz. Então, coisas assim que foi bom, interessantes para mim nesse momento. Nessa época a escola era do município de Diamantino, eu era funcionária do município de

Diamantino. Depois foi criada a escola Dom Bosco. Permaneci na escola Dom Bosco durante dez ou doze anos trabalhando apenas na escola Dom Bosco. A escola tinha um papel muito importante na comunidade. Assim, novas cabeças, cérebros, estavam ali dentro da escola. A gente tinha influência na comunidade, tinha muito respeito. Também gerava polêmicas, qualquer coisa que acontecia na escola era muito comentada na comunidade. A cidade era muito pequena, e a escola era muito importante. O Klaus e a Beth eram pessoas muito dinâmicas, e a gente teve que fazer um trabalho muito bom para a época. Hoje eu vejo quanto bom era o trabalho lá naquela época, até a criação do ensino médio. Parecia impossível porque não estava autorizando escolas. Recém tinha começado aquele núcleo tal e de repente saiu publicado. Cada conquista era muito festejada e as coisas acontecendo, vindo até rapidamente, e o povo se organizando. Quando eu fui embora, tinha feito o concurso. Quando voltei lá de Terra Nova eu fui me informar, eu tinha perdido esse concurso. Então, comecei a trabalhar de novo como contratada por tempo determinado até fazer um novo concurso. Nesse período, em 86, 85, final de oitenta e cinco, fui a Diamantino, na Secretaria da Educação e conversei com o professor Nio Pedro Landi, que era Secretário da Educação, e falei para ele que tinha muito interesse em fazer uma faculdade. Ele disse que estava articulando com a Universidade Federal um projeto de interiorização e um dia veio. Através do ônibus, ele mandou uma cartinha escrita à mão para mim, dizendo que tinha sido aberta a inscrição para o vestibular. Eu fui a Diamantino, me inscrevi, prestei o vestibular, passei e cursei Pedagogia através desse projeto de interiorização da UFMT. Foi uma grande oportunidade que tive. Sei que foi uma luta pessoal buscar esse curso. Podia ter me acomodado nas atuais circunstâncias, porém foi uma grande oportunidade, sou sempre muito grata à Universidade e também à Escola Dom Bosco, porque a gente se ausentava, deixava substituto. Eles davam um jeito. Então a gente buscou essa formação em serviço, e tem gente que acha que é tudo... é obrigação do estado, acha que a gente não pode perder essa dimensão de que uma oportunidade me foi dada, se eu aproveitei bem, mas ela foi oferecida por alguém. Então a Pedagogia me abriu muitos horizontes, a gente conheceu muita gente e pode melhorar também o trabalho aqui em sala de aula.

Eu formei no ano de 89, e o Paulo foi prefeito em 92. Então antes ele se candidatou a vereador, na primeira eleição, se elegeu, foi presidente da câmara de vereadores. E nesse período eu trabalhava, prestei concurso pela prefeitura, trabalhava no estado e na prefeitura também. Na prefeitura trabalhava lá na Gonçalves Dias, na Linha Um, na comunidade chamada “dos gringos”. Depois, no estado, trabalhei na Superintendência. Tinha concorrido à

eleição, perdi a eleição para o professor Holf Bacchi. Ele assumiu e eu trabalhei depois na Superintendência. Fiquei um tempo lá trabalhando também interinamente, porque a gente dava assistência para uma região, então, podia conhecer também pessoas e me desenvolver como profissional. Daí os professores entraram em greve. A escola Dom Bosco estava passando por uma crise muito grande. Na época Otaviano era o presidente da APM da escola e ele queria trazer o SENECA, implantar o SENECA aqui. Nós, professores, na época, rejeitamos de imediato essa idéia. Em primeiro lugar porque nós tínhamos já uma rejeição à pessoa dele: ele gostava muito de mandar na escola; e, em segundo momento, a clareza que nós tínhamos que a escola era pública e deveria permanecer pública, porque o SENECA seria um convênio, seria uma escola particular. E nós então organizamos, e a professora Lucrécia assumiria a direção se eu voltasse para a escola para apoiar. Então voltei para a Escola Dom Bosco, trabalhei mais um tempo na escola Dom Bosco. Na eleição seguinte, meu marido se candidatou a prefeito e venceu a eleição, e eu fui ajudá-lo na prefeitura. Na época não existia a lei do nepotismo embora eu tivesse, fui corretamente enquadrada, porque era funcionária efetiva do município, mas acredito que trabalhei bem. Fiz um trabalho bem voltado para a educação, primeiramente na Ação Social, através do Clube dos Idosos, do projeto Educando para a vida, trabalhamos com 120 adolescentes já na época. E com uma creche Menino Jesus, implantamos a APAE, criamos a associação de pais e amigos dos excepcionais, enfim, fizemos um trabalho ligado diretamente à comunidade. Depois nos dois últimos anos eu fui para a Secretaria da Educação. A nossa Secretária da Educação foi para o governo do estado. A professora Adélia foi trabalhar com Maldonado, você conhece o Maldonado, e eu assumi a Secretaria da Educação. Então na secretaria foi um trabalho muito gratificante e eu acredito assim, que a gente tem oportunidades e que a gente tem que semear. Eu acho que muita coisa que a gente semeou permanece até hoje e isso foi pra mim, é pra mim até hoje, motivo de orgulho de ter exercido essa função.

Acho que aquela luta resultou na condição que a gente está hoje, que não são tão boas, mas que é melhor que naquela época, que a gente ganhava pouco ponto sete do salário mínimo por período que a gente trabalhava. O nível nem chegava ao salário mínimo. Então a gente se engajou no sindicato; o pessoal do sindicato veio aqui, implantou uma sub-sede e a gente trabalhava, militava no Sintep, Sindicato dos professores de Mato Grosso. Existe até hoje a sub-sede, a gente militava no Sintep, apoiávamos, entrávamos em greve e reuníamos a comunidade. Discutíamos os assuntos, íamos a Cuiabá, arrecadávamos alimentos para alimentar o pessoal que ficava lá acampado; e nossos representantes sempre, a gente se

revezava. Então, assim, acho que vale lembrar algumas pessoas, o professor Arlindo, que já faleceu, mas foi um militante ferrenho do sindicato, pessoa já de idade que veio morar aqui em Lucas e muito companheiro de jornada; a professora Ester Bartti, que hoje esta na assessoria pedagógica; a Nadir, que já se aposentou; a Marinez Humer; a própria Adélia; o Genésio; enfim, a professora Nair Peixoto, primeira secretária de educação, depois estava no estado. Enfim, a gente tinha um grupo bem coeso e acho que todos crescemos politicamente dentro daquele movimento. Muito do que as escolas são hoje, que as escolas de Lucas são hoje, se deve à organização dos professores que permaneceram ali no trabalho, que não esmoreceram, que buscaram junto com os pais essa parceria. Acho que o que diferencia a escola estadual de Lucas para a escola estadual, por exemplo, de Cuiabá, é essa parceria com os pais. Os pais valorizam a escola porque a escola busca essa participação, isso desde aquela época quando foi implantada.

O nosso lazer estava muito ligado às relações humanas, digamos assim. As pessoas se reuniam para conviver, nosso lazer era isso; reunia para jogar um futebolzinho, se reunia para jogar baralho, para comer uma galinhada. Estava ligado a isso como também ao rio, aos rios. Pescava, acampava e era ligado, mas sempre eu digo isso, sempre relacionando com as pessoas. Não existia um lugar que você fosse pronto, você tinha que construir seu próprio lazer, seu próprio grupo e fazer disso um lazer. Nós puxávamos água do poço, então, às vezes faltava água, a gente ia ao rio lavar roupa e aquilo se tornava até uma diversão. Você acabava tomando banho ali no rio e tal essa coisa assim bem ligada à natureza e também ligada a necessidade que a gente tinha de providenciar o viver da gente, lavar a roupa, tomar água, fazer o alimento então nessa época era tudo muito difícil, dependia muito do esforço pessoal de cada um não existia uma torneira que você abrisse, um interruptor que você ligasse era tudo muito precário, dependia muito do esforço, eu no meu caso pessoal assim como mulher, o Paulo era muito companheiro e partilhava das tarefas domésticas. Ficamos oito anos sem filhos então éramos assim muito parceiros nessa relação de sustentar a casa e também de dividir o trabalho acho que foi uma época boa, é importante isso. Depois claro, com o envolvimento em outras atividades você acaba deixando um pouco esse lado, mas o lazer era basicamente isso era um relacionamento entre as famílias.

É uma grata surpresa para nós, para todos que acompanharam ver que Lucas desenvolveu tanto, também é uma preocupação ao mesmo tempo porque todo progresso traz em contra partida seus prejuízos. Nós vimos tudo acontecer desde a instalação de rede de água. Eu lembro que cai até no buraco da rede de água uma vez quando eu chegava da

faculdade, de Diamantino, escuro, eu pedia para o motorista parar e o motorista falou assim a senhora tem certeza que é aqui que a senhora vai ficar? Respondi claro que eu tenho certeza é aqui mesmo que eu vou ficar. Ele disse a senhora não tem medo de onça? Eu disse medo eu tenho, mas tenho que ir para casa, e minha casa, é nesse rumo falei para ele, aí desci do ônibus e fui esperando os relâmpagos, era época de chuva, janeiro, fevereiro dava um relâmpago eu corria um pouquinho dava outro relâmpago corria outropouquinho, cai dentro de um buraco com mala e tudo, então, assim era coisas que a gente vivia e ria mesmo da própria sorte. Dizem que feliz é o homem que pode rir de si próprio então isso superava depois. A rede de energia uma luta, tinha a associação, teve uma associação que teve papel bastante importante na busca da emancipação, da rede de energia, a Associação Comunitária aqui de Lucas do Rio Verde, trouxe alguns financiamentos também, para construir a própria escola Dom Bosco, ampliação foi desse recurso, desse recurso trazido por essa associação e as coisas foram acontecendo, implantação da subprefeitura. Eu quero ressaltar, uma coisa que eu estava esquecendo o importante papel da Cooperlucas, nessa história. A gente não pode esquecer que muitas coisas aconteceram organizadas da forma que aconteceram porque tinha no caso ali o Sr. Anton, tinha o Klaus, tinha a Beth, tinha aqui grupo, o Cristiano com que já vinha com alguma experiência de formação de cooperativa de lá e que num primeiro momento contribuíram muito para essas discussões para buscar essas soluções e assim tudo muito rápido sempre com o objetivo de crescer. Desde a primeira administração do Sr. Werner cada um com seus pecados e com seus méritos buscou esse desenvolvimento, buscou esse fazer, esse deixar alguma coisa, aplicar com eficácia aquele pouco recurso que tinha. O que tivemos foi uma explosão da agricultura que é um momento histórico, que Lucas despontou no cenário nacional, mas que ele é decorrente de um fato econômico, que foi o auge do agronegócio e que é trouxe arrecadação para Lucas que subiu para sexto lugar na arrecadação do estado e que possibilitou essas obras bonitas, essas coisas; mas a organização comunitária ela vem desde aquela época; eu debito isso à origem das pessoas que vieram já com alguma experiência de onde vieram, e que colocaram essa experiência aqui, essa vontade de organizar uma cidade com qualidade de vida, que desde o primeiro jornal *Folha Verde* que foi rodado no mimeógrafo, na escola, é que já tinha essa vontade de acessar, de dar acesso à leitura.

Eu mesma rodava o jornal pela secretaria da escola com maior carinho, com estêncil verde, para ser folha verde. Então, essas coisas que naquela época é... eu me lembro que a idéia da jornalista, a jornalista veio para cá mas o Klaus batalhou no estado, naquela época uma coisa impossível, dez horas-aula a Rosa tinha para fazer o jornal; quer dizer, nenhum

lugar ia autorizar essa contratação, mas para o Klaus ninguém conseguia dizer não, ele ia com o projeto, ele ia, brigava, brigava por aquilo que ele tinha vontade e acabava autorizando, entendeu? Ela tinha um contratinho de 10 horas além das aulas de português para trabalhar com o jornal dentro da escola, já naquela época. Hoje o estado nem autoriza mais isso; mas na época conseguimos essas coisas. Então, é essa vontade realmente de que a gente tinha de aqui permanecer e aqui construir um lugar, como também tinha uma parcela da população que se você fizer uma pesquisa quanta gente passou por Lucas - quantas e quantas figuras!

Apopulação flutuou bastante, flutuou bastante, bastante. Pelo quadro de transferências das escolas, poderia ver isso - uma loucura! Períodos bem, muito intensos, outros menos, sempre recebemos muito, mas também indo embora. Agora, nesse momento, tem gente chegando, tem gente indo embora. Então, isso que eu quero dizer é o seguinte: como teve uma parcela da população que veio só pensando “vou ficar rico e volto para o sul”, teve outra que veio já decidida a ficar, a permanecer. E eu acho que esses, nós, que fizemos a diferença aqui. Eu pelo menos nunca vim aqui para voltar. Até hoje assim, eu tenho muita saudade, acho a distância injusta sabe, ficar um ano sem ver minha família, acho assim; mas convivo com isso, eu não tenho vontade de voltar, não me adaptaria lá; só o clima de lá... mas até porque a gente criou raízes aqui.

Eu acho que, se nós fizermos assim um comparativo com o cenário estadual e nacional, Lucas oferece oportunidades ainda, mas claro que não é aquele oásis que as pessoas pensam no meio do deserto tem. Então, existem todos os problemas sociais que existem em outras cidades. Nós também temos ainda um custo de vida muito alto; nós temos assim, dificuldades de moradia, embora com todos os projetos habitacionais, ainda tem carência de moradia; nós temos dificuldade na área da saúde, e na área da ação social, então eu acho que existem essas dificuldades; só que, claro, quem vem com vontade para ficar é muito mais fácil hoje que na época que a gente veio. Com certeza as oportunidades de emprego, se a gente pegar como referência a educação, a educação ainda oferece oportunidade de emprego.

Porque agora a gente está na expectativa muito grande com a instalação dessas megaempresas, que vão trazer muita gente e que vai gerar um número X de empregos. Nós sabemos, por exemplo, que para um emprego gerado, vêm mais cinco pessoas, aproximadamente. Um cálculo de cinco a sete pessoas vêm, vão acabar vindo. Por exemplo, se você vem trabalhar, você vai acabar trazendo, não de imediato, mas daqui a pouco, sua família, seus parentes; vai vir muita gente. Então é essa a grande preocupação de planejar a cidade; por isso está sendo feito o plano diretor do município, até porque é uma exigência do

Ministério das Cidades; é que cidades com mais de vinte mil habitantes estão obrigadas a ter o plano diretor. Mas, enfim, está sendo programado para dez, vinte anos para que a gente possa atender isso, essas necessidades sem gerar caos social, para que esse desenvolvimento não gere um caos social.

Não houve paralisação das obras da Sadia, se eles mantiverem todo o investimento. No primeiro momento a gente pensou isso, que eles iam retirar alguma parte pelo menos do investimento; mas não até o presente momento. Está de pé, estão construindo, inclusive, e agora, anteontem, ficou confirmada a instalação de uma esmagadora de óleo da Amaggi, também aqui. E acredito que isso também tem um ônus para o município. O município tem dado muito incentivo a essas megaempresas. E a expectativa é que em um ou dois anos reponha isso em renda, através dos impostos. Vamos ver o que gera. E há uma euforia em relação a isso. Acredito que para as pessoas, pensam que vaimudar a realidade imediata, acredito que não é assim tão simples, porque a Sadia vem para lucrar, a Amaggi vem para lucrar.

Então, acho que para as pessoas que já estão morando aqui, por exemplo, que já têm a sua vida mais estabilizada, talvez traga mais prejuízos do que lucros. Mas, claro, tem que pensar no desenvolvimento, tem que pensar no futuro; não podemos pensar nas coisas pelo comodismo.

Existe desemprego, alto talvez não; mas existe desemprego sim. Basta ligar o rádio de manhã cedo, na oferta de empregos. Basta você consultar a ASILVE (Associação Comercial e Empresarial de Lucas do Rio Verde). E aqui mesmo na escola, a gente tem um número grande de pessoas que trazem currículo, que vem procurar emprego. Tem um nível, um índice bom de desemprego. Talvez as pessoas estejam vindo por causa dos programas habitacionais; por causa disso vêm; é um chamariz isso aí. Embora a prefeitura exija um período de residência; mas as pessoas querem, tentam assim mesmo. Quem não tem nada, não tem nada a perder; e também, na perspectiva das empresas que se instalam, estão vindo pessoas para cá e de imediato não têm emprego; esse emprego é uma perspectiva. Acredito que hoje tem desemprego sim.

Eu acho que o desenvolvimento urbano gerou certo grau de violência sim. Roubo, apesar de ter um trabalho das polícias integrado: tem aqui uma comissão de segurança, existe um trabalho da comunidade nessa prevenção; só que nós já temos presídio aqui em Lucas, nós temos assaltos aqui em Lucas a mão armada, nós temos mortes, nós temos tráfico de drogas; temos todos os problemas que outras cidades têm, nós temos em Lucas. E pelo poder

aquisitivo melhor, talvez um pouquinho mais, a tendência é aumenta; mas existe também uma preocupação da sociedade civil em estar prevenindo isso e estar pressionando o poder público para que esse mesmo poder público e a justiça também se façam presentes e se organizem para que não se alastre tanto e tome dimensões assustadoras.

Eu poderia perguntar, assim, o que seria, o que teria sido, se não tivesse vindo? Quem seria Consuelo hoje se não tivesse vindo? Isso é uma incógnita, a gente não sabe. Então, eu avalio a partir do que eu vivi. Eu acho que eu vivi assim, sou uma mulher de quarenta e dois anos e que tenho uma história para contar, tanto que estou te contando a minha. Já contei várias vezes, em diferentes momentos. Eu tenho trabalho, uma vida de trabalho aqui na comunidade. Eu trabalhei na escola sempre em diferentes instâncias. Trabalhei com as entidades, trabalhei com a pastoral da criança, na formação de lideranças na diocese inteira; viajei trabalhando com mulheres; enfim, eu acho, assim, que constituí uma família, tenho muitos amigos, tenho uma vida política hoje, que é reflexo do trabalho que a gente fez então. Eu acho assim, valeu a pena, valeu a pena. Foram somente flores? Não, teve momentos de crise, profundas crises; crise existencial, crise de família, de casamento, crise financeira. Hoje mesmo, o período não está fácil, porque nos momentos de crise a escola é um empreendimento difícil. Escola particular em momento de crise, o que os pais cortam é a educação; até porque tem de graça. A gente sabe que as dificuldades acontecem a todo momento, mas eu acredito que valeu muito a pena. Eu sou uma pessoa feliz, otimista, tenho muitos planos para o futuro. Acho que valeu contribuir para a construção dessa cidade. Muitos alunos meus já estão formados, e tenho a satisfação de receber de vez em quando um convite de formatura do nível superior, dos que passaram por nossas salas. Encontram a gente na rua, e sou reconhecida pelo nome e chamada de *professora*. Acho que isso é muito gratificante e sou uma pessoa que eu me considero respeitada; sou respeitada na comunidade. Eu não sou uma pessoa da elite. Se você perguntar na elite, fizer uma pesquisa quem é Consuelo, não vai ter muitas referências minhas. É por opção pessoal: eu e o Paulo, mesmo quando ele era prefeito, nunca participamos da elite social de Lucas. E até hoje não fazemos parte; assim, nos temos uma amizade enorme com todas as pessoas, os ricos, os pobres, mais os pobres, e os médios também. Então, assim, essa é uma questão de opção da gente. Tem gente que faz força para pertencer a essa elite, para ascender; acha que ascender socialmente e pertencer a essa esfera de amizade, nos já temos outra opção de vida. Eu, porque o Paulo não é uma pessoa muito religiosa, mas eu sou uma pessoa muito religiosa e acho que eu tenho que viver o que eu prego dentro da minha simplicidade. Não tenho muita ambição, não sou muito ambiciosa,

talvez nesse sentido eu me encontre meio deslocada hoje em Lucas, mesmo dentro da câmara, nas relações diretas que tem que manter com a prefeitura. Costumo dizer que saio das reuniões com dor de cabeça porque que só se fala em milhões e ninguém está pensando que o salário mínimo é de 350,00 reais, e não dá para chegar ao final do mês com salário mínimo, eles já pensam em milhões, milhões, isso me aborrece um pouco. Porquê? Por causa dessa questão que é minha eu vejo assim que não é culpa deles, a culpa é minha. Eu não sou uma pessoa extremamente ambiciosa; sou uma pessoa que tem ambição, que eu procuro controlar na medida certa. Acho assim que, não quero ser rica, milionária e as pessoas aqui em Lucas tem uma ambição muito grande; então nesse aspecto é um aspecto que eu acho que é negativo aqui na nossa comunidade. O valor extremo que é dado também ao dinheiro. Então existe isso muito presente aqui, tanto que se você conversar com pessoas que vem de fora, eles já percebem isso; é fruto do sistema capitalista que nós vivemos, sabe? Trouxe desenvolvimento? Trouxe! Trouxe qualidade de vida? Trouxe! É acessível a todos? Não, não é acessível a todos. Tem justiça social? Não, não tem; porque os ricos estão cada vez mais ricos, são donos de canais de televisão, são donos de rádio, são donos de faculdades, são donos das maiores empresas e têm acesso aos maiores financiamentos; tudo isso! E o pobre muitas vezes tem que implorar um direito como a saúde, a educação.

Existe, aqui em Lucas uma certa segregação. Eu acho que em todos os sentidos, porque os que têm maior poder econômico se organizam de diferentes formas, se organizam em clubes, CTG, em determinadas escolas, entendeu? Se organizam de diferentes formas e quem não tem acesso a isso acaba ficando um pouco à margem. O que salva bastante e faça, talvez, esse papel conciliador para que isso não se torne tão evidente, é a Igreja. As igrejas, que as igrejas, elas tanto a católica que é minha igreja, como as evangélicas acariciam os ricos e afagam os pobres. Então elas precisam dos ricos para sustentar a igreja. Então eu acho assim que a igreja faz esse disfarce; joga essa cortina de fumaça em cima dessa segregação. E por sua vez o cidadão se sente menos excluído porque ele faz parte de uma igreja; participa daquela comunidade, entendeu? Ali ele é gente; então vai aceitando, ele vai convivendo com isso de fato muitas vezes nem percebe eu vejo assim.

A cidade nova tinha até um preconceito antigo; agora está mudando bastante isso. Mas aqui na cidade nova, ninguém queria morar na banda dos pobres, e para o lado de lá é a banda dos ricos entre aspas. Tem gente de todas as classes que moram lá, também, mas acontece que tinha certo preconceito. Até, esses dias, questionei o próprio padre. E ele falou assim: do lado de lá as igrejas evangélicas proliferam; e eu o questionei, porque do lado de lá, porque eles

são mais carentes, eles estão mais perto das pessoas e nossa igreja se fecha muito tal e coisa; mas existe, sim, dentro da própria estrutura, não que foi intencional no começo; porque, no começo, onde hoje é a praça dos migrantes, ninguém queria terreno, na época que o Incra estava dando, que era muito longe, era fora da cidade. Para tu ter uma idéia, o cemitério da cidade era na *Paraná Material de Construção*. Não se tinha a idéia de Lucas o que é hoje. Eu não sei se aquele terreno era para o cemitério, quando eu cheguei já tinha morto enterrado ali.

Mas era final de cidade. Tinha uma mulher que criava galinha descendo a Paraná, a padaria *Pão da Vida*, ali embaixo, em uma esquina, nós, eu e o Paulo, fomos longe comprar galinha ali, a pé. Hoje nós moramos duas ruas para cá. Não tinha essa dimensão de... não se pensava que a cidade ia crescer tanto.

Essa segregação existe sim, porque até os bairros populares são todos mais ou menos para um lado, mais localizados por ali. Pela própria fala do prefeito que a Sadia vai fazer a sua unidade naquele canto ali, perto do Rio Verde e para lá do bairro ali no cantinho, ele disse que as pessoas mais pobres, as mulheres mais pobres podem ir de bicicleta trabalhar, entendeu? Já pensando em quem vai ser a mão-de-obra: os pobres que moram onde? Moram ali perto. Então a Sadia vai construir ali uma unidade que vai demandar mão-de-obra não especializada. Pode empregar muitas mulheres para depenar galinha decerto, imaginei eu, uma coisa assim. Claro que existe o preconceito; ele pode não estar assim claro; ele está subjacente.

Eu falei da natureza: a primeira coisa que me chamou a atenção foi aquela natureza totalmente diferente do Rio Grande do Sul, do que a gente vivia lá. Completamente diferente. Em um segundo momento, o que me chamou a atenção foi a escola; a escola, porque era meu universo ali. Então cada um sente aquilo que vive mais de perto; para mim foi essa questão da escola; como organizar, como fazer acontecer naquela precariedade. Só tinha as paredes, ainda eram escuras, bem escuras, pintadas de verniz. Não era bem um verniz, era um negócio para cupim não comer, sabe? E isso me chamou a atenção, isso ficou comigo e trago até hoje na memória. A natureza, a água, o rio, as coisas que a gente precisava e que vivia. Eu lembro que a gente ganhou esse terreno, grande: ficava a casinha lá na frente, o jardinzinho e puxava água do poço e molhava a grama. Já plantamos grama e fizemos uma horta no fundo. E puxava água do poço para regar a horta. Produzíamos; foi muito interessante essa, assim, experiência. Contato com suas origens. A gente tinha de plantar as coisas, ter o que comer a partir daquilo que você produzisse. Então essas coisas que me marcaram no primeiro momento. A chegada das pessoas, todas elas com esperança de vencer. Aqui todo mundo tinha certeza que ia morrer rico, ninguém ia morrer pobre. A gente ri disso, mas era assim que se

pensava. Uma vez, teve outra pessoa que estava fazendo outra pesquisa, me perguntou de saudade, como eu lidava escrevendo com ela? Respondi escrevendo cartas, já tinha correios aqui e funcionava no INCRA.

O telefone veio depois, eu escrevia cartas. Logo que cheguei aqui, teve uma semana que eu escrevi e recebi também vinte cartas. Eu escrevia para a mãe, para a tia, para a vó, para a vizinha da minha mãe, para as minhas amigas todas do magistério, eu escrevia... A minha válvula de escape era escrever, porque eu sabia que se eu mandasse, eu recebia carta de volta e isso era notícia. Então a saudade ficava assim, trabalhava isso, e nesse contato com outras pessoas todo mundo tinha a mesma realidade. Nós todos vivíamos a mesma realidade, estávamos longe da família; então a gente partilhava isso, convivia com isso. Eu também lembro que no primeiro ano já assinei a revista “Veja”, porque lá em Porto Alegre eu lia “Veja”. Morava com um casal, morei muitos anos com eles, minha família lá, eles eram reitores e quando eu cheguei aqui, o Paulo me presenteou com isso, porque foi uma forma de ele dizer que eu não ia ficar completamente isolada. Então até hoje sou assinante da “Veja”, porque tinha essa necessidade que eu sentia de manter atualizada, de manter informada, em contato com o resto do mundo. O posto telefônico foi mais adiante, para tu ver, para eu saber se tinha passado no vestibular, eu sabia que o resultado ia sair naquela semana e não consegui passar rádio, não tinha telefone. Tinha na Cooperlucas um rádio; todas as tardes íamos lá, ficávamos horas tentando passar um rádio para a Prefeitura de Diamantino; nós não conseguíamos. Aí chegou o domingo; na segunda eu sabia que era a data da matrícula, e não sabia se tinha passado no vestibular. Aí o Paulo disse, acho bom você pegar um ônibus, ir para Diamantino porque vai perder a matrícula; você não sabe se você passou lá, se você tiver passado. Fui a Diamantino, cheguei lá sem saber se tinha passado. Fui à escola na qual tinha feito o vestibular. Estava toda a turma fazendo matrícula e eu não sabia, aí voltei a pé para a prefeitura. Diamantino é aquele morro, você conhece Diamantino? Lá na prefeitura, a pé, porque dinheiro para o táxi não tinha, e cheguei ao segundo andar ainda com a professora Jussaide, que hoje trabalha lá na UNIC. Ela me recebeu com um sorriso, ela é uma cuiabana morena assim forte, me recebeu com um sorriso e disse foi Deus que te mandou porque eu tentei mandar tantos recados para ti que você tinha passado no vestibular. Nós não conseguimos nos comunicar, eu cheguei e ela disse “você passou no vestibular”.

Terminei o curso no tempo certo. Terminei em 90; comecei em 86. Voltando - retornei para a escola, fiz a minha matrícula e vim de volta para Lucas avisar o Paulo que eu tinha

passado, porque não tinha telefone, não tinha nada. Tinha que avisar que eu ia ficar lá dois meses. Aí levei minha mala e permaneci lá, o curso era por módulos.

O meu marido nunca foi agricultor. A família dele tem origem na agricultura, mas ele não tem ligação muito forte. Na câmara de vereadores de Lucas não tem nenhum agricultor ou que faça dessa atividade a sua fonte de renda. Têm alguns que agora tem uma terrinha no Itanhangá, outro que tem não sei onde, mas nesta gestão não tem nenhum representante da agricultura impressionante, eu sempre conto isso. Tem o Otávio Giroto, trabalha com tratores, no caso ligado com os agricultores porque é vendedor de máquinas agrícolas, mas não é agricultor. Tem o Raimundo que é funcionário do Jaci Piscini, que é o maior proprietário daqui do município, mas ele, Raimundo, não é proprietário de terra. Eu sou a única, por exemplo, ali dentro que tem um segmento claro. Quem eu represento? Eu acho que eu represento a educação e as mulheres, eu acho que os meus votos foram 50%, com certeza foram ligados à educação, ou foi professor e funcionários mesmo, ou foi pai de aluno que votou em mim.

Sou uma mulher trabalhadora. Em vinte e quatro anos, este é o primeiro ano que eu não tenho quarenta horas-aula, quarenta horas de trabalho na escola, porque eu tenho um período livre, entre aspas, para eu me mexer dentro desse período. Então é assim: de manhã estou em sala e à tarde eu me dedico a outras atividades; eu trabalho na câmara, visito as pessoas, venho à escola dar reforço, preparo minhas aulas, trabalho na catequese, vou à pastoral da criança. Lá temos um grupo de mulheres, um projeto a que dou assessoria, faço a parte contábil para elas; com o pouco conhecimento, mas assessoro. Trabalho com a formação também delas; cuido da minha família. À noite estou mais em casa. Agora, esse ano têm menos reuniões à noite na câmara; e, é assim, estou mais organizada. Sempre fui muito sobrecarregada de atividades, exageradamente envolvida em muito mais coisas; agora esse ano, apesar de tudo isso que eu falei que eu tenho que fazer, eu tenho o período da tarde pra me organizar; então é assim que está a minha vida hoje.

O trabalho na pastoral envolve mulheres muito pobres, todas elas. A pastoral da criança ela tem como objetivo promover a vida. Ela não põe nenhuma barreira religiosa e nem uma barreira econômica; quer dizer que se você se sentir acolhida para ir lá levar sua criança, apesar de ter um poder aquisitivo grande você pode ir, mas quem é que precisa da pastoral da criança? As mulheres e as famílias de baixa renda. A gente tem como missão dar subsídio na educação e na saúde também, que a pastoral da criança na verdade ela nasceu para salvar vidas. Nossas crianças estavam morrendo de diarreia. Então a gente trabalha com as cinco

ações básicas de saúde e com orientação, a educação dos filhos. E paralelo a isso a pastoral tem alguns projetos. O que está funcionando em Lucas hoje, funcionando bem é o projeto “Geração de Renda”. Nós temos uma cozinha ali muito bem montada e elas produzem salgadinhos, massas, pães e vendem e geram renda. Para quem? Para elas. Elas deixam um percentual para a pastoral, para a conservação do patrimônio e até porque elas não pagam nem luz nem água. A pastoral tem um veículo que elas usam também, uma Kombi, e a gente, elas, vendem isso e o resto é partilhado proporcionalmente ao tempo de trabalho de cada uma, então gera renda para melhorar a qualidade de vida delas. A gente tem curso ali, tem distribuição de donativos porque todo mundo confia na pastoral; então manda para lá, o próprio juiz, as penas alternativas. Então a gente faz um trabalho de assistência social entre aspas sempre buscando uma educação, então a mãe vai lá pedir uma cesta básica a gente pergunta assim você está trabalhando? Não, não está trabalhando. Tem vontade de prestar algum serviço na pastoral? Você quer então ir lá fazer uma faxina? Pode ajudar na pesagem? Pode um dia na semana? A gente procura incentivar, despertar nela a auto-estima e despertar a vontade de ela produzir sua própria existência para sua própria dignidade quando você só ganha, você não sente prazer então a gente faz um trabalho muito interessante e muito gratificante também.

Eu comecei a trabalhar na pastoral da criança em 1990, ano em que adotei meu filho Paulo Henrique. Quando a irmã veio para cá e implantou a pastoral da criança a gente começou. Quase todo mundo era do sul, dos estados do sul, hoje a realidade mudou. Porque a maioria, se você conversar lá quem são elas vão dizer assim, “são maranhenses”. Nesse termo maranhense está embutido todo o nordeste e tem muita gente do Maranhão que vem e também de outros estados do nordeste, Alagoas, Sergipe, da Bahia, que vem para trabalhar nas empresas; e acabam ficando, se estabelecendo e tem uma dificuldade econômica muito grande no começo. A pastoral procura estar subsidiando, estar organizando.

Eu já ouvi essa história de ônibus fretado trazendo trabalhadores. Eu não presenciei, mas eu já ouvi essa história. E a gente, uns dois anos atrás, via grupos enormes andando na rua. Eu suponho que era desses ônibus, porque chegavam com sacola, com mala, com coisas e de manhã cedo estavam nas esquinas. Quando a gente ia trabalhar estavam por aí já. Quem deixava essa gente aqui? Não era na rodoviária, não estavam na rodoviária, então alguém trazia. Também a gente ouvia falar na fala deles que vinham com *gato*; eles falam assim.

São trabalhadores que não têm qualificação. Geralmente são filhos de famílias numerosas, com muitos irmãos; se casavam muito jovens, têm vários filhos. E uma realidade

bem complicada. Em alguns casos a gente consegue resgatar. Temos casos de sucesso, mas não é fácil. Até porque tem dificuldade de se estabelecer e muitos acabam voltando quando eles têm uma oportunidadezinha, quando eles juntam um pouquinho, eles sentem muita saudade, muita vontade de ficar lá, embora lá também seja difícil. Eles voltam, não são todos que ficam aqui.

A Secretaria do Bem Estar Social não nos obriga a voltarem para os seus estados de origem. Acho que, na medida do possível, tentam organizar a situação para que tenham trabalho. O que acontece muitas vezes, que a gente vê, por exemplo, você vê na frente uma casa e tem uma casinha atrás; as pessoas têm um cortiço, sabe? Várias casinhas atrás, precárias. Ali moram duas, três, cinco, dez famílias. Então acaba ficando naquela situação, porque às vezes é melhor aquela situação que voltar lá para o nordeste e não ter nada. A situação que eles vivem é precária, vieram e acabaram ficando. E daí muitos deles são os beneficiários dos projetos, dos projetos de habitação popular como “Minha vez”, o “Jardim das Primaveras”. Como é o FETAB que tem as casinhas, esses já estão melhorando um pouquinho a sua condição e se organizando melhor. É preciso um trabalho muito grande de educação popular, porque a própria questão da higiene eles não têm essa história, essa cultura. Então eles ganham a casinha, logo na segunda semana que estão morando nela, estão imundas, com as paredes todas sujas, porque a criançada vai brincar na terra, não plantam uma graminha, não tem essa questão cultural, precisa estar resgatando isso. Eles têm uma cultura deles, mas eles não têm um cuidado, uma vivência deles, uma educação para a higiene, para a saúde. Então o próprio acompanhamento das crianças na escola é dificultado. Qualquer coisinha tira os filhos da escola; a professora falou feio, a família tira da escola, entendeu? Então o conselho tutelar tem um trabalho muito grande aqui para poder fazer as coisas acontecerem aqui.

JOANA

Casada, chegou em Mato Grosso em 1983. Nasceu em 1958 na cidade de Pranchita no Paraná. Joana é graduada em História, professora da rede estadual e em sua entrevista falou da sua infância difícil, de sua formação escolar, seu casamento até a chegada em Lucas em busca de um local que pudesse ser feliz.

Narrou os tempos difíceis do começo de sua vida em uma cidade que estava nascendo no início da década de 1980. Tímida, falou pouca, mas com informações importantes. A entrevista foi realizada em sua própria casa.

JOANA

- A saudade ficou lá na fazenda, com certeza.

Meu nome é Joana, nasci em 1958 em Pranchita no Paraná. Vim para Mato Grosso em 1983. A minha infância não foi boa. Meu pai era taxista, minha mãe doméstica. Somos cinco irmãos. Eu sou a mais velha, mulher; os outros são quatro homens. Tive uma infância com bastante dificuldade; estudei sempre em escola pública. Terminei meu magistério em 1977, quando eu casei. O meu marido tinha um comércio. A gente trabalhou uns cinco anos no comércio. Depois ele vendeu com aquela idéia de vir pra Mato Grosso e encontrar a felicidade, eu acho. E a gente veio pra cá, ele comprou junto com o meu cunhado 400 hectares de terra, se passaram uns três anos, foi comprando mais uns 150, eu acho que fecharam em torno de uns 550 hectares. Os primeiros anos foram de muito sofrimento.

Eu não conhecia nada daqui, só o meu cunhado que conhecia. Ele já tinha vindo várias vezes para Mato Grosso; mas toda vez que era colocado pra mim a idéia de vir pra cá, eu não aceitava, porque eu sempre fui ligada muito com a minha mãe, com meus irmãos, e para mim era muito difícil largar eles lá e vir pra cá. Mas chegou o momento que as coisas vão acontecendo e a gente vai aceitando.

Nós viemos para cá direto, não para nossa área, que a gente tinha comprado porque era uma área onde o rio ficava muito distante de onde estava aberta a primeira parte. Então até que se construísse um poço no local a gente foi morar numa área de um amigo nosso. Moramos seis meses nessa área, depois de construir toda a estrutura, feito poço, que não tinha, enfim, a estrutura pra gente morar. Daí a gente mudou pra área que a gente tinha comprado. Isso foi em 1983.

Fomos quase um dos primeiros a chegar. Quando eu cheguei já encontrei todo o pessoal que estava instalado no projeto de colonização. A gente via tudo aquilo, mas não entendia o que estava acontecendo. No começo tinha um sentimento de medo do desconhecido. O acolhimento das pessoas que já moravam aqui foi assim muito grande, as

pessoas tinham um compromisso maior com o ser humano que estava chegando, faziam visitas, nunca deixavam aquela família que estava chegando isolada, era bom para a parte afetiva, as pessoas ficavam bem próximas.

Eu não imaginava como era aqui, eu vinha. As minhas duas meninas mais velhas, uma tinha dois anos a outra tinha três. Quando cheguei em Nobres, escurecendo, e veio a poeira, eu entrei em desespero, chorei muito. Não tinha onde tomar banho, sabe? Foi bastante complicado, mas depois no outro dia quando a gente seguiu viagem, aquela expectativa de chegar ao local, procurando saber onde que eu ia me estabilizar, foi assim uma angústia, uma, uma ansiedade muito grande. Depois a gente chegou, eu fui morar numa casa muito simples, os móveis que eu tinha trazido não davam pra instalar dentro da casa, uma parte ficou pra fora, o fogão a gente nem instalou porque a gente só tinha aquele fogão caipira, que o pessoal chamava. A água vinha através da roda d'água, bem distante da casa, nem sempre aquilo funcionava. Tinha dias que faltava água e eu não tinha outra mulher junto comigo, era eu e minhas duas meninas. Os homens saíam pra trabalhar e às vezes faltava essa água, às vezes eu ficava um dia inteiro sem água porque eu nem tinha como mexer, solucionar o problema, até porque tinha toda a questão dos animais, da sucuri que ela se encontrava nesses locais na beira dos córregos; foi muito difícil, deu muito trabalho.

As casas eram de madeira, bem simples.

Os homens iam abrir a lavoura. Eu era sozinha. A família do meu cunhado não veio. Ele vinha, ficava uma temporada, depois ele voltava para o Paraná, sempre com aquela idéia que mais tarde a família viria. Eu fiquei ali. No primeiro ano veio um irmão meu junto, acho que com uns catorze anos, e ficou em torno de uns três anos. E outras pessoas que a gente trouxe de lá pra trabalhar. Eles saíam de manhã, voltavam na hora do almoço, almoçavam e retornavam para o trabalho. E eu ficava com minhas atividades ali. Sozinha. Iam trabalhar, e eu ficava. Eles iam trabalhar, derrubar o cerrado, liberar, preparar tudo. Isso demorou de dois a três anos para abrir trezentos e cinquenta hectares, porque a outra área já tava pronta.

Aí a gente começou plantando arroz, mas como eles não conheciam a questão solo, sabiam plantar no Paraná, mas era de uma forma, aqui era outra e a gente demorou até pra conseguir fazer com que a lavoura produzisse. Plantava arroz, mas não era assim um arroz que produzia aquilo que a gente imaginava. Sempre a produção era menor, se plantava um ano arroz e depois se passa pra soja, que foi um pouco mais tarde, com variedade que não era adaptada para solo daqui. A questão também de não se fazer uma análise correta para se saber quanto de calcário usar, quanto de adubo era necessário. Muitas vezes o financiamento saía

tarde demais; às vezes se compravam os insumos antes de sair esse financiamento; já se pagava mais caro e chegou o momento em que as dívidas foram aumentado, vários planos que o governo, os planos econômicos do governo também influenciaram bastante para que não se tornasse mais viável mexer com a agricultura.

Nós moramos cinco anos na fazenda. A minha mais velha fez a 1ª série lá na fazenda. Era assim uma escola bem precária, onde não tinha nem cadeira nem mesa para sentar. Colocava um tambor de óleo, um de cada lado, umas tábuas em cima e ali a professora preparava a aula dela. Ela trabalhava com os alunos assim. A minha filha mais velha fez o primeiro ano e se alfabetizou assim, até com bastante facilidade. A professora dela, uma professora que veio e que já trabalhava no Sul como professora. Ela já tinha experiência e deu tudo certo na alfabetização dela, da minha filha mais velha. A segunda foi para a escola aqui na cidade.

Essa preocupação com a educação ela existia sim. Mas a gente sempre pensava assim quando a gente estiver mais estável, tudo organizado, a gente vai pra cidade. A gente vai buscar oferecer para nossos filhos uma condição de vida melhor. A preocupação com o estudo delas existia sim.

Existia um hospital aqui em Lucas, tinha posto de saúde, mas era longe para nós. O hospital era uma casa normal, depois mais tarde, ela se tornou um hospital. O médico atendia a situação. Não tinha uma sala de cirurgia, não tinha energia, principalmente. No meu caso, eu tinha a mais velha que sofria de bronquite, e às vezes atacava essa bronquite no meio da noite - a gente se preparava para sair para Sorriso. Muitas vezes com o combustível acabando, torcendo para que você chegasse logo num posto para poder abastecer. Outra questão era a da poeira, você saía da fazenda, fazia sua higiene, se preparava para você sair, quando você chegava estava toda empoeirada. Eu muitas vezes cheguei na hora de fazer uma consulta, pedia licença para o médico para tomar um banho porque você chegava sem condições de você se apresentar para uma consulta.

Sorriso já tinha um hospital um pouco melhor, mais equipado.

Aqui em Lucas tinha só aquele hospital em situação bem precária, não tinha aparelhos, a energia era de motor, muitas vezes acontecia alguma coisa, a cirurgia tinha que ...causava bastante preocupação.

Sempre tive a expectativa de vir para a cidade. Olha, a gente ouvia bastante comentário a respeito até do processo de colonização, dos próprios membros do Incra, que não funcionava direito. As pessoas tinham sim um certo receio. Mas a idéia de vir pra cidade

era realmente de você construir uma casa melhor, de poder usufruir de um conforto melhor. Porque no Paraná a gente tinha casa, a gente tinha energia, a gente tinha todos os eletrodomésticos, tudo para uma casa funcionar. E lá na fazenda nem sempre funcionava, apesar de a gente ter motor não era e não é como você tá utilizando uma energia fixa na cidade.

Em 1987 surgiu uma possibilidade de abrir uma 5ª série do ensino fundamental na vila, em Grosllândia. Mas para que isso acontecesse precisavam de uma pessoa que tivesse o magistério, uma professora. E aí eu fui convidada pela comunidade pra fazer parte do grupo de professores e fazer com que funcionasse essa 5ª série. Eu comecei trabalhando, comecei trabalhando matemática numa situação difícil, muitas vezes faltando material didático, a própria estrutura era deficiente. E em 88 surgiu o concurso do Estado. Eu juntamente com a professora que era a diretora da escola a gente foi fazer o concurso em Diamantino. E no ano posterior, em 89, eu fui chamada pra trabalhar. Aqui na cidade. E aí eu tive que vir para a cidade, deixei minha família lá, fiquei um mês morando aqui na casa de um amigo nosso, e justamente aí os professores do Estado entraram em greve. Então de cara eu já fui encarando uma greve difícil, porque naquela época se lutava mais do que hoje. E aí eu vim pra cidade e logo em seguida a minha família veio.

Eu falei: “a hora é agora”. E no mesmo ano de 89 a gente já alugou uma casa na cidade; daí já veio todo mundo. Para as crianças foi tudo novidade.

É emprego fixo, e estava surgindo uma nova oportunidade. A cidade pequena, ela nasceu aqui nas margens do Rio Verde. Tinha um posto de saúde, com uma escola, um mercado, a igreja; bem pequena a cidade, com o tempo que ela foi se expandindo.

Quando eu vim para cá, para a cidade, ela era muito pequena. Nos primeiros anos até pra se comunicar com a família era muito difícil, só tinha um posto telefônico e a gente chegava oito horas da manhã; ficava na fila às vezes até duas da tarde, quando chegava sua vez de falar, o telefone quebrava. Aí tinha que voltar pra casa, levava a saudade outra vez.

A escola, quando eu comecei a trabalhar, se chamava Dom Bosco. Mais tarde houve um desmembramento, a escola Dom Bosco ela vai para outro local e ali permaneceu a escola com o nome de José de Alencar. Eu comecei trabalhando com uma 4ª série. No ano seguinte eu fui pra alfabetização e trabalhei 17 anos. Acredito que uns 12, 13 anos eu trabalhei com 1ª série, com alfabetização e com 1ª e 2ª séries. A escola não era uma escola grande. A dificuldade que a gente encontrava era com o próprio material pedagógico, a questão da

própria estrutura física da escola que não era uma estrutura agradável. O grupo de professores, a gente se dava muito bem, a gente buscava resolver os problemas junto.

O lazer na zona rural ele até é algo que me chama atenção porque como os lotes de 200 hectares estavam localizados mais na região da Groslândia, de uma área grande, se formaram as comunidades. Durante a época da seca todas as comunidades faziam festas. Então se passava todo o período de seca, toda final de semana tinha festa, todo mundo ia, ninguém ficava em casa. Saía de manhã e voltava à tarde, isso era o lazer na zona rural. As pessoas se divertiam muito, as pessoas se visitavam muito. A solidariedade era muito mais forte. E você não recebia, por exemplo, só mulher na sua casa, você recebia a família. As visitas deles chegavam nove horas da manhã e ficava o dia todo na tua casa, era um momento assim muito agradável.

Na cidade muda tudo. Até porque a gente não tem o conhecimento até com os próprios vizinhos. E como a gente já trabalha, já tem a questão do horário, você já se mantém um pouco mais fechado, mais dentro de casa. Mas essas festas ainda aconteciam, até uns cinco anos atrás as festas ainda aconteciam. Aí o povo da cidade ia para essas festas. Porque ele não esquece a comunidade. Sempre volta. Agora é que a gente percebe, eu percebo que não existem mais as festas.

A cidade foi crescendo e as pessoas cada um se preocupando com seu trabalho. Eu acredito que isso causa até o fim dessas festas e isso não acontece mais.

E isso é uma coisa que às vezes eu me pergunto, porque que hoje você olha pra sua direita, para sua esquerda, as casas tão fechadas, você não conversa com seu vizinho e quando a gente chegou aqui a gente tinha essa liberdade, a gente tinha essa parte da diversão, de se divertir junto, de conversar, de conviver, de compartilhar os problemas.

Eu acho que a diferença da vida lá na fazenda e a vida aqui da cidade é que a mulher não quer ficar trabalhando na cozinha. Então você vem pra cidade, você começa a ter teu emprego, a sua vida vai mudando, você começa a perceber que você tá se tornando independente e isso para mim foi muito bom. Muito. A visão do mundo é outra, quando você busca. Você vê um mundo se abrindo pra você.

A avaliação que eu faço é que a vinda para a cidade para mim foi boa. Mas quando a gente analisa o todo. Essa vinda para cidade, alguns anos mais tarde a gente acaba vendendo a terra que a gente tinha comprado. Então a gente fica meio dividida porque você começa a se sentir insegura. Até pela questão econômica mesmo, não dava mais para se manter na terra. É muito difícil. Os juros aumentando. Nem sempre a gente conseguia financiamento no banco,

você pegava de empresas que cobravam juros mais altos, que já venciam o prazo eles já queriam receber, dessa forma.

A saudade ficou lá na fazenda com certeza. Porque hoje você vê Lucas do Rio Verde esse potencial que é hoje. Às vezes eu falo assim, não deu certo naquele sonho maior que a gente tinha, o sonho da terra.

Aquela questão, aquela imagem de você vir pra Mato Grosso, de você conseguir as coisas. Não, essa parte não foi boa.

A parte boa é que eu escolhi minha profissão, eu tenho as minhas filhas encaminhadas na vida. A mais velha formou agora em 2005. Formou em ciências contábeis, a outra também; o plano é que ela curse uma faculdade; as duas estão casadas. E o próprio tempo, ele vai se encarregando de colocar as coisas nos lugares.

Olha o que me chamava atenção quando cheguei, nos primeiros dias que eu estava aqui, o que me chamava atenção era a quantidade de peixe que se pescava. Eles saíam para pescar e nunca chegavam em casa sem o peixe. Então é uma coisa que quando eu vou falar dessa época, o que me chamava atenção era a grande quantidade de peixe que se pescava nos rios aqui. Hoje não tem. Não tem nem no Rio Verde, nem no Teles Pires.

Eu acho que a própria ganância das pessoas de não preservar, de só retirar e nunca pensar em repor, a questão do desmatamento é muito séria, porque hoje a gente tem aqui às margens do Rio Verde tem lavoura. É já não tem mais essa parte da preservação. O rio acabou. Disso eu tenho saudade.

A questão era assim. Eu tinha muito medo até de cortar uma árvore. Porque existia a idéia, como eu falei no início, toda a questão do Incra, as pessoas tinham receio, então às vezes eu tinha medo também, pelo que as pessoas contavam e em relação ao meio ambiente. Teve até um episódio, que morava comigo um irmão meu. E todos, o Arno e todas as pessoas que trabalhavam, saíram para ir a uma dessas festas, e esse meu irmão não quis ir. e aí eu fiquei com ele e até convidar para ele ir caçar para distrair eu fiz. Assim, sempre tendo coragem, incentivando.

Voltando à questão das festas - na época da chuva não havia festa. Por causa do transporte; era difícil e até a preocupação com o plantio.

Como no período de seca não precisava mexer com a lavoura e até a própria situação do clima facilitava, até porque as festas elas aconteciam ao ar livre. Os homens jogavam futebol; enfim, se divertiam.

GIOVANA

Giovana nasceu no Rio Grande do Sul em Três Coroas no ano de 1973. Filha de agricultor. Chegou a Lucas do Rio Verde com 11 anos de idade em 1984. Hoje é comerciante possui duas lojas em Lucas e uma em Tapurah.

Giovana foi entrevistada em sua casa. Em Sua entrevista destacou a sua trajetória de vendedora de porta em porta até chegar a condição de comerciante bem sucedida no ramo da moda e vestuário.

GIOVANA

- Eu trabalhei muito. Foi uma vida de muita batalha, de muito trabalho, de vontades, de sonhos, de correr atrás...

Meu nome é Giovana. Moro na Avenida Paraná, 308-E, Lucas do Rio Verde. Nasci em Três Coroas, no Rio Grande do Sul, no ano de 1973. Hoje sou divorciada; me casei em 1989; tenho três irmãos.

Eu nasci e me criei no interior, meus pais moravam no interior. Eles tinham costumes bastante tradicionais. A minha família é de origem italiana - minha mãe - de origem italiana. São pessoas de muito trabalho.

Eles trabalhavam com agricultura. Já é tradição de ser pessoas batalhadoras, de muito trabalho. Então desde pequenininha meus pais ensinavam também a gente a trabalhar, ir pra roça; ter responsabilidade já desde pequeno; com cinco anos de idade já comecei a ter compromissos.

Com onze anos de idade nós viemos pra Lucas do Rio Verde. Viemos direto pra Lucas do Rio Verde.

Na época meus pais vieram para comprar terras aqui. Venderam o pedaço de terra que tinham lá e vieram para cá comprar terras aqui e eu vim com meus pais. Ficamos aqui em Lucas do Rio Verde por seis anos, onde eu passei minha adolescência, até me casar. Porque eu me casei cedo, casei com dezesseis anos de idade. Fiquei dos onze até os dezesseis aqui em Lucas. Eu casei muito cedo.

Casei aqui em Lucas. Só que eu casei e já em seguida mudei. Como meu ex-marido estava com intenção de abrir um negócio na cidade vizinha, nós mudamos, ficamos um tempo fora. Fiquei seis anos na cidade vizinha, aqui em Tapurah. Nesse tempo meus pais também foram embora de Lucas, mudaram para uma cidade chamada Rosa, aqui próximo também,

cento e vinte quilômetros daqui. Eu, depois de seis anos em Tapurah, fui para Vera. Meus pais mudaram para lá, eu fui para lá também, fiquei mais seis anos lá e voltei para Lucas.

Eu lembro, lembro muito bem o dia que cheguei, a hora, como que foi a situação toda. Na época a cidade estava recém começando. Tinha na verdade, quando nós chegamos aqui, trinta e cinco casas no município de Lucas do Rio Verde. Início de tudo isso aqui. E meus pais vieram com muita expectativa, muita expectativa. Nós também viemos com grande expectativa, mesmo adolescentes nós tínhamos todos aqueles sonhos, aquelas vontades. Como desde pequenininha aprendemos a ter responsabilidade, nós chegamos aqui com o pai e a mãe e meu pai foi para uma terra que ele comprou, trabalhar com agricultura e minha mãe montou uma mercearia aqui em Lucas do Rio Verde.

Ficamos aqui na cidadee ele trabalhava lá na lavoura e nós estávamos morando aqui na cidade e a minha mãe montou uma mercearia e nós ajudávamos. Estudava à noite, que na época aqui só tinha a série que eu estudava - a quinta - só à noite. Então a gente trabalhava de dia e estudava à noite.

A cada dois, três dias meu pai vinha para Lucas. As estradas daqui eram até boas. Ele vinha, ele tinha uma caminhonete, então ele, a cada dois, três dias, ia e voltava com facilidade até. Nós íamos para ficar com ele nos finais de semana e nas férias, aí quando nós íamos, íamos para trabalhar. Eu e minhas duas irmãs, uma era pequena e até ficava um pouco fora, a Vânia; agora eu e a Márcia a gente ia, ia pra lavoura, ia pra trabalhar mesmo, na roça.

Como no início, quando nós viemos para cá era tudo mato aqui cerrado, foi necessário derrubar a mata. Então a gente ia ajudar a catar toco, fazer catação de toco até preparar as terras. Isso nas primeiras lavouras, nos primeiros plantios. Depois nós ajudávamos. Como meu pai também veio da região do Rio Grande do Sul, que usava muita enxada lá, no princípio quando nós viemos, ele pensou até que poderia ser útil, então a gente ia, toda a família, enxadinha, para ajudar a tirar não sei o que, até que com o passar do tempo ele se deu conta que isso não fazia diferença, ele nos colocava para ir à roça com enxadinha, final de semana, férias.

No princípio ele plantava o arroz. Alavoura maior era de arroz e fazia outros plantios pequeninhos pra consumo próprio de mandioca, batata-doce, algumas coisas assim.

Na época que eu vim para cá, como eu era adolescente, não dava muita importância para isso, se a cidade era grande ou pequena; vim feliz, ficamos cinco dias na estrada para chegar aqui, em cima de caminhão. Vim feliz, cheguei aqui toda empolgada, achei tudo maravilhoso, tudo novidade, tudo muito maravilhoso.

Não assustei, em momento algum me assustei. De Cuiabá até aqui era chão. Eu lembro assim de toda a situação muito bem; que era grande novidade, aquilo para mim era maravilhoso, eu estava achando tudo fantástico, espetacular. Viemos de Cuiabá até aqui, era chão, muita poeira mesmo, muita poeira; demoramos cinco dias para chegar aqui, mas estava na expectativa.

Quando eu cheguei aqui, tinha onze anos, tinha onze quando cheguei. Durante uns três anos foi mais ou menos no mesmo ritmo. Levantava cedo, sempretinha o costume de levantar cedo e ia trabalhar, desde pequena, tinha que trabalhar muito. Então, continuo no mesmo ritmo que era no sul, levantava cedo para trabalhar, daí meu irmão mais velho ia trabalhar na lavoura com meu pai e eu e minhas irmãs ficávamos trabalhando com a minha mãe. Levantava cedo, trabalhava, trabalhava, tinha que ajudar com a organização, limpeza, atendimento, era trabalho de responsabilidade mesmo, mesmo sendo muito nova, era trabalho de muita responsabilidade, tinha compromisso. Não fechava meio-dia, então trabalhava direito, comia assim rapidamente dentro dum quartinho que tinha lá mesmo no mercado e ficava lá no mercado até tardinha. Quando faltava mais ou menos uma hora para a hora da escola, aí corria em casa, tomava banho, comia alguma coisa e ia pra escola. Mas dentro da minha família sempre foi assim, conseguimos levar isso com tranquilidade, minha mãe na cidade, meu pai na lavoura. Era perto também; a distância não era muita, eram vinte e dois quilômetros.

Agente conseguia conciliar muito bem isso. Finais de semana sempre meus pais faziam questão de estar toda a família junta. Como eram católicos, então nos finais de semana era sagrado. Ia à missa certinho, reunia os amigos durante o dia, vizinhos, amigos, faziam churrasco, normalmente domingo; à noite ia para a missa. Acho que era uma vida assim normal e até meio que tradicional desde lá do sul.

Existiam as festas de comunidade. Tinha com frequência. Festa da comunidade aqui, dentro do que hoje é o município. Tinha festa da comunidade aqui, tinha festas das comunidades do interior, dos setores aqui em volta também. Era tradicional, até hoje tem alguma coisa ainda, não tão igual como na época. Naquela época era o momento de encontro do povo da região, aquele pessoal que veio para cá, a maior parte era do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, um pouco do Paraná, mas daquela região sul. Então todos faziam questão de manter as tradições de lá, de se reunirem, tomar chimarrão de gaúcho e fazer churrasco. Tinha muita convivência nesse estilo, faziam muitas programações de festas nesse estilo, justamente para o povo se reunir, ter um momento de lazer também, porque o povo daquela época era um povo muito sofrido dessa região.

Quando eu digo sofrido é devido ao lugar. No início o lugar era só para trabalhar a terra. Na verdade, tudo aqui era mato, tudo cerrado, tinha que começar abrindo a mata. A grande maioria que veio não tinha muito capital financeiro para poder pagar muitos funcionários, ajudantes. Então na maioria das famílias era a própria família que trabalhava com um, dois, três funcionários que ajudava. Desde o início era difícil: desmatar, derrubar o cerrado, juntar toco, preparar a terra, deixar a terra pronta para plantio e a infra-estrutura também da época era muito precária no município - a água a gente tinha que puxar de poço.

Passamos anos puxando água de poço, com baldinho na manivela; foram vários anos, não sei exatamente quantos, mas foi bastante tempo. Não só os meus pais, como várias pessoas daquela região do sul, que tinha aqueles costumes de fazer pomares, hortas, esse tipo de coisas assim, colocavam pessoas de família, filhos, mãe, pai para puxar água de poço para poder aguar pomares aqui. Energia elétrica também não tinha. Em alguns casos era instalado motor estacionário e onde que acabava puxando fio para um ou outro vizinho para ajudar também. Tinha a energia, mas só para luz, pra iluminação mesmo, não dava para ligar uma geladeira, um freezer, era só pra iluminação; ligava uma televisão, no máximo. Essa situação durou vários anos, eu não me lembro agora para te dizer exatamente quanto. Essa energia durava algumas horas, mas só à noite que normalmente ligava; anoitecia ligava o motor. Inclusive meus pais que tinham mercado tinham que ligar algumas horas do dia também. Normalmente escurecia, ligava o motor e ficava até no horário das dez, dez e meia, que normalmente a gente ia dormir. Era o tempo de deitar e dormir, e o motor era desligado. Era essa energia que nós tínhamos por muitos anos. Até que, com o passar dos anos, de mais alguns anos, veio a energia, energia do próprio município. Instalaram motores no município, daí a gente tinha algumas horas, algumas horas de energia durante o dia e algumas horas de energia à noite. Mas também desligavam tipo onze, meia noite; também foram vários anos assim.

A lavoura era mecanizada, derrubava a mata com trator e na verdade o trabalho manual era feito só na catação de toco, o restante era mecanizado, derrubava com trator, arava com trator. Aí se fazia a catação, a queima, a catação, aí depois novamente tratores para gradeação; depois plantadeiras para plantar, semear. Braçal mesmo só a parte da catação.

Quando mudamos para cá tinha um posto de saúde do município. Era do assentamento do INCRA. Tinha um atendimento bom, sempre teve médicos; desde que eu cheguei pelo ano de 1982, já tinha médico aqui. Como a população era pequena também, não tinha muita carência na saúde, tinha um bom atendimento sim, a não ser quando tinha uma situação mais

grave que precisava sair até Cuiabá ou outro lugar que tivesse melhores instalações, por falta de aparelhos ou alguma coisa assim. Mas o básico prosseguia com tranquilidade, só não tinha atendimento em situações graves.

Então contei, até agora, minha vida aqui em Lucas junto com a minha família. Morei com eles aqui até os dezesseis anos, casei e mudei para Tapurah. Aí, nessa época, eu só tinha feito o primeiro grau. Casei com dezesseis anos, eu tinha feito o primeiro grau. Na verdade isso no ano anterior eu não pude estudar porque tinha que ajudar no trabalho de casa. Como meus pais tinham mercado, vou falar mais um pouquinho dessa etapa, dessa fase. Como meus pais tinham um mercado anexo a uma lanchonete, ficava à noite até tarde, dez, onze horas...chegou um ponto onde meus pais não estavam mais dando conta e estavam desistindo, e a gente percebendo a situação e a necessidade. Eu fiquei um ano, parei de estudar por um ano para ajudar nessa lanchonete. Trabalhava à noite, trabalhava o dia inteiro no mercado e à noite na lanchonete. No ano seguinte eu me casei, fui morar em Tapurah. Depois de casada meu ex-marido não quis mais que eu estudasse. Não achou mais interessante, na verdade acabei tendo que parar. Aí não estudei mais. No final das contas para eu fazer o segundo grau acabei fazendo supletivo, depois de vários anos.

Voltei a estudar quando ainda estava casada, mas fiz o supletivo depois de cinco anos mais ou menos, quatro ou cinco anos. Mas foi esse fato que me levou, acho, que me deu muita força para começar o meu trabalho. Não estudava, ficava em casa cuidando de casa, lavando, passando, cozinhando; nunca gostei muito disso, até porque nem quando morava em casa dos meus pais, pequena, não fazia. Sempre, desde pequenininha acostumada a fazer os trabalhos lucrativos do pai e da mãe, meu primeiro trabalho lá no sul indo para a roça tudo que era lucrativo, depois aqui em Lucas, trabalhando em mercado onde que rendia. Cheguei lá em Tapurah e fiquei parada por três anos só dentro de casa, parada...Trabalho de casa é árduo.

Tive meu único filho no primeiro ano de casada. Aí eu cuidava da minha casa, cuidava do meu filho e como não me conformava muito com a situação, não aceitei, chegou num ponto onde que resolvi trabalhar fora. Contra a vontade do meu ex-marido e da família dele, mas decidida.

A família do meu ex-marido morava também aqui em Lucas do Rio Verde e depois mudou para Tapurah. Hoje o pai e a mãe dele faleceram. Aí, eu tinha uma amiga que era diretora da escola estadual de lá, de Tapurah, e ela me chamou para substituir uma professora na escola e insistiu, ela conhecia também minha situação e insistiu, e eu decidi ir, não fico mais em casa, decidi ir. Isso foi em 92, 93, acho que foi em 93, 92 para 93.

Comecei substituindo uma professora. Aí comecei a trabalhar; continuei fazendo o serviço de casa, cuidando do meu filho. Eu dava aula na parte da manhã. Então eu levantava cedinho, limpava parte da casa, me arrumava, preparava meu filho, pegava ele, levava, botava na creche do lado da escola, deixava ele na creche e ia pra escola. Ficava até por volta das onze horas. Da escola saía, pegava meu filho, trazia pra casa, fazia almoço. Aí, à tarde vinha todo aquele trabalho de casa de novo, porque o salário de professora, na época, não dava para pagar alguém para fazer meu serviço em casa. Então eu continuei fazendo o serviço de casa, cuidando do meu filho e ainda dando aula.

Eu comecei a trabalhar para satisfazer um desejo pessoal. Não foi por necessidade financeira ou para complementar a renda. Eu não agüentava mais ficar em casa.

Tinha que ter uma renda. Tinha que ter uma ocupação que eu achasse que seria bom para mim, que eu na época achava que era de mais utilidade, que trazia rendimento para mim, financeiro, profissional, queria algo mais.

Como tinha esse ritmo de trabalho diariamente, fiquei cinco meses, nesse ritmo. Aí comecei a ficar doente, desmaiar na escola. Comecei a passar mal. Isso foi assim durante um mês mais ou menos. Aí fui no médico. O médico pediu pra mim que eu tinha que escolher, ficar com a escola ou só com a casa, que meu organismo não suportava. Aí foi onde que eu decidi, depois de analisar bem, de refletir bastante, resolvi que eu queria dar um rumo para o meu lado profissional, para minha vida profissional. Pensei um pouco, em poucos dias eu tinha que decidir e resolvi, deixei a escola e deixei a casa também. Peguei aquele dinheirinho de cinco meses de aula que eu dei substituindo a professora e comprei roupa em Santa Catarina e comecei a vender roupa. Foi onde que eu comecei o negócio que eu estou até hoje.

Tive meu filho aqui em Lucas do Rio Verde, mas passei toda minha gravidez em Tapurah. Minha gravidez foi boa, bem cuidada, fiz o acompanhamento, pré-natal maravilhoso, com a médica que eu estou até hoje, Doutora Elisa, que me cuidou na época. Meu parto foi tranquilo. Foi parto normal. Era para, na verdade era até intenção de fazer cesárea, mas meu filho é apuradinho, resolveu vir antes, tive normal com tranquilidade, muito rápido, aqui no hospital. Tenho um filho apenas, ele tem quinze anos. Nasceu em 1990, vai fazer dezesseis anos daqui uns dias.

Então eu comecei a vender roupa. Mandava vir da região sul pelo correio, porque na época não tinha condições de viajar e também era muito inexperiente para fazer uma viagem, fazer compras. Então mandava vir pelo correio. Chegava, vendia, e assim foi por um ano e dois meses aproximadamente. Vinha a roupa, vendia, saía pelo interior; na época morava em

Tapurah. Ia para o interior, nas cidades, naquelas vilas próximas, Novo Eldorado, Ana Terra, nas serrarias próximas da cidade também, saía bastante. Na verdade era vendedora ambulante. Dentro da cidade também vendia para a vizinhança toda. Fiquei um ano e dois meses vendendo assim. Até que depois desse tempo resolvi montar uma lojinha lá em Tapurah. Com a ajuda de um cunhado meu hoje meu ex-cunhado. Esse meu ex-cunhado, ele resolveu fazer uma pecinha, uma salinha para eu montar na verdade uma lojinha. Como eu vendia ambulante, um dia ele me chamou e me pediu se eu aceitava que ele fizesse essa sala, se eu aceitava parar de vender ambulante e montar uma lojinha ali. Eu falei que sim porque vida de ambulante é bastante sofrida, porque eu me dedicava muito, me esforçava muito, então era muito puxado, muito sofrido realmente. Saía para as fazendas, serrarias de manhã cedinho e voltava, tinha vez que voltava onze horas da noite para casa.

No princípio ele não achou boa idéia não, não gostou. Mas logo em seguida ele viu que estava dando certo, deixou; viu que realmente estava vendendo bem, tinha um lucro bem razoável, isso.

O meu marido não era agricultor, ele tinha comércio. Tem um comércio lá. Na época que eu comecei a vender, ele mesmo se prontificou a ajudar, a cuidar do meu filho. Eu saía para fazer as vendas, ele ficava com meu filho. Na época ele era pequenininho, uns três aninhos; dois, três aninhos, três aninhos. Ele ficava com meu filho, quando eu voltava à noite, ele dava banho, trocava, cuidava dele. Me ajudou muito a cuidar do meu filho nesse ano e dois meses, que eu fiquei vendendo ambulante. Não posso falar de forma nenhuma que ele proibia, criticava, ele realmente me apoiou nessa época.

Então o meu ex-cunhado construiu aquela sala, meu pai me deu um pouco de dinheiro. Meus pais me deram um pouquinho de dinheiro também e eu consegui montar minha lojinha. Isso tudo para mim foi maravilhoso porque um ano e pouco antes eu estava cuidando de casa, onde eu não admitia muito essa situação, eu não aceitava isso, eu queria produzir algo maior. Então para mim foi maravilhoso. Na verdade, as coisas foram acontecendo de uma forma tão boa que eu sentia muito bem a situação, vendia muito bem. Acho que eu tinha um pouco de sorte, talvez muita sorte. Acredito que sempre fui muito protegida por Jesus Cristo, graças a Deus sabe. Vendi muito e fui crescendo ali. Um ano depois, menos de um ano depois eu me mudei para Vera, eu, meu marido (meu ex-marido), meu filho mudamos para Vera. E eu deixei esta loja lá em Tapurah e já um ano depois montei outra em Vera.

Eu deixei uma funcionária que me ajudou até montar a loja, a loja abriu e ela ficou, ficou comigo, eu saí e ela ficou tomando conta dessa loja e eu fui para Vera e montei assim

outra loja lá, também uma loja pequena e dei andamento no trabalho lá. Fiquei por alguns anos com as duas lojas em Tapurah e em Vera. Isso tudo por dois anos, dois anos eu trabalhava, cuidava da casa, em dois anos e pouco eu estava com duas lojas. E é onde que eu fui trabalhando nesse seguimento. Percebi que gostava muito. Tanto que até hoje estou nesse ramo e gosto muito do que eu faço.

Eu fiquei em Vera de 94...deixa eu pensar de 94 até 2000, eu fiquei em Vera. Uns seis anos 99 a 94, cinco anos eu fiquei em Tapurah e seis anos em Vera. Tinha loja nas duas cidades. Durante esse período fui trabalhando, indo para Tapurah, vindo, viajava sempre. Ficava uma semana em Tapurah, trabalhava ali, cuidava da loja, organizava a situação toda.

A distância entre Tapurah e Vera e de mais ou menos 220 quilômetros, só que na época era uns 30 quilômetros de chão de Vera até o asfalto antes de Sorriso, aí tinha asfalto até aqui em Lucas, aqui pegava mais 100 quilômetros de chão até Tapurah, onde que eu tinha uma funcionária chamada Fernanda que trabalha comigo por quase dez anos, em Tapurah ela cuida da minha loja quase dez anos, aí eu vinha uns dias primeiro ficava alguns dias ali, a gente organizava a situação toda, retornava para Vera e ela ficava tomando conta da loja para mim em Tapurah. No ano de 2000, eu resolvi voltar para Lucas. Bem por acaso, também na verdade, vim para conhecer uma loja aqui em Lucas, para ver, pela insistência do pessoal que eram os proprietários de uma loja aqui em Lucas. Insistiu muito em que eu viesse ver essa loja para negociar comigo, e eu vim assim mais para conhecer a loja. Vim de meio dia para voltar à tardinha, antes de anoitecer e acabei naquela tarde fazendo negócios com eles e fiquei quinze dias aqui já diretos, aqui em Lucas. Eles queriam vender essa loja para mim e eu pela insistência deles eu acabei vindo para conhecer essa loja. Mas vim conhecer a loja e voltar, vim meio dia para voltar à tardinha e na verdade acabamos negociando essa loja e eu já tomei conta da loja no dia seguinte. De manhã eu já assumi a loja e resolvi morar em Lucas.

Nessa época eu já tinha separado. Na verdade eu me separei em 97. Quando eu morava em Vera no ano de 1997, eu me separei. Aí fiquei morando mais algum tempo lá em Vera e quando eu vim para Lucas eu estava separada.

Foi em 2000 que eu vim para Lucas de volta para cá. Eu e minha irmã, que veio comigo. Ela já trabalhava comigo lá em Vera, veio comigo cuidar da loja daqui, morar comigo e meu filho, viemos, voltamos, retornamos para Lucas do Rio Verde. Fiquei três anos aqui em Lucas com loja em Tapurah e Vera também. No terceiro ano eu resolvi vender a loja de Vera, ficar só aqui e em Tapurah que é mais próximo. Estava muito cansativo, era muita correria, muito cansativo, muito estressante, o controle das lojas acabava se complicando

bastante e eu resolvi vender lá em Vera, ficar só Lucas e Tapurah. E foi o que aconteceu pouco tempo depois eu acabei vendendo parte, outra parte eu juntei com a loja de Lucas e de Tapurah, e estou até hoje trabalhando em Lucas e em Tapurah.

Até hoje tenho as duas lojas. A loja de Tapurah foi a primeira que montei e continuou até hoje, e a minha intenção é continuar com ela por muito tempo ainda.

Eu trabalhei muito. Foi uma vida de muita batalha, de muito trabalho, de vontades, de sonhos, de correr atrás, garra. Mas eu me sinto realizada hoje, me sinto realizada, quero mais, vou continuar batalhando, vou continuar correndo atrás, mas eu me sinto realizada, acho que foi bastante promissor até para quem na época não tinha a menor condição de iniciar nenhum tipo de negócio. Comecei trabalhando com muito pouco e lutei, lutei muito durante esse tempo. Fui crescendo profissionalmente, as minhas lojas também cresceram muito, fui mudando os meus seguimentos das lojas também, bastante. E hoje tenho duas lojas que eu acho maravilhosas. Consegui fazer minha casa, isso mesmo tendo me separado na época sozinha, e lutando, lutando consegui fazer minha casa e estou bem, me sinto bem. Acho que, todo o sofrimento do início aqui em Mato Grosso, em Lucas do Rio Verde, o início de casamento, o início da luta profissional, me fortaleceu muito, me fortaleceu e me deu..., me incentivou para batalhar, para lutar, para vencer, para correr atrás.

Todos os dias eu acordo de manhã cedinho, cedinho, às sete. Não tenho muita preocupação com horário de levantar cedo. Levanto e me organizo, vou para loja tipo oito, oito e pouco estou na loja, aí começa a minha rotina...A loja abre...abre às oito, só que os funcionários chegam às sete para limpeza e organização da loja, para preparar para abrir às oito horas. Normalmente eu também dou esse tempo para o pessoal limpar, organizar tudo lá. Aí oito e pouco normalmente eu vou pra loja. Aí começa um ritmo acelerado e ligo para fornecedor, cliente. Vê banco, vê financeiro, vê toda essa parte. Passo o dia em função disso, vendo toda a administração da loja. Na verdade eu organizo e administro todos os tipos de situações, desde clientes, desde cadastro de clientes, *marketing*, vendas, organização da loja, fico cuidando de todos os detalhes. Aí também o financeiro, banco, a situação toda, passo o dia em função disso, na verdade atendo alguns clientes também, recebo cliente. E assim vai até seis, seis e meia, sete em diante em dias assim normal. No final da manhã vou almoçar, tenho uma secretária lá em casa que cuida da minha casa. Ela faz almoço, também aí normalmente ela vai me chamar na loja quando o almoço está pronto. Aí eu almoço, tenho o costume, como a maior parte do comércio daqui de fechar meio-dia. Nós também fechamos a loja meio-dia, para o almoço. Tenho aquela mania que veio lá do Rio Grande do Sul, de fazer

a sesta. Trabalho a tarde inteira, só paro seis e meia, sete horas. Em dias normais é esse horário. Agora nos dias que chegam novidades, que tem novidades, dias de liquidações, dias de promoções chega a ir até dez, onze horas da noite. Quando chegam novidades também, fatura roupas, é até onze horas da noite também. Na verdade esses dias normais que a gente fala é bem menos que cinquenta por cento dos dias, é bastante puxado o ritmo de todos na loja, é bastante puxado.

A poeira, muita poeira. O que me marcou, o que nunca me fugiu da memória assim é que era muita poeira aqui nesse lugar, eu cheguei e já fiquei assim um pouco assustada com isso, mesmo sendo adolescente, que tinha meses no ano, quando nós chegamos aqui, era assim, chegava até dez centímetros de altura de poeira e aquilo me marcou muito, achei aquilo incrível pois na região em que morava eu nunca tinha visto isso.

ROSA

Rosa nasceu em Caiçara no Rio Grande do Sul em 1961, é casada tem duas filhas. Formada em Jornalismo é proprietária do Jornal Folha Verde. Conheceu Lucas do Rio Verde em 1985 a passeio e no ano seguinte mudou-se para a cidade. Foi professora na rede estadual antes de criar o jornal.

Como boa narradora seu relato foi marcada pela emoção. Contou sua história de vida desde a sua infância, priorizando um pouco a mais sua vida em Lucas do Rio Verde. Rosa concedeu sua entrevista na sede do Jornal.

ROSA

- Não deixa de ser uma história de vitória vir para Lucas do Rio Verde, na época eu era chamada de louca pelos meus colegas.

Sou Rosa. Eu nasci no município de Caiçara, no Rio Grande do Sul, em 11 de janeiro de 1961. Sou casada há 22 anos com Valmor Carpinedo.

Casei no Rio Grande do Sul. Vim para cá casada. Vim grávida de minha primeira filha, cinco meses. As três filhas que eu tenho nasceram aqui, todas são luverdenses.

Bom, como eu disse, nasci em Caiçara. Caiçara é uma cidadezinha pequena, no interior do Rio Grande do Sul. Vive praticamente da agricultura de subsistência. Pequenos, miniprodutores. Eu venho de uma família, digo, o meu pai tem outros doze irmãos; são de origem italiana. Minha mãe também é de origem italiana. A família dela também são doze irmãos. São aquelas famílias muito numerosas que praticavam agricultura de subsistência. E eu vivi assim e me criei até os onze anos no ambiente da roça - como a gente chamava no Rio Grande: “da roça”. Aí, aos onze anos, eu tive que sair de casa. Fui morar com uma das minhas avós, minha avó materna, para poder estudar. Porque na vilazinha, no vilarejo onde nós morávamos, só existia uma escolinha multisseriada; ou seja, eu estudava então em uma escolinha multisseriada, em que tinha uma professora de primeira a quarta série. A turma era dividida em filas - aqui é a fila da primeira série, aqui é a fila da segunda série, da terceira, da quarta. Enfim, foi assim que eu iniciei minha vida escolar. Aos onze anos, fui morar com a minha avó materna, para poder freqüentar um colégio: quinta série. Então foi assim também uma dificuldade grande de adaptação, porque uma criança, menina ainda, sair da casa dos pais, embora tivesse com minha avó. Depois disso os meus pais venderam a pequena propriedade que tinham no interior e vieram para próximo da cidade. Compraram uma

chácara e o meu pai criou os cinco filhos dele com uma chácara de cinco hectares de terra. Inclusive pagou minha faculdade, faculdade particular. Fiz jornalismo na *Unisin*os, Rio Grande do Sul. Na época, era, assim uma das mais caras do país, e ele conseguiu com muito esforço pagar o meu curso, embora em cima de um pequeno pedaço de terra próximo da cidade, onde ele produzia frango, produzia suíno, leite, hortaliças. Foi dessa forma que passei minha infância, adolescência e juventude.

Eu comecei a trabalhar na verdade quando eu fiz meu segundo grau, ensino médio hoje. Eu trabalhava meio expediente. Nessa altura da minha vida eu já estava de volta à casa de meus pais, porque eles já estavam morando próximo da cidade. Morávamos cerca de dois quilômetros e meio da cidade, eu fazia esse percurso a pé pela manhã para eu ir para o trabalho. Trabalhava até onze e meia, voltava para casa, almoçava e ia novamente a pé para o colégio. E então durante dois anos eu trabalhava meio expediente, e foi assim que consegui juntar um dinheirinho também para fazer o vestibular, pagar a matrícula das primeiras disciplinas da faculdade - foi juntando esses dois anos de trabalho. Na faculdade eu comecei a trabalhar a partir do meu estágio, no momento em que fiz o estágio em jornalismo. Findo o estágio, o jornal me contratou e eu continuei trabalhando durante mais alguns meses até surgir uma oportunidade de outro trabalho melhor. Mas assim boa parte da faculdade eu tive o privilégio, eu tenho consciência disso, que foi um privilégio de eu ter podido apenas estudar, embora sabendo de todas as dificuldades de minha família e acabei levando assim as coisas muito...eu tive esse privilégio de só estudar.

Eu me formei em agosto de 1984. Nessa época eu trabalhava em Porto Alegre. Era Assessora de Comunicação da Federação dos Trabalhadores na Agricultura, que tinha, na época, 240 sindicatos de trabalhadores rurais filiados a ela. Eu criei e desenvolvi, durante todo o período que eu estive lá - quase dois anos -, o informativo “O FETAG”, que era distribuído para todos os sindicatos, que levava justamente a mensagem e as informações, que promovia o intercâmbio entre a Federação e os seus sindicatos filiados. No final de 1985, vim para Lucas do Rio Verde visitar minha família, que então tinha se transferido do sul para cá. Meu pai resolveu ser produtor de soja também em Lucas do Rio Verde. Saiu da pequena chácara que tinha e veio para cá. Eles já estavam aqui desde 1984 e eu não tinha tido a oportunidade de vir visitá-los. Então, em final de 85, vim para conhecer, para visitar, e acabamos encontrando trabalho aqui e visualizando, vislumbrando uma oportunidade de vida diferente em Lucas do Rio Verde. E tomamos a decisão de nos transferir para cá. Então, nós viemos programados para passar nossos trinta dias de férias, eu e meu marido. E acabamos ficando

apenas duas semanas. Voltamos para Porto Alegre para vendermos o pouco que tínhamos lá e organizar a mudança, fazer nossos acertos nas empresas em que trabalhávamos, para vir para cá. Em 1º de fevereiro de 1986, cheguei a Lucas do Rio Verde para ficar.

Meu pai como agricultor comprou terras aqui. Ele vendeu uma chácara de cinco hectares nas proximidades de Frederico Westphalen, região do Alto Uruguai, no Rio Grande do Sul, e comprou aqui cinquenta hectares de terra, na época. Se você falar nos padrões de hoje, de Lucas do Rio Verde, é uma chácara cinquenta hectares, mas na época era uma quantidade de terra que estava dentro de um programa razoável como o Incra iniciou o projeto de assentamento, em 82, final de 81, começo de 82. O modelo fixado, estabelecido pelo Incra, na época, era de duzentos hectares. Então, como meu pai, havia muitos outros, na situação assim de ter meio lote, como se dizia, um quarto de lote. Juntavam três ou quatro para adquirir um lote de duzentos hectares.

Tem uma história interessante que até eu já tive a oportunidade de contar sobre isso com alguns amigos aqui. Quando eu estava na faculdade ainda, e eu estava de férias, e nós estávamos acompanhando muito de perto o problema dos acampados da Encruzilhada Natalino, no Rio Grande do Sul, foi o primeiro grande movimento de sem-terra do Brasil. Foram justamente essas famílias da Encruzilhada Natalino, que iniciaram o projeto de colonização aqui em Lucas do Rio Verde. Então, a gente acompanhava muito de perto, até pelo interesse jornalístico que eu tinha na questão; e porque o movimento aconteceu assim muito próximo da cidade onde a gente residia, mais ou menos 100km de distância do município em que nós morávamos. Então, nós assistimos pela televisão eu e meus pais e meus irmãos, em casa, o embarque dessas famílias nos ônibus para vir para Lucas do Rio Verde. Eu lembro assim nitidamente que meu pai falou, olhando aquelas imagens, ele disse assim: “Para onde vão levar esses pobres coitados?” Isso no começo de 82. E menos de dois anos depois, ele veio atrás dos “pobres coitados”. Então, as informações que eu recebia do meu pai - na época eu trabalhava em Porto Alegre e tal; a gente se conversava assim de vez em quando porque o serviço de comunicação era muito precário aqui. Existia um posto de serviço telefônico em que as pessoas ficavam dez, quinze horas na fila para poder conseguir uma ligação. Mas ele me dizia das dificuldades. Sim, porque não havia água, não existia rede de água, energia, as ruas eram empoeiradas, quer dizer, infra-estrutura nenhuma, praticamente. Nós visualizávamos um lugar de futuro, onde a agricultura podia desenvolver. E como a vida inteira ele tinha sido agricultor, ele achava que aqui era o lugar que poderia construir o restante da vida dele, acabar de criar os filhos que ainda tinha sob a dependência dele. Enfim,

e que quando eu vim para cá eu vim conhecendo isso que meus pais falavam e o que a gente sentiu na época que a gente chegou aqui foi justamente o espírito assim de entusiasmo, que as pessoas estavam aqui, apesar de todas essas dificuldades, que nunca ninguém negou. As pessoas que vieram para cá, vieram do sul; portanto, deixaram um padrão de vida razoável lá e se sujeitavam a de repente viver aqui sem água, sem luz, puxando água de poço com balde e corda, vivendo quase na escuridão, com luz de lampião, e que vislumbravam uma perspectiva de vida diferente. Quer dizer, aqui eu estou crescendo junto com a cidade, eu posso construir meu futuro, eu posso proporcionar para que o meu filho tenha um pedaço de terra, que lá no Rio Grande do Sul não tinha condições de ter. Era isso que a gente sentia nas pessoas que estavam aqui. E quem vinha para cá não necessariamente para trabalhar a terra, mas para iniciar algum negócio no comércio, também era essa visão que, de repente, lá no sul, as portas tinham se fechado, as oportunidades eram escassas e aqui existia a possibilidade de ter o próprio negócio. Isso é mais ou menos o que se sonhava.

Só que infelizmente esse sonho do meu pai não se concretizou, porque depois de duas safras que ele fez aqui, foram safras frustradas, e como ele veio praticamente sem recursos de lá, então não tinha maquinário nem para plantar nem para colher: ele dependia de pagar aluguel de máquina para plantar e para colher. Foram duas safras que ele colheu mau e que ele acabou vendendo a terra que ele tinha, 50 hectares, mais a casa que tinha conseguido construir na cidade, para poder pagar as contas, financiamento do banco, e voltou para o Rio Grande do Sul. Ele foi trabalhar de empregado, coisa que nunca tinha feito na vida dele. Sempre foi pequeno agricultor, mas foi dono do que era nosso. Ele voltou, foi trabalhar de empregado. Fez isso durante dois anos. Aí minha mãe, é uma mulher assim muito forte também, eles sempre foram e continuam sendo muito parceiros um do outro, e ela nunca deixou o desânimo tomar conta. Então, enquanto o meu pai... Me emociono muito quando falo disso (chora)... Enquanto meu pai trabalhava de empregado, ela começou a fazer pão e bolacha caseira e vender. Foi criando a clientela dela e conseguiram montar uma pequena padaria e eles vivem assim até hoje (2006). Meu pai tem 71 anos de idade e ainda assim ele levanta às cinco horas da manhã e trabalha o dia inteiro. Ele e a minha mãe na padaria e é uma força assim que eu me inspiro muito neles. Quem me dera que eu possa chegar nessa idade com essa força de vontade e entusiasmo pela vida como eles têm.

Como eu disse antes, quando chegamos aqui, vimos várias portas se abrirem. Uma coisa interessante assim é que eu estava já habituada há alguns anos em Porto Alegre.

Estavagrávida de cinco meses e já estava assim cinco ou seis anos morando em Porto Alegre, São Leopoldo, quer dizer, cidade grande. Então, eu já tinha perdido um pouco assim aquela noção de sair na rua, bom-dia, boa-tarde para todo mundo, sem conhecer, né? É assim uma coisa interessante. Dois dias depois que estávamos na casa dos meus pais, já saía na rua, as pessoas já sabiam quem nós éramos, o que é que nós estávamos fazendo. Então assim foi também uma certa forma de volta também à infância, àquela vida, que era o ambiente onde eu fui criada. Bom, quando nós estivemos aqui – é... eu sou jornalista, me formei para isso, meu sonho foi sempre trabalhar na área, mas era meio utópico pensar que eu fosse chegar aqui e trabalhar no jornalismo. Mas recebi uma proposta interessante do diretor da escola na época, única escola que existia no perímetro urbano, Escola Estadual Dom Bosco, que funcionava em um prédio de madeira muito precário, construído pelo Incra ainda quando do assentamento, isso da colonização oficial. Recebi dele a proposta de trabalhar, de lecionar Português e Literatura. Estava iniciando a primeira turma de segundo grau em convênio com a escola de Diamantino e tal. Porque a escola era de primeiro grau, então não podia ter, não tinha autorização para trabalhar com o segundo grau. Então foi feito um convênio com uma escola de segundo grau, de Diamantino, para poder iniciar o segundo grau aqui. Então comecei lecionando Português para a sétima e oitava séries e Português e Literatura para essa turma de segundo grau. E dentro da escola é que foi criado o ambiente para começar o jornal. Então eu iniciei na verdade o jornal *Folha Verde* dentro da escola, com uma turma de sétima série. Era uma proposta do próprio currículo, numa parte lá, num determinado momento, tinha uma atividade que era elaborar um jornal da turma e começamos isso e lancei um desafio maior. Não existia rádio, não existia. Quem conseguia assistir a televisão era algumas poucas famílias que tinham um poder aquisitivo maior, que tinham condições de manter um grupo gerador e à noite tinha energia e podia assistir a televisão. Então a gente estava praticamente isolados em termos de comunicação, informação. E a sociedade de Lucas tinha sido recém-implantada, instalado o distrito. Lucas tinha subido a categoria de distrito de Diamantino. Então tinha sido instalado o distrito, tinha sido nomeado o subprefeito e os moradores estavam assim naquela ânsia de se organizar para a emancipação e assim foi aceito e foi bem aceito pelos alunos e colegas professores. Então nós iniciamos o jornal dentro da escola e ele acabou se tornando o veículo realmente da cidade, do distrito e tal. E houve um momento em que a escola em si não comportava mais, se tornou um projeto grande demais para a escola e foi então onde tomei a decisão de constituir realmente uma empresa e começar o jornal.

O jornal era fotocopiado, era feito em Xerox, mas ele era todo datilografado com cuidado nas colunas, apesar de ser uma coisa de escola procurei passar esse padrão do que era um jornal, com as seções divididas direitinho, o que era política, o que era educação, o que era noticiário geral, eu procurei passar isso; então era...

Meus alunos eram meus repórteres. Então eu organizei as equipes, os grupos e daí nós íamos a campo. Como a cidade era pequena e as atividades também eram poucas, a princípio ele era mensal; depois quinzenal e depois assim foi indo, e era assim... A gente fala jornal, mas na verdade eram oito páginas de papel sulfite datilografadas e xerocadas. Tínhamos conseguido com a *Cooperlucas*, na época a cooperativa que já estava também no município desde a colonização do Incra, e nós conseguimos que eles nos fornecessem as Xerox em troca da divulgação de matérias de interesse da cooperativa, de seus associados. Então nós tínhamos lá uma página de interesse do público da cooperativa; em troca eles davam, nos patrocinavam o Xerox.

Eu cheguei para o meu médico lá do sul e falei, estou me mudando para Mato Grosso e ele olhou assim, “tem certeza?” Estou indo, eu disse, mas nós tínhamos na época um hospital, tinha o posto de saúde da Fundação Nacional de Saúde que era chamada CESP, Fundação CESP. Então existiam médicos já atendendo pela Fundação Nacional de Saúde, essa estrutura toda, digo, mínima. Tinha sido implantada pelo Incra na época da colonização e além desse posto de saúde existia já um outro médico aqui que tinha construído o seu próprio hospital. Então, o hospital era uma casinha humilde de madeira, que tinha lá dois quartos e sala de cirurgia com o básico do básico. Foi esse médico, Dr. Antônio, que continuou me acompanhando. Continuei a fazer o pré-natal; claro, não com a estrutura que eu tinha lá. Minha filha nasceu excelente nesse hospital. Fui preparada para ter parto normal, infelizmente tive complicações. Tivemos que fazer cesariana de emergência, mas foi tudo bem.

O meu marido, como toda experiência profissional dele é na área de Recursos Humanos, boa parte da vida dele atuou como chefe ou gerente de recursos humanos, dependendo da empresa onde trabalhava. Na faculdade ele fez o curso de Economia e no último ano antes de nós virmos para cá ele trabalhava numa multinacional como supervisor de contabilidade de custo e aqui em Lucas do Rio Verde ele trabalhou como gerente de recursos humanos da *Cooperlucas*, que era naquele ano em 86. Foi quando assim iniciou na verdade a expansão da lavoura, da agricultura; que houve um fluxo migratório muito grande nesse período: 85, 86, 87. A cooperativa começou a expandir, necessitava contratar mais gente. Foi também nesse período que a *Cooperlucas* firmou um convênio com uma entidade do Japão e

foi instituído o *Prodocer*, que é um programa, parceria do governo japonês com o governo brasileiro. Enfim, ela conseguiu esse financiamento do *Prodecer*. Então, precisava de recursos para construir armazéns, para ampliar toda a infra-estrutura dela. E o meu marido trabalhou como gerente de recursos humanos da *Cooperlucas*. Depois, mais tarde, quando instalou o distrito aqui, instalou a sub-prefeitura e tal, ele trabalhou também lá na sub-prefeitura, dentro do setor administrativo. E quando foi criado o município, instalada a Prefeitura, ele foi também gerente de Recursos Humanos da Prefeitura. Foi quem fez as primeiras contratações dos primeiros funcionários do município de Lucas do Rio Verde, transferência dos professores de Diamantino para cá. Todo esse processo do novo município foi ele, trabalhou nisso.

Hoje já trabalhamos juntos. Ele trabalhou ainda um período, cerca de dois anos mais ou menos, ele trabalhou no serviço público. Aí ele saiu. Não era, ele achou que não era, não estava assim profissionalmente realizado com o que estava fazendo. Saiu e nós começamos a trabalhar juntos. Ele veio para a comunicação, veio para o jornalismo, começamos a cuidar dos nossos negócios.

A minha segunda gravidez foi também muito tranqüila. Sem problemas de saúde. Aqui sofremos menos com os problemas de saúde, isso porque já foi construída certa infra-estrutura.

Lucas tinha muita poeira, muita poeira realmente. Era uma cidade cheia de problemas, uma vila cheia de problemas, cheia de dificuldades, com toda uma infra-estrutura para construir. Tudo por fazer, mas cheia de sonhos, cheia de sonhos. As pessoas assim acreditavam muito que era possível fazer, a convivência entre as famílias era muito forte, muito útil assim. Todo mundo conhecia todo mundo, as pessoas que tinha qualquer atividade festiva todos participavam.

Então, era tudo muito simples, mas tudo muito alegre, muito expansivo, tudo muito... como vou dizer, muito espontâneo. Espontâneo, as pessoas se divertiam de forma espontânea, as pessoas não tinham a preocupação de demonstrar sabe se era mais ou menos, se tinha mais ou menos poder aquisitivo. Assim, no geral, as pessoas tinham o mesmo padrão. Você sai na rua, o médico, o professor, o comerciante, todos andam de short, de chinelo de dedo, de camisa de manga curta desabotoada. Quer dizer, havia assim uma espontaneidade. E as festas também era tudo muito simples, as festas do interior, cobertas de poeira. Brincava-se na época até que a gente ia para o interior, que comprava um churrasco e ganhava um hectare de terra junto, esse tipo de coisa, era assim.

Havia uma solidariedade, até porque é assim, se não fosse essa solidariedade acho que não poderia ter sido possível vencer as dificuldades que a gente enfrentou. Assim, que o governo federal implantou o projeto de assentamento, criou lá a escola, posto de saúde, montou um mercado da Cobal, que era o abastecimento básico, colocou ali uma infraestrutura básica através do exército, do 9º BEC, abriu as estradas do interior. Fora isso, do governo não veio mais nada. O que Lucas é hoje é o resultado do esforço das pessoas que vieram para cá. Imagina só, nós aqui em Lucas do Rio Verde, e a sede do município em Diamantino, duzentos e quarenta quilômetros daqui. Como é que nós íamos depender do prefeito de Diamantino? Como é que nós íamos depender do governo do estado? Do governo federal, então, nem se fala! Então, a solução que os moradores aqui encontraram foi se organizar. Então foi criada a Associação do Desenvolvimento Comunitário. E praticamente tudo que se construiu, que se foi conquistando, foi em torno dessa Associação do Desenvolvimento Comunitário: foi a rede de água, foi a implantação da rede de energia...

A associação ainda existe, mas não tem mais a mesma função, o mesmo papel. Mas, na época, foi fundamental para o desenvolvimento. Todas as questões importantes da cidade que estava se formando eram decididas ali dentro. A emancipação, quer dizer, a comissão de emancipação, foi criada dentro dessa associação. A vida da cidade girava dentro dela, então houve a necessidade de se organizar. Era mais ou menos assim - ou você se organiza e faz essa coisa desenvolver ou você larga a mão daqui, volta para trás, porque a assistência governamental era quase inexistente.

Nove anos depois, eu deixei a escola. Porque aí chegou a um ponto que não era mais possível conciliar as duas atividades. A cidade foi crescendo, o jornal passou a exigir mais. Não era mais um veiculozinho mensal da escola. Tinha que sobreviver como empresa. Então, larguei a escola e me dediquei realmente àquilo que é minha profissão, a qual eu estudei, me formei.

O jornal cresceu com as dificuldades normais de um jornal de uma cidade do interior. Como tudo que está começando, dentro da idéia de você explicar o que é um jornal, qual é a importância da existência de um jornal, isso tudo, nós pegamos o começo do começo. A princípio, as pessoas não entendiam qual era o papel do jornal. Na época do Plano Cruzado, que havia tabelamento de preço, em uma ocasião fiz uma matéria peguei a tabela, a tabela que mostrava os preços, e fui para o supermercado. Com base na tabela, fui ver os preços que estavam sendo praticados nos mercados. Só havia um mercado de uma família que casualmente era, e é, continua sendo, dona de grandes posses de terra no município. Então eu

fiz aquilo com minha consciência de profissional, de jornalista que eu tinha, de orientar a população. Pelo amor de Deus! Eles queriam a minha cabeça. “Como é que você vai fazer um negócio desses?”. O que resultou disso: alguns produtos que estavam sendo racionados como leite, farinha e algumas coisas, não tinham para mim no supermercado. Eu procurava usar das pessoas da minha família e de amigos mais próximos para poder comprar coisas para mim... às vezes a emoção aflora... vem à tona... me emociono (chora). Então situações assim de nós registrarmos, denunciarmos pessoas que colocavam lixo na rua, em locais públicos, e a pessoa dizia poxa estou te pagando, era assinante do jornal, estou te pagando como é que vai fazer isso... Estou um pouco emocionada (chora). São situações que você tem que aprender a lidar, tem que aprender a lidar, tem que ir costurando na verdade. Eu digo assim que a gente nesses vinte anos, o jornal vai fazer vinte anos agora em maio (de 2006), a gente construiu uma história de vida, construiu uma credibilidade, quer dizer não foi assim amanhecer e anoitecer e já no dia seguinte estava todo mundo confiando, acreditando... Tem toda uma caminhada para chegar aonde a gente chegou agora. São vinte anos.

Sem falsa modéstia nenhuma, inclusive já tive oportunidade de contar isso em um encontro de mulheres, em que se fala justamente da importância de a mulher se dar valor e lutar pelos seus sonhos, lutar por aquilo que ela quer. Então eu tive a oportunidade de desenvolver com um grupo de mulheres um trabalho, um exercício na verdade, de bater no peito e dizerem sou vencedora, independente da profissão que ela tenha ou do que ela já fez. Se trabalhou com o marido, se ela é simplesmente dona de casa, seja qual for a atividade que ela desenvolva, mas para ela parar e refletir e dizer - eu sou vencedora. Eu hoje digo assim eu sou vencedora sem falsa modéstia nenhuma. Quando eu converso com minhas filhas em matéria, trabalho de escola, elas vêm às vezes conversar.

Elas são três meninas e eu pergunto, onde você estudou isso? Na apostila do colégio tem muito essas coisas de “conhecendo a família”, assim vê as condições que eu tive na roça, nascida e criada até os onze anos de idade nas costas do rio Uruguai, lá no interiorzão mesmo do Rio Grande do Sul, estudando em escola multisseriada. Aí, quando eu saí de casa para ir para Porto Alegre, São Leopoldo, a única experiência que eu tinha tido fora da casa dos meus pais, era na casa da minha avó. Então, enfrentar essa cidade grande já foi um desafio, quer dizer, o que é completamente diferente, ambiente completamente diferente, quer dizer, isso tudo não deixa de ser uma história de vitória... Acho que me emocionei muito com isso tudo..., não deixa de ser uma história de vitória vir para Lucas do Rio Verde. Na época, eu era chamada de louca pelos meus colegas de Fetag. Nós tínhamos uma equipe assim muito boa na

Fetag; eu era do departamento de comunicação. Mas tinha outras pessoas que eram do departamento de educação, que desenvolvia trabalho de mobilização, de organização dos produtores, dos pequenos produtores rurais, das mulheres rurais do interior. Então, seguidamente eu viajava com essas equipes para acompanhar, para fazer meu trabalho. E eles não acreditaram quando eu disse que tinha tomado a decisão de vir embora. Então, assim às vezes conversando com Valmor e amigos, eu falo “a gente começa a pensar assim como é que teria sido se a gente estivesse lá”. Aí costumo brincar. Um dos meus colegas virou vice-governador do Rio Grande do Sul, outro virou deputado federal, outro é deputado estadual, até está no quarto mandato. Eu não sei, quem sabe se eu tivesse lá teria virado político...Eu não me arrependo da escolha que fiz.

Então, minha vida hoje, quando a gente fala assim, poxa o jornal completando 20 anos, as pessoas chegam aí na frente olha e dizem “esse prédio é de vocês?” É nosso. “Ah, vocês estão bem!” É pouco, se você contar que são 20 anos de trabalho, meu e do meu marido, dedicados a isso. Então, não são tudo flores; não é tudo maravilhoso; a vida de um jornalista no interior de Mato Grosso é complicada, é difícil. A gente enfrenta concorrência desleal, enfrenta falsos profissionais todo dia; que vêm aí e que colocam em risco até sua atividade, seu trabalho, porque a atuação deles acaba respingando na atuação da gente. Então, apesar dos 20 anos, você tem a necessidade de diariamente reafirmar sua posição no mercado, a sua postura, sua ética; toda hora estar lembrando, tem que estar tentando diferenciar o que é um profissional e o que não é. Então, as dificuldades continuam sendo grandes noutros níveis. Hoje não se enfrenta a poeira, não se enfrenta a falta de água e de luz, mas tem outros problemas. Acho que a vida é um desafio diário, cada dia é um desafio, cada dia você tem uma coisa nova para conquistar, para rever. Então, o meu dia, hoje em dia, em Lucas do Rio Verde, apesar dos vinte anos do jornal, eu não tenho uma equipe formada; eu tenho uma filha que está estudando jornalismo na UFMT. Tenho outra filha que está com 16 anos, que me ajuda na parte de arte do jornal, em casa, que ajuda na montagem, diagramação, tal; tem dois funcionários e o meu marido - a nossa equipe se resume nisso. Hoje de manhã, ainda, me ligava uma pessoa de uma agência de São Paulo confirmando e renovando algumas informações a respeito do jornal. Aí ela fez uma pergunta, quando eu falei das minhas filhas, falei das pessoas que me ajudam, que atuam na redação, eu que editava aí eu tive que explicar para a moça lá de São Paulo que a realidade de um jornal do interior, semanal, é totalmente diferente de um jornal diário. Eu não posso medir meu jornal por editoriais; tem que fazer o que aparece para fazer. Se hoje tem que cobrir política, tem que cobrir política; é o evento da

educação que está acontecendo: vamos, é educação hoje; hoje à noite tem jogo do Luverdense: vamos lá cobrir o jogo do Luverdense. Eu não tenho uma editoria de esporte, eu não tenho uma editoria disso ou daquilo, entendeu? O dia-a-dia é esse, é levantar cedo, é cuidar desde a reportagem até a redação e a montagem final do jornal; a distribuição - é tudo concentrado na minha mão e na mão do meu marido, com o auxílio da filha e de dois funcionários.

Nós não temos gráfica, nós terceirizamos, fazemos todo o jornal, todo aqui eu disponibilizo pela internet para a gráfica e ele volta impresso. A gráfica fica em Sinop. Aqui em Lucas tem várias gráficas, mas não tem maquinário capaz de imprimir um jornal.

Bom, o uivo da onça eu realmente não tive oportunidade de ouvir. Talvez, quando eu cheguei aqui, não existiam mais onças. Até porque não vivi no meio rural aqui em Lucas. Mas quando eu cheguei, nós viemos de ônibus de Porto Alegre para cá e nós descemos na rodoviária e tinha um senhor com um fusquinha vermelho que era um táxi. Nós descemos, tinha acabado de chover. Nós pegamos um chuveiro na estrada, de Nova Mutum para cá; quando nós descemos do ônibus, eu meti o pé em uma poça de água, foi assim a recepção, aí era tudo muito pequeno, claro. Nós chegamos, mas não tínhamos nem noção para que lado ir, para que lado ficava a casa do meu pai. Até porque uma coisa que não se respeitava aqui - nem tinha como, pelas condições que eram as estradas na época - o ônibus não tinha horário nem para chegar nem para sair. Nós chegamos aqui com pelo menos três horas de atraso do horário previsto. Então, não tinha como exigir de alguém da família que ficasse na rodoviária esperando. Aí nós descemos, tal, olhamos, e aquele senhor se aproximou da gente e disse assim, “você são fulano e fulano? O seu pai já esteve aqui duas vezes e me pediu que quando vocês chegassem, eu os levasse para casa”. Então, era aquilo que a gente falava antes. Espírito de união, de solidariedade, de como verdadeiramente as coisas funcionavam: como se fosse uma grande família. Acho que a união compensa as dificuldades, não é assim? É uma coisa assim que era.

MARIANA

Nascida em Piritubas, Santa Catarina em 1971, chegou a Lucas do Rio Verde em 1988 para se casar, tinha nessa época 16 anos. Em sua narrativa Mariana relata os percalços enfrentados pelos agricultores na década de 1980. Falou também do trabalho dela e do marido no setor da educação.

Mariana é professora, formada em Letras e tem especialização. Concedeu a sua entrevista na Secretaria de Educação de Lucas do Rio Verde, local onde era coordenadora na época.

MARIANA

- Eu acho que foi bom mudar da zona rural para a zona urbana, eu cresci muito com essa mudança, eu vivencio muitas outras coisas, eu acho que não conseguiria estar morando ainda hoje lá.

Casei aqui em Lucas do Rio Verde. Eu morava no estado do Paraná e namorava meu marido; ele e a família dele acabaram vindo para cá. E um ano depois eu vim para o nosso casamento, que aconteceu aqui também

Eu saí do estado de Santa Catarina com três anos de idade. Nós fomos morar no estado do Paraná e lá eu fiquei até os dezesseis anos, que foi o momento que eu vim pra cá. Então nesse tempo que sempre morei na minha cidade, cidade pequena de quinze mil habitantes; então todo mundo é amigo, todo mundo se conhece. Eu sou a filha mais nova de uma família simples mas sempre fui muito incentivada a estudar. Então fazia na época dois cursos: fazia magistério na parte da manhã e à noite fazia o curso propedêutico na época. Eu estudava então praticamente de manhã e de noite, ocupava minha tarde também estudando fazendo as tarefas e foi o momento que com quinze anos eu conheci o meu namorado, que hoje é o meu marido. Então, muito jovem, já assumi uma responsabilidade bem grande, acabei ficando grávida nesse período, até porque ele veio morar em Mato Grosso e nós éramos muito apaixonados. Ele acabava ligando toda semana para mim. A cada dois meses ele ia para a cidade; era um gasto muito grande e foi um momento que eu vim visitar ele, vim conhecer o lugar e acabei também ficando grávida. Acabamos tendo que casar, o que foi feliz para nós porque na verdade a gente se gostava muito, mas foi o momento também que eu tive que parar com meus estudos. Quando eu vim para Mato Grosso, minha mãe veio comigo. Meus pais eram

separados, meu pai já morava aqui em Mato Grosso, na cidade de Cláudia. Eu, a minha mãe e o meu irmão viemos do Paraná para o meu casamento. Eu acabei assumindo essa responsabilidade bem grande de ser esposa e quase mãe. Portanto, o meu casamento foi simples porque viemos para cá em uma cidade com três mil habitantes e poucos conhecidos, na verdade quase nenhum. Quem participou do meu casamento foram alguns comerciantes que eram conhecidos da família do meu sogro. Depois do casamento a minha mãe voltou para o lugar dela, meu pai voltou e eu acabei ficando ainda com a família do meu marido. A viagem para cá, eu considero que foi assim quase sem muita novidade porque eu nem prestei atenção na viagem em si, eu nem lembro se teve dificuldades porque eu tinha uma coisa muito importante que ia acontecer e eu só pensava naquilo e aí minha mãe do meu lado preocupada porque era uma criança que estava se casando e que ia acabar tendo um filho também. Nosso casamento foi muito bonito, tudo foi muito novo para mim. Eu hoje olho as fotos do meu casamento, eu estava muito feliz naquela época, eu acho que não tinha caído a ficha do que estava acontecendo. Depois desse casamento nós fomos morar na zona rural que era a fazenda do meu marido, dos pais dele. Aí sim a ficha caiu, começaram as dificuldades, a primeira dificuldade muito grande que a gente viveu foi a perda do filho. Porque eu estava grávida. Até porque, o motivo principal foi a questão do atendimento médico, que era muito carente naquela época, as condições médicas eram muito precárias, então eu acabei tendo, precisando de um atendimento mais especializado que não tinha e eu acabei perdendo o neném com seis meses de gravidez. Então eu acho que isso já ajudou assim a amadurecer bastante os dois, o casal novo que estava ali e depois começaram a surgir coisas boas. Passávamos na época por muitas dificuldades, meu sogro veio para cá, a família do meu marido veio para cá em busca de grandes áreas de terra, de uma melhora de vida, que muitas vezes é ilusão. Lógico que eles compraram uma área muito maior do que a que eles tinham lá; devido ao baixo custo dessas áreas. Mas aí começaram as dificuldades. A questão da própria produção é difícil, o custo é elevado, nem tudo é o que parecia ser. Então começaram as dificuldades financeiras também. Meu sogro começou a ter que vender um pouco de terra, maquinários e eu e meu marido tivemos que começar também a pensar em trabalhar. Foi ali que meu marido achou um serviço numa fazenda vizinha. Não durou muito tempo porque meu sogro, como ele era filho único, não aceitava a idéia de o filho trabalhar com outra pessoa e não com o pai. Mas enfim foi uma experiência. Surgiu então a oportunidade de eu começar a dar aula. Naquela época nós tínhamos vinte e três escolas, escolinhas na zona rural; cada escolinha em uma comunidade.

Naquele tempo - em 87 -, que eu casei, em 88, 89 aproximadamente, surgiu essa oportunidade. Eu fui convidada a dar aulas numa dessas escolinhas. Ela se situava na comunidade onde nós morávamos que era no Setor Cinco, próximo à comunidade do Campinho Verde, que depois eu também trabalhei lá. Então comecei a trabalhar numa escola e eu teria que continuar meus estudos para isso. Então surgiu a oportunidade de eu fazer o Lógus dois, na época, que habilitava o professor nas séries iniciais. No outro ano, já comecei a trabalhar à tarde em outra escola. Então, eu ia de manhã numa escola, à tarde em outra, com uma moto bem velha que às vezes dava problemas.

As escolas eram próximas: uma escola ficava oito quilômetros de onde eu morava e a outra ficava quatro. Então, às vezes, quebrava a moto, cinco e meia eu encontrava meu marido que vinha me buscar. Aí, nesse tempo, eu tive meus filhos. Hoje eu tenho dois filhos – Eduarda, que tem dezesseis anos, e Gustavo, que tem onze. Surgiu a oportunidade então de eu assumir a direção da escola, nessa época - no segundo ano do segundo mandato do prefeito. Eles fizeram um trabalho de centralização dessas escolas. Então, dessas vinte e três escolas, ficaram quatro escolas, onde se buscava uma qualidade no ensino, fazendo os pólos. Pensava-se que os professores seriam mais bem escolhidos, os alunos iriam para a escola que tivesse melhores condições de estudo. Então, ficaram apenas quatro escolas. E eu fui convidada a assumir a direção de uma dessas escolas, que ficava oito quilômetros da fazenda onde eu morava; a gente ia de carro. Nessa época, eu lembro que eu tinha - nós tínhamos - um carro. E eu fiquei de levar as crianças para estudar de carro, porque era longe onde eles moravam. Então eu dava carona para essas crianças e as levava para a escola. Então, eu fiquei na direção dessa escola oito anos, até 98. No ano de 98, surgiu a oportunidade, por convite de um novo prefeito, ele pediu que eu assumisse a direção de outra escola também na zona rural, agora em outra comunidade, comunidade de Itambiquara. Uma escola agrícola. Meu marido, que até então trabalhava com seu pai e como eu falei antes era difícil, não se conseguia assim ter muito sucesso devido às condições de financiamento, de custo elevado na lavoura, acabou deixando o que ele mais gostava de fazer para estar me acompanhando. Porque nessa escola eu também só iria se ele fosse comigo. Nós teríamos que mudar para lá e ele teria que assumir também um trabalho lá naquela escola, como técnico agrícola, na questão da produção dessa escola. Porque era uma escola que tinha o objetivo de ser auto-sustentável e eu não conseguiria fazer essa parte sem ter uma pessoa de confiança. Então ele sempre me apoiou, sempre foi uma pessoa que me deu muito incentivo, sempre - para estudar, para trabalhar; e nesse momento ele acabou assumindo comigo essa responsabilidade. Então, eu acho que

deixou aquele espaço que nós estávamos vivendo desde que nós tínhamos casado, que a gente já tinha apegado, que lá nós tínhamos tido nossos dois filhos, que lá nós tínhamos passado por tantas dificuldades e acabamos saindo. Fomos para essa nova escola e começamos a trabalhar: eu na função de diretora da escola em período integral, com apenas meninos estudando; muitos, rebeldes, e ele ajudando na produção. Ficamos lá quatro anos. A escola havia tido muitos problemas na questão da direção da escola. Os diretores acabavam não se adaptando, a escola trocou num único ano quatro diretores então foi um trabalho a que a gente teve que se dedicar muito. O primeiro ano foi difícil, não tinha quase matrículas. No segundo ano tivemos que fazer testes seletivos. A procura aumentou bastante. Nós acabamos tornando o local agradável e que o estudo realmente acontecesse com qualidade e nesse local nós tivemos alguns benefícios porque para os professores que lá moravam se ofertava moradia. A questão da energia elétrica não era paga, então com isso a gente acabou tendo um sucesso financeiro porque a gente acabou diminuindo muito os gastos que nós tínhamos até então. Sempre com objetivo de melhorar a vida porque é o que a gente sonha. Eu sempre quis estudar e eu até então tinha feito só o segundo grau que seria o magistério. Surgiu então a oportunidade de eu fazer o vestibular para uma turma especial da Universidade Federal de Mato Grosso. Uma turma para o curso de Letras. E eu acabei conseguindo entrar e fazer essa faculdade. No ano de 2000 eu me formei, e no final de 2001 eu já consegui fazer a pós-graduação. Sempre trabalhando e estudando, com muita dificuldade, porque a escola ficava 36 quilômetros da sede do município aonde tinha que vir toda noite. Muitas vezes meu marido vinha junto. Muitas vezes eu vinha sozinha. Às vezes furava o pneu nesse caminho à noite. Então foram muitos os obstáculos que eu tive que enfrentar durante esse período; mas em 2001 eu consegui acabar o terceiro grau e fazer a minha especialização. O curso de graduação foi modular. Na verdade no mesmo ano que eu me formei, eu já estava fazendo a especialização, sem ter acabado a graduação, já iniciei a especialização.

Nós tínhamos dificuldade no que se refere à questão da saúde na zona rural. Tinha um hospital na zona urbana e na zona rural não tinha nada. Nós tínhamos que vir para a zona urbana para procurar assistência médica. De onde eu morava até aqui eram vinte e oito quilômetros, que tinha que percorrer para vir a Lucas e ter acesso ao hospital, ao posto de saúde.

As estradas na época de chuva eram muito barro, muito perigoso. Às vezes o riozinho na época de chuva ele enchia, ficava intransitável. Enfim, era uma dificuldade! Na época, até a prefeitura não tinha como, não tinha nem estrutura para manter essas vias como deveriam

ser mantidas. A gente tinha que vir pra cidade para ter esse atendimento médico. Na verdade tinha só um hospital de madeira, na época muito mal estruturado. Eu lembro que apesar de eu ser nova - eu tinha só dezesseis anos -, eu ficava muito preocupada porque o médico nunca ouviu o batimento do coração do bebê. E eu vinha praticamente toda semana no médico, porque eu me sentia muito mal. Então, nova, sem experiência, com uma precariedade muito grande: juntou tudo e eu comecei a ter problemas. Mas problemas assim que nunca me pediam uma busca maior; de repente mudar de cidade e tal. Então esperou acontecer para daí ver que precisava ter um atendimento especializado. Eu acabei perdendo o neném. O neném, nessa época, não tinha mais o que fazer - o neném já tinha morrido. E aí teve que fazer o que precisou ser feito para eu não ter problemas mais sérios.

Logo que eu passei a trabalhar, a minha preocupação sempre era tentar aprender para depois passar para os meus filhos. Os filhos daí foram crescendo, sempre iam comigo para a escola, mas o meu objetivo sempre era não segurar perto de mim, não torná-los tão dependentes de mim. E eu sempre pensava que precisava vir para a cidade para que eles freqüentassem uma escola melhor, com um número de alunos maior, com uma amizade maior. Porque na zona rural o número é limitado de crianças... A comunidade em si é pequena. Então tem, às vezes havia casos de salas multisseriadas. A gente sabe que a qualidade é baixa. Então eu queria vir, sempre nós pensávamos em vir para a cidade para estar oferecendo uma educação melhor para os nossos filhos. Nesse período, no ano de 99, 2000, eu já conseguira pôr a Eduarda aqui na cidade estudando. Ela vinha com o transporte escolar, mas eu abri mão de ela estudar perto de mim para que ela freqüentasse uma escola na zona urbana e conseguisse ter o acesso que eu sempre quis, embora houvesse dificuldades para ela, porque ela tinha que sair muito cedo de casa e chegar muito tarde. Mas eu achava que isso era o benefício maior. Sempre pensávamos em vir para a cidade, para oferecer isso para os nossos filhos. Em 2003 nós conseguimos: construímos nossa casa e conseguimos vir para a cidade. Hoje eu tenho os meus filhos estudando um em cada escola, e acredito que tudo que sonhei, tudo que pensei, parte disso já consegui. Minha filha o ano que vem já está indo para a faculdade, ela é muito estudiosa e adora estudar. Eu acho que todo o meu estilo que eu tinha eu consegui passar para ela. Ela pensa em fazer medicina, tomara que ela consiga e tomara que eu consiga pagar para ela esse curso.

Mas esse foi um sonho nosso; a gente está muito feliz por poder estar aqui na cidade, embora nós estejamos vivendo uma dificuldade ainda bem grande. O ser humano ele sempre quer mais. Mas hoje o meu marido tem fazenda em Sinop; então ele, acabamos vendendo,

depois que saímos da escola agrícola, acabamos vendendo o que nós tínhamos e ele acabou comprando em Sinop. Aconteceu quase o que aconteceu quando nós viemos do sul para cá. Em Sinop, poderíamos comprar mais área do que nós tínhamos em Lucas, então ele comprou uma fazenda em Sinop, hoje já faz três anos que ele planta e colhe lá. Ele vem, assim, progredindo também. Ele vem melhorando a sua situação. Ele também tem os sonhos dele e está conseguindo realizar. Mas isso tem sido assim difícil para nós, porque eu estou aqui e ele está lá. Nosso objetivo era ter ido morar pra lá, mas nós não fomos para eu não abandonar o meu trabalho. Então a gente sempre conversa e pensa que ninguém precisa abrir mão de nada para ser feliz. Então a gente está tentando, esperando a oportunidade melhor para ver o que nós vamos fazer: se nós vamos acabar indo morar para lá ou não. Se surgir a oportunidade para eu continuar meu trabalho, com certeza eu vou para ficar junto dele. Ele acaba vindo uma vez por semana, às vezes duas, mas é muito complicado morar eu aqui e ele lá. É longe.

Logo que nós viemos morar pra cá, a cidade era feia, extremamente feia. Ela não tinha asfalto, ela não tinha nenhum planejamento. As casas eram feias, eram sem pintura, nada chamava atenção. Por isso que eu acho que nós fomos com facilidade morar na zona rural. Mas ela foi crescendo muito rapidamente. Nós tínhamos a dificuldade lá na fazenda de não ter energia elétrica. Nós ficamos seis anos morando sem ter energia e na cidade tinha luz de motor à noite e ela ficava toda animada, tinha as lanchonetes que viviam cheias de rapazes e moças porque todo mundo aproveitava a oportunidade de se encontrar, apesar de ninguém se conhecer. Fazia-se amizade muito rapidamente. Então nós tínhamos muita dificuldade para vir pra cidade - eu e meu marido, porque na época só meu sogro tinha carro, nós não tínhamos. Então nós dependíamos dele. Daí ele tinha casa na cidade. Então nos finais de semana nós vínhamos com ele para passar o final de semana na cidade, ficando na casa deles. Então, no final de semana que não dava para nós virmos, ficávamos frustrados porque nós queríamos ter um contato, porque nós éramos acostumados com o mínimo de conforto, né? E tudo isso nós tínhamos perdido. Então a cidade foi crescendo muito rapidamente e foi se estruturando então a nossa empolgação para vir pra cidade. Foi por aí, porque ela estava ficando bonita e nós queríamos aproveitar esse crescimento para também ter nossa casa nesse local, para também poder se estruturar nesse local. Então a gente estava muitas vezes frustrada, porque era difícil, não conseguia. A idéia de construir uma casa na cidade estava muito longínqua naquela época para nós estarmos conseguindo. É...foi só em 2002, 2003 que nós conseguimos construir nossa casa.

O evento mais importante para nós era a feira agropecuária da cidade; que é um evento tradicional: todo ano tem e que a esse nós não faltávamos. Havia sempre uma forma de se organizar para participar, mesmo que a gente saísse muito cedo de casa, mesmo que a gente voltasse muito tarde, às vezes dormindo no caminho, mas nós vínhamos porque ali nós nos encontrávamos, todos, até os vizinhos. Então era um momento que havia sim a participação de todos, e que nós não ficávamos fora nesse momento.

Eu gostava de morar na fazenda, sempre gostei. Os dois lugares que nós vivemos na zona rural foram lugares que a gente fazia ficar aconchegante, mas a gente sempre teve intenção de um dia vir para a cidade. Nunca viver eternamente naquele lugar. Nosso sonho sempre era esse. Um dia ia chegar para nós, vamos chegar lá, nós só não deixávamos isso frustrar o nosso trabalho enquanto a gente estivesse lá, mas a nossa intenção sempre foi vir morar na zona urbana para oferecer para os nossos filhos uma qualidade de vida um pouco melhor do que nós tivemos.

Depois que eu terminei meu curso de graduação, eu fiquei na zona rural mais um ano. Na verdade, nós tínhamos que ficar...nós ficamos quatro anos lá, no terceiro ano eu já estava trabalhando assim muito que forçada, porque era um trabalho que desgastava. A escola sugava muito da gente. Nós tínhamos que trabalhar dia e noite em função daqueles alunos. Então nós conseguimos em 2002 construir a casa. Aí nós pensamos “agora em 2001, então 2002 nós vamos para a cidade!”. Aí aconteceu a compra da terra em Sinop. Então nós estaríamos vindo no início de 2002 pra cidade. Aí, na verdade, eu queria vir um pouquinho melhor do que eu estava. Pensava assim: “se nós ficássemos mais um ano nós conseguiríamos fazer tal e tal coisa ainda”. Então sentamos eu e meu marido e ele pensou que poderia ficar comigo mais um ano e deixar a terra só com os empregados mais um ano, e nós acabamos ficando lá na escola em 2002 também. Então ficamos mais um ano. No final de 2002, pensamos “agora nós podemos ir, deixamos alugada a nossa casa mais um ano”; e no final de 2002 viemos pra cidade. Em dezembro ainda, depois que eu já tinha pedido a remoção para a cidade, a secretária de educação me encontrou e me ofereceu trabalho na secretaria de educação. Porque o que eu pensava é que eu iria para uma sala de aula, onde eu sou efetiva como professora - sem problema nenhum: eu estaria assumindo minha turminha de alunos. Mas aí, a convite dela, eu fiquei também tentada, uma experiência nova e eu acabei assumindo o trabalho de assessoria pedagógica, no qual eu assessoro algumas escolas, trabalho com a formação continuada dos diretores e coordenadores até agora em 2006.

Eu achei bem diferente a questão de viver na cidade e viver no campo. No campo a gente cria um mundo, um tempo da gente e aqui, apesar de a cidade ser pequena, é muito corrido, há riscos. Mas eu estou bem satisfeita, eu acho que era isso que eu queria, apesar de eu ser uma pessoa bastante ansiosa e não gostar de fazer por muito tempo uma única coisa, a secretaria me proporciona essa diversidade, eu faço muitas coisas aqui dentro e todas ligadas à educação, que é o que eu mais amo na vida, a faculdade me ajudou muito nisso. A própria faculdade me ajudou muito em tudo que eu enfrento, no dia-a-dia eu percebo que a faculdade contribuiu.

Logo no começo da cidade nós tínhamos uma festa em cada comunidade. Lembra que eu falei que tinha várias escolinhas? Então, várias eram as comunidades. Então, cada final de semana tinha uma festa em uma comunidade. Aí todos os outros participavam. Era realmente muito animado! A gente ia de manhã, voltava só à noite. Todo mundo se encontrava; todo mundo conversava. Era realmente muito animado. Hoje, elas continuam acontecendo - uma vez por ano todas as comunidades fazem as festas. Mas, como diminuíram as comunidades, também diminuíram as festas. Hoje, o pessoal da cidade é que participa dessas festas nas comunidades, porque as comunidades ficaram pequenas. Então já não é da mesma forma como era antes. O povo ia a essas festas realmente para conversar, para brincar, para trocar idéia, para se divertir. Hoje já tem muita gente que frequenta, mas são pessoas que moram na cidade, que não conhecem, não se conhecem. Então acaba ainda tendo as festas, mas não sei, o espírito é outro hoje.

É muito diferente a convivência das pessoas na zona urbana da convivência das pessoas na zona rural. Nós tínhamos o padre, que ia uma vez por semana rezar uma missa em cada casa nas nossas comunidades. Nessa oportunidade nós comemorávamos o aniversário de um, o acontecimento especial na casa de outro, o batizado na casa de outro... E aí nós aproveitávamos - fazíamos uma janta, o padre ficava conosco, então era um momento assim tão especial e tão rico que a gente não se dava conta. Hoje, aqui na zona urbana, não acontece. Eu mesmo saio muito pouco de casa e recebo pouca visita, justamente porque eu não saio. Apesar de nós morarmos aqui, na mesma cidade. Existem muitos que moram aqui, que vieram do mesmo lugar que eu vim, e nem mesmo nós nos visitamos. Eu não sei se é devido à correria do dia-a-dia ou é uma particularidade das pessoas que não gostam muito de sair de casa. Mas o lazer aqui na nossa cidade, particularmente para a minha família, é pouco. Não existe, não existem muitas formas de lazer aqui na cidade.

Eu acho que foi bom mudar da zona rural para a zona urbana. Eu cresci muito com essa mudança, eu vivencio muitas outras coisas, eu acho que não conseguiria estar morando ainda hoje lá. Quando a gente vive uma coisa até você não visualizar por outro ângulo, você não se dá conta do que está acontecendo. Então eu acho que foi assim que aconteceu comigo. Estou muito feliz com a minha mudança para a cidade. Eu consegui, mesmo no meu trabalho, eu consegui muitas coisas. Eu conheci muito mais, muito mais pessoas. Eu pude ajudar muitas pessoas também, colocar minhas experiências para outras pessoas. Em minha opinião, foi muito bom ter mudado para a cidade. Na minha avaliação essa mudança foi positiva.

Minha vida é bem simples. Acordo e logo cedo organizo meus filhos para irem para a escola. Venho para o trabalho, tenho uma empregada que está comigo há mais de treze anos. Acabou criando o meu filho. Converso com ela ao meio-dia, enquanto almoçamos. Volto para o trabalho, convivo com os meus colegas, que eu adoro! Saio do trabalho e volto para casa. Muitas vezes faço chimarrão para tomar com a minha filha; às vezes com a minha vizinha e fico, à noite, esperando ver se meu marido chega. Muitas vezes ele vem só no sábado mesmo. Às vezes, ele dá uma surpresa e aparece durante a semana, mas a minha vida é isso. Nós trabalhamos muito fora do horário, às vezes tem algum evento da secretaria que envolve os sábados. Mas a minha vida é muito rotineira, eu acho que posso dizer que não tem muita novidade. Mas é meu estilo de vida, é isso que eu escolhi, é a minha opção; então eu não reclamo dela, eu gosto dela. Sinceramente, eu acho que não tem nada que eu mudaria. A gente nunca regrediu sabe, a gente sempre conseguiu avançar. Eu não digo só financeiramente, então eu acho que não mudaria nada. Foi tudo acontecendo naturalmente e a gente conseguiu trabalhar as dificuldades e agradecer as facilidades, então eu não mudaria.

Eu não sei se foi o que marcou aqui, mas foi um acontecimento o que mais me deixou assim triste na verdade. O que aconteceu com meu irmão. Logo que eu casei - quando casei estava grávida -, ele brincava muito de que ele ia ser tio, casei e ele veio morar comigo um tempo. Aí ele voltou para casa de minha mãe e daí a minha mãe viria cuidar de mim porque eu estava grávida da Eduarda. E ele também sempre falava da sobrinha, da minha próxima gravidez. Aconteceu que, faltando quinze dias para a Eduarda nascer, o meu irmão morreu e a minha mãe estava aqui e ele lá no Paraná. Eu estava aqui, eu estava grávida, não consegui ir. Naquela época, não era assim: pegar um avião e ir. Tinha muita dificuldade, principalmente a questão financeira, o tempo. Talvez nem desse tempo! Então, a minha mãe acabou voltando, eu acabei ficando sozinha, sem a minha mãe e ter que encarar a perda do meu irmão... Foi difícil, marcou muito.

Então, isso me marcou muito, sempre que eu retomo para aquele tempo, eu lembro que isso foi uma coisa muito triste que aconteceu. A gente conforma, não supera nunca. Acho que foi isso que me lembra sempre o início em Mato Grosso, essa grande dificuldade pela qual eu passei, ter perdido meu irmão mais velho, tinha vinte e dois anos na época.

PARTE III
DITO POR ELAS

1. Motivos para migrar: rumo a Lucas do Rio Verde.

De acordo com as narrativas percebi que nove, das dez entrevistadas, eram de alguma forma ligada a agricultura, sete eram de famílias de agricultores, uma embora o marido não fosse agricultor a grande maioria dos irmãos dele eram. Uma se ligou a agricultura por causa do marido que era filho de agricultor e deslocou para Lucas do Rio Verde em virtude da compra de terras pelo pai, apenas uma não tinha nenhuma ligação direta com a agricultura, e o marido comerciante e adquiriu terras em Lucas do Rio Verde.

Outra característica comum à maioria das colaboradoras é que são do sul e apenas uma do sudeste. Seis nasceram no Rio Grande do Sul, duas em Santa Catarina, contudo antes de ir para Lucasdo Rio Verde morava no Paraná, uma é de origem paranaense e outra é paulista, todas são mulheres migrantes.

Autores como Santos (1993) e Swain (1988) elencamalgumas razões pelas quais a maioria dos migrantes do sul deslocou-separa o norte de Mato Grosso: a modernização da agricultura, expropriação da terra, empobrecimento, impossibilidade de trabalhar em pequenas propriedades familiares (pouca terra para prole em crescimento), incentivo do governo as novas culturas como a soja, lavouras mecanizadas que necessita de pouca mão de obra em grandes extensões de terra.

No sul a pequena propriedade rural, organizada sob a forma de propriedade familiar era uma característica do campo. O objetivo era a reprodução do modo de vida, processo de auto reprodução. Quando esse fenômeno não ocorria a alternativa que sobra para o pequeno proprietário era deslocar-se em busca de novas terras. Outros fatores levam também o pequeno proprietário a buscar novas terras, como, a resistência a proletarização; o medo da favelização; aumento da densidade demográfica e a necessidade de novas terras e sua consequente escassez. Todos esses fatores conjugados tiveram como consequência a procura cada vez maior por terras pelos pequenos proprietários ou pelos trabalhadores rurais sem terra ou com pouquíssima terra. A solução encontrada foi o arrendamento das terras dos índios Caingangues, o que era aceito pela Funai. Em 1975 teve início um movimento dos Caingangues para a retirada dos colonos de suas terras. (Zart, 1998, p.77-88)

No ano de 1978 mais de mil famílias foram expulsas das terras indígenas por uma decisão do governo federal. Não havendo terras para esses colonos restou-lhes a alternativa de acamparem a beira da estrada entre Passo Fundo e Ronda Alta, na chamada Encruzilhada Natalino.

Em 1981 a situação era insustentável no acampamento na Encruzilhada Natalino; “frio, falta de comida, de água potável, pressão, privações, repressão, intervenção federal sob o comando do major Curió, ameaças e coações” (Zart, 1998, p. 82)

Duzentas e três famílias foram convencidas de deslocarem-se para a Gleba Rio Verde, eram na sua maioria agricultores descapitalizados, o que é confirmado pela narrativas das colaboradoras casadas com agricultores acampados na Encruzilhada Natalino.

Adaptando aqui as razões da migração para Lucas do Rio Verde a região: “Torna-se o centro de acolha dos migrantes vindos de todo o Brasil, zona de fronteiras agrícolas, onde as possibilidades de obtenção da propriedade de um lote de terras são grandes; distribuição de terras públicas em zonas de colonização oficial, compra de lotes a preços relativamente baixos...” (Swain, 1988 p 35).

Além desses fatores existem outros, um pouco mais subjetivos, como a perspectiva de uma vida melhor, oportunidade de construir uma vida diferente, o sonho de terra, garantir o futuro dos filhos, possibilidade de ter o seu próprio negócio.

Nas narrativas das colaboradoras percebem-se quais motivos levaram-nas a migrar. Dona Eliana, foi a primeira das colaboradoras a chegar à região denominada à época Gleba Rio Verde. Chega à região acompanhando o seu marido que havia adquirido terras no município de Sorriso no distrito de Caravaggio e posteriormente comprou suas terras na Gleba Rio Verde, chegou a região em 1980.

Dona Eliana relata:

“Na verdade a gente saiu para Sorriso, nós tínhamos comprado uma terra em Sorriso na região de Caravaggio, que é uma região de Sorriso, então nós iríamos até Sorriso... Não era o que a gente imaginava, mas tudo bem vamos lá é um sonho que vamos conquistar. Foi assim. A terra que a gente tinha adquirido em Caravaggio ela ficava a certa distância da Sorriso, as estradas não davam bom acesso para gente e nesse período surgiu essa terra em Rio Verde que era uma posse ...Lucas do Rio Verde não existia, era uma terra de posses só...”.

Segundo dona Nívia:

“Éramos casados lá, um ano e meio e a gente foi acampar para ver se ganhava a terra lá. Mais de um ano e meio ficamos acampados em 80 e 81. Um ano, eu não ficava muitos dias porque tinha o Eder, meu filho, novinho, sem leite, tinha que ir para

casa, ¹“... Fui morar com o marido, o sogro e sogra” trazia leite fervido durava uns dois ou três dias, ele ficava lá dentro do barraco ... nossa barra foi feita para nós antes de vir para cá.”

Dona Manuela, também casada com um parceleiro conta-nos o seguinte:

“... Viemos para cá porque ganhamos a terra na época, até viemos, eu vim com dois irmãos meus e três com o meu marido, três irmãos meus porque as famílias lá eram muito grandes, aí a gente tinha pouquinho terra lá. Na casa da minha sogra, lá no sul, a gente já morava em três famílias com crianças pequenas, aí que fomos para a beira da estrada, debaixo da lona, lá na Esquina Natalino, Encruzilhada Natalino e ficamos lá um ano, eu fui lá com a minha filha com dois meses, ela saiu daí com um ano e dois meses, ela nasceu em fevereiro.”

Dona Manuelamais adiante confirma:

“... Não tinha mais como sobreviver ali, aí que e foi para baixo da lona, para beira da estrada, para ganhar a terra e surgiu essa oportunidade de vir para Lucas do Rio Verde, que o governo fez, não sei se foram as terras do Figueiredo², e aí a gente veio para cá.”

Também casada com um parceleiro Dona Anita fala de sua mudança para Lucas do Rio Verde, após uma experiência que não deu certo em um acampamento denominado “Terra Nova”.

“Eu vim para Mato Grosso em 81, nós chegamos aqui em novembro de 81, aqui em Mato Grosso, a gente veio já pela segunda vez para cá, no caso a gente já havia vindo antes e moramos dez meses em Terra Nova do Norte e tivemos que voltar para Rio Grande do Sul aí ficamos mais um ano lá e em 82 viemos para cá.”

Dona Loireci de Fatima e sua família retornam ao Rio Grande do Sul, ao acampamento na Encruzilhada Natalino em Ronda Alta. Seu marido foi um dos agricultores despejados da reserva indígena Kaingang e por isso estava acampado, seu objetivo era conseguir terras para trabalhá-las:

“... então resolvemos voltar e aí ficamos um ano como já falei em Ronda Alta e o acampamento de lá da Encruzilhada Natalino continuava desde o despejo dos agricultores da reserva...”

Dona Anita, continuou no acampamento, foi cadastrada pelo pessoal do INCRA e aguardou os acontecimentos. Esta colaboradora relata alguns detalhes não ditas pelas outras. Conta Dona Anita.

¹Nesse caso a casa era do sogro, segundo sua própria narrativa]:

²Referência do ex-presidente General João Batista Figueiredo, que governou o Brasil entre 1979 a 1988

“Nós fizemos a inscrição e ficamos assim na retaguarda, aguardando. Dai meu marido estava indo direto lá, tinha meu irmão, que veio para cá também, direto indo lá, sabendo das notícias assim como se diz e daí ficou sabendo que estava começando a trazer e no dia marcado a gente arrumou as trouxas e veio”.

Dona Anita descreve também a viagem, de Ronda Alta até Lucas do Rio Verde, embora não se “lembre bem”. Diz ela:

“A viagem foi tranquila, eles trouxeram a gente, não me lembro bem se foram três ou quatro viagens que fizeram. Nós viemos na... nós viemos na primeira, agora não estou bem lembrada, se foi na terceira, mas parece que vieram quatro viagens, cadaviagem com três ônibus mais ou menos e aí quando elas marcavam o dia a gente foi. Veio tranquilo, veio acompanhando enfermeiro junto para o atendimento no caso não teve problemas nenhum. A viagem dos três ônibus que nós viemos todo mundo veio, além de passar mal, assim em relação normal da viagem veio tranquilo. O ônibus veio direto de lá”.

A narrativa de Dona Maria Elisabeth mostra outras motivações para o deslocamento de sua família para a região de Lucas do Rio Verde. Pela narrativa:

“Vim para cá casada...à gente fazia parte...entrei para uma família grande e a maioria deles era agricultores, meu marido não era, mas a família era e a gente estava...todo mundo estava meio descontente. Naquela fase estavam dando incentivo para vir para cá e havia um grupo que se dedicou a estudar uma área...com esse descontentamento a gente veio procurando alguma coisa nova... o nosso caso não era bem esse, porque a gente não estava nessa coisa... era um pouco aventura, vontade de conhecer coisas novas e ver o que enfrentava e assim a gente veio junto com eles com essas famílias...”

Conforme o relato do senhor Klaus marido da Dona Tereza em um livro sobre a educação de Lucas do Rio Verde ele (Klaus) diz: “... tínhamos a intenção de fugir da área de educação e conseguir um pedaço de terra e passar a ser como meus irmãos, agricultores”.Mais adiante o senhor Klaus diz “... para começar uma vida nova”.

No caso de dona Tereza, havia não só a questão objetiva da terra, de conseguir um “pedaço de terra,” mas, havia também questão subjetiva como a descontentamento, a procura de algo novo, a possibilidade de começar uma vida nova.

Dona Consuelo, ao relatar sua história de vida conta quais motivos que levou a deslocar-se até Lucas do Rio Verde, afirma.³

“Ele (o marido) tinha um amigo chamado Vicente Bertolussi, que hoje mora em Cuiabá, e que nos incentivou assim, convidou para vir para cá, que sabia que aqui ainda estava distribuindo lotes de terra e na verdade os agricultores já tinham vindo para cá”.

³Buss, Carlos et. al . Revivendo a história da educação de Lucas do Rio Verde. Lucas do Rio Verde, MT. P.16,

Em outra entrevista concedida por Dona Consuelo, ela diz.

“Eu vim no ano de 1983 e o objetivo que me trouxe até Lucas, foi que meu marido já estava aqui, e na ocasião, ele tinha muita vontade de começar algo novo, lutar para melhorar as condições de vida, abrir novas perspectivas”.

Dona Joana, que chegou a Lucas em 1983, explica o que motivou sua mudança.

“... o meu marido tinha um comercio a gente trabalhou uns cinco anos no comércio, depois ele vendeu tudo com aquela ideia de vir para Mato Grosso e encontrar a felicidade, eu acho, e a gente veio para cá, ele comprou junto com meu cunhado 400 hectares de terra...”

Embora não tivesse qualquer ligação com a agricultura, a família da dona Joana acaba chegando a Lucas do Rio Verde em busca de uma vida mais feliz, mas a busca pela terra foi a questão mais forte.

Diferente de todas as narrativas anteriores Giovana vem para Lucas do Rio Verde com onze anos de idade, acompanhando seus pais e irmãos, relata:

“Na época meus pais vieram para comprar terras aqui, venderam o pedaço de terra que tinham lá e vieram para cá comprar terras aqui e eu vim com meus pais”.

A jornalista Rosa, que chegou a Lucas com o marido em 1986 descreve os motivos da sua migração assim:

“No final de 1985 vim para Lucas do Rio Verde visitar minha família, que então tinha transferido do sul para cá. Meu pai resolveu ser produtor de soja também em Lucas do Rio Verde, saiu da pequena chácara que tinha... vendeu uma chácara de 5 hectares e comprou aqui cinquenta hectares de terra na época e veio para cá e
“eles já estavam aqui desde 1984 e eu não tinha tido oportunidade de vir visitá-los. Então no final de 85 vim para conhecer. Para visitar e acabamos encontrando trabalho aqui e visualizando, vislumbrando uma oportunidade de vida diferente em Lucas do Rio Verde e tomamos a decisão de nos transferir para cá... e em 1º de fevereiro de 1986 cheguei à Lucas do Rio Verde para ficar”.

Não foi a busca da terra que trouxe a dona Rosa para Lucas do Rio Verde, mas a visualização de novas oportunidades e a certeza de emprego.

Dona Mariana, que veio para Lucas em 1988, aos 16 anos teve outros motivos para se deslocar do sul, conta ela:

“Então, muito jovem, já assumi uma responsabilidade bem grande, acabei ficando grávida nesse período, até porque ele veio morar em Mato Grosso e nós éramos muito apaixonados, ele acabava ligando toda semana para mim, a cada dois meses ele ia para a cidade era um gasto muito grande e foi o memento que eu vim visitar

ele, vim conhecer o lugar e acabei ficando grávida, acabamos tendo que casar, o que foi feliz para nós...”

Na narrativa da dona Mariana, chegar a Lucas não foi motivado pela busca de terra, mas pela busca de felicidade. Em seu relato bastante apaixonada e muito sincero não esconde a vergonha de falar deles. Apaixonados ela e o marido casam-se, ela grávida, muito jovem, mas, também muito feliz. Ainda na narrativa de dona Mariana em outro momento, ela fala sobre os motivos que levaram a família do seu marido a deslocar-se para Lucas do Rio Verde, diz ela:

“... meu sogro veio para cá, a família do meu marido veio para cá em busca de grandes áreas de terras, de uma melhora de vida que muitas vezes é ilusão. Lógico que comprou uma área muito maior do que eles tinham lá devido o baixo custo dessas áreas...”

Percebe-se a partir das narrativas dessas mulheres migrantes que várias foram as razões para elas deslocarem-se com suas famílias ou apenas com o marido para Lucas do Rio Verde. Razões que variam das questões mais objetivas como a busca da terra, ou a compra de quantidade cada vez maiores, na busca de enriquecimento, até razões muito subjetivas como o amor, a paixão de dona Mariana, de dona Consuelo, quando fala de seu momento pessoal na chegada a Lucas. “Estava recém-casada, reencontrando meu grande amor e aquilo era o mais importante que todo o resto...”.

São essas narrativas permeadas de sentimento e subjetividades, mais sem perder o foco da história enquanto ciência, é que torna a história oral muito mais agradável.

2. Tempos de chegada: primeiras impressões, a luta para sobrevivência e o trabalho.

As primeiras impressões

Neste tópico pretendo apontar algumas situações vividas pelas narradoras e algumas impressões descritas por elas em entrevistas sobre os primeiros tempos em Lucas do Rio Verde apontando as imagens do primeiro contato com a cidade, as dificuldades por qual passaram nos primeiros anos, o trabalho cotidiano e suas lutas pela sobrevivência nas situações por elas apontadas nos relatos.

A colaboradora dona Eliana descreve a imagem segundo ela, os sulistas tinham de Mato Grosso, diz ela:

“Na verdade assim a imagem que nós sulistas pelo menos sempre tínhamos de Mato Grosso era um local que tinha muita mata, muitos bichos e que a situação era bem complicada. Então eu até me admirei, achei muito legal quando cheguei, que apesar de ser um lugar pequenininho, Sorriso era um lugar pequenininho, mas era um lugar bacana, as pessoas que já estavam aqui eram pessoas que vieram com vontade de crescer, com vontade de ser alguém. Mas a gente lá sempre imaginou que Mato Grosso seria mato, bicho, onça, essas coisas mais”.

Em nenhuma das outras entrevistas encontramos qualquer descrição imaginária ou real da Gleba Rio Verde ou de Mato Grosso além do que diz a dona Eliana.

Entretanto todos releem em algum momento suas primeiras impressões da região logo no momento da chegada, cada uma a sua forma.

Dona Eliana diz que. “Lucas do Rio Verde não existia... onde hoje é a cidade antiga era só uma fazendinha onde tinha algumas cabeças de gado e tinha o batalhão do 9º BEC na beira do rio verde era só”. Pelo que revela a narradora não existia nem projeto de zona urbana nem de cidade quando ela chegou à região.

Dona Nívia por sua vez nos conta como foi a sua chegada a Lucas do Rio Verde.

“Saímos do sul e viemos de Ronda Alta para cá. E outra chegar aqui foi pouco... Nós fomos oito, oito pessoas que vieram com a família. Chegamos de manhã, assistimos a missa num sol de rachar, sabe, dói a cabeça, cansada, mais tinha que assistir a missa porque o padre estava esperando os agricultores, aquele ônibus, aí meu Deus, caminhão de mudança, a teimosia de no momento diz jogar a mochila em cima do caminhão, carregarmos as coisas e irmos para a nossa terra. Isso no momento da chegada aqui em Lucas”.

Dona Nívia deixou claro o seu trajeto de viagem de Ronda Alta direto para Lucas, chegaram pela manhã e fazia muito calor e além de tudo ainda foi para as suas terras no mesmo dia que chegou. Desceu do ônibus onde já existia o projeto da cidade e alguns prédios públicos do INCRA, assistiu a missa e foi no caminhão que trouxe a mudança, para sua terra, para o seu lote, localizado a 17km do local projetado para ser a cidade o centro urbano do projeto.

Dona Nívia revela também a dificuldade que era chegar ao local de seu lote:

“Para chegar a nossa terra a dezessete quilômetros da cidade, nós fazíamos cento e cinco quilômetros porque não tinha ponte para passar”.
Nós íamos para a baiana e lá vão horas de caminhão...”

Relatou também no dia seguinte a sua chegada a Lucas do Rio Verde chovia muito e conta que:

“...chuva, chuva, chuva, chuva. Minhas coisas, eu me lembro até hoje, sabe aquelas fórmicas azul, aquela pia, e água, a chuva estragou tudo, tudo”.

A chuva era de tal intensidade que preocupou a ela e o marido, afirma que:

“No barraco para ir dormir a água batia debaixo da cama, a água quase batia no colchão, secávamos os pés e deitamos, ali começou o sofrimento”.

Dona Manuela também se lembra de como descreveram situação em Mato Grosso.

“Todo mundo assustava a gente, que a gente ia morrer de malária, morrer de fome e daí a gente chegou, fomos para baixo da lona de novo, mais dois meses em baixo da lona até construir nossos barracos”.

Dona Manuela fala de uma imagem construída da região do médio norte de Mato Grosso devido a dois fatos, o primeiro é que houve uma primeira tentativa do governo federal de deslocar um certo número de agricultores sem terra para um projeto de colonização, o PAC/Terra Nova entretanto o projeto redundou em fracasso para os parceiros, dos quais muito voltaram para a Encruzilhadas Natalino e contaram a sua experiência em Mato Grosso. Outra questão é o fato de que as lideranças do movimento dos agricultores não queriam que as famílias fossem deslocadas para locais longínquos, mas que o governo assentasse os trabalhadores sem terra no Rio Grande do Sul. Surge a partir daí um discurso para tentar suspender a vinda dos parceiros para Lucas do Rio Verde, e essa história e a que contaram para Dona Manuela é justamente para desencorajá-la da viagem para Lucas do Rio Verde.

O que dona Irene encontra na região da Gleba Rio Verde ela descreve da seguinte forma:

“..teve uma turma que ficou aqui na cidade, que cidade? Não tinha nada, tinha o 9º BEC...”

Quando os parceiros chegaram entre 1981-1982 à cidade não existia.

Dona Manuela foi para seu lote próximo dos seus irmãos e cunhados. Construíram o seu “barraco” próximo da mina de água para poder começar a trabalhar na terra.

A mesma colaboradora fala também dos seus medos, mas no mesmo tempo acreditava que podiam vencer. Afirma à entrevistada:

“Bom eu não esqueço até hoje, é... eu tinha medo assim que a gente foi lá para o mato, dormir tinha medo de cobra comer meus filhos, da malária que falavam, mas eu não via tal malária. Tinha medo do poço, tinha medo que os meus filhos caíssem dentro do poço, essas coisas que a gente tinha medo. Só que quando vi as terras gostei muito, as planícies muito bonitas. Eu disse este lugar é um bom lugar. Tinha aquele ânimo, este é um lugar bonito, mas tinha medo de passar fome.”

Apesar de todos esses medos e com muita esperança no trabalho dona Manuela fica na sua terra até 2002.

Na entrevista de dona Anita relata o que viu quando chegou a Gleba Rio Verde.

“A primeira coisa que a gente viu foram às barracas do exército, as barraquinhas verdes, tudo prontinho com a numeração para cada um. Tinha pessoal do INCRA, o pessoal do 9º BEC que eles eram acampados ali, tinha uns galpões ali para eles acho que eles já estavam ali muito tempo, então já indicavam as barracas que a gente ia se

instalar com a família. Barracas de lona verde... a gente foi bem recebido aqui. Chegamos ali todo mundo tranquilo, já tinha uns que estavam ai, que vieram na nossa frente ... A gente se instalou ali, já havia um posto de saúde, já havia um prédio que funcionava a Cobal que a gente pegava alimentação, e a gente ficou ali aguardando. Daí os maridos, no caso, foram já para cima das terras, já tinha madeira lá para iniciar fazer as casinhas, os barracos lá é nós mulheres e crianças ficamos ali, não lembro agora quanto tempo a gente ficou ali se foi dois ou três meses. A gente ficou um tempo até que eles conseguiram fazer a casinha para a gente. Daí a gente mudou para lá, foi morar lá no lote, já tinha não sei, se ele estivesse aqui ele saberia dizer quantos hectares abertos, assim já, já tinha as estradas prontas, outros pedaços arrumando, fazendo”.

Dona Anita mostra ser uma narradora bastante atenta, relata detalhes sobre a organização na recepção dos parceiros, observa que já havia certa infraestrutura com um posto de saúde e um armazém da Cobal que era responsável por fornecer a alimentação para os “natalinos”. A colaboradora descreve também uma situação não contada anteriormente ou seja, que as mulheres ficavam no local que seria futuramente a cidade de Lucas do Rio Verde, no setor destinado ao centro urbano enquanto os homens eram levados para trabalhar na terra e construir suas “casinhas” de madeiras nos lotes. Afirma também que entre 2 e 3 meses ficaram acampados esperando a conclusão da moradia e das estradas que levariam aos lotes.

Dona Anita parece ter ficado contente por ter ido para sua terra. Foi pelo menos o que demonstrou.

Dona Tereza relata quase não conhecia a região “vim para cá sem conhecer, na maior dor de barriga”. Entretanto ela já tinha informações sobre a região visto que o seu marido havia feito levantamentos na região em 1982, quando os parceiros já estavam instalados em Lucas do Rio Verde. Ela diz:

“É o espírito aventureiro, meio doido acho, que para vir para cá todo teve que ter um pouco de louco também, não é só o espírito aventureiro e... Eu acho que é assim, não digo que é choque, mas sem... sem reação, sem... será? Será? Será que vou ficar? Passei a noite... passei a noite com a mudança ainda carregada por que... no dia seguinte não estava querendo descarregar a mudança não...”.

Após expor essa dúvida em ficar ou voltar dona Tereza descreve em sua visão de hoje como era para ela as noites dos primeiros tempos em Lucas do Rio Verde.

“... eram aquelas noites claras, bonitas aqui, agora eu acho bonitas, mas aquela noite lá eu achava tudo fantasmagórico... você enxergava tudo, é límpido cada arbusto cada arvorezinha sabe e eu passei a noite sozinha... e daí eu fiquei. Não estabelecemos em Lucas, mas em Itambiquara a trinta e cinco quilômetros daqui”.

Dona Tereza opta por ficar, não na zona urbana onde se projetava o centro urbano de Lucas do Rio Verde, mas vai para Itambiquara, hoje distrito de Lucas do Rio Verde.

No momento da entrevista dona Tereza já estava morando à dez anos (desde 1996) na zona urbana de Lucas do Rio Verde.

A colaboradora Consuelo relata como foi à viagem de Ronda Alta a Lucas do Rio Verde em 1983

“viemos de ônibus, a gente vinha até sair de Ronda Alta vinha até Cascavel no Paraná, lá a gente trocava de ônibus e vinha até Cuiabá. Em Cuiabá trocava de ônibus e vinha até Lucas do Rio Verde, que esse ônibus ia lá para cima, não sei para onde, Alta Floresta, eu acho. Lembro inclusive que lá em Cuiabá, era época de bastante migração, porque eu fui entrevistada na rodoviária de Cuiabá porque eu estava vindo?, se tinha emprego? E tudo. Respondi um questionário na rodoviária, mas enfim minha amiga falou assim chegamos, eu falei assim chegamos onde? Procurei a cidade e não vi nada, só vi assim um cerrado rebrotado, bastante verde e assim chegamos, aqui é Lucas do Rio Verde e ela apontou para baixo onde vi uns trabalhadores de algumas construções”.

Dona Consuelo faz um itinerário diferente das entrevistadas anteriormente. Viaja em ônibus de linha comum, e faz um trajeto de saindo de Ronda Alta chega até Cascavel no Paraná, troca de ônibus e viaja até Cuiabá. Dona Consuelo fala de uma época de forte fluxo migratório para a região do norte de Mato Grosso, pois o governo federal incentivava o processo de colonização principalmente o de iniciativa privada, que não era o caso de Lucas do Rio Verde. O exemplo típico de colonização privada foi a cidade que dona Consuelo fala na sua história Alta Floresta⁴ da colonizadora INDECO do Paraná.

A colaboradora fala também de sua primeira casa em Lucas do Rio Verde...

“...começamos nossa vida assim, nós tínhamos uma casinha de madeira que ele tinha construído junto com esse nosso amigo”.

Em sua narrativa dona Consuelo descreve a sua primeira impressão sobre a natureza em dois momentos da sua entrevista. Em primeiro momento ela diz:

“... só vi assim um cerrado todo rebrotado, bastante verde”.

No segundo momento ela conta com mais detalhes:⁴

“... mas a paisagem chama muito minha atenção, a natureza, aquele cerrado rebrotado, aquelas folhas verdes, aquelas flores roxas que nascem naquele cerrado preto, que tinha sido queimado, aquele chamava muito a minha atenção”.

A entrevista fala de um “cerrado rebrotado”, ou seja, uma mata que rebrota depois de queimada, quando ela se refere ao “cerrado preto”.

⁴Município de Alta Floresta, MT, criada em 1979, os primeiros trabalhadores de colonizadora indico chegaram a região em 1976. O município fica 830 quilômetros da capital Cuiabá

Quem conhece a região do cerrado sabe que após a queimada os trocos das árvores ficam todo escuro em virtude do fogo e quando chove rebrota nos galhos as folhas verdes, fazendo um contraste muito bonito entre galhos escuros, queimados pelo fogo e o verde viscoso das folhas recém nascidas. Essa imagem passa para quem a observa a força com que a natureza reage à agressão do homem.

Ela nos conta também que quando chegou, outro fator chamou a sua atenção foi à recepção de que ela teve:

“... e também assim em relação às pessoas, a alegria que era quando chegava alguém para morar. Então a gente era muito bem recebida, então todas as pessoas de cara eram muito bem recebidas, porque era mais uma que vinha para somar, então a gente como vinha para trabalhar na escola, foi muito acolhida pelas pessoas que estavam aqui... porque era mais um que vinha para somar e vinha fixar residência aqui”. Como no início quando viemos para cá era tudo mato aqui cerrado.

Na entrevista de dona Joana ela descreve como foi chegar a Lucas em 1983:

“Nós chegamos para cá direto, não para nossa terra, a que a gente tinha comprado por que era uma área grande onde o rio ficava muito distante de onde estava aberta a primeira parte. Então até que se construísse um poço no local a gente foi morar numa área de um amigo nosso. Moramos seis meses nessa área depois de construir toda estrutura, feito o poço que não tinha, enfim a estrutura para gente morar. Dai a gente mudou para área que agente tinha comprado. Isso foi em 1983”.

Dona Joana diz também que:

“Fomos um dos primeiros a chegar”. Quando eu cheguei já encontrei todo o pessoal que estava instalado no projeto de colonização, a gente via tudo aquilo, mas não entendia o que estava acontecendo. No começo tinha um sentimento de medo do desconhecido.

Eu não imaginava como era aqui, eu vinha... Quando cheguei em Nobres⁵ escurecendo e veio a poeira, eu entrei em desespero, chorei muito. Não tinha onde tomar banho sabe, foi bastante complicado, mas depois no outro dia quando a gente seguiu viagem, aquela expectativa de chegar ao local, procurando saber onde que ia me estabilizar, foi assim uma angustia, uma... Uma ansiedade. Depois agente⁵ chegou...”

Em sua descrição Dona Joana deixa expor seus sentimentos de medo do desconhecido, sua angustia durante a viagem e frente às incertezas chora. A expectativa de chegada a Lucas parece fazer da viagem algo muito sofrido, mas finalmente chega e encontra o local de chegada, Lucas do Rio Verde em pleno movimento em virtude das obras de execução do

⁵Município fundado em 1747 a cento e vinte quilômetros antes de Lucas do Rio Verde

projeto de colonização, e nesse primeiro momento ela não entende muito bem o que está acontecendo, mas já havia chegado ao seu destino.

Em sua entrevista Dona Giovana, que chegou a Lucas do Rio Verde com onze anos de idade, acompanhando seus pais que compraram terras,relata como foi sua viagem e sua chegada:

“Com onze anos de idade nós viemos para Lucas do Rio Verde. Viemos direto para Lucas...Eu lembro, lembro muito bem o dia que cheguei a hora, como que foi a situação toda. Na época a cidade estava recém começando. Tinha na verdade, quando chegamos aqui... tinha trinta e cinco casas no município de Lucas do Rio Verde. Início de tudo isso aqui”.

E sobre a viagem descreve:

“Na época que eu vim para cá, como eu era adolescente, não dava muita importância para isso, se a cidade era grande ou pequena, vim feliz, ficamos cinco dias na estrada para chegar aqui, em cima de caminhão”. Vim feliz, cheguei aqui toda empolgada, achei tudo maravilhoso, tudo novidade...

Não assustei, em momento algum assustei. De Cuiabá até aqui era chão. Eu lembro assim de toda situação muito bem, que era tudo novidade, aquilo para mim era maravilhoso, eu estava achando tudo fantástico, espetacular. “Viemos de Cuiabá até aqui, era chão muita poeira mesmo, muita poeira, demoramos cinco dias para chegar aqui, mas na expectativa..”

Jovem, adolescente com onze anos de idade Dona Giovana achava tudo maravilhoso. Sua viagem para Lucas do Rio Verde foi de caminhão, diferente de algumas outras mulheres que fizeram as suas viagens de ônibus. A viagem durava cinco dias. Segundo ela chamava a atenção em seu trajeto de Cuiabá a Lucas a poeira “muita poeira”. A BR-163 não estava ainda asfaltada por isso ela fala que era “chão”. As estradas para o norte de Mato Grosso eram ainda de terra, mas isso para ela não era problema.

Quando chega a Lucas observa o quanto à cidade era pequena “tinha trinta e cinco casas”, o início de tudo.

Dona Rosa sai do Rio Grande do Sul e vai morar em Lucas do Rio Verde em 1986. Como ela mesma contou no final de 1985 foi a Lucas visitar os pais que haviam mudado para a cidade em virtude da compra de um lote de terras. Em Lucas receberam proposta de trabalho ela e o marido e perceberam as oportunidades que a pequena cidade lhes oferecia. Dessa forma resolveram mudar para Lucas do Rio Verde. Saiu de São Leopoldo no Rio Grande do Sul, grávida de sua primeira filha. Sobre a sua viagem e a chegada a Lucas diz:

“... nós viemos de ônibus de Porto Alegre para cá e nós descemos na rodoviária tinha acabado de chover. Nós pegamos um chuveiro na estrada, de Nova Mutum⁶ para cá e

quando nós descemos do ônibus eu meti o pé em uma poça de água, foi assim a recepção, aí era tudo muito pequeno claro”.

Dona Mariana por sua vez não se lembra da viagem para Lucas do Rio Verde, pois estava mais preocupada com o casamento:

“A viagem para cá, eu considero que foi assim quase sem novidade porque eu tinha uma coisa muito importante que ia acontecer eu só pensava naquilo e aí minha mãe do meu lado preocupada porque era uma criança que estava se casando e que ia acabar tendo um filho também”.

A sua impressão sobre a cidade é revelada da seguinte forma:

“... viemos para cá em uma cidade de três mil habitantes... logo que viemos morar para cá, a cidade era feia, exatamente feia, ela não tinha asfalto, ela não tinha nenhum planejamento, as casas eram feias, eram sem pinturas, nada chamava a atenção...”.

Dona Mariana desembarca em Lucas do Rio Verde em 1988, com dezesseis anos de idade, para se casar e percebe uma cidade que está começando, suas casas são de madeira, as ruas não são asfaltadas. Essa imagem foi muito comum na região norte de Mato Grosso, não só em Lucas do Rio Verde, mas em muitas cidades que surgiram no início da década de 1980.

3. As dificuldades: do sonho a realidade

Após narrarem suas viagens para Lucas do Rio Verde, após contarem as suas impressões do primeiro momento, as colaboradoras relatam também as dificuldades encontradas e vividas por elas. Cada uma expõe a seu modo o que denominei genericamente de “dificuldades”, que correspondem às circunstâncias difíceis que passaram quando cada uma delas já estavam instaladas seja nos lotes dos parceiros, nas fazendas, ou na zona urbana.

Para as que foram morar no campo, na zona rural, propriedades menores ou em grandes fazendas o marco temporal inicial de suas narrativas é o momento em que fixaram moradia nos locais que viverão, não importando o tempo, os anos transcorridos até o marco final que é o momento que elas se deslocam para a cidade.

Para as entrevistadas que sempre moraram na cidade ou na zona urbana de Lucas do Rio Verde desde sua chegada às dificuldades correspondem aos primeiros anos também não

⁶Nova Mutum município criado a partir de um projeto de colonização particular implantado em 1981, duzentos e cinqüenta Cuiabá e a cem de quilômetros antes de Lucas do Rio Verde pela Br-163

importando as diferenças das datas que vieram para o município, correspondem os primeiros anos, os anos mais difíceis de adaptação. Começando sempre pela que primeiro veio para Lucas, em 1980 até a última em 1988.

Sobre as dificuldades que atravessou desde que veio para Lucas do Rio Verde, dona Eliana descreve:

“... foi bem difícil no início por quenós não tínhamos onde ficar. Ficamos numa casinha ali que era dos pistoleiros desse tal Robson, esse posseiro que havia construído uma casinhade três por cinco de madeira e chão batido, então a gente não tinha condições de pegar água. Nos encostávamos, no final da tarde a caminhonete , de ré no rio verde e enchia a balde de caixa de água e colocava naqueles filtros de barro para filtrar para no outro dia beber daquela água. Então eu passei mais o menos seis meses assim”.

Dona Eliana fala de dificuldades relativas à falta a falta de local para morar, mas relata também a questão do modo da violência, da faltade segurança que viveu com seu marido naquele momento, não que havia confronto. Mas não havia na verdade nem condições básicas para ela sobreviver, não havia sequer água para beber, lavar, cozinhar.

Relata também outra dificuldade que surgiu, esta já ligada ao plantio, ao trabalho com a lavoura, a preocupação com a produção.

“Os primeiros dois anos foram dois anos bem difíceis para nós porque não tínhamos experiência nenhuma com a terra do cerrado. Depois que a gente foi ver que a terra que a terra do cerrado é totalmente diferente da terra de mate que a gente tinha no sul, que lá não exigia tanta adubação, a gente até então não sabia da existência desse alumínio no qual a gente teria que rebater ele com calcário, depois com o tempo que a gente foi vendo, então tivemos nos dois primeiros anos, dois anos de frustração na safra não colhemos nem para pagar o que a gente devia, foram dois anos bem difíceis, mas a gente nunca desanimou, não vamos embora. Um dia vai dar certo, um dia vai dar certo!”.

Quando Dona Eliana fala da questão da correção do solo com calcário e da utilização do alumínio fala porque sabe que muitos agricultores por desconhecerem a composição da terra do cerrado abandonaram ou venderam as suas propriedades por que achavam que essas terras eram impróprias para qualquer tipo de plantação e a verdade não era essa. Era necessário corrigir o solo.

Outra dificuldade que Dona Eliana se refere é a questão da “desapropriação” das terras da sua família. Relata à entrevistada:

“E nesse mesmo período que teve a desapropriação, aí veio a polícia federal, veio tudo sabe, porque eles achavam que a gente estava invadindo e nós na inocência, nós havíamos comprado posse. Então passamos por vários medos e várias coisas”.

Ela descreve um momento tenso da relação do governo federal com aqueles que tinham a posse da terra. Meu objetivo nesta tese não é discutir e nem analisar esse momento do embate entre os que tem posse e o INCRA por isso vou apenas sintetizar a questão.

Quando o governo federal através do INCRA foi legalizar as terras da Gleba Rio Verde deparou com um problema, já havia certo número de pessoas que possuíam a posse da terra e no momento de alocar esse terra para o projeto de assentamento, percebeu que um certo número de agricultor já estavam produzindo em cima da terra porque tinham posse. Ao desapropriar as terras para o projeto acabou reconhecendo essas posses, entretanto não na quantidade de terra que cada um possuía. Dessa maneira os que possuíam a posse acabaram perdendo uma parte das terras dessa posse. A desapropriação das terras nesse período em Lucas do Rio Verde nos leva de a questão de ter ou não a posse da terra. Segundo Zart, os “posseiros são um grupo de origem diversa... que entraram na Gleba Rio Verde a partir dos anos de 1976. São os primeiros a ocupar a terra”. (Zart,1998,p.113).

Para o jurista Alcir Gursen Miranda o posseiro é “todo trabalhador rural que, independente do justo título e boa fé, apossa-se do imóvel rural, público ou privado, e nele tendo sua moradia habitual.” Essa é uma questão polêmica e conflituosa que as pessoas que viveram ou que participaram do acontecimento na época, fazem questão de não falar ou desconversar. Apesar dessa fase difícil da sua vida e de perder parte de suas terras, Dona Eliana e seu marido continuaram a produzir.

As dificuldades descritas por Dona Nívia são:

“No início, assim que chegamos aqui, depois de ter ido para nossa terra, os maridos foram para Sorriso”.⁷

Ela diz sem precisar a data que “... naquele ano o banco não financiou, aí ele trabalhou um ano e meio para o Dotto...” e ainda informa que. “Depois deixou virar capoeira nas nossas terras, porque o banco não financiou. Cortou o financiamento... e aí nós passamos quatro anos sem plantar. Comer o que? Aqui não tinha serviço”.

⁷Sorriso Município que nasceu no final da década de 1970 de um projeto de colonização particular da Colonizadora Feliz. Em 1986 torna-se município está a 412 quilômetros de Cuiabá e a 62 quilômetros de Lucas do Rio Verde.

Afirma mais a frente que:

“O governo deu comida seis meses eu acho. Nessa época deu seus meses. A Cobal depois que veio os outros, que o INCRA deu um ano, mas nós ganhamos só seis meses”.

Diz ainda:

“O meu marido para sobreviver teve que ir para Sorriso na fazenda do Brandão... Foi lá como coletor fino apenas dirigindo um tratorzinho, mas lá ele começou a trabalhar, mas foi muito sofrido. Eu ficava. Nós mulheres ficávamos na terra com as crianças”.

Continuando a narrar suas dificuldades, Dona Nívia expõe outros problemas:

“Quando morreram os porcos, galinhas não tinha e plantava mandioca, e não dava porque não tinha dinheiro para por calcário e aqui se não é terra preparada não dá, não produzir, ali em casa não dava. Então chegamos aqui com meio salário... imagine com uma criança e em dois, sobreviver com meio salário, chegar aqui em Lucas jogado debaixo de um barraco, daí não tinha dinheiro para fazer poço de dezoito metros, não tinha dinheiro, eu tinha que sair de lá de meu barraco e ir lá no lote de uma cunhada minha que morava daí uns cinco quilômetros eu acho, com um balde de cada lado para pegar água para fazer comida e tomar... Nós sofremos”.

Dona Nívia aponta um problema relativo à questão do financiamento do Banco do Brasil, ao qual foi aberto aos parceleiros, mas, que o dinheiro iria direto para a conta de quem prestasse o serviço nos lotes.

Diz ela:

“Não , nós não vamos aceitar, querem dar o dinheiro é na nossa mão porque é desse dinheiro que nós vamos comer.(...) Nós não entramos nessa.”.

As dificuldades da dona Nívia e sua família não param por aí. Quando saíam para fazer as compras dos alimentos e gás com transporte do INCRA ela conta.

“...nós ficamos na entrada, tínhamos ainda três quilômetros para chegar na nossa casa. Eu com uma criança, com uma mochila, ele com um saco de rancho nas costas(...). A gente ri agora, ... sabe que tinha horas que dava até desanimo, porque olha que foi sofrido, mas foi sofrido, sofrido que Nossa Senhora”.

Dona Nívia nos fala de uma vida muito sofrida e de privações, do esforço seu e do seu marido para trabalhar e para poder sobreviver e sustentar sua família, do problema de não ter dinheiro para poder começar a vida no seu lote em Lucas do Rio Verde.

“Nós não plantamos. Naquela época no início, o meu marido foi trabalhar para comer. Nós não tínhamos financiamento porque daí, plantamos um ano um cantinho e não conseguimos pagar, aí meu filho, não sei quantos anos sem plantar mas foi uns quatro sem plantar, aí sim foi terrível nos não passamos fome porque tínhamos

amigos... o Aquilino Sirtoli, e ele tinha, ele emprestava dinheiro para nós comer, se não fosse ele emprestar dinheiro nós tinha passado fome. Claro que fome não ia passar, mas porque tinha mandioca, frango, batata, sempre tinha horta, nós tinha assim de fartura, mas na lavoura foi muitos anos para nós começar a lidar”.

Dona Nívia mostra uma vida de dificuldades, mas com muita disposição para suporta-las. Uma época de sofrimentos quase que intermináveis, mas contava com o apoio de uns amigos o que demonstra a solidariedade entre parceiros.

Dona Manuela, também esposa de um parceiro, narra também suas dificuldades em Lucas do Rio Verde:

“Aqui nós passamos fome, aqui nos sofremos muito. Os nossos maridos tinham que trabalhar fora ficamos na terra... Tinha a fazenda do Menotti, tinha a fazenda do Rosseto que era vizinho, com quase mil hectares, em frente das nossas terras, aí os caras davam emprego, espalhar calcário, limpar(...) Isso aconteceu com nossos maridos, eles iam trabalhar com os outros fazendeiros, aí os fazendeiros emprestavam máquinas para nós fazer nosso pedacinho, começar, foi assim que nós sobrevivemos. O primeiro ano o Banco do Brasil financiou, só que ninguém pagou... ninguém teve mais, o banco cortou”.

Dona Manuela e seu marido não obtiveram mais financiamento bancário assim como outros parceiros. O banco não deu carência para o pagamento da dívida contraída e começou a cobrar os parceiros no ano seguinte. Sem colher o que se imaginava todos os assentados perderam crédito no Banco do Brasil.

Dona Manuela expõe também com muita sinceridade o seguinte.

“Nós ganhamos um ano de comida, aí o povo era... deu comer e festar. Ninguém, a maioria não pensou em plantar, nós dissemos, isso vai acabar gente, vamos plantar ao menos para comer, para sobreviver, aí que nós conseguimos. Aquele pessoal não plantou nada quando acabou a comida do governo voltaram embora se não morria de fome”.

Conta também, confirmando a história de Dona Nívia que.

“Nossos maridos sabiam trabalhar com máquinas, aí eles sobreviveram foi a salvação nossa, eles foram trabalhar para os posseiros, que estavam aqui, o senhor Rosseto, o Lira”.

Sobre o primeiro ano de plantio ela diz que:

“A gente plantou o primeiro ano, como dependia de máquina dos outros, a gente plantou tarde, não colheu bem, não conseguiu pagar o banco, aí ficou devendo o banco anos, aí o negócios complicou. Nós começamos devagarzinho de novo plantando pouquinho de novo com empréstimos de máquinas de vizinho e daí começou a entrar firma aqui, daí as firmas começaram assim, fazia troca de adubo e

semente por grão, por exemplo, eles davam o adubo e a semente daí falava para você que tinha que dar tantos sacos de soja. Isso aconteceu com nós”.

Na sua entrevista Dona Manuela relata que seu marido entrou no financiamento proposto pelo Banco do Brasil. Aquele financiamento em que o dinheiro ia direto pra o empreiteiro.

“O meu marido entrou nessa do dinheiro ir direto para o dono das máquinas, para o empreiteiro e não para nós...De novo, nós demoramos para pagar o banco. Ficamos devendo o banco, não conseguimos pagar de novo. Chegamos num ponto que tivemos que vender nosso lote de terra.(...)Nós não conseguimos pagar o banco, não teve como e agora? Fizeram um trabalho mau feito para a gente, aí colheu pouco, aí a gente que não prestava e aí chegou num ponto que nós vendemos nosso lote de terra”.

Outra esposa de um parceiro narrou também suas os seus problemas. Com uma historia de vida bastante conturbada de idas e voltas de Mato Grosso pra o Rio Grande do Sul, dona Anita discorreu longamente suas dificuldades:

“Pela primeira vez plantamos com orientação INCRA, foi arroz, mas meu marido plantou outras coisas, miudeza, mandioca, assim foi conseguindo rama, não sei lhe dizer agora onde, mas eu acho que com o pessoal que já morava ali, tinha posseiro que estavam aqui antes, então ele conseguiu e daí ele começou a plantar miudeza como a gente era acostumado lá no sul e a primeira plantação foi mesmo arroz.

Essa primeira plantação não deu muito resultado não, o resultado foi assim meio ruim. A gente começou a criar animais, galinha principalmente, para tratar e o arroz era pra as galinhas, para tratar as galinhas no caso.A gente tratava lá no sul as galinhas a milho e o arroz foi colhido para isso, só porque a produção foi pouca no primeira ano, foram poucos hectares plantados.

Nós chegamos no final de 81,e no ano de 82 a gente passou nessa, plantando isso e o INCRA tinha um assistência financeira, não me lembro se era meio salário ou um salário na época, não me lembro quanto era.Era uma ajuda que a gente recebia, uma quantia e fazia o rancho nessaCobal, para se manter, não me lembro o tempo que foi, seis meses, nove meses, um ano, não me lembro o tempo que foi, e o meu marido começou a trabalhar de peão também. Vieram uns agricultores com certo recurso, melhor que a gente aí, daí eles já pagavam para catar raiz, essas coisas e ele foi trabalhar assim no primeiro ano que foi 82.

Já em 83, 82 foi um ano bom, não foi ruim deu para gente virar. Em 83 foi melhor, começou, melhorou ainda mais para gente, para minha família, começou as aulas e eu tinha criança em idade escolar, minha filha mais velha em 81 seria o ano que ela iniciar estudar e ela ficou sem ir para escola, estavam em construção as escolas nas fazendas, nos sítios, várias escolas, assim, em várias partes”.

Dona Anita, com sua calma natural conta então as dificuldades em relação à produção que não foi muito boa, entretanto consegue sobreviver com o que foi plantado de “miudeza” e com a ajuda do INCRA para a compra dos alimentos e com o trabalho do marido em outras fazendas. Apesar do resultado ruim da primeira safra, a situação não era desesperadora.

Mas em 1984, seu marido resolveu voltar para o sul e vendeu a terra que tinha. Ela se refere ao assunto da seguinte forma:

“... aí sem outubro de 84 não pude mais segurar o marido, que queria voltar para o sul. Ele se achava impossibilitado de continuar trabalhar ali. Ele é uma pessoa analfabeta em relação a banco, mexer com banco. Eu era leiga, então a gente tinha

muito medo, porque no sul nos vimos muitos colonos conhecidos da gente que perderam terras para o banco, essas coisas. Aí meu marido tinha medo de mexer com banco, vamos perder, vamos embora, lá a gente compra um pedacinho de terra, porque a gente começa a fazer financiamento e a coisa vai se endividando, amanhã ou depois a gente perde terra e me faz a cabeça para a gente voltar, eu não queria,... mas no final de 84 nos vendemos, começou a aparecer muita gente de grana para comprar e comprar e a gente acabou se envolvendo e vendeu nossa terra, coisa que mais tarde meu marido fala que não se arrependeu, mas eu me arrependi de ter deixado vender. Aparecem os compradores por lá e se acertam com o meu marido e tal e foram. (...). acho que pagamos só o financiamento só daquele primeiro ano, para aquela quantidade de hectares que eles mesmo abriram para nós, foi só esse primeiro a pessoa que comprou assumiu o que tivesse no banco para pagar”.

Vendido os duzentos hectares de terra, pago o primeiro financiamento voltaram para Ronda Alta, onde eles possuíam uma pequena casa. Ela narra o que aconteceu no Rio Grande do Sul:

“Voltamos para o Rio Grande do Sul e ficamos lá um ano e meio, aí compramos uns alqueiro da terra, pouquinho, três alqueiro [corresponde a 7,2 hectares]...Era bem perto da cidade e voltamos a trabalhar na roça de novo. Quando fazia um ano e meio que nos estávamos lá, ... meu irmão, que tinha ficado aqui, foi lá passear e aí ele incentivou a gente a voltar. Nós também já estávamos sentindo frio, já era diferente... as crianças meio pequenas indo na aula e tal. O meu irmão disse, as crianças nesse frio aqui, vamos voltar para lá, lá está bom, lá melhorou, se você visse como a vila cresceu, aí a gente falou para ele, a gente não vai conseguir o mesmo pedaço de terra. Aí ele disse, nós compramos menos. Compra um pedaço, aí meu marido concordou e eu também e acabamos no mesmo dia, ele procurou negócio e arranhou comprador para a terra, vendemos de novo... em 86, exatamente 86,... e em maio nos viemos para cá, 86 compramos seis alqueiro [quatorze hectares e meio] do meu irmão mesmo e ficamos morando junto, perto dele”.

De volta a Mato Grosso não mais com duzentos hectares, mas agora com quatorze e meio, recomeçaram junto da terra do irmão. Diz Dona Anita:

“Eu cuidava da casa, só da casa então ele cuidava dos seis alqueiro dele, trabalhava de peão para os outros, que daí na época o pessoal estava um pouco melhor, os que permaneceram, os que ficaram ali, os que chegaram. Os que compraram as terras, quase todas já tinham um tratorzinho e tal, então ele trabalhava de peão para os outros, plantava a terra para ele e cuidava para o meu irmão. Meu irmão já tinha um tratorzinho aí já comprava a semente junto dele, o adubo, tudo já seguia, tudo assim para a gente plantar, mas nada que desse lucro assim para ficar bem, ajudava, mas ele trabalhava sempre de peão, direto...Nós fizemos uma mudança, aí vendemos as terras de volta para meu irmão e fomos pra Terra Nova”.

Outra vez Dona Anita e sua família tornam a migrar, agora para Terra Nova, com outras expectativas:

“Em Terra Nova compramos uma terrinha, lá também, de sete hectares, construímos casa em cima, ele começou a plantar novamente, mas daí eu procurei a secretaria da educação daí voltei a dar aulas em 90, ano de 90 lá em Terra Nova como professora substituta [quando D. Anita diz que voltou a dar aulas é porque já trabalhou com professora na reserva indígena Kaingang no Rio Grande do Sul e em Lucas do Rio Verde, neste último lugar por pouco tempo], comecei a dar aula”.

Dona Loireci não era formada, havia uma carência de professores no estado, mais especificamente nas áreas de colonização, o que fazia com que esses professores, chamados de leigos, fossem contratados para suprir a deficiência na salas de alfabetização e nos primeiros anos do ensino.

E sua narrativa continua.

“...eu tinha informação que lá tinha o LOGUS dois, supletivo. Foi isso o que me incentivou a ir para lá. Vou para lá porque já estou bem defasada com meus estudos, já com trinta e poucos anos, aí eu fuilá para..., e comecei a dar aulas e já procurei voltar a estudar(...) dei aula ... em 90 e 92... meu marido trabalhava na roça, mas também o lucro não era assim para se manter, ainda bem que ele trabalhando bem, sempre foi trabalhador, plantou milho, a gente tinha vaca de leite, plantava mandioca, criava muitas galinhas, então o que vinha dali da terra da gente tinha, mas o que vinha do mercado daí era por minha conta. Eu ajudava no sustento da casa, no material das crianças para estudar, no vestuário fiquei em Terra Nova até 92, final de 92 foi que me formei... em 93 já iniciei a trabalhar aqui em Lucas do Rio Verde”.

Dona Anita retorna a Lucas do Rio Verde em 1993 e começa a trabalhar como professora, mas eles já não são mais proprietários de terras, não conseguem mais comprar nenhum pedaço, nem poucos alqueiro.

“Vendemos lá em Terra Nova e não conseguimos comprar outra terra aqui, só compramos esta casa. Fico muito triste e emocionada ao mesmo tempo. Ai comecei a dar aula aqui... para um pouquinho, eu me emocionei...Falar que da terra só sobrou isso aqui, essa casa. Dos duzentos hectares para um terreno”.

A historia de vida Dona Anita fala por si só, quantas dificuldades, quantas idas e vindas, quanta perda.

Dona Consuelo, que foi para Lucas do Rio Verde em 1983, morou sempre na zona urbana e os problemas dela foram assim narrados:

”Nós puxávamos água do poço, então, às vezes faltava água, a gente ia ao rio lavar roupa e aquilo se tornava até uma diversão. Você acabava tomando banho ali no rio e tal essa coisa assim bem ligada a natureza e também ligada a necessidade que a gente tinha de providenciar o viver da gente, lavar a roupa, tomar água, fazer o alimento então nessa época era tudo muito difícil, dependia muito do esforço pessoal de cada um não existia uma torneira que você abrisse, um interruptor que você ligasse era tudo muito precário.”

Fora essa questão séria da falta de água encanada, da falta de energia elétrica, que são complicações sérias. Dona Consuelo apresenta outra situação difícil para o casal. Relata à colaboradora:

“O Paulo ganhou um lote, mas, não logo de imediato, não foi assim, chegando aqui já ganhou um lote, um ano e pouco depois conseguimos um lote na linha 11 e daí depois de uns dois anos que estávamos aqui já tínhamos quebrado um pedaço, feito um barraquinho em cima ... tinha um executor do INCRA e que ele assim, exercia muito poder sobre as pessoas, muito centralizador, muito corrupto também, muito violento, e não sei se ele era tão violento quanto a fama dele dizia que ele era e que ele sempre cercado de pistoleiros e tal, nós sabíamos dessa fama dele. Como chegamos aqui e fizemos amizades com pessoas mais próximas de nós, que era o pessoal da escola, Klaus e a Beth, a Marlene, que era minha colega, o Evangelista, que era engenheiro do INCRA, ele tinha uma rixa com esse grupo e por tabela

começou nos ameaçar. Como éramos muito jovens, sem experiência nenhuma de violência, de nada, nós achamos por bem ir embora. Imediatamente fomos embora, e ficamos fora daqui uns oito ou dez meses, e depois retornamos para Terra Nova, de lá viemos para Lucas de novo, então já com a informação que esse homem havia sido banido daqui e que no lugar dele estava um coronel do exército...”

Apesar de ter retornado para Lucas do Rio Verde, o seu marido não conseguiu recuperar o seu lote de terra junto ao Incra. Relata Dona Consuelo:

“... no nosso caso ele se negou a resolver e ele, como eu falei ontem, ele disse para o Paulo, que o Paulo tinha, pelo nível de instrução do Paulo, Paulo disse que tinha ensino médio, segundo grau, como na época se falava, ele disse que o Paulo era um intelectual, não precisava de terra para trabalhar, que ele fosse ganhara vida de outra feito, ele levou isso a sério e não morremos de fome até hoje, não tem interesse para produzir, para plantar, mas assim, na época tínhamos terra sim ,e perdemos, simplesmente foi dada para outra pessoa”.

Dona Joana, outra colaboradora contou também suas complicações ela relata.

“... eu fui morar numa casa muito simples, os móveis que eu tinha trazido não davam para instalar dentro da casa, uma parte ficou fora, o fogão a gente nem instalou porque a gente só tinha fogão caipira, que o pessoal chamava. A água vinha através da roda d’água bem distante da casa, nem sempre a aquilo funcionava, tinha dias que faltava água e eu não tinha outra mulher junto comigo, era eu e minhas duas meninas. Os homens saíam para trabalhar e as vezes faltava água, as vezes eu ficava um dia inteiro sem água, porque eu não tinha como mexer, solucionar o problema, até porque tinha toda a questão do animais, da sucuri que ela se encontrava nesses locais na beira dos córregos, foi muito difícil, deu muito trabalho(...)”.

As casas eram de madeira, bem simples. Os homens iam abrir a lavoura. Eu era sozinha. A família do meu cunhado não veio. Ele vinha ficava uma temporada e voltava para o Paraná, sempre com aquela ideia que mais tarde a família viria. Eu fiquei ali... Eles saíam de manhã, voltavam na hora do almoço, almoçava e retornava para o trabalho e eu ficava com minhas atividades ali. Sozinha. Iam trabalhar e eu ficava. Eles iam trabalhar, derrubar o cerrado. Liberar, preparar tudo. Isso demorou de dois a três anos para abrir trezentos hectares, porque a outra área já estava pronta”.

Dona Joana, na sua narrativa utiliza as palavras “difícil” e “sozinha” demonstrando que sua vida na fazenda era de solidão e de dificuldades. Ela relata também as complicações advindas da questão do desconhecimento do solo e as consequências do fato para a produção agrícola. Diz ela:

“Aí a gente começou plantando arroz, mas como eles não conheciam a questão solo, sabiam plantar no Paraná, mas era de uma forma, aqui era outra e a gente demorou até pra conseguir fazer com que a lavoura produzisse. Plantava arroz, mas não era assim um arroz que produzia aquilo que a gente imaginava. Sempre a produção era menor, se plantava um ano arroz e depois se passa pra soja, que foi um pouco mais tarde, com variedade que não era adaptada para solo daqui. A questão também de não se fazer uma análise correta para se saber quanto de calcário usar, quanto de adubo era necessário. Muitas vezes o financiamento saía tarde demais; às vezes se

compravam os insumos antes de sair esse financiamento; já se pagava mais caro e chegou o momento em que as dívidas foram aumentado, vários planos que o governo, os planos econômicos do governo também influenciaram bastante para que não se tornasse mais viável mexer com a agricultura... não dava mais para se manter na terra. É muito difícil. Os juros aumentando. Nem sempre a gente conseguia financiamento no banco, você pegava de empresas que cobravam juros mais altos, que já venciam o prazo eles já queriam receber... não deu certo naquele sonho maior que a gente tinha, o sonho da terra”.

Mesmo plantando e colhendo “não o que se imaginava” duas questões se colocam para Dona Joana e sua família: o problema do desconhecimento da composição do solo e do financiamento da produção. O que se colhia não era suficiente para pagar os compromissos bancários e financiar a produção, a instabilidade econômica dos anos oitenta, a solidão, o isolamento, foram se tornando insuportáveis, a opção foi ir para a cidade em 1989.

Dona Giovana retrata sua trajetória de vida um pouco diferente das demais colaboradoras. Ela vai para Lucas do Rio Verde com onze anos de idade com os pais, morou com os pais até se casar aos dezesseis anos de idade. Relata as mesmas dificuldades quanto ao fornecimento da água na energia elétrica. Entretanto suas dificuldades foram outras e começam após o seu casamento. Conta Dona Giovana:

Fiquei dos onze até os dezesseis aqui em Lucas. Eu casei muito cedo... Casei aqui em Lucas. Só que eu casei e já em seguida mudei... Passamos anos puxando água de poço, com baldinho na manivela; foram vários anos, não sei exatamente quantos, mas foi bastante tempo... Energia elétrica também não tinha. Em alguns casos era instalado motor estacionário e onde que acabava puxando fio para um ou outro vizinho para ajudar também. Tinha a energia, mas só para luz, pra iluminação mesmo, não dava para ligar uma geladeira, um freezer, era só pra iluminação; ligava uma televisão, no máximo. Essa situação durou vários anos, eu não me lembro agora para te dizer exatamente quanto. Essa energia durava algumas horas, mas só à noite que normalmente ligava; anoitecia ligava o motor... Até que, com o passar dos anos, de mais alguns anos, veio a energia, energia do próprio município. Instalaram motores no município, daí a gente tinha algumas horas, algumas horas de energia durante o dia e algumas horas de energia à noite. Mas também desligavam tipo onze horas...

Jovem, casada aos dezesseis anos, sem estudar, cuidando de casa, frente a essa situação Dona Giovana resolveu dar uma reviravolta na sua vida. Retorna aos estudos, mesmo sem o apoio do marido e a partir daí começa a trabalhar fazendo uma dupla jornada, trabalhando em

casa e fora. Juntou um pouco de dinheiro e começa seu primeiro negócio no ramo que trabalha até hoje.

Situação delicada também passou Dona Mariana. Foi para Lucas do Rio Verde para casar com o filho de um proprietário de terras, casou grávida e nesse momento as suas dificuldades começaram. Dificuldade na vida pessoal, na vida financeira e frente a situação desfavorável surge então a oportunidade de trabalho para ela e ao mesmo tempo a possibilidade de poder estudar outra vez.

Relata Dona Mariana:

Nosso casamento foi muito bonito, tudo foi muito novo para mim... eu estava muito feliz naquela época, eu acho que não tinha caído a ficha do que estava acontecendo. Depois desse casamento nós fomos morar na zona rural que era a fazenda do meu marido, dos pais dele. Aí sim a ficha caiu, começaram as dificuldades, a primeira dificuldade muito grande que a gente viveu foi a perda do filho. Porque eu estava grávida. Até porque, o motivo principal foi a questão do atendimento médico, que era muito carente naquela época, as condições médicas eram muito precárias, então eu acabei tendo, precisando de um atendimento mais especializado que não tinha e eu acabei perdendo o neném com seis meses de gravidez. Então eu acho que isso já ajudou assim a amadurecer bastante os dois, o casal novo que estava ali e depois começaram a surgir coisas boas. Passávamos na época por muitas dificuldades, meu sogro veio para cá... em busca de grandes áreas de terra, de uma melhora de vida... compraram uma área muito maior... aí começou as dificuldades. A questão da própria produção é difícil, o custo é elevado, nem tudo é o que precisa ser. Então começaram as dificuldades financeiras também. Meu sogro começou vender um pouco de terra, maquinário e eu e meu marido tivemos que começar também em trabalhar, foi ali que meu marido achou um serviço numa fazenda vizinha, não demorou muito tempo porque meu sogro, como ele era filho único, não aceitava a ideia de o filho trabalhar com outra pessoa e não com o pai. Mas enfim foi uma experiência. Surgiu então a oportunidade de eu começar a dar aula. Naquela época nós tínhamos vinte e três escolas, escolinhas na zona rural; cada escolinha em uma comunidade... Naquele tempo... em 88, 89 aproximadamente, surgiu essa oportunidade. Eu fui convidada a dar aulas numa dessas escolinhas. Ela se situava na comunidade onde nós morávamos que era no Setor Cinco, próximo à comunidade do Campinho Verde, que depois eu também trabalhei lá. Então comecei a trabalhar numa escola e eu teria que continuar meus estudos para isso. Então surgiu a oportunidade de eu fazer o Lócus dois, na época, que habilitava o professor nas séries iniciais. No outro ano, já comecei a trabalhar à tarde em outra...

Enfrentando problemas com a perda do filho, os problemas na produção na fazenda, Dona Mariana e seu marido resolveram trabalhar fora e ela conseguiu começar a dar aulas iniciando assim sua nova trajetória na sua vida.

Nas narrativas dessas mulheres, algumas palavras são chaves: dificuldades, sofrimento, solidão, perda; mas cada uma a sua maneira vislumbraram estratégias para superar as adversidades impostas pelas situações adversas.

4. O trabalho: mudanças e conquistas.

Todas as entrevistadas trabalharam muito cada uma dentro das suas possibilidades e limitações. Algumas, as que se deslocaram para a cidade, como a Dona Eliana, permanecem com as suas propriedades agrícolas.

Dona Nívia, que vendeu sua terra foi morar na zona urbana. Da mesma forma, Dona Manuela, que também vendeu seu lote e passou a residir no centro urbano de Lucas do Rio Verde. Dona Anita, que depois de muitas mudanças, acabou escolhendo a cidade de Lucas do Rio Verde para morar.

Dona Tereza reside também na mesma cidade. Dona Consuelo, desde que retornou a Lucas, nunca mais quis ir para outro local. Dona Joana, por sua vez, também se tornou professora, e mora hoje em Lucas do Rio Verde. O mesmo também aconteceu com dona Giovana, que retorna a Lucas do Rio Verde, onde abre duas lojas e possui uma terceira em Tapurah. A jornalista que começou como professora, Dona Rosa é hoje, proprietária do jornal Folha Verde em Lucas do Rio Verde e Dona Mariana que também é professora, e reside em Lucas. Todas elas relatam abaixo as suas histórias de superação de dificuldades.

Dona Eliana conta abaixo como foi a sua vida de trabalho. Em primeiro lugar na fazenda e depois na cidade.

“Então eles iam trabalhar, mas eu ficava sozinha no meio do cerrado. Ali eu mal ouvia o barulho dos tratores: era a referência que eu tinha que não estava tão distante deles era o barulho dos tratores. Mas como havia muito pistoleiro na época, existia aquela história toda que havia onças e etc. e tal, e eu tinha que lavar roupa, eu tinha que ficar fora do barraco para lavar roupa. Eu lavava roupa normalmente com a espingarda encostada no tanque e o revólver na cinta, digo “bem, de repente eu me sinto protegida fazendo isso, né?”... Na parte da manhã eu fazia isso, arrumava o almoço, fazia as coisas que tinham que ser feitas, e à tarde eu ia para a lavoura.

Então, na época tinha catação de pau, era derrubado o cerrado no correntão, depois ia com trator e sobrava todos aqueles paus pra catar. Então vamos lá catar toco e fazer os montinhos para pôr fogo. Então era uma vida totalmente diferente da vida que eu tinha... e, de repente, me vi no meio de uma lavoura, tendo que cuidar de uma lavoura. Mas era o que a gente havia proposto e foi assim que acompanhei meu esposo desde o início, desde a catação de pau; aí fomos plantar arroz.... Na verdade, na época trabalhava meu marido e um tio dele.... Então eu fazia o almoço, eles vinham meio-dia, os dois vinham para casa, almoçavam e daí em seguida eu já ia com eles pra lavoura e a gente ficava na lavoura até escurecer. Era assim, tudo era feito com muita precariedade, nós não tínhamos fogão a gás, era fogão a lenha, lenha que eu cortava no machado. E era dessa maneira que a gente sobrevivia aqui.

Dona Eliana se desloca para ir morar na cidade. Na verdade as terras da sua família são muito próximas da zona urbana onde é hoje Lucas do Rio Verde.

“Onde é a cidade aqui hoje era nossa terra. Daqui até aproximadamente três mil e seiscentos metros para dentro aqui... para cá tudo é nosso. Então hoje aqui esse Loteamento Bandeirante que é nosso também, que a gente parou de plantar soja e partiu para o setor imobiliário. Paramos de plantar em partes aqui porque a gente comprou, adquiriu outras fazendas, então partimos para área imobiliária, mas era tudo em volta aqui da cidade eram terras nossas sim.

Nossas terras sempre foram próximas da cidade, era só atravessar a estrada aqui, a BR. Sempre trabalhei em casa.(...)

Com o passar do tempo, a cidade começou a desenvolver; aí a gente acabou pegando funcionários pra trabalhar. Aí vieram mais filhos, que vão tomando o tempo, não tem como continuar. Mas era essa lida aí, desde tirar leite, fazer queijo e tudo. Mato Grosso acabou ensinando muita coisa. Em 94 foi que a gente passou a mexer com imobiliária.

Aí, em 94, houve assim uma expansão boa da cidade, um crescimento legal, e algumas pessoas vieram e colocaram para nós: “Olha, a lavoura de vocês já está muito em cima da cidade.” Ficava até beirando o asfalto; aí é veneno, uma coisa e outra. “Vocês de repente não achariam interessante fazer um loteamento?” Até foi o antigo prefeito Paulo Nunes que sugeriu “Por que vocês não fazem um loteamento assim, assim, assim?” E aí veio a ideia de a gente fazer esse loteamento, que a princípio era Bandeirante, Bandeirante I. Como que nós vamos fazer? Imobiliária de confiança na época? Existiam muito poucas pessoas que trabalhavam nesse setor. Aí meu esposo disse assim “E se agente abrisse uma imobiliária? O loteamento é nosso, se nós abrissemos uma?” Ele falou assim “Eu te auxilio um pouco e você toca essa imobiliária.” Eu falei “Criatura do céu, eu não tenho estudo suficiente pra mexer com uma coisa grande!”.

Nossa lavoura era dentro da cidade, e o *Bandeirante* era assim uma questão de atravessar a BR já estava na cidade. Então, com a possibilidade de a cidade estar crescendo, veio à ideia do antigo prefeito da gente abrir um loteamento novo e que daí deixaria de plantar próximo da cidade, não haveria problema de veneno para as pessoas que moravam ali. Aí surgiu a ideia da imobiliária, aí meu esposo falou “Vamos abrir a imobiliária”.

Foi na raça, levando no peito, vamos embora, vamos levando a coisa e graças a Deus funcionou. Nós conseguimos vender bem os terrenos no início, depois veio aquela crise da agricultura, em 94, que deu um baque que derrubou pra valer...

Hoje a gente tem uma fazenda. Continuamos na agricultura; plantamos, continuamos plantando. Teve um período que a gente trabalhou com suínos - a primeira granja de suínos do Estado de Mato Grosso, aqui dessa região, foi nossa, nossa e do Otaviano. Começamos juntos; daí trabalhamos um período com suínos também. Ele continua meu esposo, continua na agricultura.

A entrevistada narrou todo o seu esforço trabalhando e ajudando o seu marido desde a chegada a Lucas do Rio Verde. Relatou a expansão urbana de Lucas do Rio Verde e falou a sua vontade de trabalhar em algo que não fosse a agricultura e descreve as suas atividades atualmente e os seus planos para o futuro.

Dona Nívia, em seu relato diz que sempre trabalhou na lavoura desde criança.

“Eu trabalhava, a gente trabalhava, em lavoura. Ajudava na lavoura, porque naquela época era carpir, capinar, muito sofrido, nossa! Tinha que plantar o feijão, tudo manual, tudo. Carpir sabe, em dez, às vezes estávamos em dez na lavoura: irmãos, mais pai e mãe carpindo, carpindo, assim, naquele sol, sempre!

Plantava, naquela época, feijão, arroz, uma fruta, coisas... Depois que começou vir trator, aquelas plantadeiras com trator. Mas isso de espalhar o calcário, em vez de ser como hoje, na máquina, era no balde: botava no balde, era manual...”

Quando veio para Lucas do Rio Verde, para as suas terras, também dedicou muito, tanto ao trabalho doméstico quanto a ajudar o marido na plantação. Dona Nívia conta um pouco do que foi a sua vida de trabalho não período que ficou no seu lote.

“Aqui a mulher tinha que ser fera para aguentar. Eu dirigi trator sem saber, eu não sabia. Meu Deus eu não sabia o que..., que era frear, acelerar. Quando mandava frear eu acelerava. Passava calcário com uma maquininha”.

Eu ajudava, eu trabalhei muito na vida, Nossa Senhora! Aí desde que viemos para a cidade. Eu sei que foi duro, eu me lembro um dia que eu desmaiei quando carreguei uma carreta. Tinha aqueles carretos, a gente conseguiu comprar um tratorzinho, carreto daquela caixa grande, duas caixas, sabe? E o meu marido tinha muito problema de coluna, mas não dava para pagar empregado; eu tinha que ajudar, mas aquele dia eu desmaiei porque carregamos, eu e ele, ele é homem, mas eu tinha que erguer para botar na cabeça, e ele do meu lado que força, saco de adubo de 60kg aquele dia eu desmaiei. Eu nunca vou esquecer daquele carreto cheio, mas aquele dia eu desmaiei. Quando eu terminei, sentei, e me deu sabe aquela tristeza, aquela coisa, desânimo. Porque eu pensei gente isso não é serviço de mulher, mas não tínhamos o que fazer, não tinha, não tinha. Se tivesse hoje lá na fazenda, aquela casa que eu tinha, com muita fruta, gente do céu, quando vinha do sul, você é louca tem todo tipo de fruta, sabe? Nós plantávamos muito pé de fruta e você não via uma folha no chão... Quero dizer uma coisa, era tudo rastelado, era tudo limpo, era tudo feito em casa, era aquele trabalho sabe: lavar, almoço, na lavoura quando eles plantavam...Tudo que tu fazia em casa era um sofrimento, aí tinha porco, tinha vaca, tinha pato, tinha casa, comida, os meus filhos”.

A colaboradora demonstra não só a sua vontade, mas também a sua determinação em trabalhar, contribuir, mesmo que chegue a exaustão. Fala em sua entrevista sobre seus afazeres domésticos, de cozinhar, limpar a casa. Dona Nívia reflete bem o trabalho da dona de casa no campo.

A entrevista de Dona Manuela reflete também a determinação dessas mulheres migrantes, trabalhadora, companheira que ajudou o seu marido, não só fazendo no trabalho de

casa, mas, também na lavoura e quando ficou sozinha na terra para que ele trabalhasse fora, cuidou de tudo, dos filhos, da horta, dos animais. Dona Manuela conta a seguir um pouco do seu trabalho nas suas terras.

“Os nossos maridos tinham que trabalhar fora, nós ficamos na terra”. Nós mulheres cuidávamos de porco, vaca, galinha e os maridos iam trabalhar de empregado nas fazendas vizinhas... Nós éramos mulheres que lutavam, porque nós viemos de lá com sete, oito galinhas, um porquinho, uma vaca cada um...

Chegou uma época lá que a gente tinha um trator, tinha ceifa, tinha tudo; aí, a máquina lá não pegava, o marido dizia: “Ô mulher vem aqui puxar, seja motorista, aqui é a embreagem, aqui o acelerador, vamos lá, vamos puxar o trem aí!” Ele subia em cima da máquina porque estava atrás, porque daí essa não tem perigo de bater na da frente, aí se você não tem onde bater. Vai lá, na frente no trator, aí aqui você tira o pé da embreagem e acelera que o bicho vai, aí quando largava aquela embreagem dava golpe, dava aquele soco, aí arrastava a ceifa daí quando pegava ele dizia tira o pé da embreagem freia. Parava, desengatava, não tinha bateria, vai lá tocar no arranque que pega aí no tranco. Pegava então a gente aprendeu um pouco de tudo. Hoje nós somos mecânico, motorista, lavradora, catadora de pau, de tudo, e hoje nós estamos aqui, então nós batalhamos...

A gente ri agora, mas na época tinha que ser fera. Nós somos fera. Nós aprendemos de tudo...

No começo nós não pagávamos empregados; nós tínhamos a terra lá. Eu e meu marido descarregávamos os caminhões de adubo, ele dirigia o trator e eu ajudava a abastecer a plantadeira, carregava saco de 60 kg. Assim, sozinha, abastecia a plantadeira e depois quando a plantadeira estava cheia subia em cima da plantadeira e cuidava para ver se desciam todas as carreirinhas de soja - que nem homem. E eu na época tinha uma pedra no rim de três centímetros, eu quase morri em cima daquelas máquinas. Daí chegou um ponto que eu ia morrer mesmo. Eu vim para o médico e o médico disse você vai para Cuiabá por que senão você vai morrer mesmo”.

Dona Manuela explica como foi e porque mudou para a cidade, fala de seu trabalho e como vive hoje na zona urbana de Lucas do Rio Verde.

“Já faz quinze anos que eu moro aqui na cidade”. Eu vim antes quando a gente vendeu aquela terra, a primeira, doada pelo INCRA. A gente veio para a cidade porque acabou a escola das crianças lá. Meus filhos precisavam estudar eles já tinham colégio aqui na cidade.

Nosso lote, como era mais para trás, a gente não tinha colégio; acabou a 4ª série, eu vim para a cidade para as crianças estudar, só que a gente continuou na terra. Aí no outro ano a gente vendeu aquela primeira terra que estava cheio de dívida e comprou outra, essa outra terra - a segunda.

Só que aqui na cidade... Já tenho 15 anos que estou morando na cidade e estou vivendo do rendimento dessa terra. Trabalhei aqui na cidade, eu trabalhei oito anos de zeladora no cartório aqui de D. Rosa, oito anos de zeladora, meus filhos também...eu também sempre trabalhei, oito anos de carteira assinada no cartório de D. Rose, que é falecida, foi muitos anos dona do cartório...

Não sou aposentada, sou vendedora autônoma, trabalho por conta e mexo com excursões, eu não estou sem trabalhar. Hoje faço excursões a Aparecida. Minha amiga Nívia faz comigo também, eu faço excursões...estou trabalhando, lutando, não parei, vendo perfume, não paro, cuido da minha casa, da minha filha...aí eu cuido da minha casa, dela, das coisas dela também e trabalho nisso que te falei; mas, assim, não é aquele trabalho de horas, se posso assim dizer. Eu não tenho horas para cumprir, é conforme o que eu posso na minha possibilidade de tempo, mas estou

trabalhando, lutando. A gente está tão acostumada desde nova levantar da cama e trabalhar o dia inteiro, sim. Quando eu vim para a cidade fiquei doente, você acredita? Por isso que eu fui trabalhar... Hoje eu estou com essa terra ainda, a minha parte. Eu permaneço com minha terra, hoje estou com trezentos hectares que é fruto daquela terra ainda. É a minha renda hoje. Ela está arrendada. É minha, e planta soja nessa terra, é minha sobrevivência hoje, eu estou sobrevivendo dessa terra, desses trezentos hectares. É parte minha da separação”.

Dona Manuela expõe a sua situação atual, em 2006. Separou do marido, mora na cidade, não é aposentada, vive do arrendamento de suas terras que ela e o marido conseguiram comprar depois que venderam o primeiro lote, aquele que receberam do Incra. Ela continua a trabalhar e pretende continuar em Lucas do Rio Verde.

Dona Anita tem uma história de vida caracterizada pelos deslocamentos constantes. Vem para Mato Grosso, a primeira vez em 1981 pra Terra Nova. No mesmo ano volta para o Rio Grande do Sul. Retorna a Mato Grosso em 1982, desta vez para Lucas do Rio Verde. Em 1984 deixa Lucas e vai de novo para o Rio Grande do Sul. No ano de 1986 está de volta a Lucas e no final de 1989 vai de novo para Terra Nova, ficando lá até o final de 1992 e início de 1993 voltou a morar m Lucas do Rio Verde, onde concedeu a entrevista em 2006.

Dona Anita, com afirmei acima voltou a morar em Lucas do Rio Verde em 1993, quando volta a dar aulas e relato o seu trabalho como professora e se refere ao curso de graduação em Pedagogia que ela concluiu e que lhe abriu muitas portas mudaram a vida de Anita:

“Comecei a dar aulas aqui perto, em 95, era uma escola municipal”. Foi assim, eu dei aula em 93 no interior. Em 94 dei aula em uma escola do estado aqui na cidade, daí em 95 iniciei no município novamente e estou até hoje. O nome da escola era Érico Veríssimo.

Foi na escola Olavo Bilac, a primeira que eu dei aula no interior. Ela foi desativada. Agora, faz poucos anos que construíram essa escola grande aí que funciona de 5ª a 8ª séries e aí colocaram o nome de Olavo Bilac.

Fiz o concurso e efetivei com quarenta horas. Na época que eu fiz o concurso, estava uma beleza, tava até mais nova, mais animada, mas agora está puxado; só que foi assim, o concurso tinha para vinte horas, na época, e quarenta horas. Como eu já tinha feito dois concursos anteriores e não tinha conseguido, eu já estava meio desanimada; daí eu pensei bem já que tem para quarenta horas, vou matar dois coelhos com uma cajadada só, aí fiz para quarenta horas. Passei, passei até bem, fiquei em quinto lugar e assumi, só que hoje financeiramente tudo bem, beleza, mas é um trabalho cansativo, e depois eu continuo sendo professora lá na escola, enfermeira, muitas vezes mãe de aluno, sou dona de casa, esposa, mãe, cuido de minha casa...

Afaculdade que eu fiz aqui foi extensão de Sinop, da Universidade do Estado de Mato Grosso. E só consegui fazer porque foi aqui”

Esses dois fatos demonstram a força e a persistência de Dona Anita que ainda pretende segundo ela em sua entrevista fazer uma pós-graduação.

Dona Tereza chegou a Lucas do Rio Verde já graduada em Letras e Literatura e junto com o seu marido teve participação fundamental na estruturação do ensino do público de Lucas.

“Como já disse, eu vim para Mato Grosso casada, com quatro filhos. O menor deles com quatro anos. O meu marido já tinha vindo antes, tinha esse censo feito, então os grupos... sabíamos quem tinha mais estudo, quem aceitava dar aulas, isso aí ele já tinha mais ou menos em vista. Então refizemos essas... essas histórias e vimos mais ou menos onde instalar as escolas, porque o Incra já tinha, no começo, cinco escolas distribuídas aqui. Mas eles não pensaram, construíram cinco escolas de madeira, mas entre o serviço de escritório e o campo é outro caso, então não era bem onde estava o ajuntamento de pessoas que eles construíram as escolas. Então a gente pensou fazer onde tinham famílias com crianças e às vezes a gente fez assim chapéu de palha mesmo, mas foi começando, boa vontade de todo mundo, todo mundo aqui tinha vontade de ficar e crescer e então a gente conseguiu. Éramos mais ou menos cem aglutinadores. Eu acho que a gente serviu de ponte, de encontro de tudo isso. Nós tínhamos o apoio de Diamantino, nós pertencíamos a Diamantino. E o prefeito de lá nos apoiou muito no começo. Para ele dava graças a Deus que tinha alguém aqui que cuidava da educação. O secretário de educação ficava feliz conosco então, porque antes era o padre Mateus que passava de vez em quando. Quando ele fazia o batismo do pessoal ele levava... tinha algumas crianças e ele levava o registro das crianças para lá. Tudo nessa base, então era assim... fomos muito bem vindos...”

Professora concursada Dona Tereza leciona no período noturno e diz.

“...eu vinha à noite porque eu não lecionava de primeira a quarta; lectionei de quinta em diante, que era a minha faixa. E era assim, depois das dez e vinte, a gente saía, onze e trinta...”

Dona Tereza foi candidata a vereadora, sendo eleita na primeira eleição municipal de 1986, demonstrando assim a sua efetiva participação na vida política de Lucas do Rio Verde,

“Nessa época, em oitenta e seis, oitenta e oito, Lucas foi elevada a município. E daí houve a primeira eleição. E na primeira eleição entrei como vereadora... Eu tinha trabalho, todo mundo me conhecia. Era uma coisa assim meio que... se bem que foi difícil, viu? Com a turma que estava aqui, para votar em mulher não era brincadeira. Peguei lanterninha, lá atrás, mas entrei, fui eleita pela oposição. Isso que é curioso, havia tudo isso, era conhecida, tinha serviço prestado, mas mesmo assim foi difícil... Fui eleita vereadora, sou PDT. Ter instrução, ser formada, acho que aí já era mais respeitada por isso... Havia respeito por esse conhecimento. Quando apareciam as encrencas maiores e quando o então Presidente da Câmara não sabia como falar com determinada pessoa, ele me botava para fora, não que eu sabia falar e brigar, mas... Com isso a coisa foi indo, eu era um incômodo, sem dúvida que eu era, mas a minha função, já que eu não podia influenciar tanto no executivo a gente mantinha a população informada acho que esse era o meu ponto mais ... deixar transparecer”

A entrevista de Dona Consuelo é rica em informações sobre as suas atividades desde o momento da chegada até 2006, data da entrevista. Ela informa que chegou a Lucas do Rio Verde e já estava com emprego garantido.

“...no final de fevereiro[1993]ele mandou uma cartinha por um casal de amigos que ele fez aqui e que eram de Ronda Alta e que eu poderia vir, que tinha escola para eu trabalhar. Então arrumei minhas coisas e vim.”

Dona Consuelo descreve detalhadamente sua primeira turma, seu trabalho como professora, as situações que o município atravessou na área da educação. A importância do papel da escola para a comunidade luvardense.

“Quero falar da minha primeira turma. Eu cheguei, comecei já a trabalhar com uma terceira e quarta séries. Duas séries na mesma sala. Não tinha carteira; eram bancos feitos de madeira em que eles sentavam, e escreviam em outro banco, da mesma altura. Não tinha quadro, é, não tinha. Só tinha as quatro paredes, e as crianças não tinham material, não tinham nada. Então, nesse primeiro momento, foi muito improvisado. Escrevia e preparava as atividades em papel sulfite, em casa, com pincel atômico, e botava na parede. Eles iam copiando e eu ditando, terceira e quarta séries, trabalhavam em grupos e assim fui organizando...”

Nessa época a escola era do município de Diamantino, eu era funcionária do município de Diamantino. Depois foi criada a escola Dom Bosco. Permaneci na escola Dom Bosco durante dez ou doze anos trabalhando apenas na escola Dom Bosco. A escola tinha um papel muito importante na comunidade. Assim, novas cabeças, cérebros, estavam ali dentro da escola. A gente tinha influência na comunidade, tinha muito respeito. Também gerava polêmicas, qualquer coisa que acontecia na escola era muito comentada na comunidade. A cidade era muito pequena, e a escola era muito importante. O Klaus e a Beth eram pessoas muito dinâmicas, e a gente teve que fazer um trabalho muito bom para a época. Hoje eu vejo quanto bom era o trabalho lá naquela época, até a criação do ensino médio. Parecia impossível porque não estava autorizando escolas. Recém tinha começado aquele núcleo tal e de repente saiu publicado. Cada conquista era muito festejada e as coisas acontecendo, vindo até rapidamente, e o povo se organizando.

Em 1992 o marido da Dona Consuelo, foi eleito prefeito de Lucas do Rio Verde e ela nos conta como foi a sua participação na prefeitura, fala do seu trabalho na Ação Social do município e na Secretaria de Educação. Sua efetiva participação na política em Lucas do Rio Verde, sendo eleita vereadora em 2004 e sua trabalho junto a igreja na pastoral. Dona Consuelo diz:

“...acredito que trabalhei bem. Fiz um trabalho bem voltado para a educação, primeiramente na Ação Social, através do Clube dos Idosos, do projeto Educando para a vida, trabalhamos com 120 adolescentes já na época. E com uma creche Menino Jesus, implantamos a APAE, criamos a associação de pais e amigos dos excepcionais, enfim, fizemos um trabalho ligado diretamente à comunidade. Depois nos dois últimos anos eu fui para a Secretaria da Educação... Então na secretaria foi um trabalho muito gratificante e eu acredito assim, que a gente tem oportunidades e que a gente tem que semear. Eu acho que muita coisa que a gente semeou permanece até hoje e isso foi pra mim, é pra mim até hoje, motivo de orgulho de ter exercido essa função”.

Eleita vereadora em 2004, Dona Consuelo relata um pouco da sua vida, dos seus compromissos quase de diários nesse período da entrevista.

”Sou uma mulher trabalhadora. Em vinte e quatro anos, este é o primeiro ano que eu não tenho quarenta horas-aula, quarenta horas de trabalho na escola,

porque eu tenho um período livre, entre aspas, para eu me mexer dentro desse período. Então é assim: de manhã estou em sala e à tarde eu me dedico a outras atividades; eu trabalho na câmara, visito as pessoas, venho à escola dar reforço, preparo minhas aulas, trabalho na catequese, vou à pastoral da criança. Lá temos um grupo de mulheres, um projeto a que dou assessoria, faço a parte contábil para elas; com o pouco conhecimento, mas assessoro. Trabalho com a formação também delas; cuido da minha família. À noite estou mais em casa. Agora, esse ano têm menos reuniões à noite na câmara; e, é assim, estou mais organizada. Sempre fui muito sobrecarregada de atividades, exageradamente envolvida em muito mais coisas; agora esse ano, apesar de tudo isso que eu falei que eu tenho que fazer, eu tenho o período da tarde pra me organizar; então é assim que está a minha vida hoje.

O trabalho na pastoral envolve mulheres muito pobres... A pastoral da criança ela tem como objetivo promover a vida. Ela não põe nenhuma barreira religiosa e nem uma barreira econômica; quer dizer que se você se sentir acolhida para ir lá levar sua criança, apesar de ter um poder aquisitivo grande você pode ir, mas quem é que precisa da pastoral da criança? As mulheres e as famílias de baixa renda. A gente tem como missão dar subsídio na educação e na saúde também, que a pastoral da criança na verdade ela nasceu para salvar vidas. Nossas crianças estavam morrendo de diarreia. Então a gente trabalha com as cinco ações básicas de saúde e com orientação, a educação dos filhos. E paralelo a isso a pastoral tem alguns projetos. O que está funcionando em Lucas hoje, funcionando bem é o projeto “Geração de Renda”. Nós temos uma cozinha ali muito bem montada e elas produzem salgadinhos, massas, pães e vendem e geram renda... Para elas. Elas deixam um percentual para a pastoral, para a conservação do patrimônio e até porque elas não pagam nem luz nem água. A pastoral tem um veículo que elas usam também, uma Kombi, e a gente, elas, vendem isso e o resto é partilhado proporcionalmente ao tempo de trabalho de cada uma, então gera renda para melhorar a qualidade de vida delas. A gente tem curso ali, tem distribuição de donativos porque todo mundo confia na pastoral; então manda para lá, o próprio juiz, as penas alternativas. Então a gente faz um trabalho de assistência social entre aspas sempre buscando uma educação, então a mãe vai lá pedir uma cesta básica a gente pergunta assim você está trabalhando? Não, não está trabalhando. Tem vontade de prestar algum serviço na pastoral? Você quer então ir lá fazer uma faxina? Pode ajudar na pesagem? Pode um dia na semana? A gente procura incentivar, despertar nela a auto-estima e despertar a vontade de ela produzir sua própria existência para sua própria dignidade quando você só ganha, você não sente prazer então a gente faz um trabalho muito interessante e muito gratificante também.

Eu comecei a trabalhar na pastoral da criança em 1990, ano em que adotei meu filho Paulo Henrique. Quando a irmã veio para cá e implantou a pastoral da criança a gente começou. Quase todo mundo era do sul, dos estados do sul, hoje a realidade mudou. Porque a maioria, se você conversar lá quem são elas vão dizer assim “são maranhenses”. Nesse termo maranhense está embutido todo o nordeste e tem muita gente do Maranhão que vem e também de outros estados do nordeste, Alagoas, Sergipe, da Bahia, que vem para trabalhar nas empresas; e acabam ficando, se estabelecendo e tem uma dificuldade econômica muito grande no começo. A pastoral procura estar subsidiando...”

Outra entrevistada, Dona Joana, informa também sobre a oportunidade de trabalho que apareceu para ela e que modificou a sua vida.

“Essa preocupação com a educação ela existia sim. Mas a gente sempre pensava assim quando a gente estiver mais estável, tudo organizado, a gente vai pra cidade. A gente vai buscar oferecer para nossos filhos uma condição de vida melhor. A preocupação com o estudo delas existia sim...”

Em 1987 surgiu uma possibilidade de abrir uma 5ª série do ensino fundamental na vila, em Grosilândia. Mas para que isso acontecesse precisavam de uma pessoa que tivesse o magistério, uma professora. E aí eu fui convidada pela comunidade pra fazer parte do grupo de professores e fazer com que funcionasse essa 5ª série. Eu comecei trabalhando, comecei trabalhando matemática numa

situação difícil, muitas vezes faltando material didático, a própria estrutura era deficiente. E em 88 surgiu o concurso do Estado. Eu juntamente com a professora que era a diretora da escola a gente foi fazer o concurso em Diamantino. E no ano posterior, em 89, eu fui chamada pra trabalhar. Aqui na cidade. E aí eu tive que vir para a cidade, deixei minha família lá, fiquei um mês morando aqui na casa de um amigo nosso, e justamente aí os professores do Estado entraram em greve. Então de cara eu já fui encarando uma greve difícil, porque naquela época se lutava mais do que hoje. E aí eu vim pra cidade e logo em seguida a minha família veio.

Eu falei: “a hora é agora”. E no mesmo ano de 89 a gente já alugou uma casa na cidade; daí já veio todo mundo. Para as crianças foi tudo novidade...

A escola, quando eu comecei a trabalhar, se chamava Dom Bosco. Mais tarde houve um desmembramento, a escola Dom Bosco ela vai para outro local e ali permaneceu a escola com o nome de José de Alencar. Eu comecei trabalhando com uma 4ª série. No ano seguinte eu fui pra alfabetização e trabalhei 17 anos. Acredito que uns 12, 13 anos eu trabalhei com 1ª série, com alfabetização e com 1ª e 2ª séries. A escola não era uma escola grande. A dificuldade que a gente encontrava era com o próprio material pedagógico, a questão da própria estrutura física da escola que não era uma estrutura agradável. O grupo de professores, a gente se dava muito bem, a gente buscava resolver os problemas junto.”

A colaboradora se refere a duas questões importantes para a sua vida. A primeira é a diz respeito a terra, pois a produção estava sendo inviável economicamente e a segunda aponta para a possibilidade de uma estabilidade de emprego, diz

“É emprego fixo, e estava surgindo uma nova oportunidade.”

A narrativa de Dona Giovana mostra de que forma ela se transforma de dona de casa em uma comerciante bem sucedida do ramo da moda feminina. Como ela mesma afirmou.

“Peguei aquele dinheirinho de cinco meses de aula que eu dei substituindo a professora e comprei roupa em Santa Catarina e comecei a vender roupa. Foi onde que eu comecei o negócio que eu estou até hoje”.

Dona Giovana descreve com detalhes a sua trajetória desde quando começou a vender roupa de porta em porta:

“Então eu comecei a vender roupa. Mandava vir da região sul pelo correio, porque na época não tinha condições de viajar e também era muito inexperiente para fazer uma viagem, fazer compras. Então mandava vir pelo correio. Chegava, vendia, e assim foi por um ano e dois meses aproximadamente. Vinha a roupa, vendia, saía pelo interior; na época morava em Tapurah. Ia para o interior, nas cidades, naquelas vilas próximas, Novo Eldorado, Ana Terra, nas serrarias próximas da cidade também, saía bastante. Na verdade era vendedora ambulante. Dentro da cidade também vendia para a vizinhança toda. Fiquei um ano e dois meses vendendo assim. Até que depois desse tempo resolvi montar uma lojinha lá em Tapurah. Com a ajuda de um...ex-cunhado...Como eu vendia ambulante, um dia ele me chamou e me pediu se eu aceitava que ele fizesse essa sala, se eu aceitava parar de vender ambulante e montar uma lojinha ali. Eu falei que sim porque vida de ambulante é bastante sofrida... No princípio ele[o marido] não achou boa idéia não, não gostou. Mas logo em seguida ele viu que estava dando certo, deixou; viu que realmente estava vendendo bem, tinha um lucro bem razoável, isso...”

Na época que eu comecei a vender, ele mesmo se prontificou a ajudar, a cuidar do meu filho. Eu saía para fazer as vendas, ele ficava com meu filho... Não posso falar de forma nenhuma que ele proibia, criticava, ele realmente me apoiou nessa época...

Meus pais me deram um pouquinho de dinheiro também e eu consegui montar minha lojinha. Isso tudo para mim foi maravilhoso porque um ano e pouco antes eu estava cuidando de casa, onde eu não admitia muito essa situação, eu não aceitava isso, eu queria produzir algo maior... Na verdade, as coisas foram acontecendo de uma forma tão boa que eu sentia muito bem... vendia muito bem. Acho que eu tinha um pouco de sorte, talvez muita sorte... Vendi muito e fui crescendo ali. Um ano depois, menos de um ano depois eu me mudei para Vera, eu, meu marido (meu ex-marido), meu filho mudamos para Vera. E eu deixei esta loja lá em Tapurah e já um ano depois montei outra em Vera...

Fiquei por alguns anos com as duas lojas em Tapurah e em Vera. Isso tudo por dois anos...cuidava da casa, em dois anos e pouco eu estava com duas lojas...fui trabalhando nesse seguimento. Percebi que gostava muito. Tanto que até hoje estou nesse ramo e gosto muito do que eu faço.

Eu fiquei em Vera de 94... até 2000... Uns seis anos...cinco anos eu fiquei em Tapurah e seis anos em Vera. Tinha loja nas duas cidades. Durante esse período fui trabalhando, indo para Tapurah, vindo, viajava sempre. Ficava uma semana em Tapurah, trabalhava ali, cuidava da loja, organizava a situação toda.

... Foi em 2000 que eu vim para Lucas de volta para cá. Eu e minha irmã, que veio comigo. Ela já trabalhava comigo lá em Vera, veio comigo cuidar da loja daqui, morar comigo e meu filho, viemos, voltamos, retornamos para Lucas do Rio Verde. Fiquei três anos aqui em Lucas com loja em Tapurah e Vera também. No terceiro ano eu resolvi vender a loja de Vera, ficar só aqui e em Tapurah que é mais próximo...

Até hoje(2006) tenho as duas lojas. A loja de Tapurah foi a primeira que montei e continuou até hoje, e a minha intenção é continuar com ela por muito tempo ainda.

Eu trabalhei muito. Foi uma vida de muita batalha, de muito trabalho, de vontades, de sonhos, de correr atrás, garra. Mas eu me sinto realizada hoje, me sinto realizada, quero mais, vou continuar batalhando, vou continuar correndo atrás, mas eu me sinto realizada, acho que foi bastante promissor até para quem na época não tinha a menor condição de iniciar nenhum tipo de negócio. Comecei trabalhando com muito pouco e lutei, lutei muito durante esse tempo. Fui crescendo profissionalmente, as minhas lojas também cresceram muito, fui mudando os meus seguimentos das lojas também, bastante. E hoje tenho duas lojas... Consegui fazer minha casa, isso mesmo tendo me separado na época sozinha, e lutando, lutando consegui fazer minha casa e estou bem, me sinto bem. Acho que, todo o sofrimento do início aqui em Mato Grosso, em Lucas do Rio Verde, o início de casamento, o início da luta profissional, me fortaleceu muito, me fortaleceu e me deu..., me incentivou para batalhar, para lutar, para vencer, para correr atrás.

Dona Rosa chega a Lucas do Rio Verde e é convidada para lecionar Português e cria junto com seus alunos e alunas um pequeno jornal, que com o passar do tempo se transformara no principal veículo impresso do município. Dona Rosa narra esta história assim.

“...recebíamos uma proposta interessante do diretor da escola na época, única escola que existia no perímetro urbano, Escola Estadual Dom Bosco, que funcionava em um prédio de madeira muito precário, construído pelo Incra ainda quando do assentamento, isso da colonização oficial. Recebi dele a proposta de trabalhar, de lecionar Português e Literatura.... Então comecei lecionando Português para a sétima e oitava séries e Português e Literatura para essa turma de segundo grau. E dentro da escola é que foi criado o ambiente para começar o jornal. Então eu iniciei na verdade o jornal *Folha Verde* dentro da escola, com uma turma de sétima série. Era uma proposta do próprio currículo... num determinado momento, tinha uma atividade que

era elaborar um jornal da turma e começamos isso e lancei um desafio maior. Não existia rádio... Quem conseguia assistir a televisão era algumas poucas famílias que tinham um poder aquisitivo maior, que tinham condições de manter um grupo gerador e à noite tinha energia e podia assistir a televisão. Então a gente estava praticamente isolados em termos de comunicação, informação... Lucas tinha subido a categoria de distrito de Diamantino... tinha sido nomeado o subprefeito e os moradores estavam assim naquela ânsia de se organizar para a emancipação e assim foi aceito e foi bem aceito pelos alunos e colegas professores. Então nós iniciamos o jornal dentro da escola e ele acabou se tornando o veículo realmente da cidade, do distrito e tal. E houve um momento em que a escola em si não comportava mais, se tornou um projeto grande demais para a escola e foi então onde tomei a decisão de constituir realmente uma empresa e começar o jornal.

O jornal era fotocopiado...mas ele era todo datilografado com cuidado nas colunas, apesar de ser uma coisa de escola procurei passar esse padrão do que era um jornal, com as seções divididas direitinho, o que era política, o que era educação, o que era noticiário geral, eu procurei passar isso; então era...

Meus alunos eram meus repórteres. Então eu organizei as equipes, os grupos e daí nós íamos a campo. Como a cidade era pequena e as atividades também eram poucas, a princípio ele era mensal; depois quinzenal e depois assim foi indo, e era assim... A gente fala jornal, mas na verdade eram oito páginas de papel sulfite datilografadas e xerocadas. ...Nove anos depois, eu deixei a escola. Porque aí chegou a um ponto que não era mais possível conciliar as duas atividades. A cidade foi crescendo, o jornal passou a exigir mais. Não era mais um veiculozinho mensal da escola. Tinha que sobreviver como empresa. Então, larguei a escola e me dediquei realmente àquilo que é minha profissão, a qual eu estudei, me formei.

O jornal cresceu com as dificuldades normais de um jornal de uma cidade do interior. Como tudo que está começando, dentro da idéia de você explicar o que é um jornal, qual é a importância da existência de um jornal, isso tudo, nós pegamos o começo do começo. A princípio, as pessoas não entendiam qual era o papel do jornal... Eu digo assim que a gente nesses vinte anos, o jornal vai fazer vinte anos agora em maio (de 2006), a gente construiu uma história de vida, construiu uma credibilidade...

Eu hoje digo assim eu sou vencedora sem falsa modéstia nenhuma...Então, minha vida hoje, quando a gente fala assim, poxa o jornal completando 20 anos, as pessoas chegam aí na frente olha e dizem “esse prédio é de vocês?” É nosso. “Ah, vocês estão bem!” É pouco, se você contar que são 20 anos de trabalho, meu e do meu marido, dedicados a isso. Então, não são tudo flores; não é tudo maravilhoso; a vida de um jornalista no interior de Mato Grosso é complicada, é difícil. A gente enfrenta concorrência desleal, enfrenta falsos profissionais...apesar dos 20 anos, você tem a necessidade de diariamente reafirmar sua posição no mercado, a sua postura, sua ética; toda hora estar lembrando, tem que estar tentando diferenciar o que é um profissional e o que não é. Então, as dificuldades continuam sendo grandes noutros níveis. Hoje não se enfrenta a poeira, não se enfrenta a falta de água e de luz, mas tem outros problemas. Acho que a vida é um desafio diário, cada dia é um desafio, cada dia você tem uma coisa nova para conquistar, para rever. Então, o meu dia, hoje em dia, em Lucas do Rio Verde, apesar dos vinte anos do jornal, eu não tenho uma equipe formada; eu tenho uma filha que está estudando jornalismo na UFMT. Tenho outra filha que está com 16 anos, que me ajuda na parte de arte do jornal, em casa, que ajuda na montagem, diagramação, tal; tem dois funcionários e o meu marido - a nossa equipe se resume nisso...

Se hoje tem que cobrir política, tem que cobrir política; é o evento da educação que está acontecendo: vamos, é educação hoje; hoje à noite tem jogo do Luverdense: vamos lá cobrir o jogo do Luverdense. Eu não tenho uma editoria de esporte, eu não tenho uma editoria disso ou daquilo, entendeu? “O dia-a-dia é esse, é levantar cedo, é cuidar desde a reportagem até a redação e a montagem final do jornal; a distribuição - é tudo concentrado na minha mão e na mão do meu marido, com o auxílio da filha e de dois funcionários.”

Tendo chegado em Lucas do Rio Verde em 1988 para casar Dona Mariana, percebe algum tempo depois do seu casamento as dificuldades enfrentadas pela família do seu marido. Então decidiram os dois trabalhar fora, ela recebe uma proposta para dar aulas em uma escola iniciando assim sua carreira de professora, oportunidade essa que deu outro rumo a sua vida.

“Naquele tempo - em 87 -, que eu casei, em 88, 89 aproximadamente, surgiu essa oportunidade. Eu fui convidada a dar aulas numa dessas escolinhas... Então surgiu a oportunidade de eu fazer o Lócus dois, na época, que habilitava o professor nas séries iniciais. No outro ano, já comecei a trabalhar à tarde em outra escola. Então, eu ia de manhã numa escola, à tarde em outra, com uma moto bem velha que às vezes dava problemas...

E eu fui convidada a assumir a direção de uma dessas escolas, que ficava oito quilômetros da fazenda onde eu morava; a gente ia de carro. Nessa época, eu lembro que eu tinha - nós tínhamos - um carro...eu fiquei na direção dessa escola oito anos, até 98. No ano de 98, surgiu a oportunidade, por convite de um novo prefeito, ele pediu que eu assumisse a direção de outra escola também na zona rural, agora em outra comunidade, comunidade de Itambiquara. Uma escola agrícola. Meu marido, que até então trabalhava com seu pai e como eu falei antes era difícil, não se conseguia assim ter muito sucesso devido às condições de financiamento, de custo elevado na lavoura, acabou deixando o que ele mais gostava de fazer para estar me acompanhando. Porque nessa escola eu também só iria se ele fosse comigo. Nós teríamos que mudar para lá e ele teria que assumir também um trabalho lá naquela escola, como técnico agrícola, na questão da produção dessa escola. Porque era uma escola que tinha o objetivo de ser auto-sustentável e eu não conseguiria fazer essa parte sem ter uma pessoa de confiança... Fomos para essa nova escola e começamos a trabalhar: eu na função de diretora da escola em período integral, com apenas meninos estudando; muitos, rebeldes, e ele ajudando na produção. Ficamos lá quatro anos... Eu sempre quis estudar e eu até então tinha feito só o segundo grau que seria o magistério. Surgiu então a oportunidade de eu fazer o vestibular para uma turma especial da Universidade Federal de Mato Grosso. Uma turma para o curso de Letras. E eu acabei conseguindo entrar e fazer essa faculdade. No ano de 2000 eu me formei, e no final de 2001 eu já consegui fazer a pós-graduação. Sempre trabalhando e estudando, com muita dificuldade, porque a escola ficava 36 quilômetros da sede do município aonde tinha que vir toda noite. Muitas vezes meu marido vinha junto. Muitas vezes eu vinha sozinha. Às vezes furava o pneu nesse caminho à noite. Então foram muitos os obstáculos que eu tive que enfrentar durante esse período; mas em 2001 eu consegui acabar o terceiro grau e fazer a minha especialização. O curso de graduação foi modular. Na verdade no mesmo ano que eu me formei, eu já estava fazendo a especialização, sem ter acabado a graduação, já iniciei a especialização...

Porque na zona rural o número é limitado de crianças... A comunidade em si é pequena. Então tem, às vezes havia casos de salas multisseriadas. A gente sabe que a qualidade é baixa.... Sempre pensávamos em vir para a cidade, para oferecer isso para os nossos filhos. Em 2003 nós conseguimos: construímos nossa casa e conseguimos vir para a cidade... Mas esse foi um sonho nosso; a gente está muito feliz por poder estar aqui na cidade, embora nós estejamos vivendo uma dificuldade ainda bem grande...

. Então nós conseguimos em 2002 construir a casa. Aí nós pensamos “agora em 2001, então 2002 nós vamos para a cidade!”. Aí aconteceu a compra da terra em Sinop. Então nós estaríamos vindo no início de 2002 pra cidade... Em dezembro ainda, depois que eu já tinha pedido a remoção para a cidade, a secretária de educação me encontrou e me ofereceu trabalho na secretaria de educação. Porque o que eu pensava é que eu iria para uma sala de aula, onde eu sou efetiva como professora - sem problema nenhum: eu estaria assumindo minha turminha de alunos. Mas aí, a convite dela, eu fiquei também tentada, uma experiência nova e eu acabei assumindo o trabalho de assessoria pedagógica, no qual eu assessoro algumas

escolas, trabalho com a formação continuada dos diretores e coordenadores até agora em 2006.

Conclusão:

Tentei demonstrar a partir dos relatos orais de mulheres migrantes, em Lucas do Rio Verde, como essas mulheres, transformaram suas dificuldades em oportunidades para mudar suas vidas para melhor, se compararmos com as situações de suas chegadas a Gleba Rio Verde e o momento das entrevistas.

Recomeçar a vida, cheia de esperanças e sonhos em um novo local, é sempre um desafio, ainda maior nas condições que elas enfrentaram. Desprovidas de qualquer conforto atravessando, situações adversas trabalhando em casa, na lavoura, na roça ou na cidade, os desafios e as dificuldades, permearam a vida dessas mulheres.

Utilizando a historia oral como metodologia, captei as suas historias, as suas vivencias, a suas experiências, os seus sonhos e seus desejos. São trajetórias de mulheres comuns que vislumbraram em um determinado momento de suas vidas, a possibilidade de mudar seus caminhos, de transformar perdas em conquistas.

Privilegiei sempre as narrativas das colaboradoras, deixei que contassem as suas historias, da forma que quiserem que lhes parece melhor, apenas retomando em alguns momentos, o que haviam dito anteriormente.

Segui um certo caminho, tendo como modelo o que entendi do “Manual de Historia Oral” e do livro “Historia Oral: Como fazer, como pensar” de autoria de José Carlos Sebe Bom Meihy.

Transcrevi as entrevistas, trabalhei na textualização das mesmas, tentando seguir um processo transcriativo, na passagem do oral para o escrito. Finalizada as entrevistas, percebi que alguns temas foram tratados pelas colaboradoras de uma forma diferente. Agrupei esses temas, que são o conteúdo da ultima parte desta tese.

Comecei pelos motivos contados por elas mesmas, que as levaram a se deslocarem do local que moravam para Lucas do Rio Verde. Depois deixei que elas mesmas narrassem suas viagens, suas chegadas ao local de destino, e suas primeiras impressões sobre a então Gleba Rio Verde, e depois, para algumas, já a cidade de Lucas do Rio Verde.

Com suas próprias palavras descreveram suas dificuldades, financeiras, emocionais, de relacionamento pessoal, suas perdas, seus sofrimentos. Falam sobre suas atividades no lar, o trabalho na lavoura, ajudando seus maridos. Expuseram, suas vidas, as circunstâncias difíceis que atravessaram, até chegar ao limite máximo, para algumas, a perda da terra, para outras, a hora de mudar, de dar uma “virada” na própria trajetória, pensar em outras possibilidades, mudar, e recomeçar.

Sempre utilizando suas próprias narrativas, com suas próprias palavras, relataram como abraçaram as oportunidades que elas mesmas criaram para poder refazer suas vidas e atingir uma situação mais estável, segundo elas mesmas, que se encontram hoje, suas conquistas e seus planos para o futuro.

As entrevistas possibilitam, pela sua riqueza, vários caminhos, eu somente optei por aquele no qual elas pudessem falar por si mesmas.

Excluídas da história duplamente, tanto pelas fontes, quando pelo relato (Perrot, 2010, p185, 186) e ainda vivendo em um universo masculino que é o da colonização, não “houve espaço, em particular para os homens, de documentar a presença, do outro gênero ou de permitir que elas fossem de seus desejos, sentimentos e angústias (Castro, 1997, p129). A documentação oficial pouco se refere a elas, e a História Oral, surgiu como uma possibilidade de construir documentos sobre as histórias dessas mulheres em Lucas do Rio Verde.

Em relação às entrevistas, percebe-se que as entrevistadas se referem não somente às suas próprias histórias de vida, mas falam também sobre outros assuntos, educação, saúde, maternidade, conjuntura econômica. Não são heroínas, entretanto possuem a coincidência e percebem a importância de narrar suas histórias. Dona Consuelo diz “... sou uma mulher de 42 anos e tenho uma história para contar, tanto é que estou contando a minha”. Da mesma forma Dona Marina Irene quando fala “Nossa vida aqui é uma história mesmo”.

Em todas as entrevistas, percebem características que são comuns a todas: São mulheres migrantes, são mulheres trabalhadoras, que sofreram, mas que conseguiram, com seus próprios esforços, serem protagonistas, de uma história, não estática, mas de mudanças e conquistas.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTIN, Catherine, ET al. Fronteiras. Brasília: Ed. UNB 1988

ALVARES, Maria Luiza M. D'INCAO, Maria Ângela (org). A mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. Belém, PA:GEPEM/GOELDI, 1995.

ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira, Desifra-me ou Devoro-te: História Oral de Vida de Meninos de Rua de Salvador. São Paulo: Loyola, 1993.

BARBOSA, Fabíola Holanda. *Soldados da Borracha: narrativas de um migrante nordestino na Amazônia*. Doutorado, São Paulo: FFLCH-USP, 2006.

BARNET, M. Memórias de um Cimarron. São Paulo: Marco Zero, 1986

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

_____. O Tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Atelier Editorial, 2003.

CALDAS, Alberto Lins. Transcrição em História Oral. In: NEHO – História, Revista do Núcleo de Estudos em História Oral. São Paulo: n.1, USPO/FFLCH?DH. Nov. 1994, p.71-71.

_____. Oralidade, Texto e História: Para ler a história oral. São Paulo: Loyola, 1999.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASTRO, Sueli Pereira et al. *A Colonização Oficial em Mato Grosso: “a natae a borra da sociedade”*. Cuiabá: EDUFMT, 1994.

CASTRO, Rosimeire Angelini. *Uma história das mulheres e sua visibilidade em Londrina (1939-1960)*. In: TRINDEDE, Etelvina Maria de Castro et al. *MULHERES NA HISTÓRIA DO PARANÁ*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. Cursos de Pós-Graduação, 1997.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. História das Mulheres no Ocidente. Porto: Afontamento, 1991. Vol 5.

DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres: As Vozes do Silêncio*. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. et al. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

GATTAZ, André Castanheira. *Braços da Resistência: Uma História Oral da Migração Espanhola*. São Paulo: Xamã, 1996.

GUIMARÃES NETO, Regina B. *A lenda do outro verde*. Campinas: Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1986.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia Brazilianista: História Oral de Vida Acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1990.

_____. *Canto de Morte Kaiowá: História Oral de Vida*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

_____. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. *Brasil Fora de Si: experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo, Parábola, 2004.

_____; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MORENO, Gislaene; Higa, Tereza C.S. (orgs.). *Geografia de Mato Grosso: território, sociedade, ambiente*. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

PATAI, Daphne. *Brazilian Women Speak*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1993.

_____. *História oral, feminismo e política*. São Paulo, Letra e Voz, 2010.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento e Silêncio*. Rio de Janeiro: v.2, n.3, Estudos Históricos, 1989, p. 3 – 15.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Variações sobre a técnica de gravação no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. *Traumas e Tramas: histórias de vida e identidades em marcha*. São Paulo: FFLCH/USP, 2007.

ROCHA, Betty Nogueira. *Em qualquer chão: sempre gaúcho: a multiterritorialidade do migrante gaúcho no Mato Grosso*. Rio de Janeiro: UFRJ. ICHS. 2006.

SANTOS, Andrea Paula dos. Ponto de vida: cidadania de mulheres faveladas. São Paulo: Loyola, 1996.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. Historia de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

SOIHET, Rachel. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus. 1997.

_____. *Consolidação do feminismo no Brasil nos anos 1980*. Projeto apresentado ao CNPq. 2009.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEZZER, Moema. “Se me deixam falar...” Domitila: Depoimento de uma mineira boliviana. São Paulo: Global, 1944.

VILANOVA, Mercedes. La historia sin adjetivos com fuentesorales y la historia del presente, Revista de História Oral. São Paulo: jun 1998. P. 31-42.

WOLFF, Cristina S. Mulheres da Floresta: Uma historia: Alto Juruá, Acre (1890-1945). São Paulo: Hucitec, 1999.

ZART, Laudemir Luiz. *Desencanto na Nova Terra: assentamento no município de Lucas do Rio Verde MT na década de 80*. Florianópolis: PPG em Sociologia. UFSC. 1998.

Anexos

Foto 1: Encruzilhada Natalino

Foto 2: Lucas do Rio Verde-1985

Foto 3: Distancia Lucas do Rio Verde-Cuiabá

Foto 4: Vista Panorâmica de Lucas de Rio Verde, tendo ao centro a BR-163

Foto 5: Prefeitura Municipal de Lucas do Rio Verde

Foto 6: Central Hidroelétrica Canoa Quebrada-Lucas do Rio Verde

Foto 7: Plantação de soja em Lucas do Rio Verde

Foto 8: Plantação tendo ao fundo a cidade de Lucas do Rio Verde

Foto 9: Localização de Lucas do Rio Verde no Mapa